

Processamento de Áudio e Vídeo

Prof. Leonardo Araújo



<https://sites.google.com/site/leolca/teaching/multimedia-signal-processing>

1 Introdução**2** Técnicas Básicas de Compressão

- RLE

3 Quantização Escalar

- Conversão AD/DA
- Quantização Escalar
- Entropia na saída do quantizador
- Quantização Escalar Uniforme
- Quantização Escalar Não-Uniforme
- Lloyd-Max
- Performance do Quantizador
- Quantizador Uniforme
- Quantizador Não Uniforme
- Compressor e Expansor
- Quantização Vetorial
- Dithering
- Processamento digital de sinais analógicos
- Conversão discreto-contínuo
- Oversampling e Noise-Shaping

4 Mudança de frequência de amostragem

- Downsampling
- Upsampling

- Interpolador Linear
- Mudança da frequência de amostragem por um fator não inteiro
- Processamento Multi-taxa de Sinais
- Decimação e Interpolação com múltiplos estágios
- Decomposição Polifásica
- Implementação de decimadores usando decomposição polifásica
- Implementação de interpoladores usando decomposição polifásica
- Banco de Filtros Multi taxa

5 Predição Linear e Modelo Autorregressivo

- Modelo Autorregressivo
- Determinação do Modelo
- Inversão Direta
- Equações de Yule-Walker
- Estabilidade

6 Predição Linear

- Formulação Matemática
- Padrões para Codificação de Voz
- LPC
- Codecs Híbridos

7 DPCM

8 DCT

- Transformadas de comprimento finito
- Discrete Time Fourier Transform (DFT)
- Transformada Discreta em Cossenos (DCT)
- DCT-I
- DCT-II
- Relação entre DCT-I e DFT
- Relação entre DCT-II e DFT
- Propriedade de Compactação de Energia

9 JPEG

- Subamostragem de Crominância
- Quantização dos coeficientes da DCT
- Imagens de Teste
- Outros Formatos JPEG

10 PCA

- Dados
- Covariância

11 Wavelets

- Transformadas de sequências finitas
- Espaço $L^2(\mathbb{R})$
- Definição
- Banco de Filtros

- Incerteza de Heisenberg
- ARM
- Famílias de Wavelets

12 Aquisição de Imagem

13 Cor

14 Visão

15 Audição

16 Vídeo

Introdução

Processamento de Áudio e Vídeo

- ▶ Compressão
- ▶ Com/Sem perdas
- ▶ mp3, jpeg, mpeg, flac, zip, gif, png, etc
- ▶ sinais de áudio, fala, imagens e vídeo
- ▶ qualidade, taxa de compressão, custo

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Introdução

└ Processamento de Áudio e Vídeo

- Compressão
- Com / Sem perdas
- mp3, jpeg, mpeg, flac, aac, gif, png, etc
- áudio de áudio, foto, imagens e vídeo
- qualidade, taxa de compressão, croma

- O conceito de compressão surge naturalmente quando estamos lidando com comunicação.
- Compressão de dados é o processo de converter dados provenientes de uma fonte em outros dados com menor tamanho.
- Armazenamento e transmissão (no fundo, ambos são formas de comunicação).
 - linha telefônica analógica
 - comunicação digital através desta linha telefônica analógica
 - link de comunicação de rádio entre a sonda espacial Galileu orbitando Júpiter e a Terra
 - armazenamento e reprodução de áudio ou vídeo (ou dados) em um CD, DVD ou disco rígido
 - reprodução celular em que a informação sobre as células é contida no DNA

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Introdução

└ Processamento de Áudio e Vídeo

- Compressão
- Com / Sem perdas
- mp3, jpeg, mpeg, flac, aac, gif, png, etc
- áudio de áudio, foto, imagens e vídeos
- qualidade, taxa de compressão, como

Métodos de compressão sem perda (alguns são vistos na disciplina Teoria da Informação) possuem como limite a entropia. Reconstrução exata da mensagem produzida pela fonte. Remover redundância.

Métodos de compressão com perda utilizam-se do fato de que muita informação pode ser perdida sem ser percebida ou aceita-se uma distorção do sinal em prol de uma maior compressão.

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Introdução

└ Processamento de Áudio e Vídeo

- Compressão
- Com / Sem perdas
- mp3, jpeg, mpeg, flac, aac, gif, png, etc
- áudio de áudio, foto, imagens e vídeo
- qualidade, taxa de compressão, croma

- Áudio, fala, imagens e vídeo são originalmente sinais analógicos.
- Conversão em sinais digitais: amostragem, quantização, codificação.

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Introdução

└ Processamento de Áudio e Vídeo

A qualidade da compressão pode ser uma medida objetiva ou subjetiva. Na maioria das vezes, iremos realizar medidas objetivas pois realizar testes subjetivos é muito dispendioso. Podemos escolher medidas objetivas que sejam bem correlacionadas com medidas subjetivas.

O custo de compressão e descompressão podem, em geral, serem diferentes. Descompressão deve ser privilegiada pois é realizada diversas vezes e geralmente por terminais com menor poder computacional.

- Compressão
- Com / Sem perdas
- mp3, jpeg, mpeg, flac, aac, gif, png, etc
- áudio de áudio, foto, imagens e vídeos
- qualidade, taxa de compressão, croma

Imagen digital

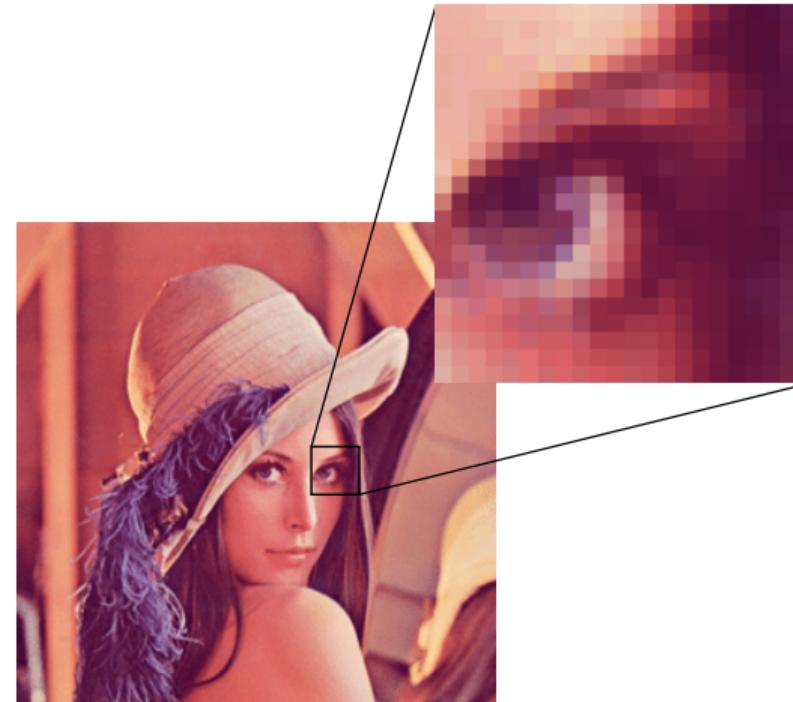


Figura 1: Lena - detalhe.

Espaço necessário para armazenar uma foto

- ▶ câmera 10 Mpixel
- ▶ 3 bytes por pixel (RGB)
- ▶ cada foto requer 30 Mbyte
- ▶ um cartão de memória de 2 Gbytes é capaz de armazenar 66 fotos

Espaço necessário para armazenar um vídeo

- ▶ 480 x 720, 30 fps
- ▶ 345.600 pixels por frame
- ▶ RGB 3 bytes por pixel
- ▶ 1.036.800 byte, aprox. 1 Mbyte por frame
- ▶ 30 frames requerem 31.104.000 bytes, aprox. 31 Mbyte por segundo
- ▶ um CD de 650 Mbytes é capaz de armazenar apenas 21 segundos de vídeo e um DVD de 4.7 GB apenas 155 segundos de vídeo.

Dilema de compressão

Quando devemos parar a busca por uma **melhor** compressão?

melhor:

- ▶ menor tamanho da representação digital resultante
- ▶ eficiência computacional (compressão e/ou descompressão)
- ▶ simplicidade do algoritmo

Qual é o limite de compressão para um determinado dado?

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Introdução

└ Dilema de compressão

Modificar um algoritmo para melhorar a taxa de compressão em 1% pode acarretar um aumento de 10% no tempo de execução do algoritmo e ainda mais sobre a complexidade do programa.

Dilema de compressão

Quando é necessário parar a busca por uma **melhor compressão**?

regras:

- menor tamanho da representação digital resultante
- eficiência computacional (compressão e/ou descompressão)
- simplicidade do algoritmo

Qual é o limite de compressão para um determinado dado?

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Introdução

└ Dilema de compressão

Conjecturas¹.

- Compressão de dados pode ser interpretada como o processo de remover complexidades (redundâncias) desnecessárias na informação, e desta forma, maximizando a simplicidade enquanto preserva o máximo possível do poder discricionário dos dados.
- Todo tipo de computação e racionalização formal pode ser compreendida como compressão de informação através do processo de identificar padrões, busca e unificação das instâncias destes padrões.

Dilema de compressão

Quando é necessário parar a busca por uma melhor compressão?

mitos:

- menor tamanho da representação digital resultante
- eficiência computacional (compressão e/ou descompressão)
- simplicidade do algoritmo

Qual é o limite de compressão para um determinado dado?

¹Uma conjectura é uma proposição que não é provada, mas acredita-se que seja verdadeira e não foi mostrado o contrário.

Termos

compressor ou codificador é o programa que comprime os dados crus na entrada e cria uma saída de dados comprimida (com baixa redundância).

decompressor ou decodificador converte os dados na direção oposta.

fluxo é o dado a ser comprimido, armazenado como um arquivo ou transmitido.

dado não-codificado, cru, ou original é o fluxo de dados da entrada.

dado codificado ou comprimido é o fluxo de saída.

método de compressão não-adaptativo é rígido e não modifica sua operação ou seus parâmetros em resposta aos dados em particular que estão sendo comprimidos.

método adaptativo analisa os dados crus e modifica sua operação e/ou parâmetros de acordo com os dados em mãos.

método semi-adaptativo utiliza 2 passagens aonde, na primeira, realiza a leitura dos dados e contabiliza estatísticas dos dados a serem comprimidos; na segunda passagem, realiza de fato a compressão utilizando parâmetros determinados na primeira varredura.

Termos 2

método localmente adaptativo se adapta às condições locais do fluxo de dados e varia à medida que move ao longo dos dados.

compressão com perdas/sem perdas : Para atingirem maior compressão, os métodos de compressão com perda perdem informação. Os métodos de compressão sem perda não admitem perder informação alguma.

Compressão em cascata ocorre quando diferentes métodos de compressão são utilizados um em seguida do outro.

Compressão perceptiva ocorre quando apenas a informação imperceptível pelos nossos sentidos é removida.

Compressão simétrica é o caso em que o compressor e descompressor utilizam basicamente o mesmo algoritmo, porém em direções opostas.

Complacente é o codificador/decodificador que gera/lê de forma correta um fluxo de dados (Qualquer pessoa é livre para implementar seu próprio algoritmo).

Universal é o método de compressão de dados que não depende da estatística dos dados.

Termos 3

Razão de Compressão = tamanho do dado de saída / tamanho do dado de entrada.

Fator de Compressão = tamanho do dado de entrada / tamanho do dado de saída = (razão de compressão) $^{-1}$.

Ganho de Compressão = $100 \log_e$ (tamanho de referência / tamanho comprimido), aonde o tamanho de referência é o tamanho dos dados de entrada ou o tamanho do dado de saída comprimido por algum algoritmo padrão.

Erro médio quadrático (MSE) e relação sinal ruído de sinal (PSNR) são utilizados para medir a distorção causada por uma compressão com perdas.

Termos

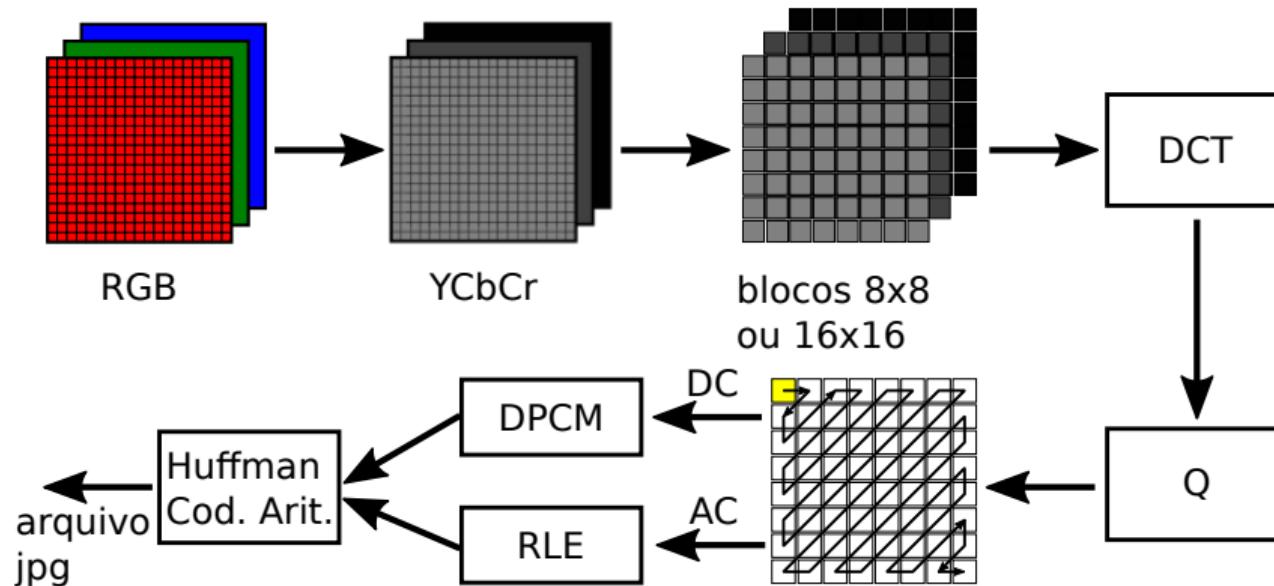


Figura 2: Esquema de compressão JPEG.

Slides - introdução ao GNU Octave



https://drive.google.com/open?id=1ew5f19v_0Iybsy3KdEgIvohLTcuwuru_

Notebook - introdução



<https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/introducao.ipynb>

Notebook - imagem colorida



https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/introacao_imagem_colorida.ipynb

Técnicas Básicas de Compressão

Leitura



David Salomon, Giovanni Motta - *Handbook of Data Compression*, 2010
<https://books.google.com.br/books?id=LHCY4VbiFqAC>
Introduction, Basic Techniques (Salomon et al., 2010)

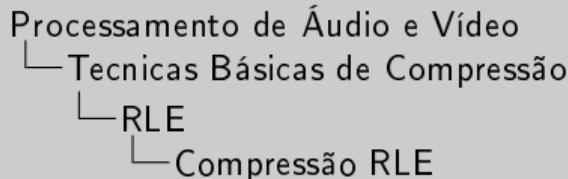
Compressão RLE

Exemplo:

string: '2. all is too well'

codificação: '2. a@2l is t@2o we@2l'

Método MNP5 era utilizado nos modems antigos.



Exemplo:
Entrada: "2, 0110 0100 0011"
Saída: "0, 0011 0010 0001"

Método MNP era utilizado nos modems antigos.

MNP : Microcom Networking Protocol

"The MNP5 method is a two-stage process that starts with run-length encoding, followed by adaptive frequency encoding."(Salomon, 2000)

"With MNP 5, the data received from the computer are first compressed with a simple algorithm, and then passed into the MNP 4 packetizing system for transmission. On best-case data the system offered about 2:1 compression, but in general terms about 1.6:1 was typical, at least on text. As a result a 2400 bit/s modem would appear to transfer text at 4000 bit/s, even though the modem was still running at the same 600 baud * 4 bits per symbol rate.

This dramatic increase in throughput allowed Microcom modems to remain somewhat competitive with models from other companies that were otherwise nominally much faster. For instance, Microcom generally produced 1200 and 2400 bit/s modems using commodity parts, while companies like USRobotics and Telebit offered models with speeds up to 19200 bit/s."(https://en.wikipedia.org/wiki/Microcom_Networking_Protocol)

Compressão RLE

Exemplo: uma imagem em tons de cinza com 8-bit de profundidade começa com os seguintes valores

12, 12, 12, 12, 12, 12, 12, 12, 35, 76, 112, 67, 87, 87, 87, 5, 5, 5, 5, 5, 5, 1, ...
será comprimida como **[9]**, 12, 35, 76, 112, 67, **[3]**, 87, **[6]**, 5, 1, ...

Se utilizarmos como *flag* o valor 255, então a sequência acima será expressa por
255, 9, 12, 35, 76, 112, 67, 255, 3, 87, 255, 6, 5, 1, ...

grupos de 8

[10000010], 9, 12, 35, 76, 112, 67, 3, 87, **[100...]**, 6, 5, 1, ...

Exemplo RLE - GNU Octave



https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/rle_mario.ipynb

Move-to-Front Coding

Consideramos o alfabeto de símbolos \mathcal{A} como uma lista onde os símbolos mais frequentes estarão dispostos no início da lista.

O método é localmente adaptativo, já que ele se adapta à frequência dos símbolos em cada região do fluxo de dados.

Move-to-Front Coding - Exemplo (Salomon et al., 2010)

Exemplo: entrada a ser codificada: **abcddcbamnopponm**

$$C = (0, 1, 2, 3, 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, \\ 0, 1, 2, 3)$$

– utilizando move-to-front

$$C' = (0, 1, 2, 3, 3, 2, 1, 0, 4, 5, 6, 7, \\ 7, 6, 5, 4)$$

– sem utilizar move-to-front

a	abcdmnop	0	a	abcdmnop	0
b	abcdmnop	1	b	abcdmnop	1
c	bacdmnop	2	c	abcdmnop	2
d	cbadmnop	3	d	abcdmnop	3
d	dcbamnop	0	d	abcdmnop	3
c	dcbamnop	1	c	abcdmnop	2
b	cdbamnop	2	b	abcdmnop	1
a	bedamnop	3	a	abcdmnop	0
m	abcdmnop	4	m	abcdmnop	4
n	mabcdnop	5	n	abcdmnop	5
o	nmabcdop	6	o	abcdmnop	6
p	onmabcdp	7	p	abcdmnop	7
p	ponmabcd	0	p	abcdmnop	7
o	ponmabcd	1	o	abcdmnop	6
n	opnmabcd	2	n	abcdmnop	5
m	nopmabcd	3	m	abcdmnop	4
	mnopabcd				

Move-to-Front Coding - Exemplo (Salomon et al., 2010)

O resultado C obtido pelo move-to-front é tal que, na média, os valores em C são pequenos (os valores no início do dicionário são os mais prováveis). Isto faz com que a saída seja propícia para ser codificada através da codificação de Huffman ou codificação aritmética.

i	Code	Size
1	1	1
2	010	3
3	011	3
4	00100	5
5	00101	5
6	00110	5
7	00111	5
8	0001000	7
9	0001001	7
:	:	:
15	0001111	7
16	000010000	9

Figura 3: Exemplo de código de tamanho variável.

Move-to-Front Coding

Variações:

- 1) Move-ahead-k: O elemento do alfabeto A que corresponde ao símbolo corrente será deslocado k posições para cima na lista ao invés de ir para o topo da lista.
- 2) Wait-c-and-move: O elemento do alfabeto A será deslocado para o início da lista apenas após aparecer c vezes durante a codificação. item Wait-c-and-ahead-k: Um combinação das duas variantes anteriores.

Exemplo Move-to-Front - GNU Octave



<https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/move-to-front.ipynb>

Quantização Escalar

Conversão AD/DA

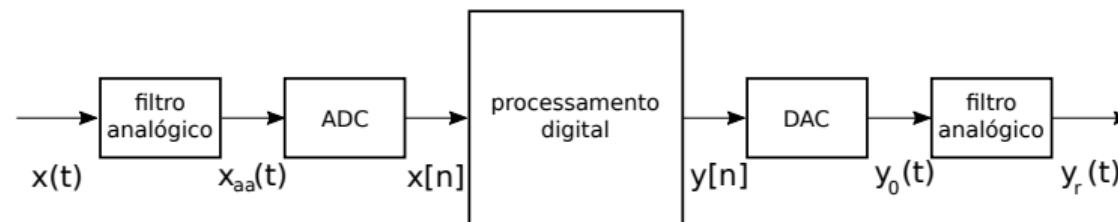


Figura 4: Processamento digital de sinais. Conversão AD e DA.

Quantização

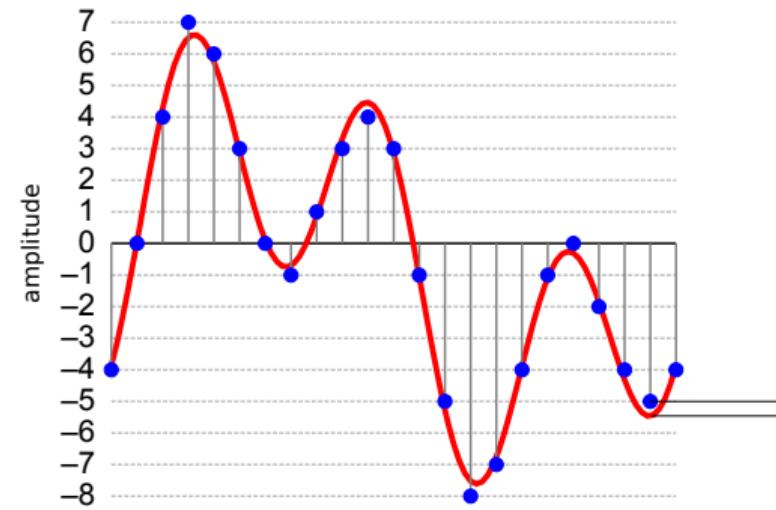


Figura 5: Quantização.

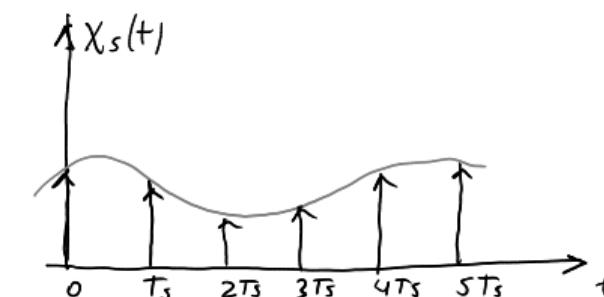
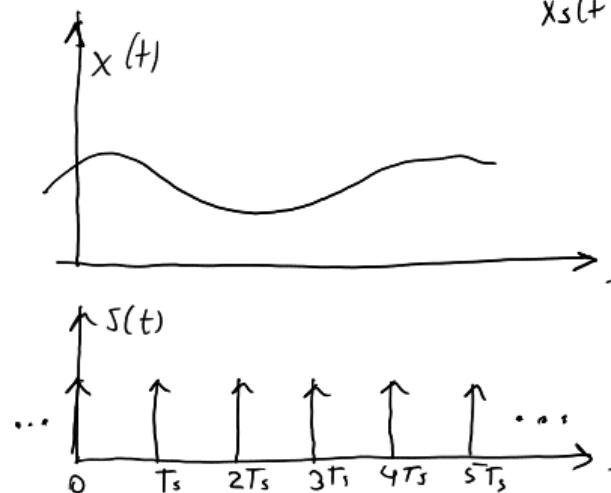
Amostragem

Ao amostrar um sinal $x(t)$ com período de amostragem T_s teremos

$$\begin{aligned}x_s(t) &= x(t)s(t) \\&= x(t) \sum_{k=-\infty}^{\infty} \delta(t - kT_s) \\&= \sum_{k=-\infty}^{\infty} x(kT_s)\delta(t - kT_s)\end{aligned}\tag{1}$$

Amostragem

$$x_s(t) = x(t) \cdot s(t)$$



Amostragem

Como $s(t) = \sum_{k=-\infty}^{\infty} \delta(t - kT_s)$ é periódico com período T_s , podemos representá-lo por uma série de Fourier:

$$s(t) = \sum_{k=-\infty}^{\infty} \delta(t - kT_s) = \sum_{k=-\infty}^{\infty} c_k e^{j2\pi t k / T_s}, \quad (2)$$

onde

$$c_k = \frac{1}{T_s} \int_{-T_s/2}^{T_s/2} \delta(t) e^{-j2\pi t k / T_s} dt = \frac{1}{T_s} \quad (3)$$

Desta forma, $x_s(t) = x(t) \cdot s(t)$ poderá ser expresso por

$$x_s(t) = \frac{1}{T_s} \sum_{k=-\infty}^{\infty} x(t) e^{j2\pi t k / T_s}. \quad (4)$$

Amostragem 2

A multiplicação por $\exp(j2\pi\alpha t)$ corresponde, na frequência, a um deslocamento de α .

Teremos assim

$$X_s(j\Omega) = \frac{1}{T_s} \sum_{k=-\infty}^{\infty} X(j(\Omega - n\Omega_s)) \quad (5)$$

Amostragem 3

Podemos chegar ao mesmo resultado sabendo que, se no domínio do tempo temos $x_s(t) = x(t) \cdot s(t)$, no domínio da frequência temos

$$X_s(j\Omega) = \frac{1}{2\pi} X(j\Omega) * S(j\Omega). \quad (6)$$

Como a transformada de Fourier de $s(t)$ é

$$S(j\Omega) = \frac{2\pi}{T_s} \sum_{k=-\infty}^{\infty} \delta(\Omega - k\Omega_s), \quad (7)$$

onde $\Omega_s = 2\pi/T$, então utilizando as Equações (6) e (7) obtemos Equação (5).

Amostragem 4

Se $x(t)$ for um sinal limitado em frequência (Ω_N frequência máxima) e não havendo *aliasing*, $\Omega_s > 2\Omega_N$, podemos reconstruir $x(t)$:

$$X_r(j\Omega) = H_r(j\Omega)X_s(j\Omega) \quad (8)$$

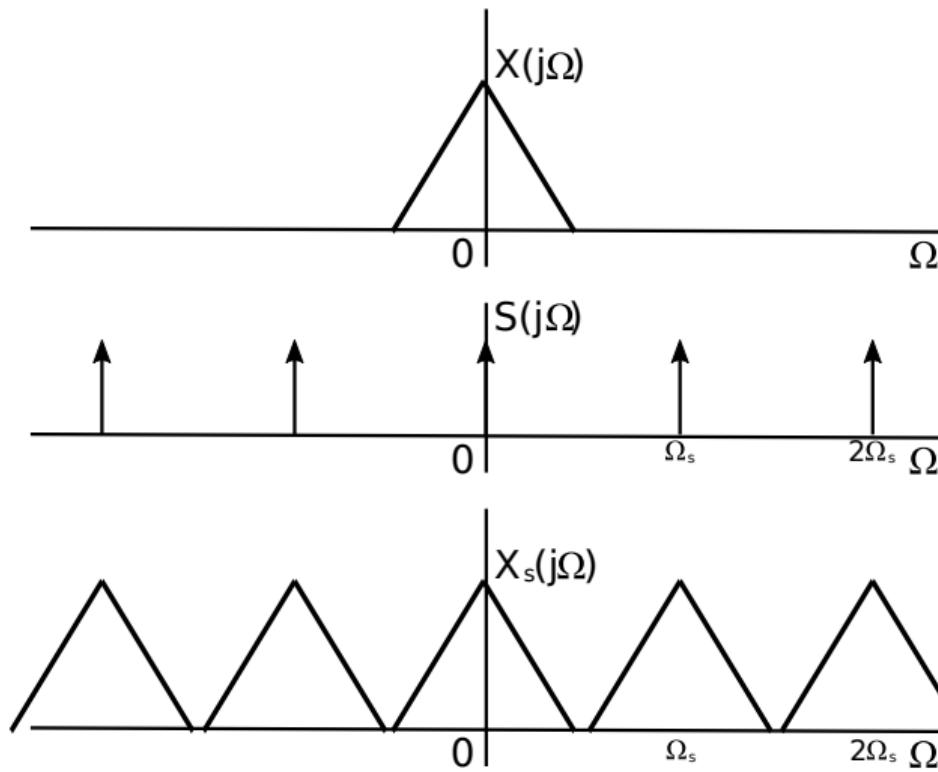
onde H_r é um filtro passa-baixas ideal com $\Omega_N < \Omega_c < \Omega_s$.

$$H_r(j\Omega) = \begin{cases} 1 & , \text{ se } |\Omega| \leq \Omega_c, \\ 0 & , \text{ caso contrário.} \end{cases} \quad (9)$$

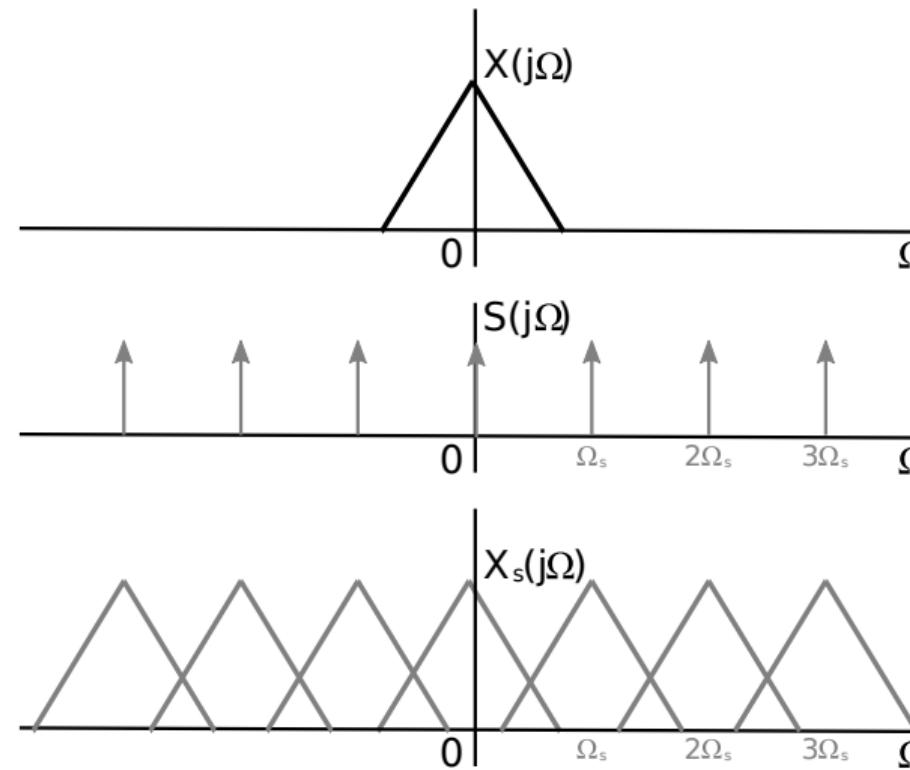
(Teorema da Amostragem)

Leitura: Capítulo 4 Oppenheim, A. V. (2009). *Discrete-Time Signal Processing*. Pearson.

Amostragem



Amostragem



Quantização escalar é um mapeamento Q de valores reais x de uma variável aleatória contínua X nos valores $y = Q(x)$, mais próximos de x (em termos de uma determinada medida de distorção), de um conjunto discreto e finito $Y = y_1, y_2, \dots, y_M$. Os valores y_i , $i = 1, 2, \dots, M$, são chamados níveis de saída, ou valores de representação, ou ainda valores de aproximação. Y é chamado de *codebook* ou conjunto de aproximação.

Quantização Escalar 2

O quantizador escalar é determinado pelo conjunto de limiares $\mathcal{T} = \{t_i\}$, $i = 0, 1, \dots, M$ e pelo conjunto de pontos de representação $\mathcal{Y} = \{y_i\}$, $i = 1, \dots, M$. Os limiares dividem exaustivamente o domínio R em subintervalos (ou células, regiões de representação) $\Delta_i = (t_{i-1}, t_i]$ disjuntas, ou seja, $\Delta_i \cap \Delta_j = \emptyset$. Diz-se que a divisão é exaustiva pois $\bigcup_{i=1}^M \Delta_i = R$. Esta divisão é tal que existe apenas um y_i associado a cada intervalo Δ_i , ou seja, $y_i = Q(x)$ se e somente se $x \in \Delta_i$.

Quantização Escalar 3

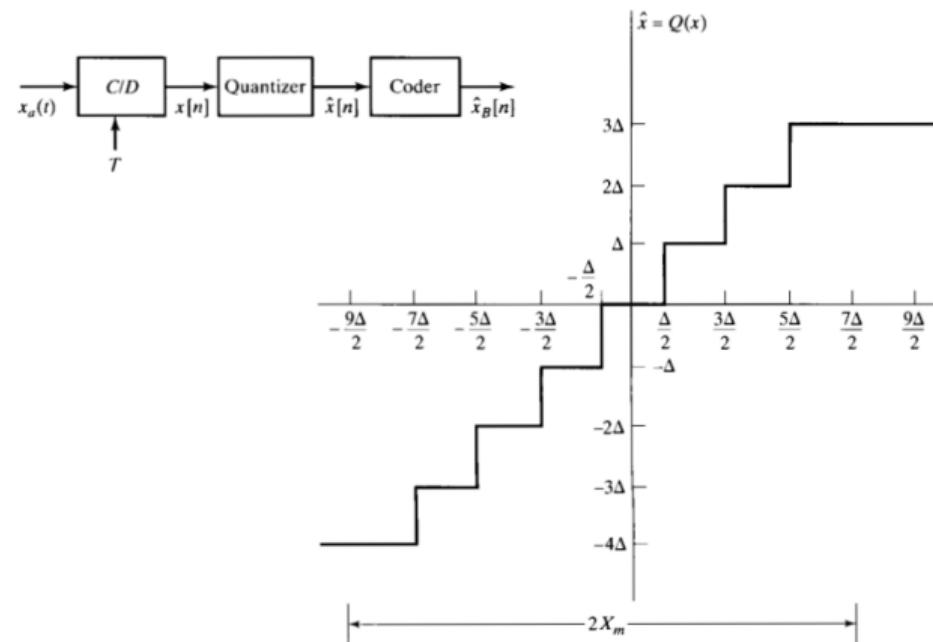


Figura 6: Quantização. Fonte: Oppenheim (2009).

Quantização Escalar 4

É inerente ao processo de quantização a introdução de um erro, chamado *erro de quantização* ou *ruido de quantização*.

O erro de quantização esperado é dado por

$$D(Q) = E \{d(x, Q(x))\}, \quad (10)$$

onde $d(x, Q(x))$ é uma medida de distorção entre x e $Q(x)$, dada por $d(\cdot)$.

A taxa de quantização é o número de bits R que é utilizado na representação de um valor x .

Elá é dada em bits por amostra.

Para um quantizador com taxa fixa temos $R = \log_2 M$ bits por amostra.

Quantização Escalar 5

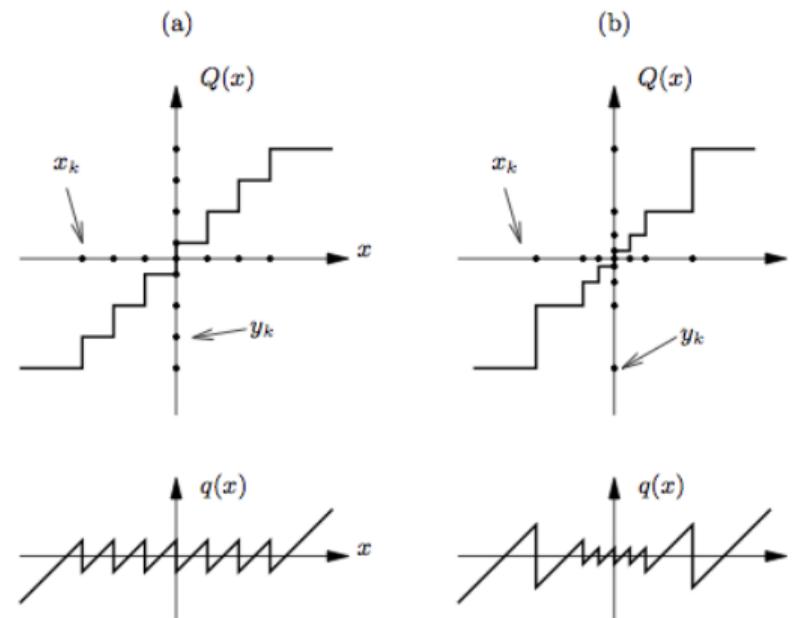


Figura 7: (a) linear (b) logarítmico. Fonte: Oppenheim (2009).

Entropia na saída do quantizador

As probabilidades dos níveis de representação de um quantizador podem ser determinadas, conhecendo-se a pdf do sinal.

Seja $f(x)$ a pdf (função densidade de probabilidade) de X . Podemos calcular a probabilidade do i -ésimo nível de reprodução (a probabilidade de $x \in \Delta_i$) como

$$P(y_i) = \int_{t_{i-1}}^{t_i} f(x)dx. \quad (11)$$

A entropia da saída do quantizador é igual a

$$H(Y) = - \sum_{i=1}^M P(y_i) \log_2 P(y_i). \quad (12)$$

Um código de comprimento variável poder ser utilizado para representar a saída do quantizador (exemplo: código de Shannon, código Huffman, ou codificação aritmética).

Processamento de Áudio e Vídeo

Quantização Escalar

Entropia na saída do quantificador

Entropia na saída do quantificador

Entropia na saída do quantificador

As probabilidades das saídas da representação de um quantificador podem ser determinadas, quando conhecemos a PDF do sinal.

Seja $f(x)$ a PDF da saída do quantificador X . Podemos calcular a probabilidade de obter o nível de representação x se $x \in \Delta_i$ como

$$P(y_i) = \int_{\Delta_{i-1}}^{\Delta_i} f(x)dx. \quad [11]$$

A entropia da saída do quantificador é igual a

$$H(Y) = - \sum_{i=1}^M P(y_i) \log_2 P(y_i). \quad [12]$$

Um código de compressão é útil se pode ser utilizado para representar a saída do quantificador (exemplo: códigos de Shannon, códigos Huffman, ou codificação aritmética).

Shannon: o limite de representação é a entropia.

O limite para se representar um sinal, sem perdas, será dado pela entropia da fonte.

Quantização escalar uniforme

A quantização escalar é uniforme quando os limiares estão igualmente espaçados, e desta forma, as células possuem o mesmo tamanho (exceto as extremas, primeira e última), ou seja, $|\Delta_i| = \delta$, e o ponto de representação localiza-se no ponto médio da célula,

$$y_i = \frac{t_{i-1} + t_i}{2} = t_{i-1} + \frac{\delta}{2}, \quad i = 1, 2, \dots, M. \quad (13)$$

Quantização escalar uniforme 2

(*obs.: considerando apenas valores positivos)

Dada a entrada x , a célula associada a x é determinada por

$$i = [x/\delta], \quad (14)$$

onde δ é a largura de cada célula e $[.]$ representa a operação de arredondamento.

O valor de aproximação para a entrada x é dado por

$$y = Q(x) = \delta \left[\frac{x}{\delta} \right] \quad (15)$$

Isto é, a i -ésima célula é determinada por $\Delta_i = (i\delta - \delta/2, i\delta + \delta/2]$ e $y_i = i\delta$.

Distorção no quantizador escalar uniforme

Se $f(x)$ é conhecida, então podemos calcular a distorção esperada do quantizador

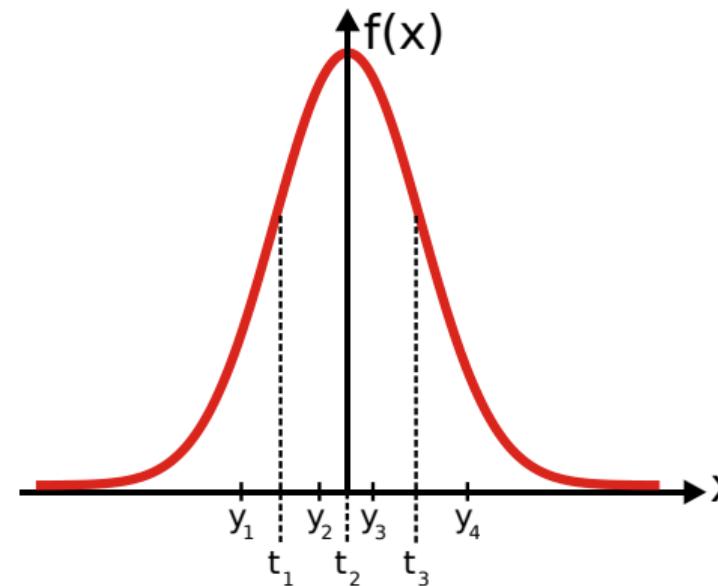
$$D(Q) = \int_{-\infty}^{\infty} f(x)d(x, Q(x))dx = \sum_i \int_{t_{i-1}}^{t_i} f(x)d(x, y_i)dx. \quad (16)$$

Se o erro de distorção é medido pelo erro quadrático, então $D(Q)$ fornecerá o erro quadrático médio (MSE, *Mean Squared Error*):

$$D(Q) = \sum_i \int_{t_{i-1}}^{t_i} f(x)(x - y_i)^2 dx. \quad (17)$$

Quantização escalar não-uniforme

Se conhecemos as características estatísticas de X , podemos utilizar esta informação para melhorar as características do quantizador.



Algoritmo de Lloyd-Max

O algoritmo de *Lloyd-Max* é um algoritmo para encontrar os limiares $\{t_i\}$ e os pontos de representação $\{y_i\}$ que minimizam a distorção.

Lloyd e Max criaram um procedimento para construir uma solução para o problema, que satisfaz as condições necessárias (mas não suficientes):

- ▶ os limiares devem ficar entre os pontos de representação:

$$t_i = \frac{y_{i+1} + y_i}{2} \quad , 1 \leq i \leq M - 1, \quad (18)$$

- ▶ os pontos de representação devem ficar no meio (com relação à esperança) de um dado intervalo

$$y_i = E[X(i)] = \frac{\int_{t_{i-1}}^{t_i} x f_X(x) dx}{\int_{t_{i-1}}^{t_i} f_X(x) dx}. \quad (19)$$

Algoritmo de Lloyd-Max 2

Algoritmo:

- 1) Escolher um conjunto inicial arbitrário com M pontos de representação $y_1 < y_2 < \dots < y_M$.
- 2) Para cada i , $1 \leq i \leq M - 1$, fazer $t_i = \frac{1}{2}(y_{i+1} + y_i)$.
- 3) Para cada i , $1 \leq i \leq M - 1$, fazer y_i igual à média condicional de $X \sim f(x)$, dado $X \in (t_{i-1}, t_i]$ (onde t_0 e t_M são respectivamente $-\infty$ e $+\infty$).
- 4) Repetir os passos (2) e (3) até que a melhoria no MSE seja desprezível; então interromper.

O MSE decresce (ou permanece o mesmo) a cada passo do algoritmo. Como o MSE é não-negativo, ele irá se aproximar de um limite em um número finito de passos, pois o algoritmo será interrompido quando a melhoria no MSE foi menor que um dado $\epsilon > 0$.

Algoritmo de Lloyd-Max 3

O exemplo abaixo ilustra que o algoritmo deve chegar a um mínimo local. Considere $M = 2$ pontos de representação e uma pdf $f(x)$ como definida na Figura 8.

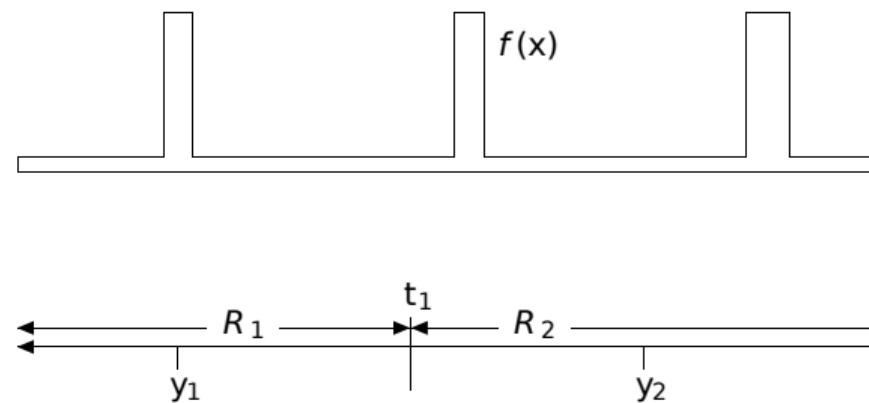


Figura 8: Exemplo Lloyd-Max: regiões e pontos de representação que satisfazem a condição de parada do algoritmo nas não minimizam a distorção média quadrática. Fonte: Gallager (2008)

Algoritmo de Lloyd-Max 4

A configuração apresentada na Figura 8 satisfaz os critérios de parada, entretanto o pico mais à direita é mais provável que os outros dois, desta forma, o MSE poderia ser menor se R_1 cobrisse a regiões dos dois picos à esquerda e R_2 apenas o pico à direita.

Leitura: Capítulo 3 Gallager, R. G. (2008). *Principles of Digital Communication*. Cambridge University Press.

Performance do Quantizador

Seja $p(x)$ a pdf do sinal de entrada x , então o erro médio quadrático (MSE) devido à quantização será dado por

$$\sigma_q^2 = \sum_{k=1}^M \int_{t_{k-1}}^{t_k} (x - y_k)^2 p(x) dx. \quad (20)$$

Se M for grande e a pdf $p(x)$ for suave, poderemos aproximar $p(x)$ no intervalo $(t_{k-1}, t_k]$ como

$$p(x) \approx p\left(\frac{t_{k-1} + t_k}{2}\right), \quad t_{k-1} < x \leq t_k, \quad (21)$$

e assim, a equação 20 poderá ser reescrita como

$$\sigma_q^2 = \sum_{k=1}^M p\left(\frac{t_{k-1} + t_k}{2}\right) \int_{t_{k-1}}^{t_k} (x - y_k)^2 dx. \quad (22)$$

Performance do Quantizador 2

Mostra-se que

$$\int_{t_{k-1}}^{t_k} (x - y_k)^2 dx = \Delta_k \left[\left(y_k - \frac{t_{k-1} + t_k}{2} \right)^2 + \frac{\Delta_k^2}{12} \right], \quad (23)$$

onde $\Delta_k = t_k - t_{k-1}$ é o tamanho do passo do quantizador.

Para minimizar o MSE devemos escolher $y_k = (t_{k-1} + t_k)/2$, de forma que o primeiro termo em 23 se anule. Ou seja, devemos escolher os pontos de representação como o ponto médio dos limiares dos intervalos. (obs.: Isto ocorre devido à aproximação feita para p suave e M grande. No caso geral, deveremos ter os pontos de representação no valor esperado de cada intervalo)

Vamos definir p_k como a probabilidade de x pertencer ao intervalo $(t_{k-1}, t_k]$. Usando a aproximação feita anteriormente, teremos

$$p_k = \Pr(t_{k-1} < x \leq t_k) \approx p \left(\frac{t_{k-1} + t_k}{2} \right) \Delta_k, \quad (24)$$

Performance do Quantizador 3

e assim podemos reescrever a equação 22 como

$$\sigma_q^2 = \frac{1}{12} \sum_{k=1}^M p_k \Delta_k^2. \quad (25)$$

Performance do Quantizador Uniforme

Para o quantizador uniforme o passo é constante ($\Delta_k = \Delta$ para todo k). Teremos assim

$$\sigma_q^2 = \frac{\Delta^2}{12} \sum_{k=1}^M p_k = \frac{\Delta^2}{12}. \quad (26)$$

Note que a potência do ruído de quantização é independente da distribuição do sinal.

A performance do quantizador será expressa pela relação sinal-ruído de quantização (SQNR),

$$\text{SQNR} = 10 \log \left(\frac{\sigma_x^2}{\sigma_q^2} \right) = 10 \log \left(\frac{12\sigma_x^2}{\Delta^2} \right) \text{dB.} \quad (27)$$

Performance do Quantizador Uniforme - Sinal Senoidal

Vamos supor que o sinal de entrada seja da forma $A \sin \omega t$ e um quantizador uniforme com n bits ($2^n = M$). Podemos escolher Δ para que não ocorra saturação. Faremos então $\Delta = A/2^{n-1}$. A potência do sinal senoidal é $\sigma_x^2 = A^2/2$. Usando agora a Equação 27, teremos

$$\text{SQNR (senoide)} = 6n + 1.76\text{dB}. \quad (28)$$

Performance do Quantizador Uniforme - Sinal Gaussiano

Iremos supor agora um sinal de entrada com distribuição gaussiana:

$p(x) = 1/\sqrt{2\pi}\sigma e^{-(x^2/2\sigma^2)}$. Para que a distorção por saturação seja desprezível, iremos fazer $2^{n-1}\Delta = 4\sigma$, ou seja, teremos $\Delta = \sigma/2^{n-3}$. A potência média quadrática do sinal de entrada é $\sigma_x^2 = \sigma^2$. Usando agora a Equação 27, teremos

$$\text{SQNR (gauss)} = 6n - 7.3\text{dB}. \quad (29)$$

Quantizador Não Uniforme

Os sinais de fala, por exemplo, estão geralmente concentrados em torno da origem. Desta forma, seria interessante propor um quantizador em que os passos de quantização fossem menores na região de menor amplitude do sinal e maiores na região de maior amplitude. Isto levaria a uma redução do ruído de quantização total.

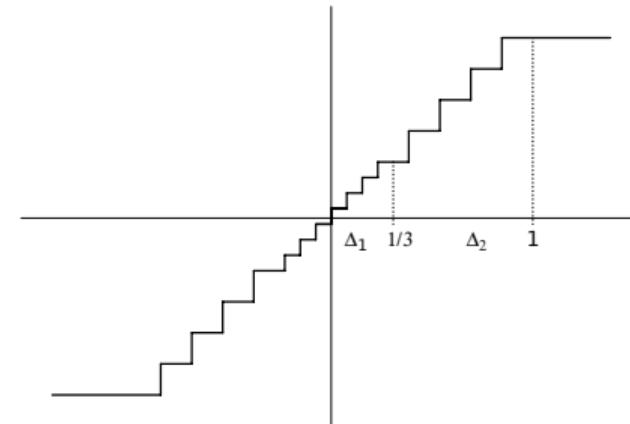


Figura 9: Exemplo de quantizador não uniforme de 4 bits, com $\Delta_1 = \Delta_2/2$ (Ogundunmi and Narasimha, 2010).

Compressor e Expansor

Podemos utilizar compressor e expanson para implementar um quantizador não uniforme.

compressor é feito para amplificar os sinais de baixa amplitude, às custas de atenuar os sinais de alta amplitude;

expanson faz o inverso.

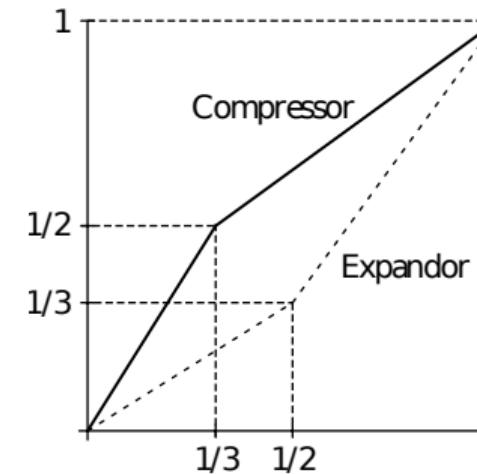


Figura 10: Exemplo de compressor e expanson (Ogundunmi and Narasimha, 2010).

Performance do Quantizador Não Uniforme

O erro médio quadrático devido à quantização é dado pela Equação 25, repetida a seguir,

$$\sigma_q^2 = \frac{1}{12} \sum_{k=1}^M p_k \Delta_k^2,$$

onde $p_k = \Pr(t_{k-1} < x \leq t_k)$ e $\Delta_k = (t_k - t_{k-1})$.

Suponha que o compressor apresentado na Figura 11 seja utilizado.

Performance do Quantizador Não Uniforme 2

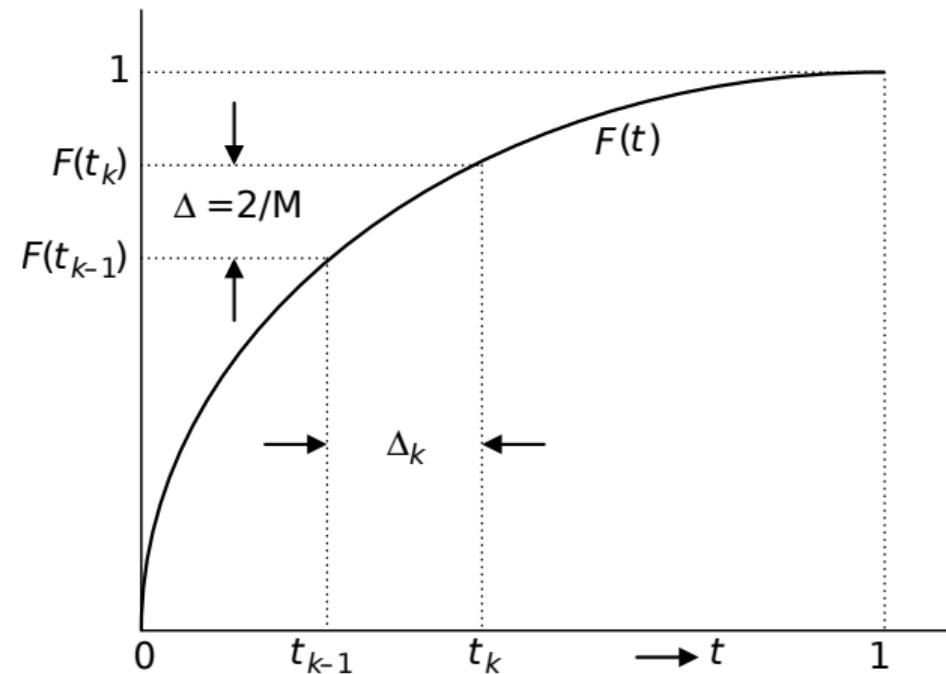


Figura 11: Exemplo de compressor (Ogundunmi and Narasimha, 2010).

Performance do Quantizador Não Uniforme 3

Os limiares t_{k-1} e t_k , correspondentes a um codificador não uniforme, são mapeados através da função compressor $F(\cdot)$ nos limiares $F(t_{k-1})$ e $F(t_k)$, uniformemente espaçados. Supondo o sinal no intervalo $[-1, +1]$, teremos $\Delta = 2/M$, o passo do codificador uniforme. Conhecendo Δ e a derivada (inclinação) de $F(t)$ no intervalo $[t_{k-1}, t_k]$, podemos determinar Δ_k ,

$$\Delta_k = \frac{\Delta}{F'(t_k^*)} = \frac{2}{MF'(t_k^*)}, \quad t_{k-1} < t_k^* < t_k. \quad (30)$$

Substituindo Δ_k na Equação 25, teremos

$$\sigma_q^2 = \frac{1}{3} \sum_{k=1}^M \frac{p_k}{M^2(F'(t_k^*))^2}, \quad t_{k-1} < t_k^* < t_k. \quad (31)$$

Se o número de níveis M for grande, o somatório em 31 poderá ser aproximado por uma integral:

$$\sigma_q^2 = \frac{1}{3M^2} \int_{-1}^{+1} \frac{p(x)}{(F'(x))^2} dx = \frac{2}{3M^2} \int_0^{+1} \frac{p(x)}{(F'(x))^2} dx, \quad (32)$$

Performance do Quantizador Não Uniforme 4

onde utilizamos a simplificação em que a $p(x)$ é simétrico par.
Para um sinal com excursão entre $-X_m$ e $+X_m$, teremos

$$\sigma_q^2 = \frac{2X_m^2}{3M^2} \int_0^{X_m} \frac{p(x)}{(F'(x))^2} dx. \quad (33)$$

Compressão Logarítmica

Em um sistema de telecomunicações, desejamos uma SNR constante, independente da distribuição do sinal de entrada. Desejamos então encontrar o compressor F que alcança este objetivo.

$$\text{SNR} = \frac{\sigma_x^2}{\sigma_q^2} = \frac{2 \int_0^1 x^2 p(x) dx}{\frac{2}{3M^2} \int_0^1 \frac{p(x)}{(F'(x))^2} dx}. \quad (34)$$

A expressão em 34 pode ser feita constante escolhendo

$$F'(x) = \frac{k^{-1}}{x}, \quad (35)$$

com parâmetro k a ser especificado.

A curva de compressão $F(x)$ é obtida realizando-se a integração e escolhendo a constante de integração para que a condição de contorno $F(1) = 1$ seja satisfeita, obtendo assim

$$F(x) = 1 + k^{-1} \ln x. \quad (36)$$

Compressão Logarítmica 2

Para este caso a SNR obtida será

$$\text{SNR} = \frac{3M^2}{k^2}. \quad (37)$$

Para sinal com extensão de $-X_m$ a X_m , teremos

$$F(x) = X_m + k^{-1} \ln \left(\frac{x}{X_m} \right). \quad (38)$$

Compressão Logarítmica 3

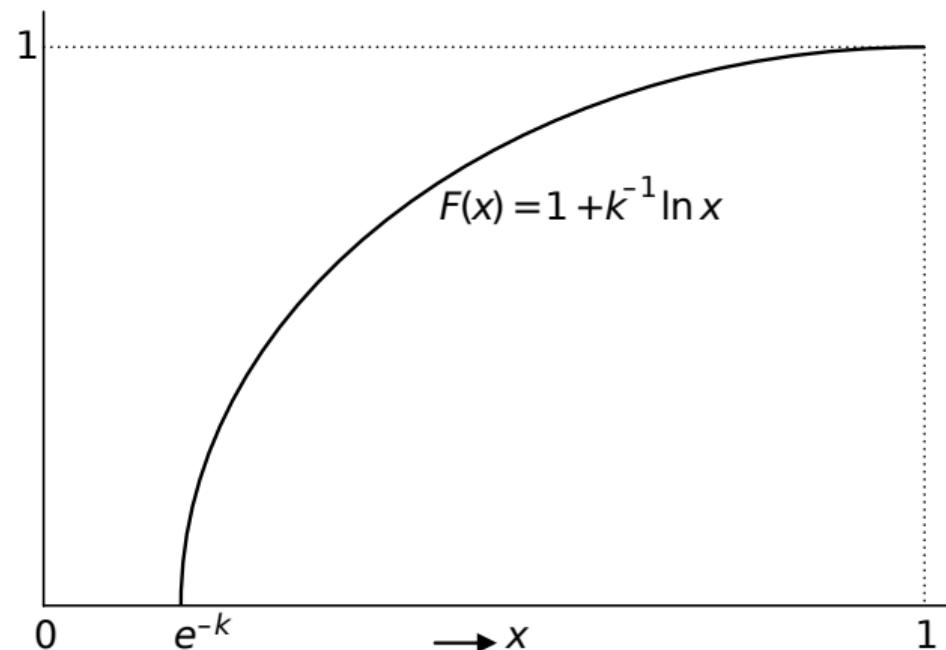


Figura 12: Gráfico de $F(x) = 1 + k^{-1} \ln x$ (Ogundunmi and Narasimha, 2010).

Compressão Logarítmica 4

Através da Equação 30 e da escolha feita em 35, podemos verificar que o tamanho do passo de quantização é proporcional à amplitude do sinal, quando utilizamos a compressão logarítmica dada por $F(x) = 1 + k^{-1} \ln x$.

$$\Delta_k = \frac{2}{MF'(t_k^*)} = \frac{2}{Mk^{-1}} t_k^*. \quad (39)$$

Para valores próximo da origem, esta proporcionalidade não poderá ser mantida, pois $\ln x$ diverge quando $x \rightarrow 0$.

Uma lei de compressão prática não pode ter tal descontinuidade, devendo também especificar a compressão dada a sinais de baixa amplitude.

Esta aproximação desloca o cruzamento com zero de $F(x)$, que ocorria em $x = e^{-k}$, para a origem.

$$F(x) = \frac{\log(1 + \mu x)}{\log(1 + \mu)}, \quad 0 \leq x \leq 1, \quad (40)$$

onde a base do logaritmo é irrelevante.

$$F(x) = \text{sign}(x) \frac{\log(1 + \mu|x|)}{\log(1 + \mu)}, \quad -1 \leq x \leq 1. \quad (41)$$

Note que, quando $\mu \gg 1$, esta lei aproxima uma curva logarítmica para valores grandes.

$$F(x) = \frac{\log(1 + \mu x)}{\log(1 + \mu)} \approx \frac{\log(\mu x)}{\log(\mu)} = 1 + \frac{\log(x)}{\log(\mu)} = 1 + \frac{\ln x}{\ln \mu}. \quad (42)$$

Teremos então $k = \ln \mu$ e assim a SNR para sinais grandes será aproximadamente $3M^2/(\ln \mu)^2$.

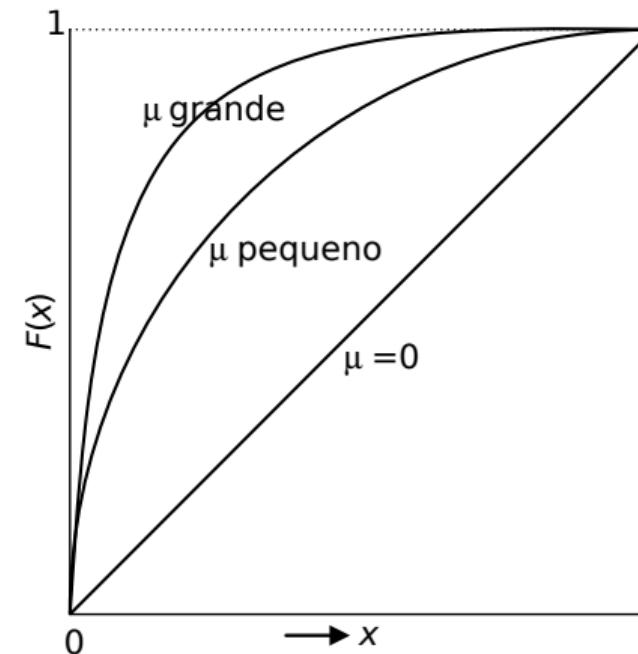


Figura 13: Curva de compressores segundo a lei μ (Ogundunmi and Narasimha, 2010).

A lei μ é utilizada no padrão ITU G.711 PCM através de uma aproximação discreta usando $\mu = 255$.

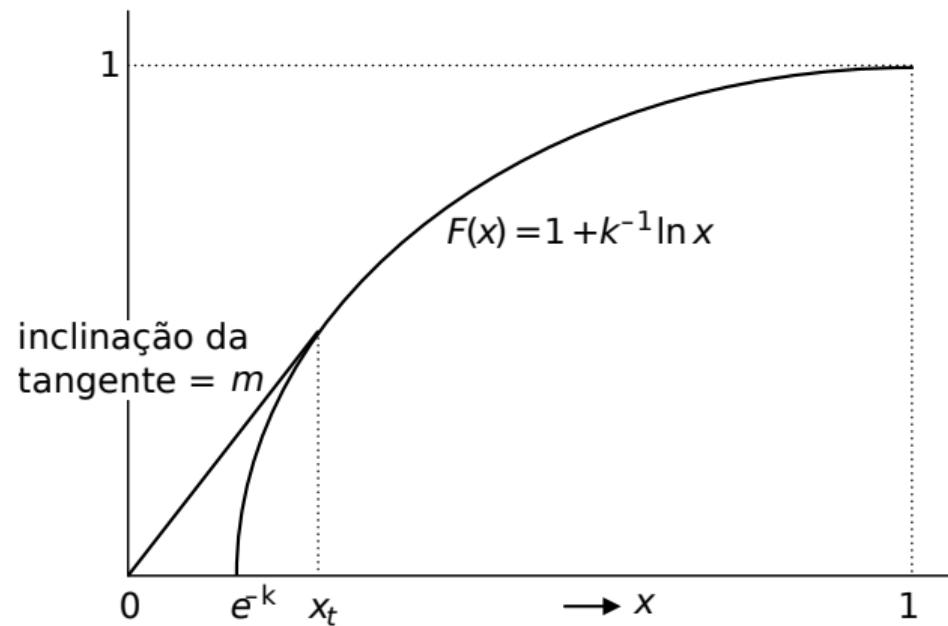


Figura 14: Curva de compressores segundo a lei A (Ogundunmi and Narasimha, 2010).

$$k = 1 + \ln A. \quad (43)$$

$$F(x) = \begin{cases} \frac{Ax}{1+\ln A}, & 0 \leq x \leq 1/A, \\ \frac{1+\ln Ax}{1+\ln A}, & 1/A \leq x \leq 1. \end{cases} \quad (44)$$

Ogundunmi, T. and Narasimha, M. (2010). *Principles of Speech Coding*.
CRC Press

Utilizamos a quantização vetorial em casos em que o sinal de entrada já é um sinal digital e queremos obter uma representação comprimida da informação original (em geral, representando os dados originais através de um *codebook*).

Considere uma variável aleatória X que assumule valores $x \in \mathcal{X} \subseteq R$, e $\mathcal{X}^n \subseteq R^n$ o conjunto de vetores $\mathbf{x} = (x_1, x_2, \dots, x_n) \in R^n$.

Quantização Vetorial 2

Uma quantização vetorial é um mapeamento Q de vetores de entrada $\mathbf{x} = (x_1, x_2, \dots, x_n)$, onde $\mathbf{x} \in \mathcal{X}^n$, nos valores $\mathbf{y} = (y_1, y_2, \dots, y_n) \in \mathcal{Y}^n$ mais próximos (com relação a alguma medida de distorção), onde $\mathbf{y} \in \mathcal{Y} \subseteq \mathcal{X}^n$, sendo $\mathcal{Y} = \{y_1, y_2, \dots, y_M\}$, um subconjunto constituído por M elementos em \mathcal{X}^n . O parâmetro n indica a dimensionalidade dos dados e do quantizador. O conjunto de aproximação \mathcal{Y} é chamado de *codebook*.

Para se projetar um quantizador, devemos dividir o domínio \mathcal{X}^n em M áreas ou células S_i , $i = 1, 2, \dots, M$, de forma que $\bigcup_i S_i = \mathcal{X}^n$, $S_i \cap S_j = \emptyset$, $i \neq j$, e $y_i \in S_i$.

Erro de quantização médio

O erro de quantização esperado de um quantizador é dado por

$$D_n(Q) = E\{d(\mathbf{x}, Q(\mathbf{x}))\} \quad (45)$$

Utilizando a distância Euclideana normalizada como métrica

$$\begin{aligned} d(\mathbf{x}, \mathbf{y}) &= \frac{1}{n} d_E^2(\mathbf{x}, \mathbf{y}) \\ &= \frac{1}{n} (\mathbf{x} - \mathbf{y})(\mathbf{x} - \mathbf{y})^T \\ &= \frac{1}{n} \sum_{i=1}^n (x_i - y_i)^2 = \frac{1}{n} \|\mathbf{x} - \mathbf{y}\|^2 \end{aligned} \quad (46)$$

teremos

$$D_n(Q) = \frac{1}{n} E\{\|\mathbf{x} - Q(\mathbf{x})\|^2\} = \frac{1}{n} \sum_{i=1}^M E\{\|\mathbf{x} - \mathbf{y}_i\|^2\}. \quad (47)$$

Erro de quantização médio 2

Considere que a pdf n-dimensional dos dados, $f(\mathbf{x})$, sobre o conjunto \mathcal{X}^n seja conhecida, então a Equação 47 assume a forma

$$D_n(Q) = \frac{1}{n} \sum_{i=1}^M \int_{S_i} f(\mathbf{x}) \|\mathbf{x} - \mathbf{y}_i\|^2 d\mathbf{x}, \quad (48)$$

e a probabilidade do vetor de representação \mathbf{y}_i é dada por

$$P(\mathbf{y}_i) = \int_{S_i} f(\mathbf{x}) d\mathbf{x}. \quad (49)$$

Taxa de quantização

A taxa de quantização R é o número de bits necessários para representar o vetor \mathbf{x} (utilizando vetores de *codebook* de tamanho M) por dimensão, n . Para um quantizador com taxa fixa (em que cada símbolo é codificado por palavras de mesmo tamanho em um dado *codebook*), a taxa é dada por

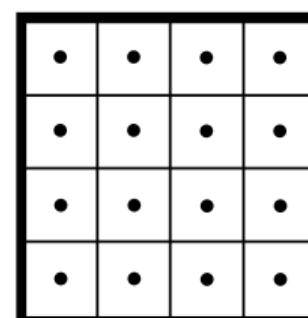
$$R = \frac{\log_2 M}{n} \text{ bits/amostra.} \quad (50)$$

Para um quantizador de taxa variável, a taxa estará limitada pela entropia, ou seja,

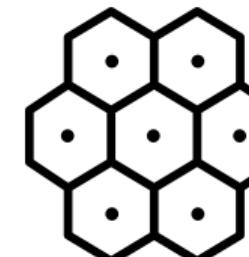
$$R \geq -\frac{1}{n} \sum_{i=1}^M P(\mathbf{y}_i) \log_2 P(\mathbf{y}_i) \text{ bits/amostra.} \quad (51)$$

Quantização vetorial

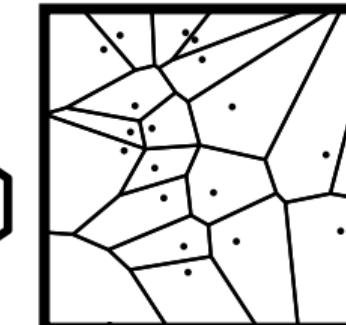
As células criadas por um quantizador vetorial em n -dimensões são regiões de Voronoi. O caso especial em que o *codebook* gera uma estrutura regular é chamado de quantizador vetorial em treliça (*lattice vector quantizers*).



(a)



(b)



(c)

Figura 15: Diagramas de Voronoi. Estruturas em treliça em (a) e (b).

Exemplo Quantização - GNU Octave



[https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/
quantization.ipynb](https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/quantization.ipynb)

Exemplos de utilização

A quantização vetorial é utilizada em

- ▶ Video codecs: Cinepak, Sorenson codec, Indeo, VQA (utilizada em jogos)
- ▶ Audio codecs: CELP, G.729, TwinVQ, Ogg Vorbis, AMR-WB+, DTS

Quantização vetorial de cores e dithering

Araújo, L., Sansão, J., and Fasolo, S. (2018). [Quantização vetorial de cores em imagens digitais](#).

In *Anais de XXXVI Simpósio Brasileiro de Telecomunicações e Processamento de Sinais*. Sociedade Brasileira de Telecomunicações



<https://biblioteca.sbrt.org.br/articles/807>

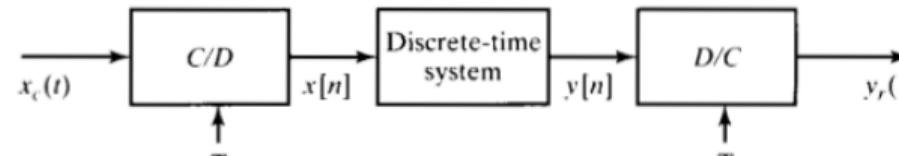
Alguns tópicos abordados no texto:

- ▶ quantização vetorial;
- ▶ espaços de cores;
- ▶ difusão de erro (*dithering*);
- ▶ dissimilaridade entre imagens.

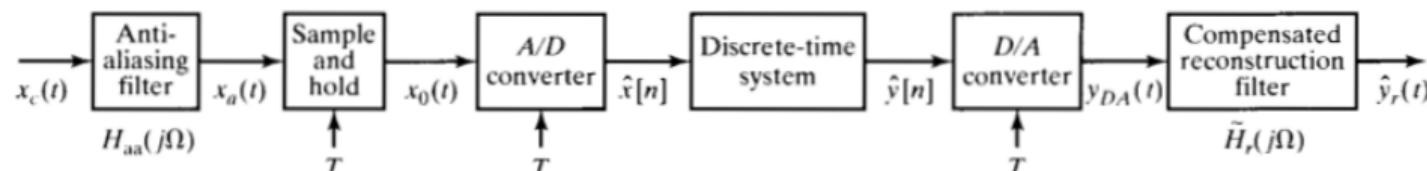


<https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/dithering.ipynb>

Processamento digital de sinais analógicos



(a)



(b)

Figura 16: Processamento digital de sinais analógicos (Oppenheim, 2009).

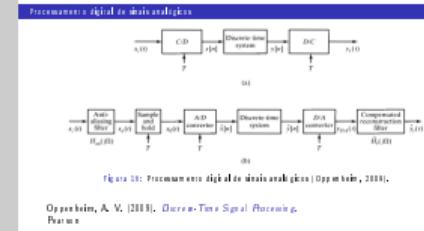
Oppenheim, A. V. (2009). *Discrete-Time Signal Processing*.
Pearson

Processamento de Áudio e Vídeo

Quantização Escalar

Processamento digital de sinais analógicos

Processamento digital de sinais analógicos



Na prática temos que,

- os sinais contínuos não são estritamente limitados em frequência;
- filtros ideais não são realizáveis;
- os conversores ideais C/D e D/C são aproximações de conversores A/D (analogico-digital) e D/A (digital-analógico).

Processamento de Áudio e Vídeo

Quantização Escalar

Processamento digital de sinais analógicos

Processamento digital de sinais analógicos

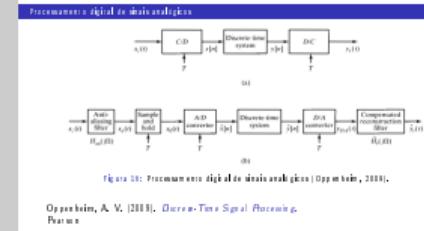


Figura 10: Processamento digital de sinais analógicos (Oppenheim, 2000).

Oppenheim, A. V. (2000). *Discrete-Time Signal Processing*. Prentice.

Devemos utilizar um filtro *anti-aliasing*.

- usualmente é desejável utilizar uma taxa de amostragem baixa;
- o próprio sinal e/ou ruído podem aparecer falseados como informação de baixa frequência;

Filtro *antialiasing* ideal

Resposta em frequência de um filtro *antialiasing* ideal:

$$H_{\text{aa}}(j\Omega) = \begin{cases} 1 & , |\Omega| < \Omega_c < \pi/T, \\ 0 & , |\Omega| > \Omega_c. \end{cases} \quad (52)$$

Processamento digital de sinais analógicos

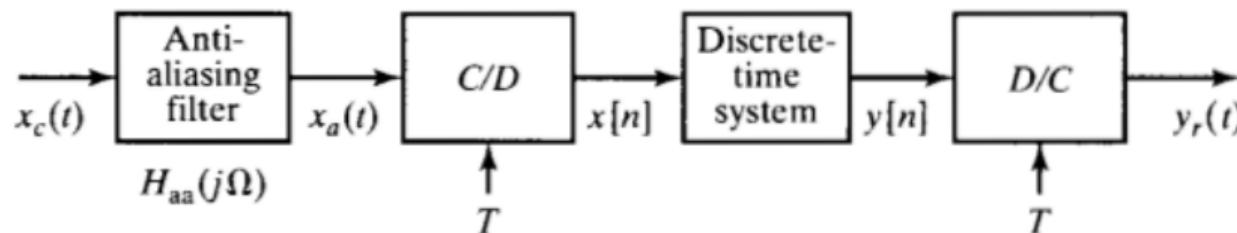


Figura 17: Processamento digital de sinais analógicos (Oppenheim, 2009).

Oppenheim, A. V. (2009). *Discrete-Time Signal Processing*.

Pearson

Considerando a entrada $x_a(t)$ e a saída $y_r(t)$, o sistema todo (compreendido entre entrada e saída) pode ser visto como um sistema linear invariante no tempo com resposta $H(e^{j\Omega T})$. Assim, a resposta total do sistema será

$$H_{\text{eff}}(j\Omega) \approx H_{aa}(j\Omega)H(e^{j\Omega T}), \quad (53)$$

Processamento digital de sinais analógicos 2

ou seja,

$$H_{\text{eff}}(j\Omega) \approx \begin{cases} H(e^{j\Omega T}) & , |\Omega| < \Omega_c, \\ 0 & , |\Omega| > \Omega_c. \end{cases} \quad (54)$$

Na prática, teremos a aproximação acima pois a resposta em frequência de $H_{\text{aa}}(j\Omega)$ não é idealmente limitada em frequência, mas podemos fazer $H_{\text{aa}}(j\Omega)$ pequeno para $|\Omega| > \pi/T$, minimizando assim o *aliasing*.

Processamento de Áudio e Vídeo

Quantização Escalar

Processamento digital de sinais analógicos

Processamento digital de sinais analógicos

Filtros abruptos são de difícil implementação e alto custo. Além disso, geralmente possuem resposta em fase altamente não-linear. Para que o sistema opere com diferentes taxas de amostragem, devemos ter filtros ajustáveis.

xx xx|z,

$$H_{\text{LP}}(j\Omega) \approx \begin{cases} H(e^{j\Omega T}) & , |\Omega| < \Omega_c \\ 0 & , |\Omega| > \Omega_c \end{cases}$$

|34|

Na prática, nem sempre é possível atingir a resposta em frequência de $H_{\text{LP}}(j\Omega)$ e é necessário limitar a frequência, mas podemos fazer $H_{\text{LP}}(j\Omega)$ pequeno para $|\Omega| > \pi/T$, mantendo os amplitudes constantes.

Utilizando uma conversão A/D com sobre-amostragem para simplificar o filtro analógico *antialiasing*

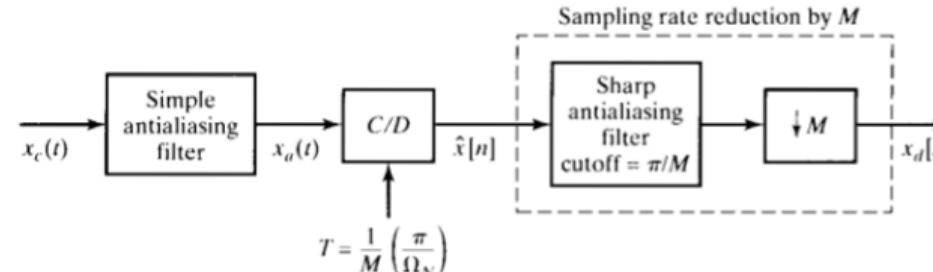


Figura 18: Utilizando uma conversão A/D com sobre-amostragem para simplificar o filtro analógico *antialiasing* (Oppenheim, 2009).

Oppenheim, A. V. (2009). *Discrete-Time Signal Processing*.

Pearson

Ω_N : frequência mais alta que desejamos manter

M : fator de sobre-amostragem

Sobre-amostragem e decimação

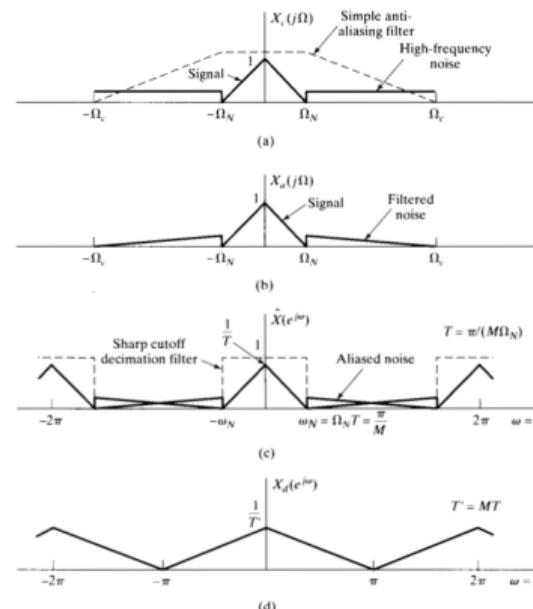
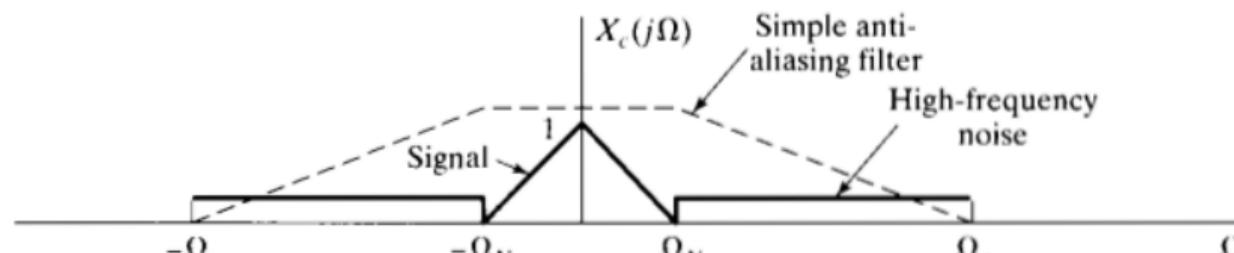
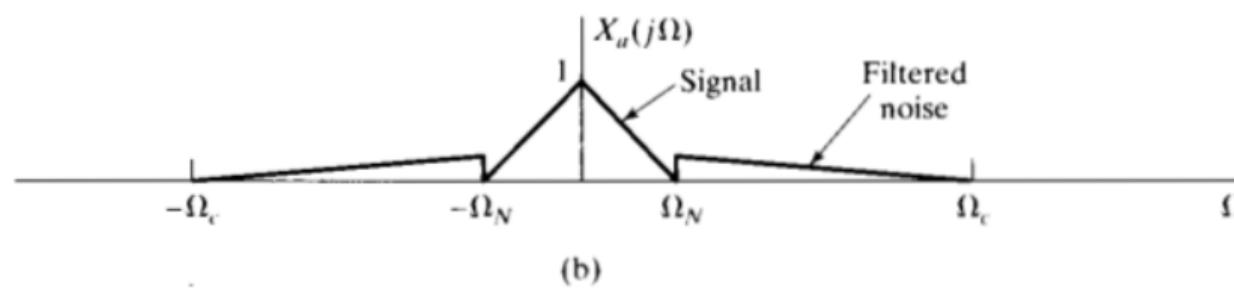


Figura 19: Exemplo (Oppenheim, 2009)

Sobre-amostragem e decimação 2

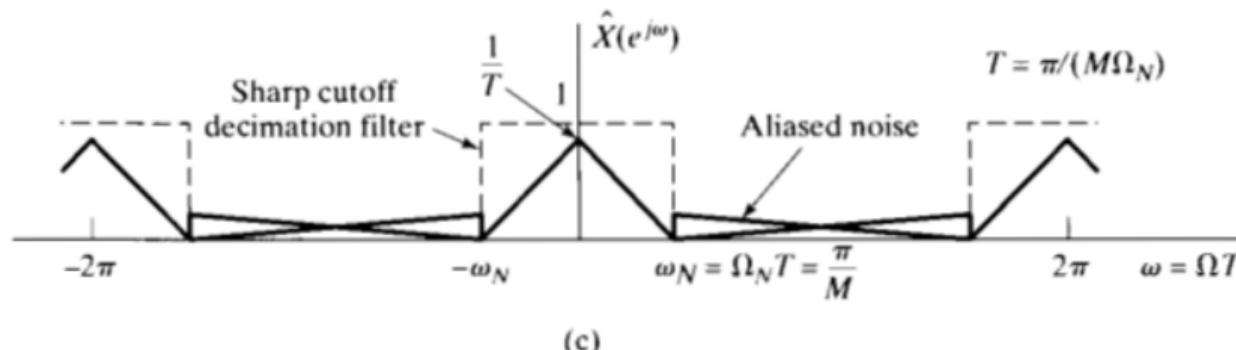


(a)

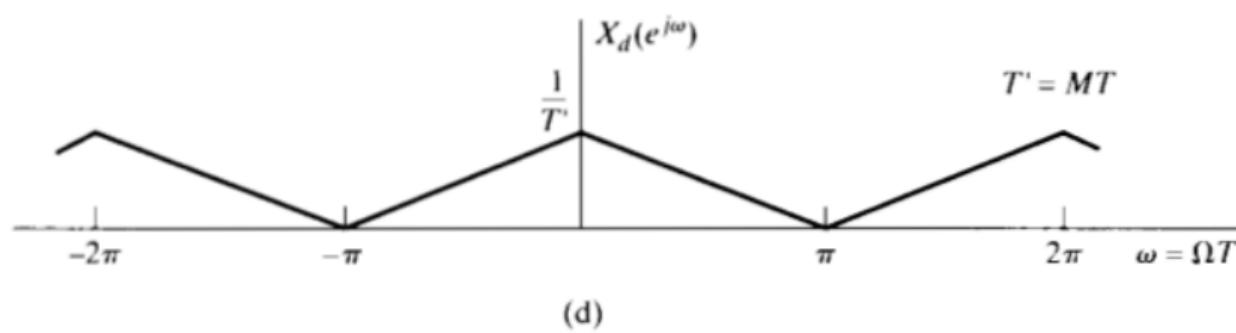


(b)

Sobre-amostragem e decimação 3



(c)



(d)

Configuração física para conversão analógico-digital

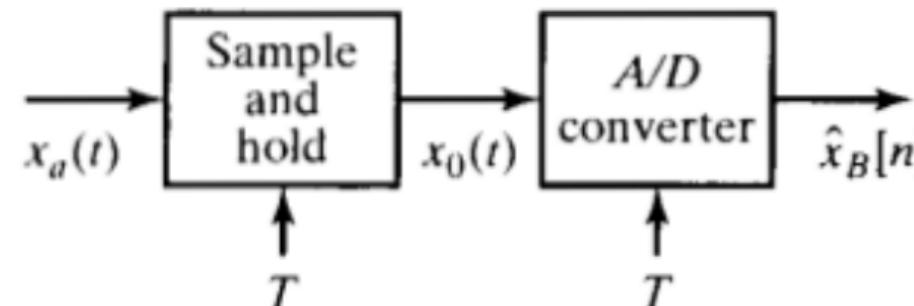


Figura 20: Configuração física para conversão analógico-digital (Oppenheim, 2009).

$x_a(t)$: sinal analógico

$\hat{x}_B[n]$: sinal digital (amostrado e quantizado)

T : período de amostragem

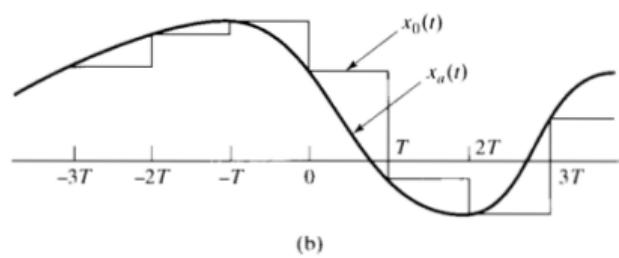
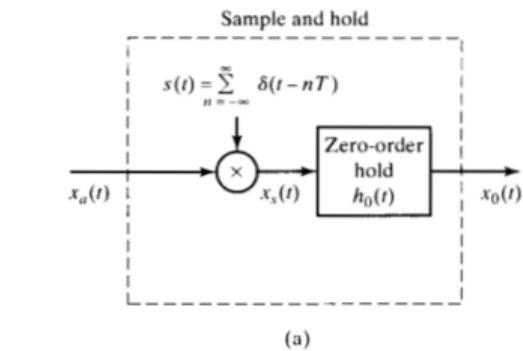
Representação de um *sample-and-hold* ideal

Figura 21: Sample-and-hold (Oppenheim, 2009).

Representação de um *sample-and-hold* ideal 2

A saída de um *sample-and-hold* ideal é dada por

$$x_0(t) = \sum_{n=-\infty}^{\infty} x[n]h_0(t - nT) \quad (55)$$

onde $x[n] = x_a(nT)$ são as amostras ideais (não quantizadas) de $x_a(t)$ e $h_0(t)$ é a resposta ao impulso do *hold* de ordem zero, i.e.,

$$h_0(t) = \begin{cases} 1 & , 0 < t < T, \\ 0 & , \text{caso contrário.} \end{cases} \quad (56)$$

A Equação 55 é equivalente a

$$x_0(t) = h_0(t) * \sum_{n=-\infty}^{\infty} x_a(nT)\delta(t - nT) . \quad (57)$$

Processamento de Áudio e Vídeo

- Quantização Escalar

- Processamento digital de sinais analógicos

- Representação de um *sample-and-hold* ideal

Representação de um *sample-and-hold* ideal

A saída de um *sample-and-hold* ideal é dada por:

$$x_0(t) = \sum_{n=-\infty}^{\infty} x[n]h_0(t - nT)$$

[55]

onde $x[n] = x_a(nT)$ são as amostras da tensão que é aplicada em $x_a(t)$ e $h_0(t)$ é o impulso de hold da unidade, i.e.,

$$h_0(t) = \begin{cases} 1 & , 0 < t < T, \\ 0 & , \text{caso contrário.} \end{cases}$$

[56]

A Equação 55 é equivalente a

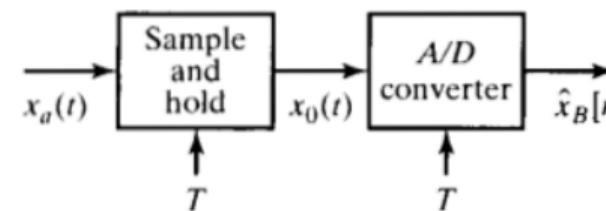
$$x_0(t) = h_0(t) * \sum_{n=-\infty}^{\infty} x_a(nT)\delta(t - nT).$$

[57]

O circuito de uma *sample-and-hold* é projetado para amostrar $x_a(t)$ ‘instantaneamente’ e ‘manter’ o valor da amostra constante até que a próxima amostra seja tomada. Isto é necessário para fornecer uma tensão de entrada constante no conversor A/D.

Equivalência Conceitual

O sistema composto pelo *sample-and-hold* seguido por um conversor A/D



é equivalente ao seguinte sistema, composto por um conversor C/D ideal seguido por um quantizador

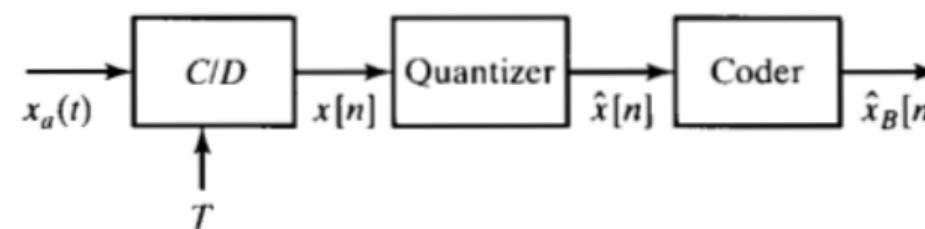


Figura 22: Sistema equivalente (Oppenheim, 2009).

Quantizador Uniforme

Um quantizador é um sistema não-linear cuja operação é definida por uma função $Q(\cdot)$,

$$\hat{x}[n] = Q(x[n]). \quad (58)$$

Quantizador Uniforme 2

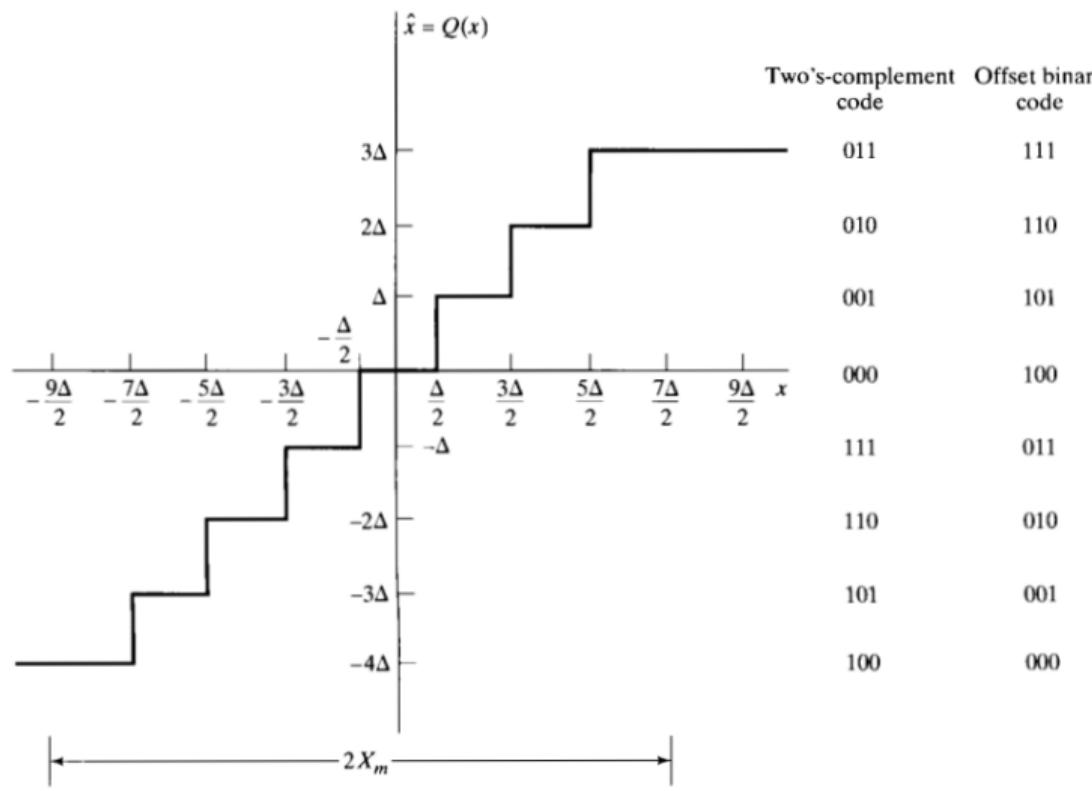


Figura 23: Quantizador uniforme de 3 bits (Oppenheim, 2009).

Erro de quantização

O erro de quantização é definido por

$$e[n] = \hat{x}[n] - x[n] . \quad (62)$$

O erro de quantização satisfaz

$$\Delta/2 < e[n] \leq \Delta/2 \quad (63)$$

sempre que

$$(-X_m - \Delta/2) < x[n] \leq (X_m - \Delta/2) . \quad (64)$$

Se $x[n]$ estiver fora desta faixa, o erro de quantização será maior do que $\Delta/2$, e as amostras serão ‘grampeadas’.

Modelo aditivo do erro de quantização

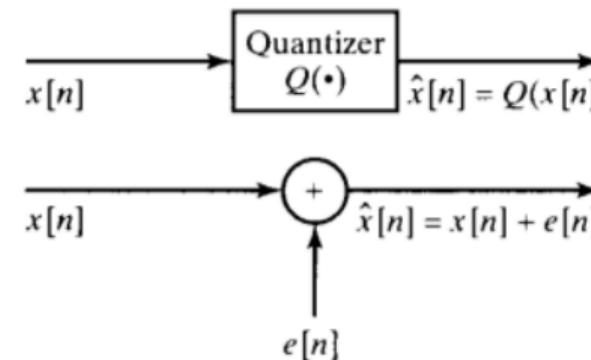


Figura 25: Modelo aditivo do erro de quantização (Oppenheim, 2009).

A representação estatística do erro de quantização é baseada nas seguintes suposições:

- ▶ $e[n]$ é um processo estocástico estacionário;
- ▶ $e[n]$ é descorrelacionada com $x[n]$;
- ▶ o erro é um ruído branco, suas amostras são descorrelacionadas
- ▶ a pdf do erro é uniforme

Modelo aditivo do erro de quantização 2

Para Δ pequeno, podemos assumir que $e[n]$ é um ruído branco uniforme em $[-\Delta/2, \Delta/2]$.

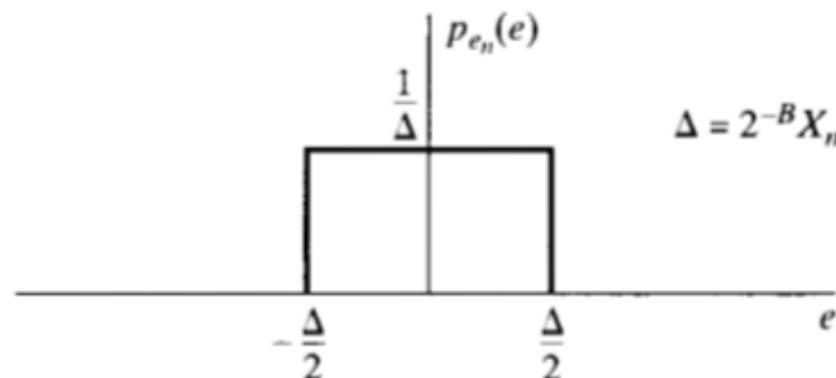


Figura 26: Modelo do ruído (Oppenheim, 2009).

$$\text{média : } \mu_e = 0;$$

Modelo aditivo do erro de quantização 3

variância : $\sigma_e^2 = \Delta^2/12$.

$$\sigma_e^2 = \int_{-\Delta/2}^{\Delta/2} e^2 \frac{1}{\Delta} de = \frac{\Delta^2}{12} . \quad (65)$$

Para um quantizador de $(B + 1)$ bits e fundo de escala X_m , a variância do ruído (ou potência) será dada por

$$\sigma_e^2 = \frac{2^{-2B} X_m^2}{12} , \quad (66)$$

onde $\Delta = X_m/2^B$.

Modelo aditivo do erro de quantização 4

A relação sinal-ruído de quantização para um quantizador com $(B + 1)$ bits é

$$\begin{aligned} \text{SQNR} &= 10 \log_{10} \left(\frac{\sigma_x^2}{\sigma_e^2} \right) = 10 \log_{10} \left(\frac{12 \cdot 2^{2B} \sigma_x^2}{X_m^2} \right) \\ &= 6.02B + 10.8 - 20 \log_{10} \left(\frac{X_m}{\sigma_x} \right) . \end{aligned} \quad (67)$$

Aproximadamente 6dB para cada bit.

Conversão discreto-contínuo

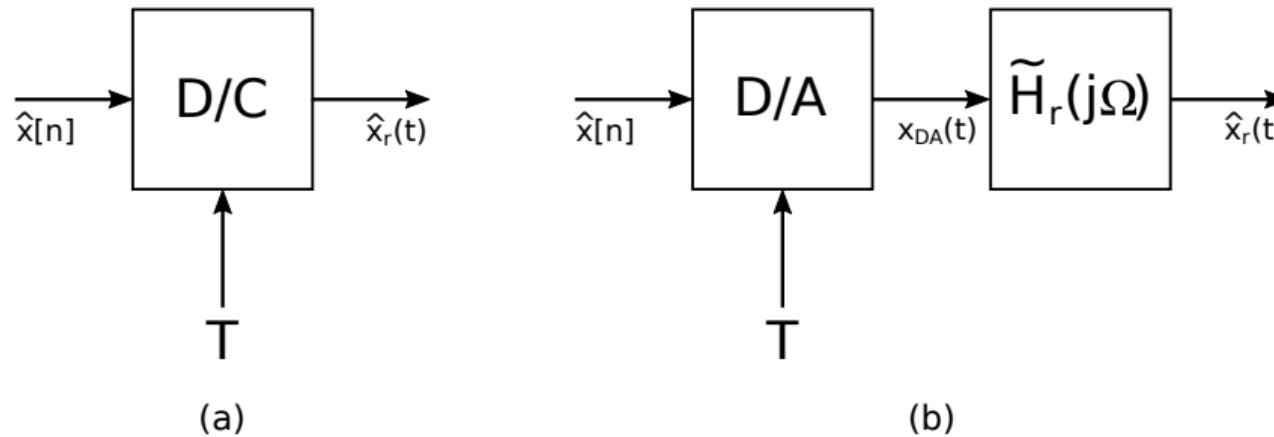


Figura 27: Conversão discreto para contínuo.

Conversão discreto-contínuo 2

A reconstrução é representada por

$$X_r(j\Omega) = X(e^{j\Omega T})H_r(j\Omega) \quad (68)$$

onde $X(e^{j\Omega})$ é a transformada discreta de Fourier de $x[n]$ e $X_r(j\Omega)$ é a transformada de Fourier do sinal reconstruído. O filtro de reconstrução ideal é dado por

$$H_r(j\Omega) = \begin{cases} T & , |\Omega| < \pi/T, \\ 0 & , |\Omega| > \pi/T . \end{cases} \quad (69)$$

A relação entre $x_r(t)$ e $x[n]$ será dada por

$$x_r(t) = \sum_{n=-\infty}^{\infty} x[n] \frac{\sin[\pi(t - nT)/T]}{\pi(t - nT)/T} . \quad (70)$$

Conversão discreto-contínuo 3

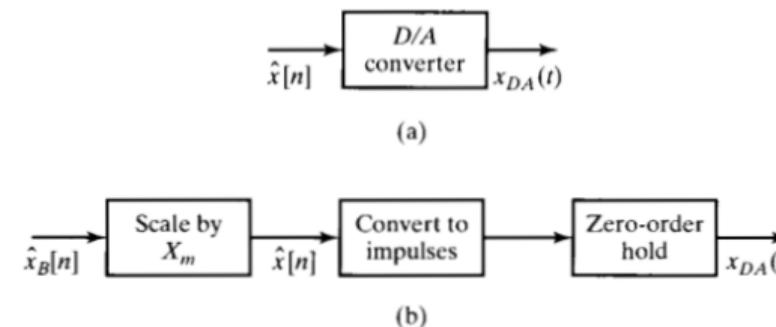


Figura 28: Modelo do conversor D/A (Oppenheim, 2009).

$$\begin{aligned}
 x_{\text{DA}}(t) &= \sum_{n=-\infty}^{\infty} X_m \hat{x}_B[n] h_0(t - nT) \\
 &= \sum_{n=-\infty}^{\infty} \hat{x}[n] h_0(t - nT) .
 \end{aligned} \tag{71}$$

Conversão discreto-contínuo 4

Utilizando o modelo aditivo do ruído de quantização (ver Figura 25), podemos considerar $x_{\text{DA}}(t)$ como composta em duas partes, uma devida ao sinal e outra devida ao ruído de quantização. Assim podemos analisar os efeitos da quantização.

$$x_{\text{DA}}(t) = \sum_{n=-\infty}^{\infty} x[n]h_0(t - nT) + \sum_{n=-\infty}^{\infty} e[n]h_0(t - nT) . \quad (72)$$

Definimos

$$x_0(t) = \sum_{n=-\infty}^{\infty} x[n]h_0(t - nT) , \text{ e} \quad (73)$$

$$e_0(t) = \sum_{n=-\infty}^{\infty} e[n]h_0(t - nT) , \quad (74)$$

de forma que

$$x_{\text{DA}}(t) = x_0(t) + e_0(t) . \quad (75)$$

Conversão discreto-contínuo 5

A transformada de Fourier da Equação 73 é

$$\begin{aligned}
 X_0(j\Omega) &= \sum_{n=-\infty}^{\infty} x[n]H_0(j\Omega)e^{-j\Omega nT} \\
 &= \left(\sum_{n=-\infty}^{\infty} x[n]e^{-j\Omega nT} \right) H_0(j\Omega) \\
 &= X(e^{j\Omega T})H_0(j\Omega) . \tag{76}
 \end{aligned}$$

Como

$$X(e^{j\Omega T}) = \frac{1}{T} \sum_{k=-\infty}^{\infty} X_a \left(j \left(\Omega - \frac{2\pi k}{T} \right) \right) . \tag{77}$$

segue que

$$X_0(j\Omega) = \left[\frac{1}{T} \sum_{k=-\infty}^{\infty} X_a \left(j \left(\Omega - \frac{2\pi k}{T} \right) \right) \right] H_0(j\Omega) . \tag{78}$$

Filtro de Reconstrução

Se $X_a(j\Omega)$ é limitado em frequência abaixo de π/T , as cópias deslocadas de $X_a(j\Omega)$ não se sobrepõem na Equação 78, e se definirmos o filtro de reconstrução compensado como

$$\tilde{H}_r(j\Omega) = \frac{H_r(j\Omega)}{H_0(j\Omega)}, \quad (79)$$

então, a saída do filtro será $x_a(t)$ se a entrada for $x_0(t)$. A resposta em frequência do *hold* de ordem zero é

$$H_0(j\Omega) = \frac{2 \sin(\Omega T/2)}{\Omega} e^{-j\Omega T/2}. \quad (80)$$

Desta forma, o filtro de reconstrução compensado é dado por

$$\tilde{H}_r(j\Omega) = \begin{cases} \frac{\Omega T/2}{\sin(\Omega T/2)} e^{j\Omega T/2} & |\Omega| \leq \pi/T, \\ 0 & |\Omega| > \pi/T. \end{cases} \quad (81)$$

Filtro de Reconstrução 2

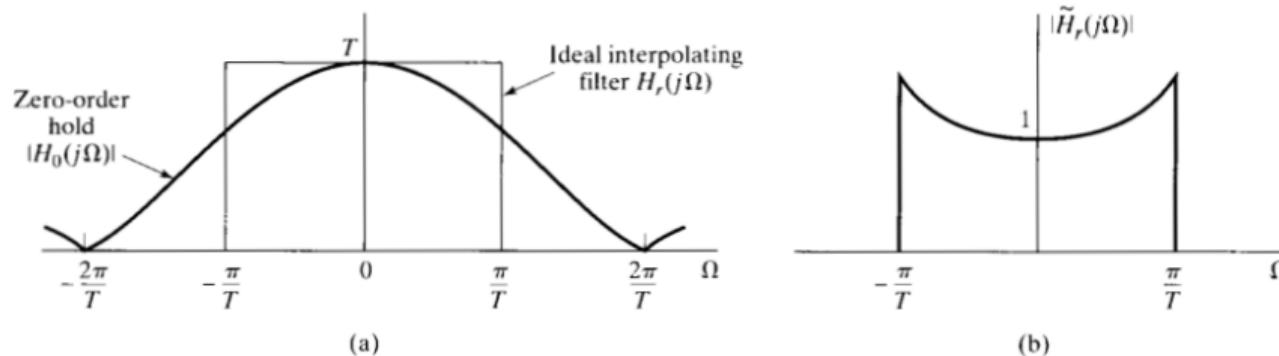


Figura 29: Filtro de reconstrução compensando o efeito do hold (Oppenheim, 2009).

Configuração física da conversão digital analógico

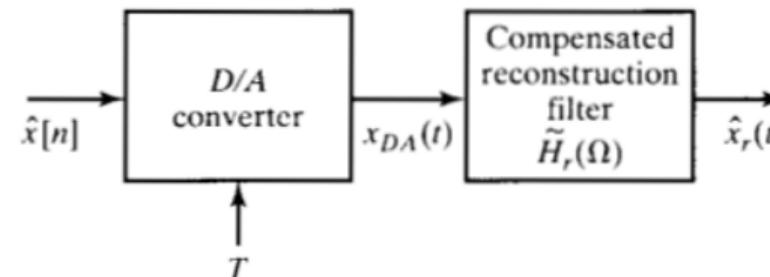


Figura 30: Configuração física para a conversão digital-analógico (Oppenheim, 2009).

Configuração física da conversão digital analógico 2

O sinal reconstruído na saída é

$$\begin{aligned}\hat{x}_r(t) &= \sum_{n=-\infty}^{\infty} \hat{x}[n] \frac{\sin[\pi(t - nT)/T]}{\pi(t - nT)/T} \\ &= \sum_{n=-\infty}^{\infty} x[n] \frac{\sin[\pi(t - nT)/T]}{\pi(t - nT)/T} + \sum_{n=-\infty}^{\infty} e[n] \frac{\sin[\pi(t - nT)/T]}{\pi(t - nT)/T}.\end{aligned}\quad (82)$$

Ou seja, a saída é dada por

$$\hat{x}_r(t) = x_a(t) + e_a(t), \quad (83)$$

onde $e_a(t)$ é o ruído branco limitado em frequência.

Sistema para processamento digital de sinais analógicos

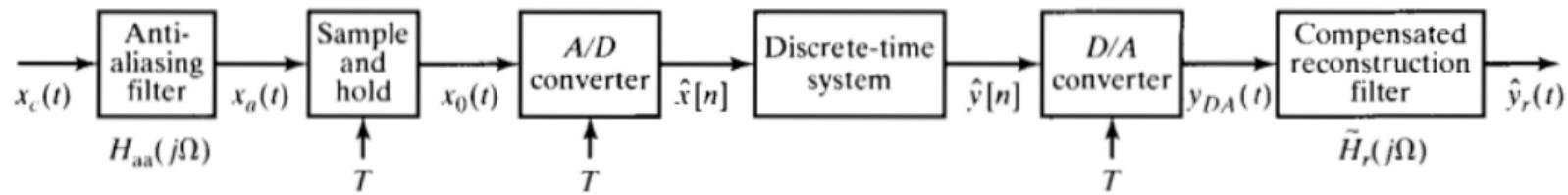


Figura 31: Sistema para processamento digital de sinais analógicos (Oppenheim, 2009).

$$\hat{y}_r(t) = y_a(t) + e_a(t) \quad (84)$$

$$Y_a(j\Omega) = \tilde{H}_r(j\Omega)H_0(j\Omega)H(e^{j\Omega T})H_{aa}(j\Omega)X_c(j\Omega) \quad (85)$$

onde

- ▶ $H_{aa}(j\Omega)$ filtro *antialiasing*
- ▶ $H_0(j\Omega)$ *hold* de ordem zero do conversor D/A

Sistema para processamento digital de sinais analógicos 2

- ▶ $\tilde{H}_r(j\Omega)$ filtro passa-baixas de reconstrução

Assumindo que o ruído de quantização introduzido pelo conversor A/D é branco com variância $\sigma_e^2 = \Delta^2/12$, podemos mostrar que o espectro de densidade de potência do ruído na saída é

$$P_{e_a}(j\Omega) = |\tilde{H}_r(j\Omega)H_0(j\Omega)H(e^{j\Omega T})|^2\sigma_e^2. \quad (86)$$

A resposta em frequência efetiva total de $x_c(t)$ a $y_r(t)$ é

$$H_{\text{eff}}(j\Omega) = \tilde{H}_r(j\Omega)H_0(j\Omega)H(e^{j\Omega T})H_{\text{aa}}(j\Omega). \quad (87)$$

Oversampling e Noise-Shaping

Realizar uma sobre-amostragem (*oversampling*) e, subsequente, uma filtragem passa-baixas discreta e uma decimação (*down-sampling*) permite uma redução no número de bits do quantizador, para uma mesma relação sinal-ruído-de-quantização (SQNR²). Mantendo número de bits do quantizador, é possível reduzir a SQNR.

²Signal-to-Quantization-Noise Ratio

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta

Considere o sinal de entrada $x_a(t)$:

- ▶ média nula
- ▶ estacionário no sentido amplo
- ▶ processo estocástico com densidade espectral de potência $\Phi_{x_a x_a}(j\Omega)$
- ▶ função de auto-correlação $\phi_{x_a x_a}(\tau)$
- ▶ limitado em frequência em Ω_N : $\Phi_{x_a x_a}(j\Omega) = 0, \Omega \geq \Omega_N$

Vamos assumir que $2\pi/T = 2M\Omega_N$. A constante inteira M é o fator de sobre-amostragem.

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 2

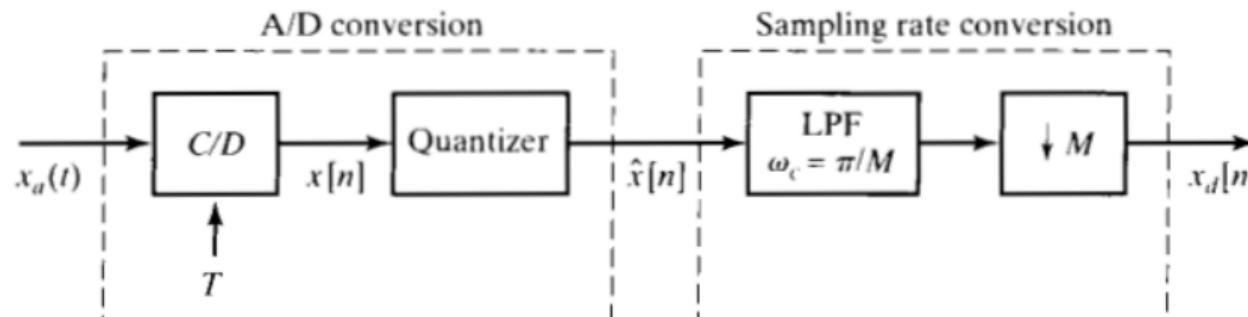


Figura 32: Conversão A/D com sobre-amostragem (Oppenheim, 2009).

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 3

Utilizando o modelo do ruído aditivo.

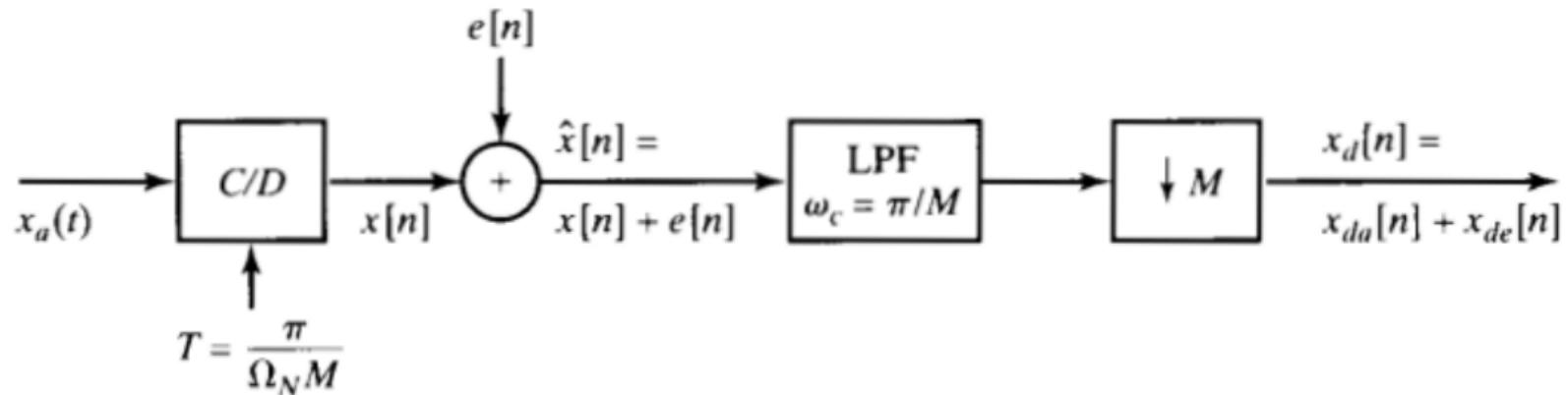


Figura 33: Modelo do ruído aditivo na conversão A/D com sobre-amostragem (Oppenheim, 2009).

A saída $x_d[n]$ possui duas componentes: $x_{da}[n]$ (devido ao sinal $x_a(t)$) e $x_{de}[n]$ (devido ao ruído $e[n]$).

Vamos analisar o efeito de cada componente na saída.

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 4

Primeiramente vamos considerar o efeito da componente sinal.

$\phi_{xx}[m]$ e $\Phi(e^{j\omega})$ são autocorrelação e densidade espectral de potência de $x[n]$, respectivamente. Por definição

$$\phi_{xx}[m] = \varepsilon\{x[n+m]x[n]\}. \quad (88)$$

Como $x[n] = x_a(nT)$ e $x[n+m] = x_a(nT+mT)$

$$\varepsilon\{x[n+m]x[n]\} = \varepsilon\{x_a((n+m)T)x_a(nT)\}. \quad (89)$$

Assim

$$\phi_{xx}[m] = \phi_{x_a x_a}(mT) \quad (90)$$

i.e., a função de autocorrelação da sequência de amostras é a versão amostrada da função de autocorrelação do sinal contínuo correspondente.

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 5

Equações (89) e (90), juntamente com a suposição de estacionariedade no sentido amplo, levam a

$$\varepsilon\{x^2[n]\} = \varepsilon\{x_a^2(nT)\} = \varepsilon\{x_a^2(t)\} \quad \text{for all } n \text{ or } t. \quad (91)$$

Como as densidades espectrais de potência são transformadas de Fourier das funções de autocorrelação, como consequência da Equação (90) teremos

$$\Phi_{xx}(e^{j\Omega T}) = \frac{1}{T} \sum_{k=-\infty}^{\infty} \Phi_{x_a x_a} \left(j \left(\Omega - \frac{2\pi k}{T} \right) \right). \quad (92)$$

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 6

Assumindo um fator de sobre-amostragem M , tal que $2\pi/T = 2M\Omega_N$, substituindo $\Omega = \omega/T$ na Equação (92)

$$\Phi_{xx}(e^{j\omega}) = \begin{cases} \frac{1}{T}\Phi_{x_a x_a}(j\frac{\omega}{T}) & , |\omega| < \pi/M, \\ 0 & , \pi/M < \omega \leq \pi. \end{cases} \quad (93)$$

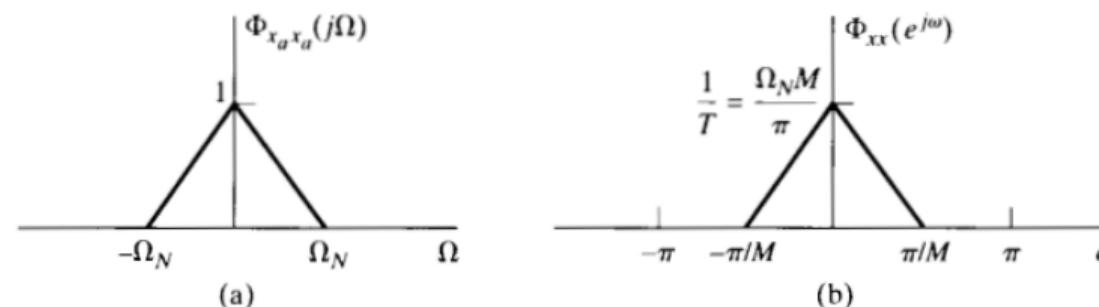


Figura 34: Densidade espectral de potência (Oppenheim, 2009).

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 7

A potência total do sinal analógico é dada por

$$\varepsilon\{x_a^2(t)\} = \frac{1}{2\pi} \int_{-\Omega_N}^{\Omega_N} \Phi_{x_a x_a}(j\Omega) d\Omega. \quad (94)$$

Pela Equação (93), a potência total do sinal amostrado é

$$\begin{aligned} \varepsilon\{x^2[n]\} &= \frac{1}{2\pi} \int_{-\pi}^{\pi} \Phi_{xx}(e^{j\omega}) d\omega \\ &= \frac{1}{2\pi} \int_{-\pi/M}^{\pi/M} \frac{1}{T} \Phi_{x_a x_a}\left(j\frac{\omega}{T}\right) d\omega \\ &= \frac{1}{2\pi} \int_{-\Omega_N}^{\Omega_N} \Phi_{x_a x_a}(j\Omega) d\Omega = \varepsilon\{x_a^2(t)\}, \end{aligned} \quad (95)$$

onde utilizamos $\Omega_N T = \pi/M$ e $\Omega = \omega/T$. Assim, a potência total do sinal amostrado é igual à potência total do sinal analógico.

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 8

Como $\Phi_{xx}(e^{j\omega})$ é limitado em frequência a $|\omega| < \pi/M$,

$$\begin{aligned}\Phi_{x_{da}x_{da}}(e^{j\omega}) &= \frac{1}{M} \sum_{k=0}^{M-1} \Phi_{xx}(e^{j(\omega-2\pi k)/M}) \\ &= \frac{1}{M} \Phi_{xx}(e^{j\omega/M})\end{aligned}\tag{96}$$

A potência total da saída $x_{da}[n]$ é

$$\begin{aligned}\varepsilon\{x_{da}^2[n]\} &= \frac{1}{2\pi} \int_{-\pi}^{\pi} \Phi_{x_{da}x_{da}}(e^{j\omega}) d\omega = \frac{1}{2\pi} \int_{-\pi}^{\pi} \frac{1}{M} \Phi_{xx}(e^{j\omega/M}) d\omega \\ &= \frac{1}{2\pi} \int_{-\pi/M}^{\pi/M} \Phi_{xx}(e^{j\omega}) d\omega = \varepsilon\{x^2[n]\}.\end{aligned}\tag{97}$$

A potência total da componente de sinal permanece a mesma enquanto atravessa todo o sistema.

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 9

Considere agora a componente de ruído gerada pela quantização. Vamos assumir que $e[n]$ é ruído branco, estacionário no sentido amplo, e com variância

$$\sigma_e^2 = \frac{\Delta^2}{12}. \quad (98)$$

Consequentemente, a função de autocorrelação e densidade espectral de potência de $e[n]$ são dadas, respectivamente, por

$$\phi_{ee}[m] = \sigma_e^2 \delta[m] \quad (99)$$

e

$$\Phi_{ee}(e^{j\omega}) = \sigma_e^2 \quad |\omega| < \pi. \quad (100)$$

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 10

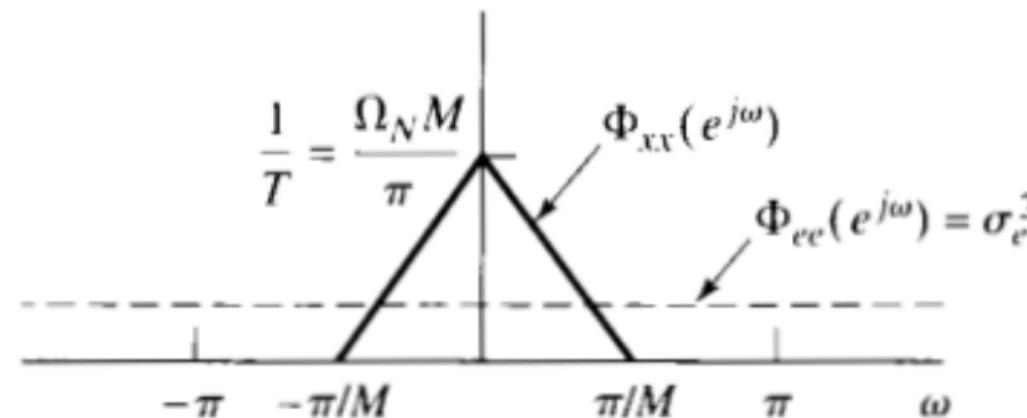


Figura 35: Densidade espectral de potência do sinal e do ruído (Oppenheim, 2009).

À medida que a taxa de sobre amostragem M aumenta, menor será a parte do espectro do ruído de quantização que se sobreporá ao espectro do sinal.

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 11

O filtro passa-baixas ideal remove o ruído de quantização na banda $\pi/M < |\omega| \leq \pi$, enquanto deixa a componente de sinal inalterada. A potência do ruído na saída do filtro será

$$\varepsilon\{e^2[n]\} = \frac{1}{2\pi} \int_{-\pi/M}^{\pi/M} \sigma_e^2 d\omega = \frac{\sigma_e^2}{M}. \quad (101)$$

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 12

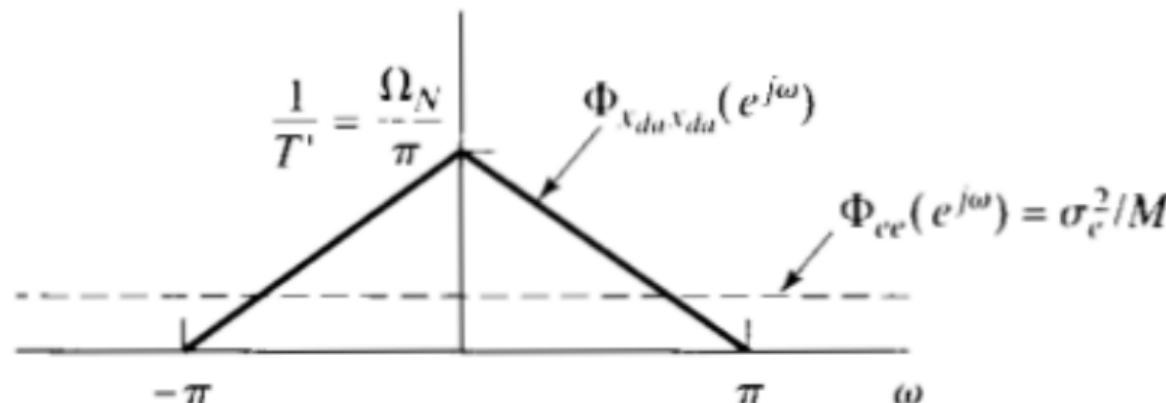


Figura 36: Densidades espectrais de potência do sinal e ruído, após a decimação (Oppenheim, 2009).

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 13

$$\varepsilon\{x_{de}^2\} = \frac{1}{2\pi} \int_{-\pi}^{\pi} \frac{\sigma_e^2}{M} d\omega = \frac{\sigma_e^2}{M} = \frac{\Delta^2}{12M}. \quad (102)$$

A potência do ruído de quantização $\varepsilon\{x_{de}^2[n]\}$ reduziu por um fator M através do filtro e decimação, enquanto a potência do sinal permaneceu inalterada.

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 14

Utilizando Equações (102) e (60) ($\Delta = X_m/2^B$), para uma dada potência de ruído de quantização, existe claramente uma relação de compromisso entre o fator de sobre-amostragem M e o passo de quantização Δ .

$$\varepsilon\{x_{de}^2[n]\} = \frac{1}{12M} \left(\frac{X_m}{2^B}\right)^2. \quad (103)$$

Fixando o quantizador, a potência do ruído pode ser diminuída aumentando o fator de sobre-amostragem M .

Conversão A/D com sobre-amostragem e quantização direta 15

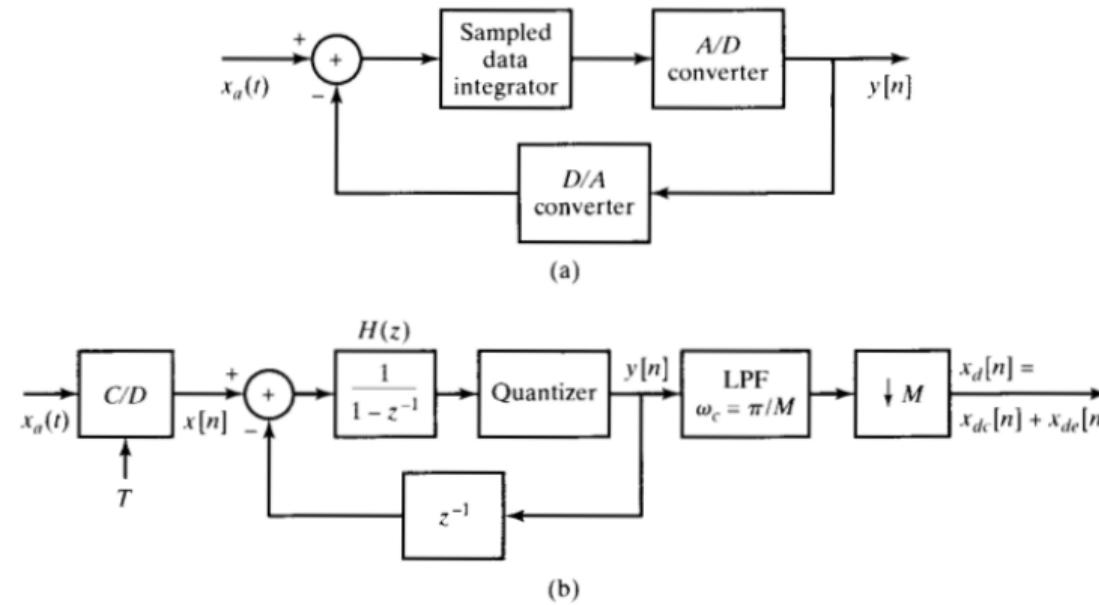
Pela Equação (103), fixando a potência do ruído de quantização $P_{de} = \varepsilon\{x_{de}^2[n]\}$,

$$B = -\frac{1}{2} \log_2 M - \frac{1}{2} \log_2 12 - \frac{1}{2} \log_2 P_{de} + \log_2 X_m. \quad (104)$$

Para cada vez que dobrarmos o fator de sobre-amostragem M , precisaremos de 1/2 bit a menos para obter a mesma relação sinal-ruído-de-quantização (para $M = 4$ podemos utilizar um bit a menos e obter a mesma acurácia na representação do sinal).

Conversão A/D com *Noise Shaping*

O objetivo em da técnica de *noise shaping* é modificar a conversão A/D para que a densidade espectral de potência do ruído de quantização não seja uniforme, de forma que a maior parte de sua potência fique fora da faixa $|\omega| < \pi/M$.

Conversão A/D com *Noise Shaping*Figura 37: Sistema para conversão A/D com *oversampling* e *Noise Shaping* (Oppenheim, 2009).

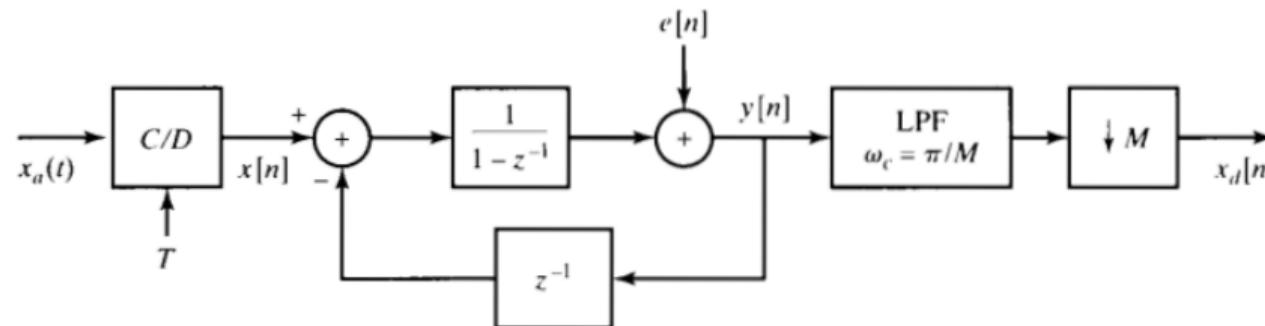
Conversão A/D com *Noise Shaping* 2

Figura 38: Modelo de ruído aditivo (Oppenheim, 2009).

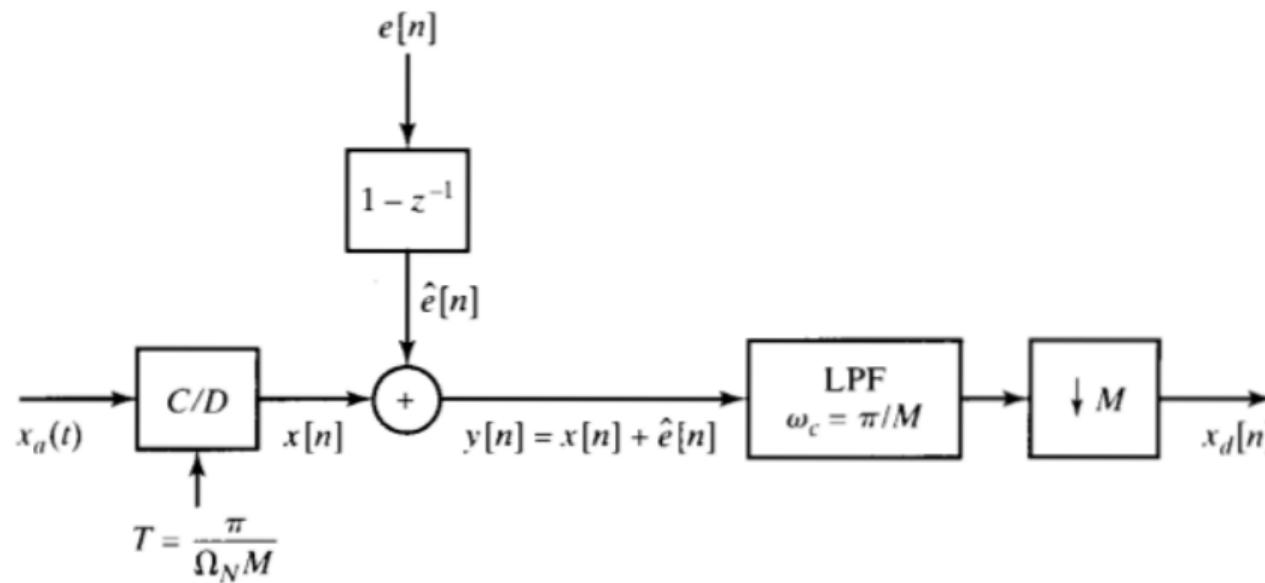
Conversão A/D com *Noise Shaping* 3

Figura 39: Simplificação (Oppenheim, 2009).

Conversão A/D com *Noise Shaping* 4

Sejam $H_x(z)$ a função de transferência de $x[n]$ para $y[n]$ e $H_e(z)$ a função de $e[n]$ para $y[n]$.

$$H_x(z) = 1 \quad (105)$$

$$H_e(z) = (1 - z^{-1}). \quad (106)$$

Consequently

$$y_x[n] = x[n] \quad (107)$$

$$\hat{e}[n] = e[n] - e[n - 1] \quad (108)$$

A saída $y[n]$ poderá ser representada por

$$y[n] = x[n] + \hat{e}[n] \quad (109)$$

Conversão A/D com *Noise Shaping* 5

A densidade espectral de potência do ruído de quantização $\hat{e}[n]$ presente em $y[n]$ é

$$\begin{aligned}\Phi_{\hat{e}\hat{e}}(e^{j\omega}) &= \sigma_e^2 |H_e(e^{j\omega})|^2 \\ &= \sigma_e^2 [2 \sin(\omega/2)]^2.\end{aligned}\quad (110)$$

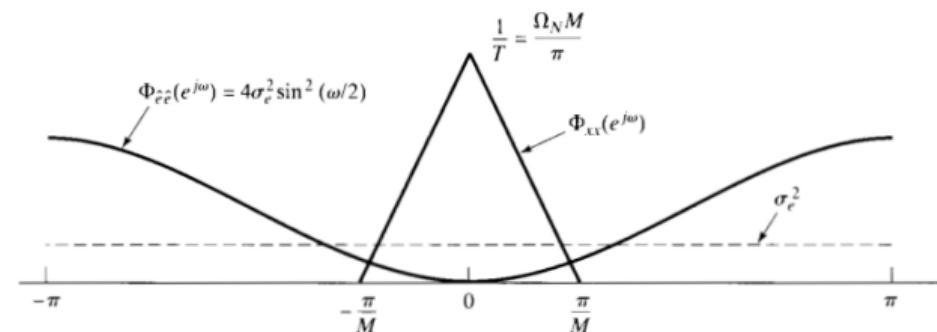


Figura 40: Densidade espectral de potência do ruído de quantização com *noise shaping* (Oppenheim, 2009).

Conversão A/D com *Noise Shaping* 6

Densidade espectral de potência após do *downsampling*.

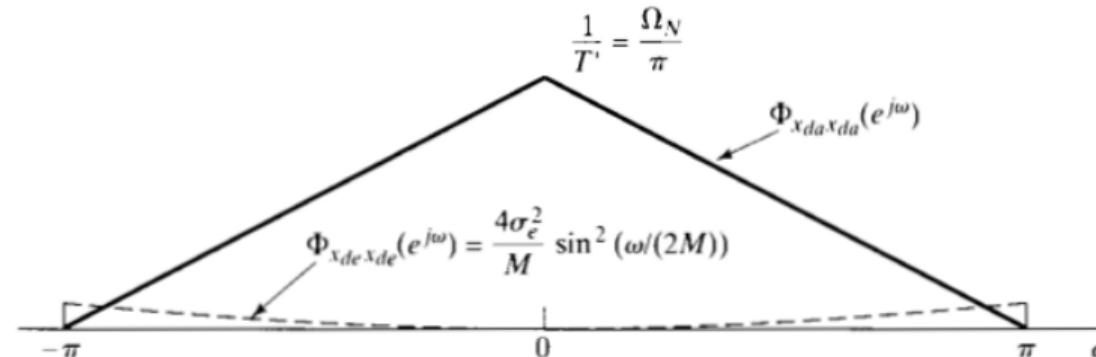


Figura 41: Densidade espectral de potência final (Oppenheim, 2009).

Conversão A/D com *Noise Shaping* 7

A potência do sinal $x_{da}[n]$ é

$$P_{da} = \varepsilon\{x_{da}^2[n]\} = \varepsilon\{x^2[n]\} = \varepsilon\{x_a^2(t)\}. \quad (111)$$

A potência do ruído de quantização final na saída é

$$P_{de} = \frac{1}{2\pi} \int_{-\pi}^{\pi} \Phi_{x_{de}x_{de}}(e^{j\omega}) d\omega = \frac{1}{2\pi} \frac{\Delta^2}{12M} \int_{-\pi}^{\pi} \left(2 \sin\left(\frac{\omega}{2M}\right)\right)^2 d\omega \quad (112)$$

Podemos assumir que M é suficientemente grande e assim

$$\sin\left(\frac{\omega}{2M}\right) \approx \frac{\omega}{2M}, \quad (113)$$

Assim, poderemos considerar

$$P_{de} = \frac{1}{36} \frac{\Delta^2 \pi^2}{M^3}. \quad (114)$$

Conversão A/D com *Noise Shaping* 8

Usando Equação (114), teremos uma relação de compromisso entre o fator de sobre-amostragem M e o tamanho do passo de quantização Δ .

Para obter uma determinada potência P_{de} devemos ter

$$B = -\frac{3}{2} \log_2 M + \log_2(\pi/6) - \frac{1}{2} \log_2 P_{de} + \log_2 X_m. \quad (115)$$

Conversão A/D com *Noise Shaping* 9

TABLE 4.1 EQUIVALENT SAVINGS IN QUANTIZER BITS RELATIVE TO $M = 1$ FOR DIRECT QUANTIZATION AND FIRST-ORDER NOISE SHAPING

M	Direct quantization	Noise shaping
4	1	2.2
8	1.5	3.7
16	2	5.1
32	2.5	6.6
64	3	8.1

Figura 42: Economia de bits (Oppenheim, 2009).

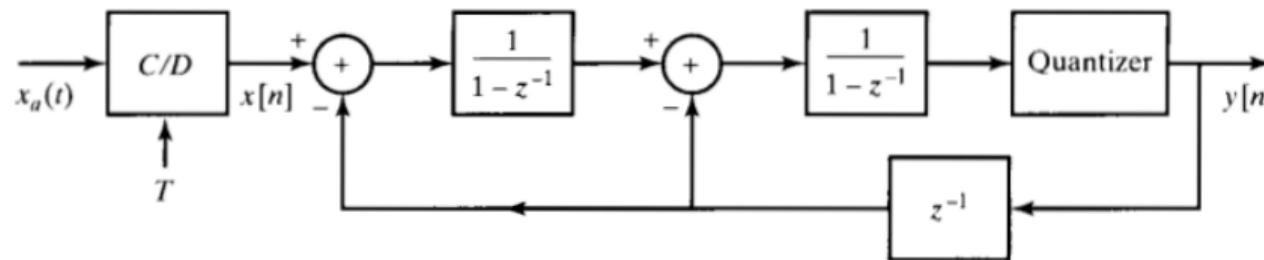
Conversão A/D com *Noise Shaping* 10

Figura 43: Estratégia incorporando um segundo estágio (Oppenheim, 2009).

Conversão A/D com *Noise Shaping* 11

Utilizando um segundo estágio ($p = 2$), a função de transferência será da forma

$$H_e(z) = (1 - z^{-1})^2, \quad (116)$$

e a densidade espectral de potência na saída em $y[n]$ será

$$\Phi_{\hat{e}\hat{e}}(e^{j\omega}) = \sigma_e^2 [2 \sin(\omega/2)]^4. \quad (117)$$

De forma geral, para p estágios, teremos

$$\Phi_{\hat{e}\hat{e}}(e^{j\omega}) = \sigma_e^2 [2 \sin(\omega/2)]^{2p}. \quad (118)$$

Conversão A/D com *Noise Shaping* 12

**TABLE 4.2 REDUCTION IN QUANTIZER
BITS AS ORDER p OF NOISE SHAPING**

Quantizer order p	Oversampling factor M				
	4	8	16	32	64
0	1.0	1.5	2.0	2.5	3.0
1	2.2	3.7	5.1	6.6	8.1
2	2.9	5.4	7.9	10.4	12.9
3	3.5	7.0	10.5	14.0	17.5
4	4.1	8.5	13.0	17.5	22.0
5	4.6	10.0	15.5	21.0	26.5

Figura 44: Redução no número de bits no quantizador para diferentes configurações (Oppenheim, 2009).

Oversampling e Noise Shaping na Conversão D/A

A técnica de *Oversampling* e *Noise Shaping* pode ser utilizada na conversão D/A quando utiliza-se um conversor D/A mais simples, com menos bits.

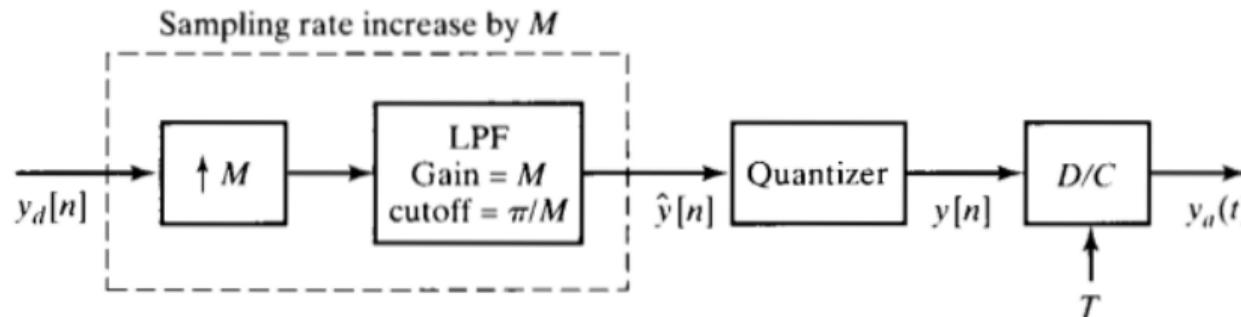


Figura 45: Utilização do *oversampling* com um conversor D/A simples (Oppenheim, 2009).

Oversampling e Noise Shaping na Conversão D/A 2

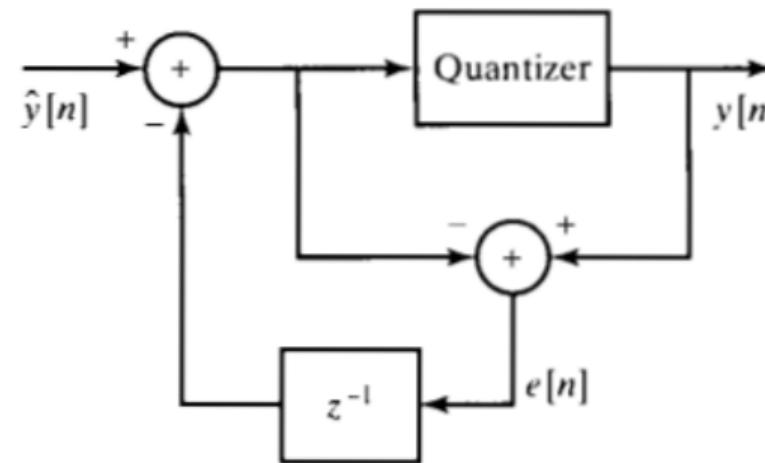


Figura 46: Sistema de *noise shaping* de primeira ordem (Oppenheim, 2009).

Oversampling e Noise Shaping na Conversão D/A 3

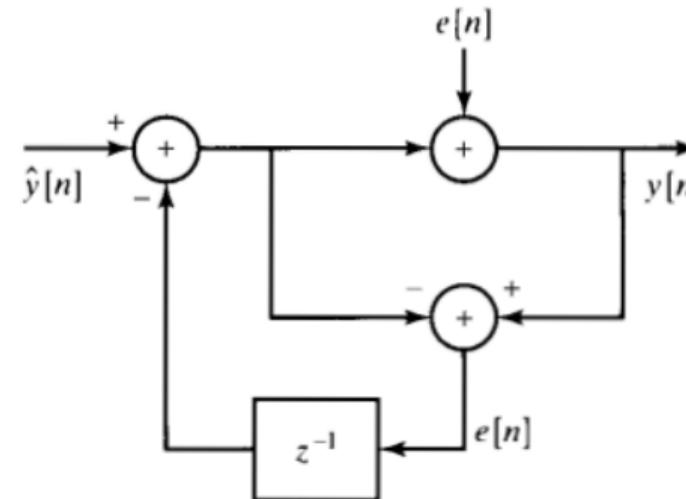


Figura 47: Modelo de ruído aditivo para o quantizador (Oppenheim, 2009).

Oversampling e Noise Shaping na Conversão D/A 4

A função de transferência de $\hat{y}[n]$ para $y[n]$ é $H_y(z) = 1$ e a função $H_e(z)$, de $e[n]$ para $y[n]$, é $H_e(z) = 1 - z^{-1}$.

A densidade espectral de potência, na saída, da componente relativa ao ruído de quantização $\hat{e}[n]$ será

$$\Phi_{\hat{e}\hat{e}}(e^{j\omega}) = \sigma_e^2 (2 \sin \omega/2)^2, \quad (119)$$

onde $\sigma_e^2 = \Delta^2/12$.

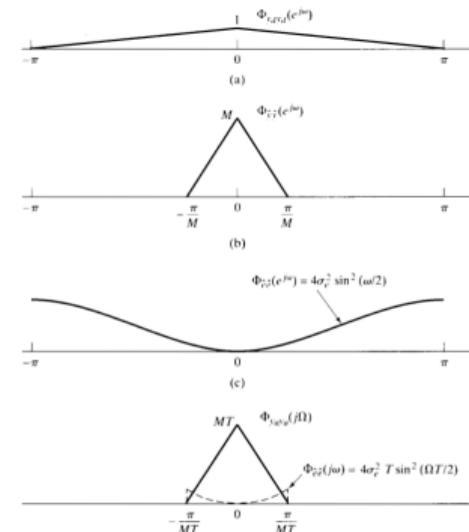
Oversampling e Noise Shaping na Conversão D/A 5

Figura 48: Densidade espectral de potência do sinal e ruído de quantização, na saída (Oppenheim, 2009).

Oversampling e Noise Shaping na Conversão D/A 6

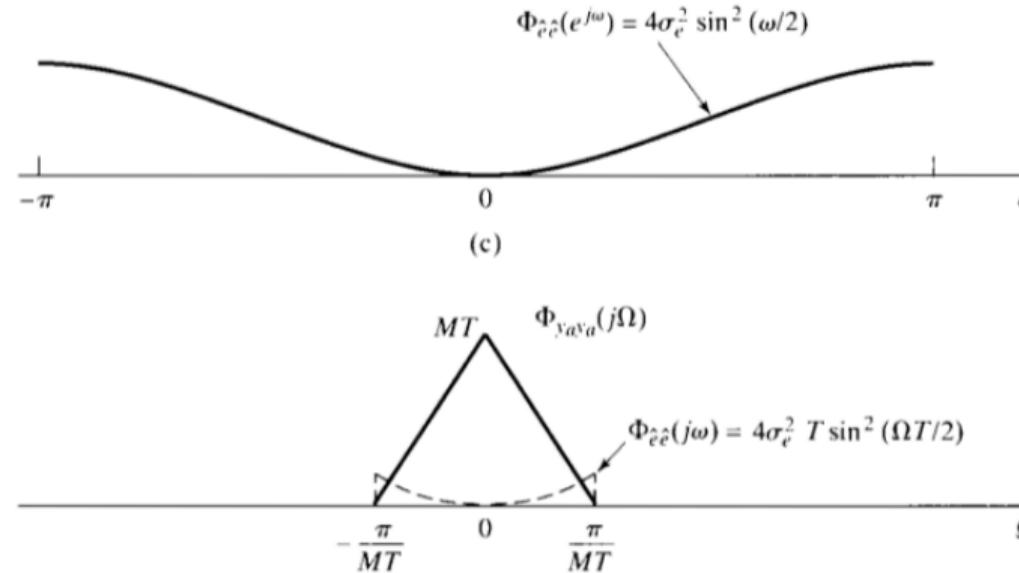


Figura 49: Detalhe: densidade espectral de potência do ruído de quantização, na saída (Oppenheim, 2009).

Oversampling e Noise Shaping na Conversão D/A 7

Aplicando a técnica em multi-estágio, podemos obter na saída um espectro da forma

$$\Phi_{\hat{e}\hat{e}}(e^{j\omega}) = \sigma_e^2 (2 \sin \omega/2)^{2p}, \quad (120)$$

empurando ainda mais o ruído para altas frequências, podendo assim relaxar as condições sobre o filtro de reconstrução.

Mudança de frequência de amostragem

Mudança da Frequência de Amostragem

Muitas vezes é necessário mudar a frequência de amostragem de um sinal

- ▶ downsample / decimate
- ▶ upsample / zero pad
- ▶ reamostragem
- ▶ fatores inteiros / racionais
- ▶ interpolação

Representação de um sinal contínuo através de um sinal discreto (sequencia de amostras).

$$x[n] = x_c(nT) \quad (121)$$

Muitas vezes é necessário alterar a frequência de amostragem de um sinal.

$$x'[n] = x_c(nT') \quad (122)$$

onde $T' \neq T$

Embora seja sempre possível reconstruir um sinal contínuo limitado em frequência e realizar uma nova amostragem deste sinal, queremos um processamento puramente discreto.

Downsample por um fator inteiro

Podemos reduzir a frequência de amostragem de uma sequência 'amostrando'-a e assim gerando uma nova sequência.

Reducir a frequência de amostragem por um fator M

$$x_d[n] = x[nM] = x_c(nMT) \quad (123)$$

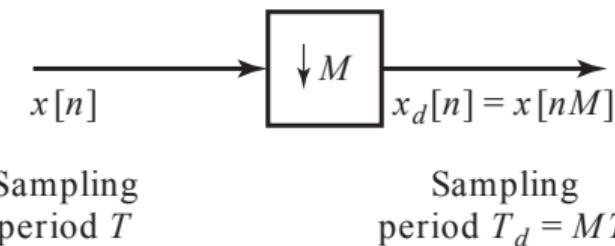


Figura 50: Representação de um compressor ou amostrador discreto. (Oppenheim, 2009).

Downsample por um fator inteiro 2

A transformada discreta de Fourier de $x[n] = x_c(nT)$ é

$$X(e^{j\omega}) = \frac{1}{T} \sum_{k=-\infty}^{\infty} X_c \left(j \left(\frac{\omega}{T} - \frac{2\pi k}{T} \right) \right). \quad (124)$$

A transformada discreta de Fourier de $x_d[n] = x[nM] = x_c(nT')$, onde $T' = MT$, é

$$X_d(e^{j\omega}) = \frac{1}{T'} \sum_{k=-\infty}^{\infty} X_c \left(j \left(\frac{\omega}{T'} - \frac{2\pi k}{T'} \right) \right) \quad (125)$$

$$= \frac{1}{MT} \sum_{k=-\infty}^{\infty} X_c \left(j \left(\frac{\omega}{MT} - \frac{2\pi k}{MT} \right) \right) \quad (126)$$

Downsample por um fator inteiro 3

Podemos fazer o índice do somatório da seguinte forma

$$r = i + kM \quad (127)$$

onde k e i são inteiros tais que $-\infty < k < \infty$ e $0 \leq i \leq M - 1$. Podemos assim reescrever a equação anterior na seguinte forma:

$$X_d(e^{j\omega}) = \frac{1}{M} \sum_{i=0}^{M-1} \left[\frac{1}{T} \sum_{k=-\infty}^{\infty} X_c \left(j \left(\frac{\omega}{MT} - \frac{2\pi k}{T} - \frac{2\pi i}{MT} \right) \right) \right] \quad (128)$$

$$= \frac{1}{M} \sum_{i=0}^{M-1} X \left(e^{j(\omega - 2\pi i)/M} \right). \quad (129)$$

Teremos M cópias de $X(e^{j\omega})$ dilatadas por um fator M e transladadas por $2\pi i/M$.

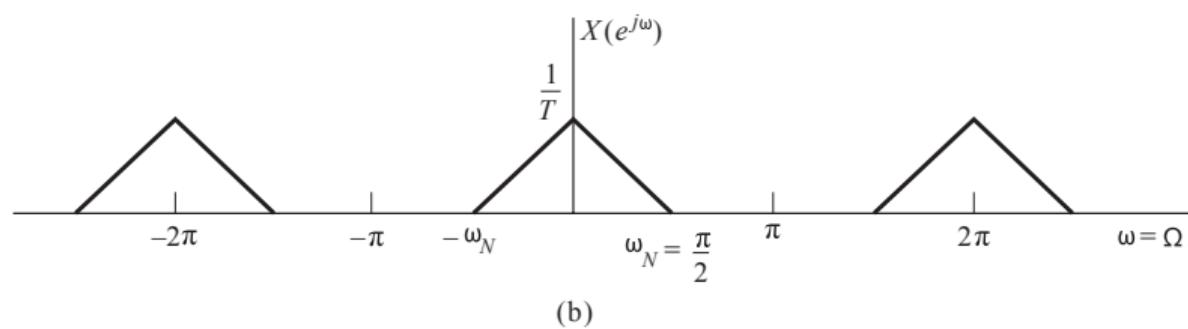
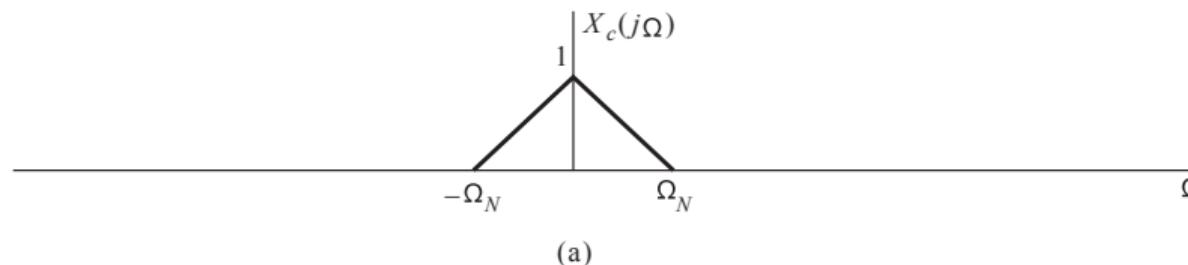
Downsample por um fator inteiro 4

Não haverá *aliasing* se $X(e^{j\omega})$ for limitado em frequência

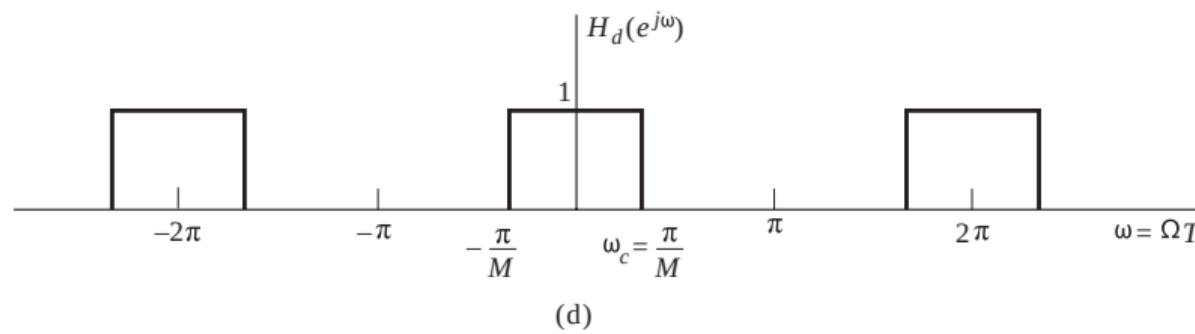
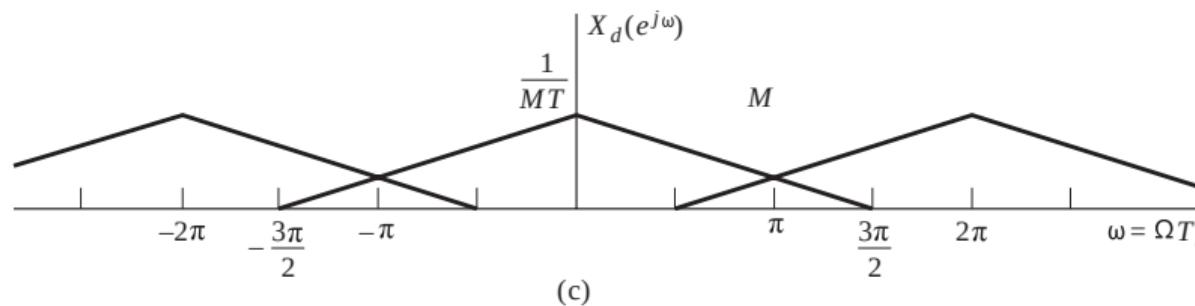
$$X(e^{j\omega}) = 0, \quad \omega_N \leq |\omega| \leq \pi, \quad (130)$$

e $2\pi/M \geq 2\omega_N$.

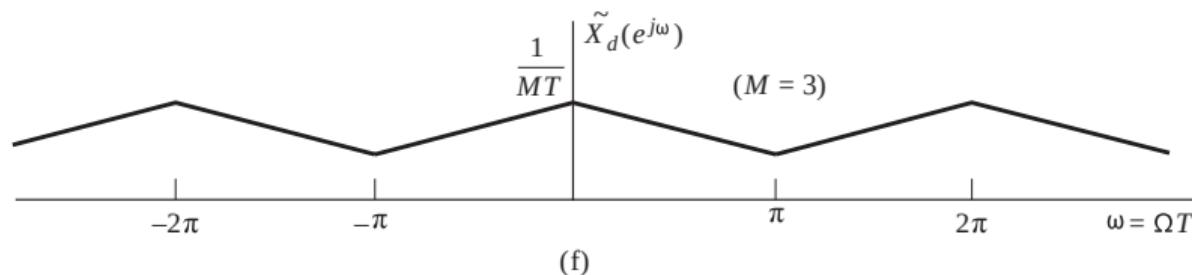
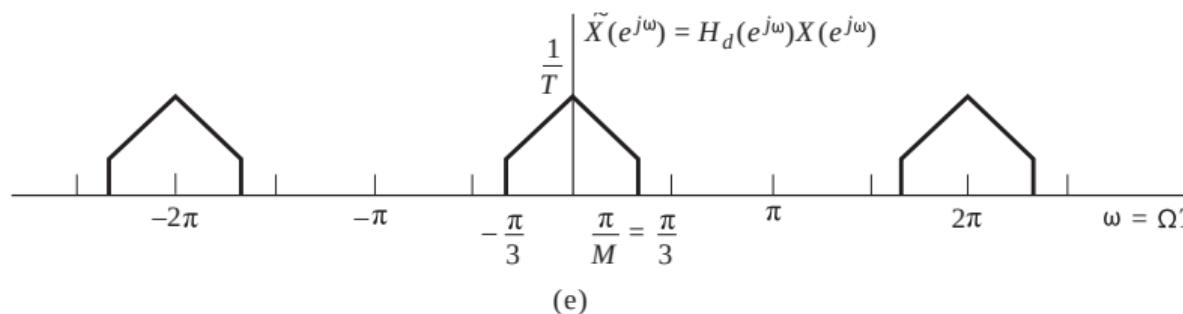
Downsample por um fator inteiro 5



Downsample por um fator inteiro 6



Downsample por um fator inteiro 7



Downsample por um fator inteiro 8

De forma geral, para evitar *aliasing* ao realizar um *downsample* por um fator M é necessário que

$$\omega_N M \leq \pi \quad \text{ou} \quad \omega_N \leq \pi/M. \quad (131)$$

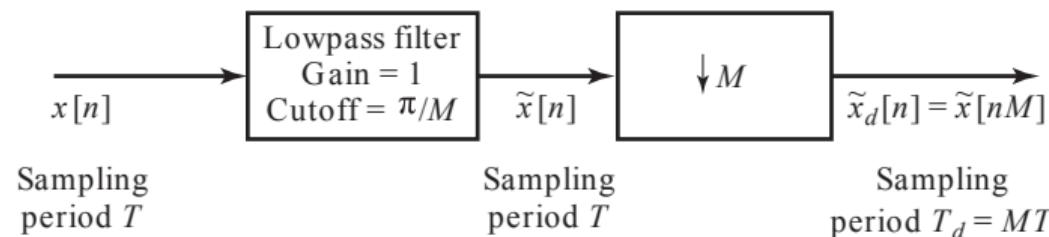


Figura 51: Sistema geral para redução da frequência de amostragem por um fator M . (Oppenheim, 2009).

upsample por um fator inteiro

Considere o sinal $x[n]$ o qual queremos aumentar a frequência de amostragem por um fator L . Vamos considerar o sinal contínuo subjacente $x_c(t)$. O objetivo é obter as amostras

$$x_i[n] = x_c(nT') \quad (132)$$

onde $T' = T/L$, a partir das amostras

$$x[n] = x_c(nT.) \quad (133)$$

Das equações acima, segue que

$$x_i[n] = x[n/L] = x_c(nT/L), \quad 0, \pm L, \pm 2L, \dots \quad (134)$$

upsample por um fator inteiro 2

Sistema para aumentar a frequência de amostragem por um fator L .

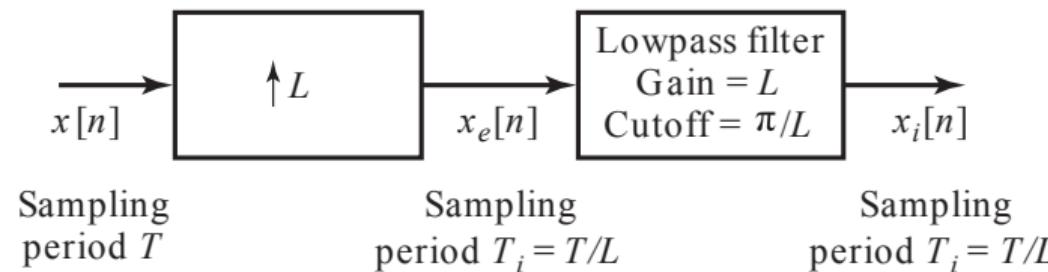


Figura 52: Sistema geral para aumentar a frequência de amostragem por um fator L . (Oppenheim, 2009).

upsample por um fator inteiro 3

O sistema da esquerda é chamado expansor. Sua saída será

$$x_e[n] = \begin{cases} x[n/L], & n = 0, \pm L, \pm 2L, \dots \\ 0, & \text{caso contrário,} \end{cases} \quad (135)$$

ou de forma equivalente,

$$x_e[n] = \sum_{k=-\infty}^{\infty} x[k] \delta[n - kL]. \quad (136)$$

A transformada de Fourier de $x_e[n]$ pode ser expressa como

$$X_e(e^{j\omega}) = \sum_{n=-\infty}^{\infty} \left(\sum_{k=-\infty}^{\infty} x[k] \delta[n - kL] \right) e^{-j\omega n} \quad (137)$$

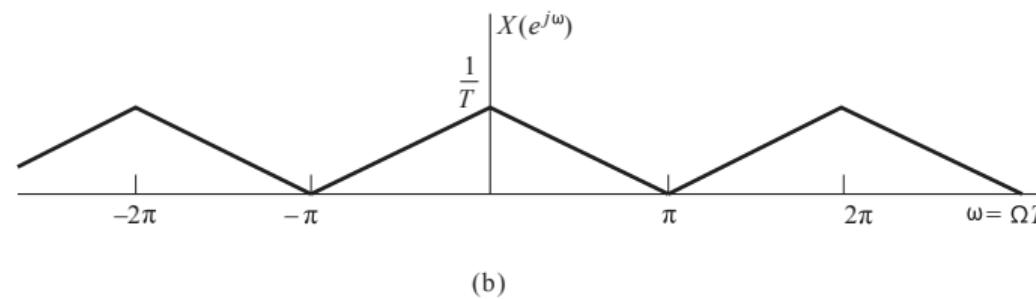
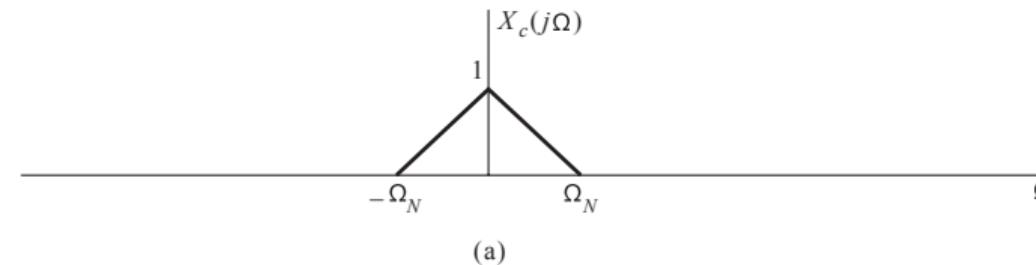
$$= \sum_{k=-\infty}^{\infty} x[k] e^{-j\omega Lk} = X(e^{j\omega L}) \quad (138)$$

upsample por um fator inteiro 4

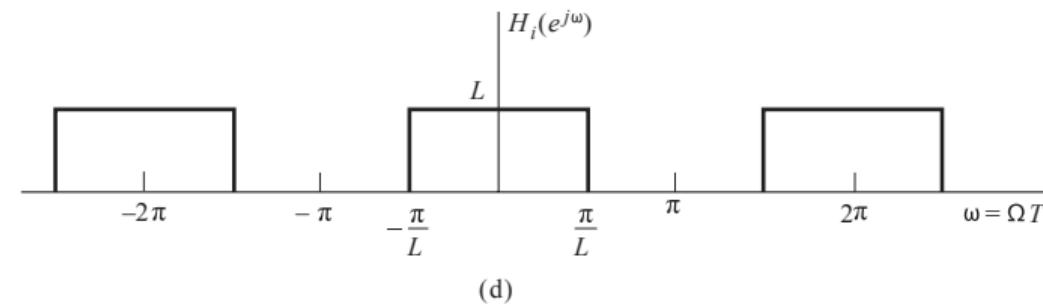
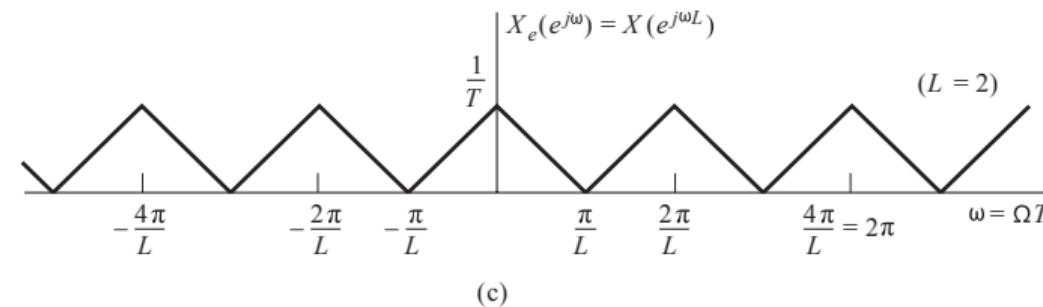
Ou seja, $X_e(e^{j\omega})$ é obtido através de $X(e^{j\omega})$ por uma compressão de fator L .

$X_i(e^{j\omega})$ pode ser obtido a partir de $X_e(e^{j\omega})$ realizando a correção da amplitude de $1/T$ para $1/T'$ e removendo todas as réplicas escalonadas de $X_c(j\Omega)$, exceto aquelas nos múltiplos de 2π .

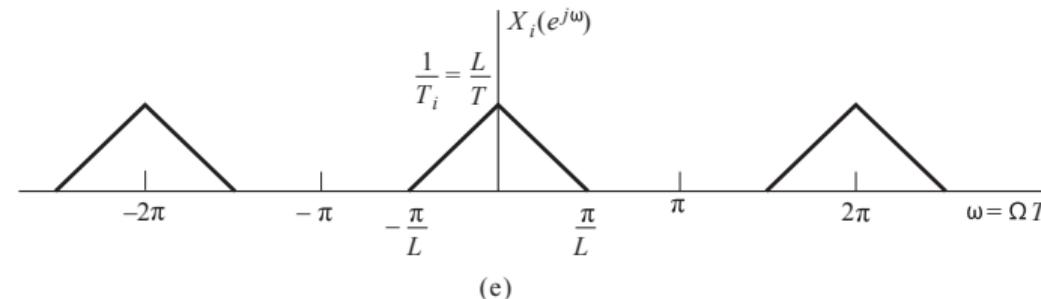
upsample por um fator inteiro 5



upsample por um fator inteiro 6



upsample por um fator inteiro 7



O interpolador será um filtro passa-baixas com frequência de corte π/L e ganho L . Sua resposta ao impulso será

$$h_i[n] = \frac{\sin(\pi n/L)}{\pi n/L}. \quad (139)$$

Obteremos então

$$x_i[n] = \sum_{k=-\infty}^{\infty} x[k] \frac{\sin[\pi(n - kL)/L]}{\pi(n - kL)/L} \quad (140)$$

upsample por um fator inteiro 8

Note que $h_i[n]$ possui as seguintes propriedades

$$h_i[0] = 1, \quad (141)$$

$$h_i[n] = 0, \quad n = \pm L, \pm 2L, \dots \quad (142)$$

Teremos assim

$$x_i[n] = x[n/L] = x_c(nT/L) = x_c(nT'), \quad n = 0, \pm L, \pm 2L, \dots \quad (143)$$

Interpolador Linear

Apenas a título de comparação, vamos analisar um outro interpolador muito comum: o interpolador linear.

Resposta ao impulso de um interpolador linear:

$$h_{\text{lin}} = \begin{cases} 1 - |n|/L, & |n| \leq L, \\ 0, & \text{caso contrário.} \end{cases} \quad (144)$$

A saída do filtro interpolador será

$$x_{\text{lin}}[n] = \sum_{k=n-L+1}^{n+L-1} x_e[k] h_{\text{lin}}[n-k]. \quad (145)$$

onde $x_e[n]$ é a saída de um *upsample* por um fator L . Note que as amostras originais são preservadas pois $h_{\text{lin}}[0] = 1$ e $h_{\text{lin}}[n] = 0$ para $|n| \geq L$.

Interpolador Linear 2

A resposta em frequência do interpolador linear é dada por

$$H_{\text{lin}}(e^{j\omega}) = \frac{1}{L} \left[\frac{\sin(\omega L/2)}{\sin(\omega/2)} \right]^2. \quad (146)$$

Interpolador Linear 3

Para $L = 5$ teremos o seguinte exemplo.

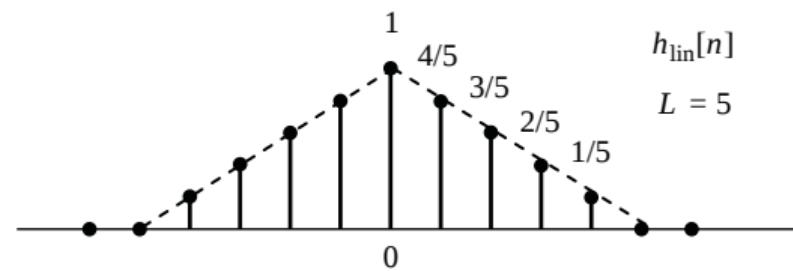
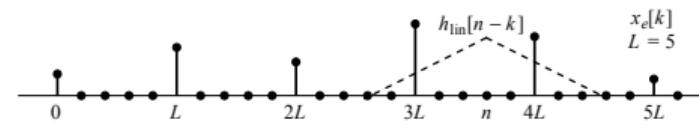
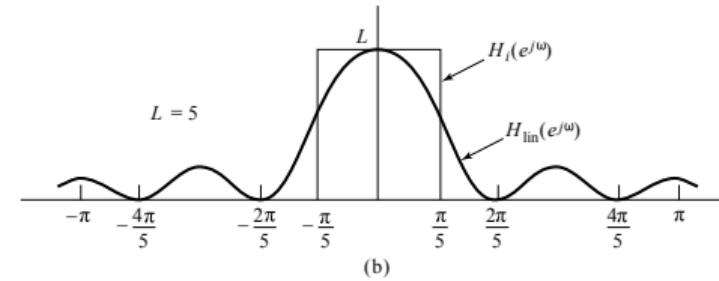
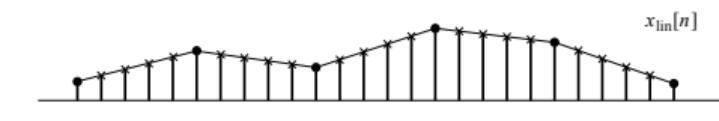


Figura 53: Resposta ao impulso do interpolador linear com $L = 5$. (Oppenheim, 2009).

Interpolador Linear 4



(a)



(b)

Figura 54: Filtragem com o interpolador linear e sua resposta em frequência. (Oppenheim, 2009).

Mudança da frequência de amostragem por um fator não inteiro

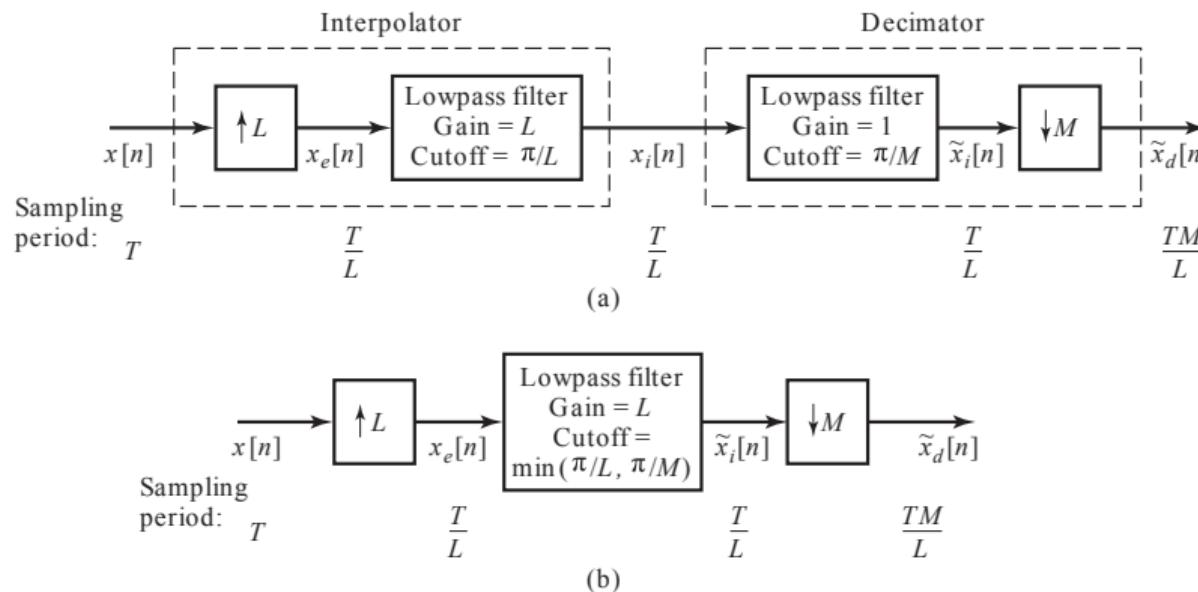


Figura 55: Sistema para mudar a frequência de amostragem por um fator não inteiro. (Oppenheim, 2009).

Mudança da frequência de amostragem por um fator não inteiro 2

Exemplo (Mudança da frequência de amostragem por um fator não inteiro)

Suponha um sinal $X_c(j\Omega)$ limitado em frequência, conforme ilustrado. Este sinal é amostrado à taxa de Nyquist, $2\pi/T = 2\Omega_N$. A DTFT resultante é

$$X(e^{j\omega}) = \frac{1}{T} \sum_{k=-\infty}^{\infty} X_c \left(j \left(\frac{\omega}{T} - \frac{2\pi k}{T} \right) \right) \quad (147)$$

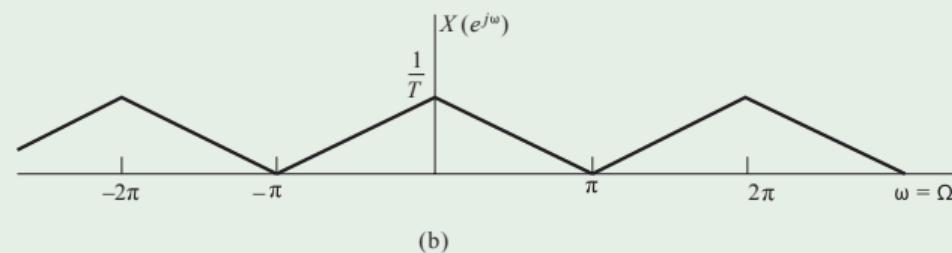
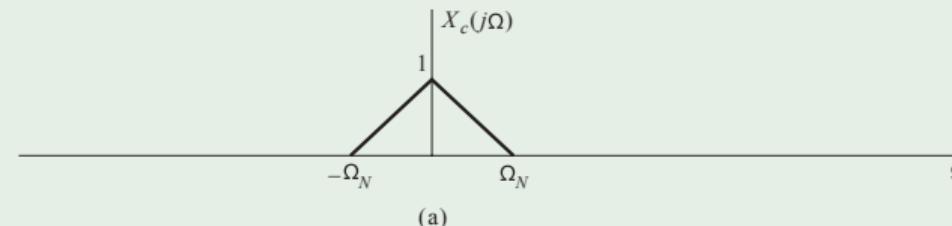
também ilustrado abaixo. Para mudar o período de amostragem para $(3/2)T$, iremos primeiramente interpolar por um fator $L = 2$ e depois decimar por um fator $M = 3$.

...

Mudança da frequência de amostragem por um fator não inteiro 3

Exemplo (Mudança da frequência de amostragem por um fator não inteiro)

continuação...

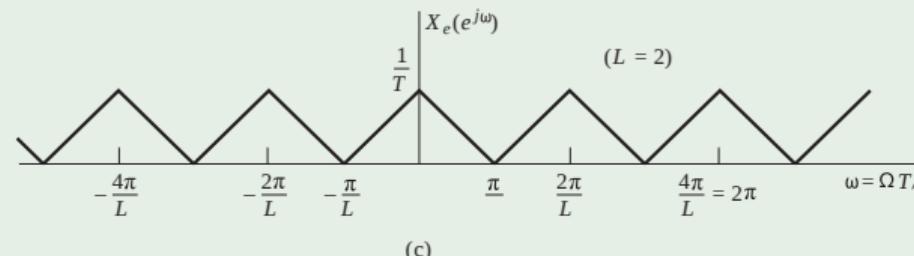


...

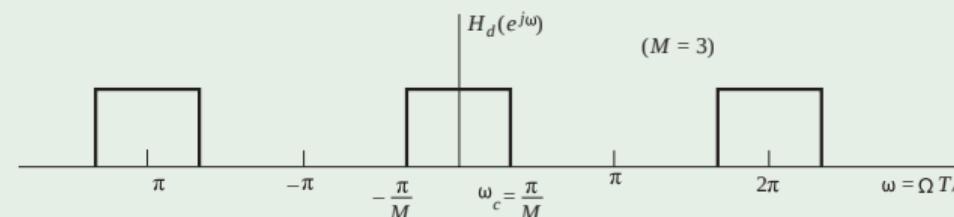
Mudança da frequência de amostragem por um fator não inteiro 4

Exemplo (Mudança da frequência de amostragem por um fator não inteiro)

continuação...



(c)

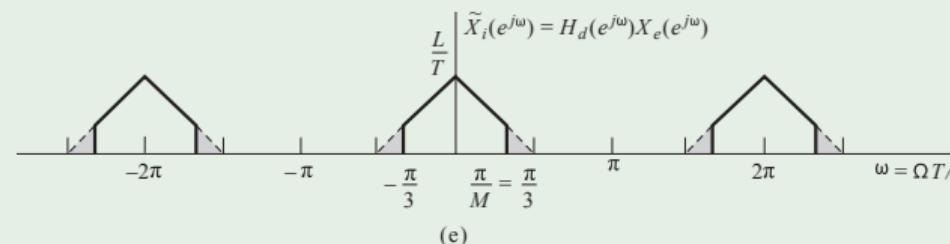


...

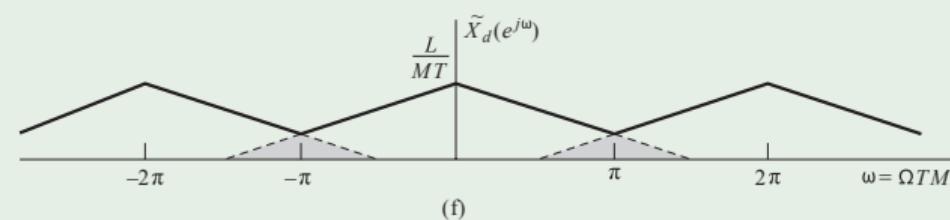
Mudança da frequência de amostragem por um fator não inteiro 5

Exemplo (Mudança da frequência de amostragem por um fator não inteiro)

continuação...



(e)



(f)

Resample

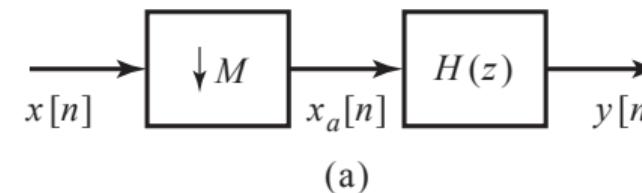


<https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/resample.ipynb>

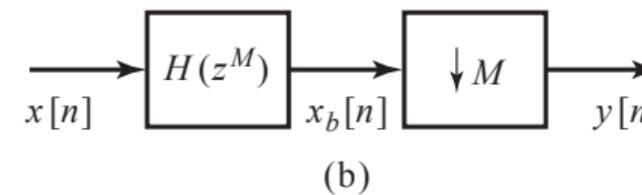
Processamento Multi-taxa de Sinais

O processamento de sinais a multi-taxis refere-se à utilização de *upsampling*, *downsampling*, compressores e expansores em uma variedade de maneiras para aumentar a eficiência do sistema de processamento de sinais.

Intercâmbio entre filtro e downsampling/upsampling



(a)



(b)

Figura 56: Dois sistemas equivalentes, com base nas identidades do *downsample*. (Oppenheim, 2009).

Intercâmbio entre filtro e downsampling/upsampling 2

Analizando o sistema (b) temos:

$$X_b(e^{j\omega}) = H(e^{j\omega M})X(e^{j\omega}) \quad (148)$$

e

$$Y(e^{j\omega}) = \frac{1}{M} \sum_{i=0}^{M-1} X_b \left(e^{j(\omega/M - 2\pi i/M)} \right). \quad (149)$$

logo

$$Y(e^{j\omega}) = \frac{1}{M} \sum_{i=0}^{M-1} X \left(e^{j(\omega/M - 2\pi i/M)} \right) H \left(e^{j(\omega - 2\pi i)} \right). \quad (150)$$

Intercâmbio entre filtro e downsampling/upsampling 3

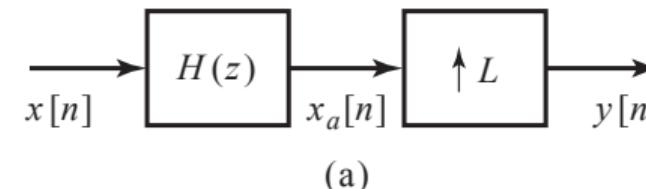
Como $H(e^{j(\omega-2\pi i)}) = H(e^{j\omega})$, poderemos simplificar, ficando

$$Y(e^{j\omega}) = H(e^{j\omega}) \frac{1}{M} \sum_{i=0}^{M-1} X\left(e^{j(\omega/M-2\pi i/M)}\right) \quad (151)$$

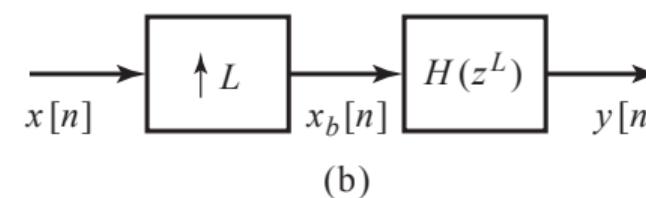
$$= H(e^{j\omega})X_a(e^{j\omega}), \quad (152)$$

o que corresponde ao sistema (a) da figura.

Intercâmbio entre filtro e downsampling/upsampling 4



(a)



(b)

Figura 57: Dois sistemas equivalentes, com base nas identidades do *upsample*. (Oppenheim, 2009).

Intercâmbio entre filtro e downsampling/upsampling 5

$$Y(e^{j\omega}) = X_a(e^{j\omega L}) \quad (153)$$

$$= X(e^{j\omega L})H(e^{j\omega L}) \quad (154)$$

$$X_b(e^{j\omega}) = X(e^{j\omega L}) \quad (155)$$

$$Y(e^{j\omega}) = H(e^{j\omega L})X_b(e^{j\omega}) \quad (156)$$

Decimação e Interpolação com múltiplos estágios

Quando a decimação e interpolação envolvem fatores grandes, utiliza-se filtros com resposta ao impulso longa. É possível reduzir significativamente o custo computacional utilizando múltiplos estágios.

Decimação e Interpolação com múltiplos estágios 2

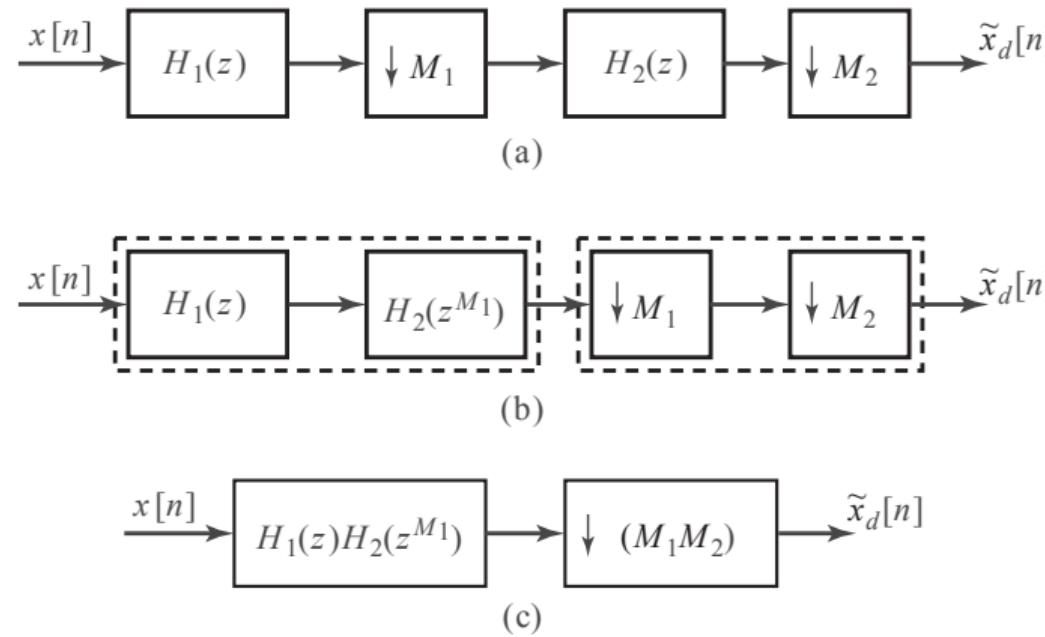


Figura 58: Decimação em múltiplos estágios. (Oppenheim, 2009).

Decimação e Interpolação com múltiplos estágios 3

O fator final de decimação é $M = M_1 M_2$. Para realizar a decimação pelo fator M seria necessário um filtro com frequência de corte $\pi/M = \pi/(M_1 M_2)$. Este filtro é bem mais estreito que os filtros $H_1(z)$ e $H_2(z)$ com frequência de corte π/M_1 e π/M_2 , respectivamente. Filtros com banda mais estreita requerem sistemas de ordem maior para obter transição mais abrupta. Desta forma, a implementação em dois estágios será mais eficiente.

Decimação e Interpolação com múltiplos estágios 4

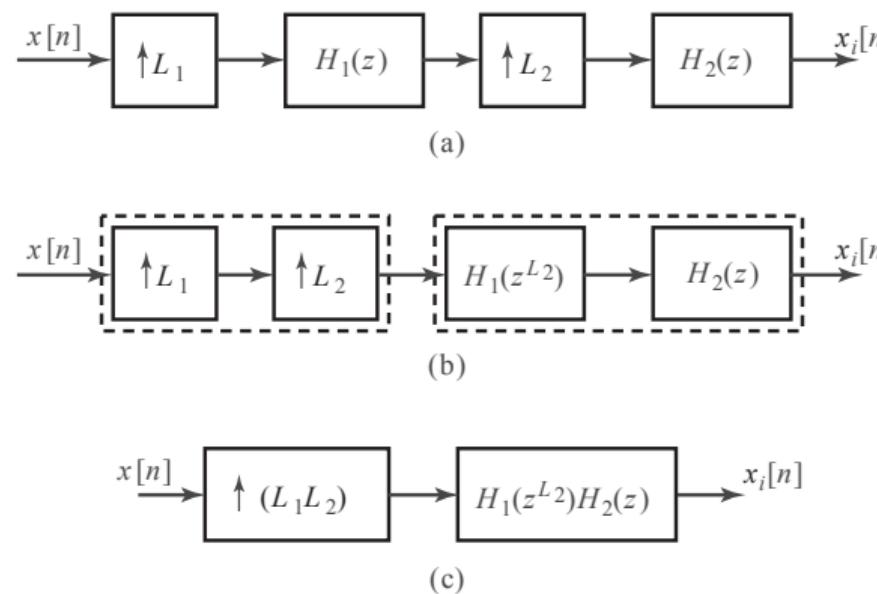


Figura 59: Interpolação em múltiplos estágios. (Oppenheim, 2009).

Decomposição Polifásica

A resposta ao impulso $h[n]$ pode ser decomposta em M subsequentes $h_k[n]$.

$$h_k[n] = \begin{cases} h[n+k], & n = \text{múltiplo inteiro de } M, \\ 0, & \text{caso contrário.} \end{cases} \quad (157)$$

$$h[n] = \sum_{k=0}^{M-1} h_k[n-k] \quad (158)$$

Decomposição Polifásica 2

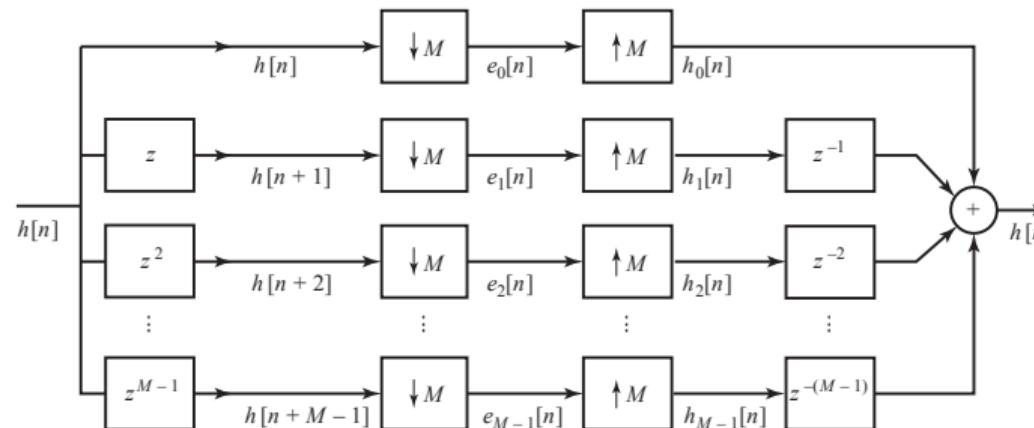


Figura 60: Decomposição polifásica de $h[n]$ usando as componentes $e_k[n]$. (Oppenheim, 2009).

As sequências $e_k[n]$ são dadas por

$$e_k[n] = h[nM + k] = h_k[nM] \quad (159)$$

e são chamadas de componentes polifásicas de $h[n]$.

Decomposição Polifásica 3

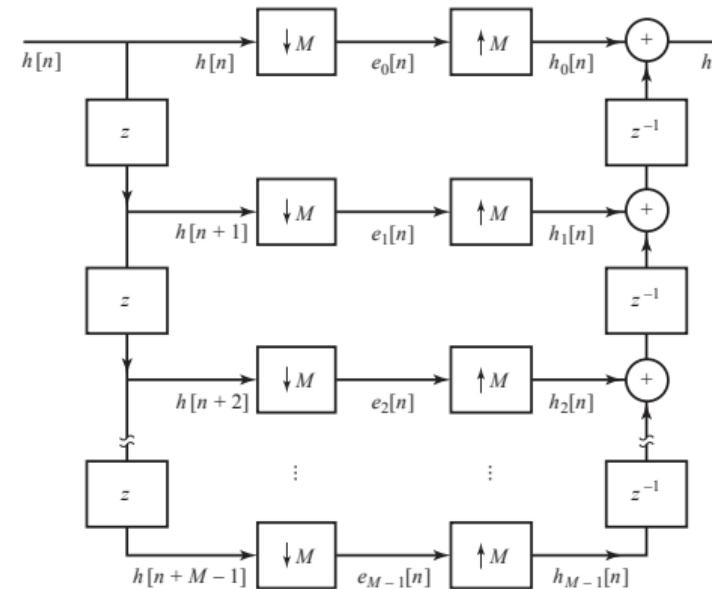


Figura 61: Representação com atrasos em cadeia. (Oppenheim, 2009).

Decomposição Polifásica 4

Representando no domínio da frequência ou no domínio z, teremos

$$Z\{h[n]\} = Z\left\{\sum_{k=0}^{M-1} h_k[n-k]\right\} \quad (160)$$

$$H(z) = \sum_{k=0}^{M-1} Z\{h_k[n-k]\} \quad (161)$$

$$= \sum_{k=0}^{M-1} Z\{h_k[n]\}z^{-k} \quad (162)$$

$$= \sum_{k=0}^{M-1} E_k(z^M)z^{-k} \quad (163)$$

onde utilizamos o fato de que $e_k[n] = h_k[nM]$.

Decomposição Polifásica 5

Representamos então $H(z)$ como uma soma de filtros polifásico atrasados.

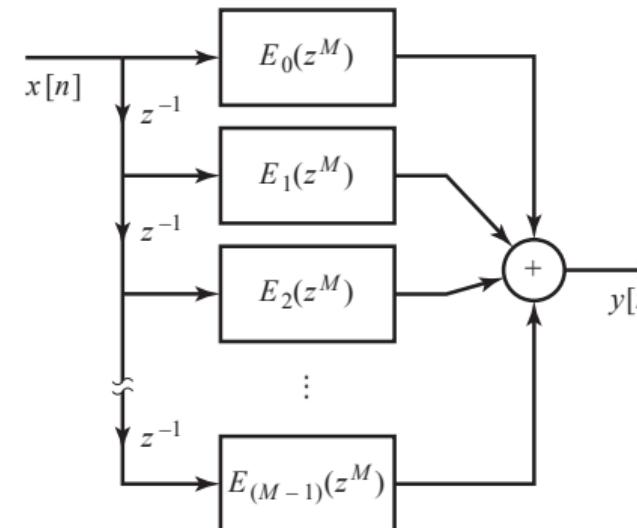


Figura 62: Estrutura da decomposição polifásica de $h[n]$. (Oppenheim, 2009).

Implementação de decimadores usando decomposição polifásica

Uma aplicação importante da decomposição polifásica é na implementação de filtros cuja saída é seguida por um *downsample* (note que 1 em cada M amostras geradas pelo filtro é mantida e as demais $M - 1$ são descartadas).

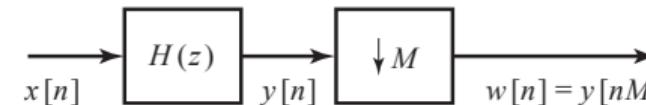


Figura 63: Sistema de decimadão. (Oppenheim, 2009).

Suponha que $H(z)$ é um filtro FIR com N pontos. Serão necessárias N multiplicações e $(N - 1)$ adições por unidade de tempo para calcular a saída.

Suponha que $h[n]$ seja expresso em componentes polifásicas

$$e_k[n] = h[nM + k] \quad (164)$$

Implementação de decimadores usando decomposição polifásica 2

e assim podemos representar $H(z)$ como

$$H(z) = \sum_{k=0}^{M-1} E_k(z^M) z^{-k} \quad (165)$$

Implementação de decimadores usando decomposição polifásica 3

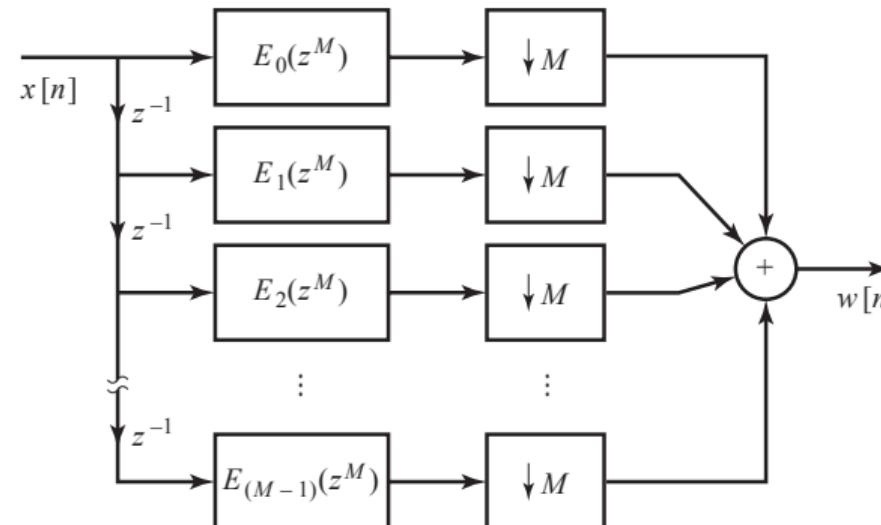
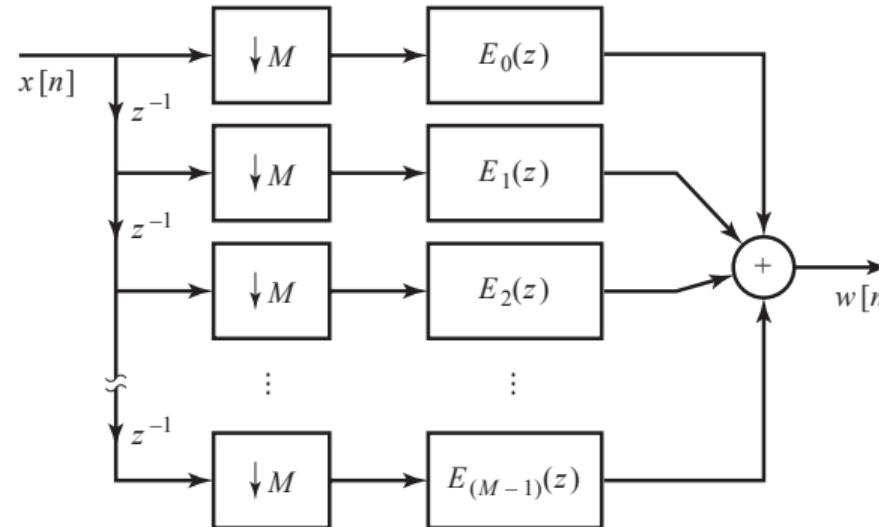


Figura 64: Implementação utilizando decomposição polifásicas. (Oppenheim, 2009).

Implementação de decimadores usando decomposição polifásica 4

Figura 65: Implementação após utilizar a identidade do *downsampling*. (Oppenheim, 2009).

Implementação de decimadores usando decomposição polifásica 5

Os filtros $E_k(z)$ possuem comprimento N/M e estão a uma taxa $1/M$ em relação ao original. Consequentemente, cada filtro fará $\frac{1}{M} \left(\frac{N}{M} \right)$ multiplicações e $\frac{1}{M} \left(\frac{N}{M} - 1 \right)$ adições por unidade de tempo. Como são M componentes polifásicas o sistema requererá N/M multiplicações e $\left(\frac{N}{M} - 1 \right) + (M - 1)$ adições por unidade de tempo.

Implementação de interpoladores usando decomposição polifásica

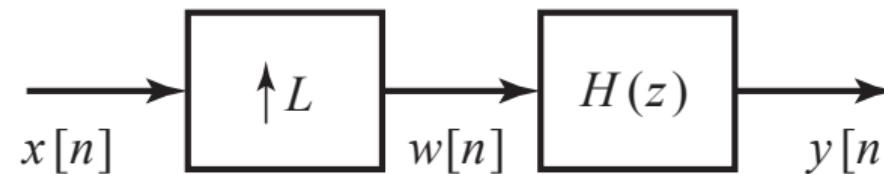


Figura 66: Sistema de interpolação. (Oppenheim, 2009).

Implementação de interpoladores usando decomposição polifásica 2

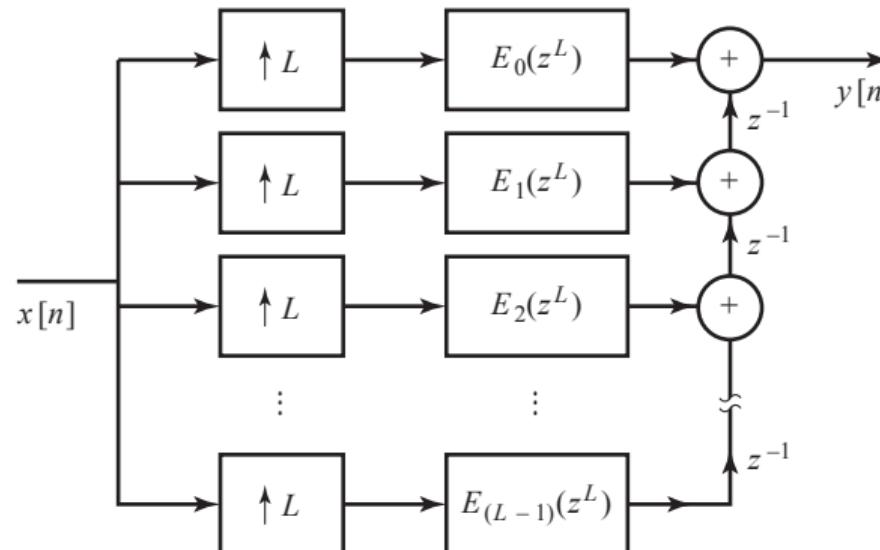
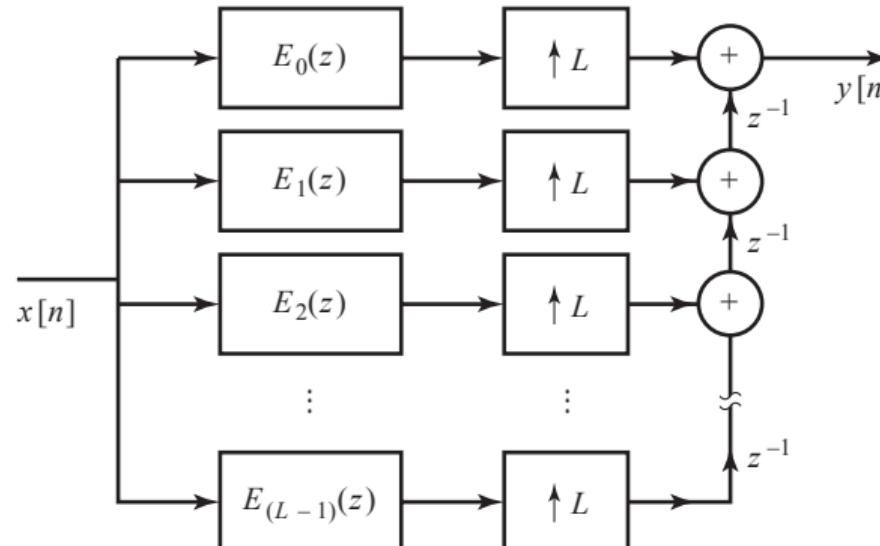


Figura 67: Decomposição polifásica do filtro de interpolação. (Oppenheim, 2009).

Implementação de interpoladores usando decomposição polifásica 3

Figura 68: Implementação usando a identidade do *upsample*. (Oppenheim, 2009).

Notebook - implementação polifásica



[https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/
polyphase.ipynb](https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/polyphase.ipynb)

Banco de Filtros Multi taxa

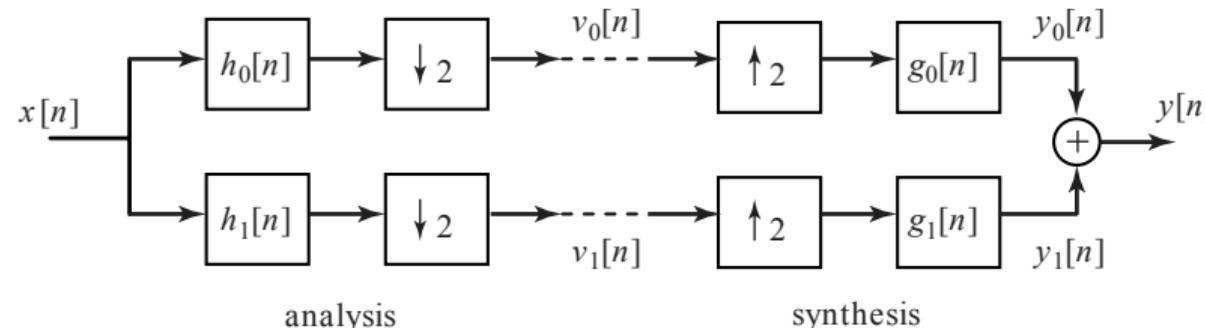


Figura 69: Banco de filtro de análise e síntese com dois canais. (Oppenheim, 2009).

Banco de Filtros Multi taxa 2

A decomposição requer que $h_0[n]$ e $h_1[n]$ sejam filtros passa-baixa e passa-alta respectivamente. Uma abordagem comum é obter o filtro passa-alta a partir do filtro passa-baixa fazendo $h_1[n] = e^{j\pi n} h_0[n]$. Isto implica em $H_1(e^{j\omega}) = H_0(e^{j(\omega-\pi)})$. Analisando a figura, queremos

$$Y(e^{j\omega}) = \frac{1}{2} [G_0(e^{j\omega})H_0(e^{j\omega}) + G_1(e^{j\omega})H_1(e^{j\omega})] X(e^{j\omega}) \quad (166)$$

$$+ \frac{1}{2} [G_0(e^{j\omega})H_0(e^{j(\omega-\pi)}) + G_1(e^{j\omega})H_1(e^{j(\omega-\pi)})] X(e^{j(\omega-\pi)}). \quad (167)$$

Note que teremos reconstrução perfeita se os filtros forem ideais, entretanto também é possível obter reconstrução perfeita com filtros não ideais, para tanto o *aliasing* deverá ocorrer. Note que o segundo termo da expressão para $Y(e^{j\omega})$ representa a potencial distorção por *aliasing*. Este termo poderá ser eliminado escolhendo

$$G_0(e^{j\omega})H_0(e^{j(\omega-\pi)}) + G_1(e^{j\omega})H_1(e^{j(\omega-\pi)}) = 0. \quad (168)$$

Banco de Filtros Multi taxa 3

Esta condição para cancelamento do *aliasing* é satisfeita, por exemplo, pelo conjunto de condições:

$$h_1[n] = e^{j\pi n} h_0[n] \iff H_1(e^{j\omega}) = H_0(e^{j(\omega-\pi)}) \quad (169)$$

$$g_0[n] = 2h_0[n] \iff G_0(e^{j\omega}) = 2H_0(e^{j\omega}) \quad (170)$$

$$g_1[n] = -2h_1[n] \iff G_1(e^{j\omega}) = -2H_0(e^{j(\omega-\pi)}) \quad (171)$$

Os filtros $h_0[n]$ e $h_1[n]$ são chamados filtros espelhados em quadratura pois eles devem possuir simetria em torno de $\omega = \pi/2$. Usando as condições acima, eq. (166) ficará da forma

$$Y(e^{j\omega}) = \left[H_0^2(e^{j\omega}) - H_0^2(e^{j(\omega-\pi)}) \right] X(e^{j\omega}), \quad (172)$$

e assim concluímos que a reconstrução perfeita (com possível atraso de M amostras) requererá

$$H_0^2(e^{j\omega}) - H_0^2(e^{j(\omega-\pi)}) = e^{-j\omega M}. \quad (173)$$

Banco de Filtros Multi taxa 4

Os únicos filtros computacionalmente realizáveis capazes de fornecer uma reconstrução exata são aqueles com resposta ao impulso da forma

$$h_0[n] = c_0\delta[n - 2n_0] + c_1\delta[n - 2n_1 - 1], \quad (174)$$

onde n_0 e n_1 são inteiros arbitrários e $c_0c_1 = 1/4$.

Por exemplo, considere

$$h_0[n] = \frac{1}{2}(\delta[n] + \delta[n - 1]), \quad (175)$$

com resposta em frequência

$$H_0(e^{j\omega}) = \cos(\omega/2)e^{-j\omega}. \quad (176)$$

Para este exemplo, teremos $Y(e^{j\omega}) = e^{-j\omega}X(e^{j\omega})$.

Podemos empregar a decomposição polifásica a este banco de filtros.

Banco de Filtros Multi taxa 5

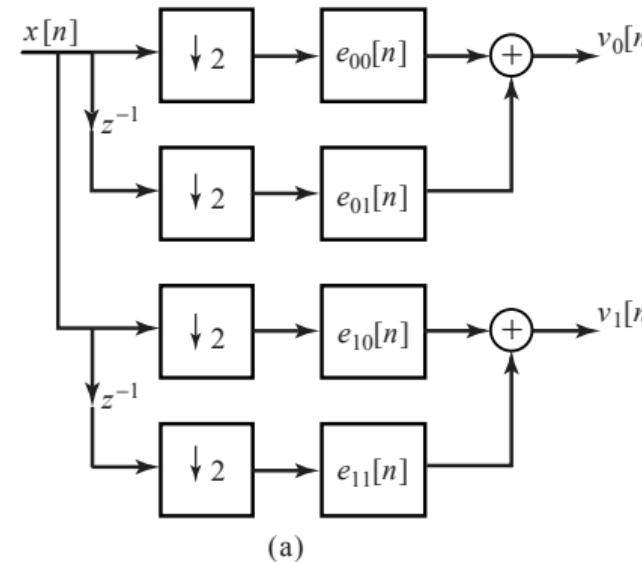


Figura 70: Representação polifásica do banco de filtros de análise. (Oppenheim, 2009).

Banco de Filtros Multi taxa 6

Usando as relações

$$e_{00}[n] = h_0[2n] \quad (177)$$

$$e_{01}[n] = h_0[2n + 1] \quad (178)$$

$$e_{10}[n] = h_1[2n] = e^{j2\pi n} h_0[2n] = e_{00}[n] \quad (179)$$

$$e_{11}[n] = h_1[2n + 1] = e^{j2\pi n} e^{j\pi} h_0[2n + 1] = -e_{01}[n]. \quad (180)$$

Logo poderemos representar o banco de filtros utilizando metade dos cálculos computacionais.

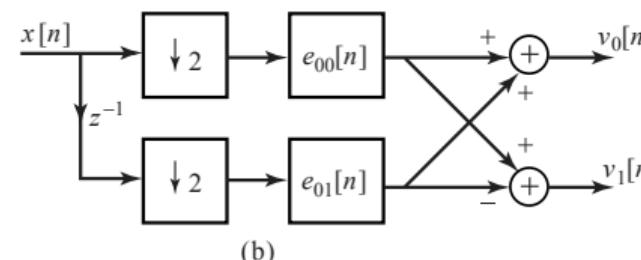


Figura 71: Representação simplificada. (Oppenheim, 2009).

Banco de Filtros Multi taxa 7

O mesmo pode ser feito com o filtro de síntese. Assim teremos o sistema conforme ilustrado.

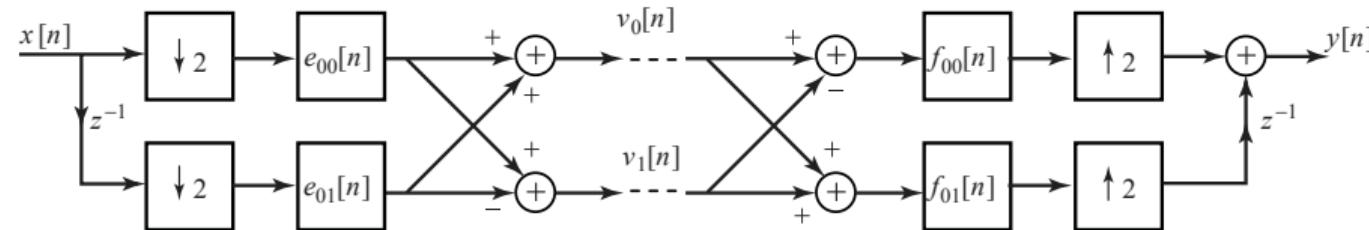


Figura 72: Representação polifásica do banco de filtros de análise e síntese. (Oppenheim, 2009).

Predição Linear e Modelo Autorregressivo

Predição Linear e Modelo Autorregressivo

Os problemas de predição linear e modelo autorregressivo são problemas diferentes que compartilham solução numérica. Em ambos os casos, deseja-se encontrar os parâmetros de um filtro linear.

No caso da predição linear (LPC), desejamos encontrar um filtro FIR para prever, a partir de amostras passadas, as amostras futuras de um processo autorregressivo. O erro encontrado é chamado erro de predição (idealmente um ruído branco).

No caso do modelo autorregressivo, busca-se determinar o filtro IIR que, quando excitado por um ruído branco, produza na saída um sinal com as mesmas características estatísticas que o modelo que estamos buscando modelar.

Modelo Autorregressivo

Modelo Autorregressivo (AR), no contexto de processamento de sinais, é visto como um filtro de resposta ao impulso infinita (IIR), ou seja, um filtro com apenas pólos. Na física, é visto como um modelo de máxima entropia. Ele possui 'memória' ou realimentação, e desta forma o sistema é capaz de gerar uma dinâmica interna.

Modelo Autorregressivo de Primeira Ordem

Modelo de primeira ordem:

$$X_t = \varphi X_{t-1} + \mathcal{E}_t, \quad \mathcal{E}_t \sim iid(0, \sigma^2) \quad (181)$$

Exemplo: variação do preço do petróleo (ΔP_t) em um determinado instante.

$$\Delta P_t = \frac{1}{2} \Delta P_{t-1} + \mathcal{E}_t \quad (182)$$

onde \mathcal{E} é um fator externo.

Observe que o efeito de uma perturbação dura por muito tempo, diferentemente de um processo de média móvel em que o efeito da perturbação passa rapidamente.

Modelo Autoregressivo de Primeira Ordem - Estacionário em Média

Dizemos que um processo é estacionário em média quando

$$E[X_t] = \text{const.} \quad (183)$$

Para um processo de primeira ordem, dado pela Equação 181, teremos

$$\begin{aligned} X_t &= \varphi X_{t-1} + \mathcal{E}_t \\ &= \varphi(\varphi X_{t-2} + \mathcal{E}_{t-1}) + \mathcal{E}_t \\ &= \varphi^2 X_{t-2} + \varphi \mathcal{E}_{t-1} + \mathcal{E}_t \\ &\vdots \end{aligned} \quad (184)$$

$$= \varphi^t X_0 + \sum_{i=0}^{t-1} \varphi^i \mathcal{E}_{t-i} + \mathcal{E}_t \quad (185)$$

Modelo Autoregressivo de Primeira Ordem - Estacionário em Média 2

Qual é o valor esperado de X_t ?

$$\begin{aligned}
 E[X_t] &= E\left[\varphi^t X_0 + \sum_{i=0}^{t-1} \varphi^i \varepsilon_{t-i} + \varepsilon_t\right] \\
 &= \varphi^t E[X_0] + \sum_{i=0}^{t-1} \varphi^i E[\varepsilon_{t-i}] + \cancel{E[\varepsilon_t]}_0 \\
 &= \varphi^t E[X_0].
 \end{aligned} \tag{186}$$

Para que $E[X_t] = \varphi^t E[X_0]$ seja constante devemos ter

- 1) $\varphi = 0$ (solução trivial), o que não desejamos; ou
- 2) $E[X_0] = 0$, e desta forma, valor esperado de X_t nulo, $\forall t$.

Modelo Autorregressivo de Primeira Ordem - Estacionário em Variância

Dizemos que um processo é estacionário em variância quando

$$\text{var}(X_t) = \text{const.} \quad (187)$$

Utilizando a seguinte propriedade da variância: $\text{var}(aX) = a^2\text{var}(X)$, teremos

$$\begin{aligned} \text{var}(X_t) &= \text{var}(\varphi X_{t-1} + \varepsilon_t) \\ &= \text{var}(\varphi X_{t-1}) + \text{var}(\varepsilon_t) \\ &= \varphi^2 \text{var}(X_{t-1}) + \sigma^2 \end{aligned} \quad (188)$$

Queremos que $\text{var}(X_t) = \text{var}(X_{t-1}) = \text{var}(X_{t-2}) = \dots$

Teremos então

$$\begin{aligned} \text{var}(X_t) &= \varphi^2 \text{var}(X_{t-1}) + \sigma^2 \\ &= \varphi^2 \text{var}(X_t) + \sigma^2 \\ &= \frac{\sigma^2}{1 - \varphi^2} \end{aligned} \quad (189)$$

Modelo Autorregressivo de Primeira Ordem - Estacionário em Variância 2

Teremos que ter $|\varphi| < 1$ por dois motivos

- 1) se $|\varphi| > 1$, teríamos variância negativa, o que não faz sentido;
- 2) se $|\varphi| = 1$ teríamos variância infinita, o que também não faz sentido.

Modelo Autorregressivo de Ordem p

AR(p) : modelo autorregressivo de ordem p

$$X_t = c + \sum_{i=1}^p \varphi_i X_{t-i} + \mathcal{E}_t \quad (190)$$

$\varphi_1, \varphi_2, \dots, \varphi_p$ são os parâmetros do modelo

c constante, geralmente omitida

\mathcal{E}_t ruído branco

Um modelo autorregressivo pode ser visto como a saída de um filtro de resposta ao impulso infinita (IIR) com apenas polos quando a entrada é um ruído branco.

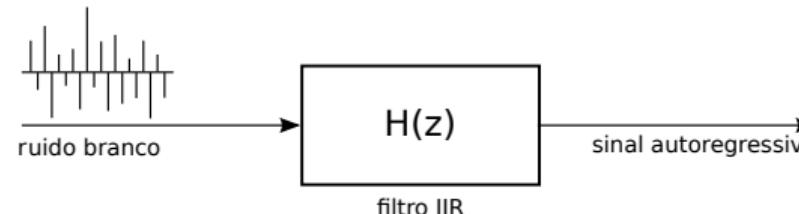
Modelo Autorregressivo de Ordem p 2

Figura 73: Modelo autorregressivo.

$$\begin{aligned}
 H(z) &= \frac{1}{1 - \varphi_1 z^{-1} - \varphi_2 z^{-2} - \dots - \varphi_p z^{-p}} \\
 &= \frac{1}{1 - \sum_{i=1}^p \varphi_i z^{-i}}
 \end{aligned} \tag{191}$$

Para que o modelo AR(p) seja estacionário no sentido amplo (ou seja, suas características estatísticas não mudam com o tempo), as raízes do polinômio $z^p - \sum_{i=1}^p \varphi_i z^{p-i}$ devem estar dentro do círculo unitário, i.e. cada raiz z_i deve satisfazer $|z_i| < 1$.

Inversão Direta

Vamos assumir que uma série temporal com média nula $\{x_t\}_0^{N-1}$ é um processo AR e o modelo é

$$X_t = \varphi_1 X_{t-1} + \varphi_2 X_{t-2} + \dots + \varphi_p X_{t-p} + \mathcal{E}_t \quad (192)$$

Inversão Direta - $p = 1$

No caso em que $p = 1$, teremos

$$x_t = \varphi_1 x_{t-1} + \mathcal{E}_t \quad (193)$$

$$\begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ \vdots \\ x_{N-1} \end{bmatrix} = \varphi_1 \begin{bmatrix} x_0 \\ x_1 \\ \vdots \\ x_{N-2} \end{bmatrix} \quad (194)$$

$$\begin{aligned} \mathbf{b} &= \varphi_1 \mathbf{A} \\ &= \mathbf{A} \varphi_1 \end{aligned} \quad (195)$$

Inversão Direta - $p = 1$

$$\begin{aligned}
 \mathbf{A}\hat{\varphi}_1 &= \mathbf{b} \\
 \mathbf{A}^T \mathbf{A}\hat{\varphi}_1 &= \mathbf{A}^T \mathbf{b} \\
 (\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} \mathbf{A}^T \mathbf{A}\hat{\varphi}_1 &= (\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} \mathbf{A}^T \mathbf{b} \\
 \hat{\varphi}_1 &= (\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} \mathbf{A}^T \mathbf{b}
 \end{aligned} \tag{196}$$

$$\begin{aligned}
 \hat{\varphi}_1 &= \frac{(\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1}}{\left(\sum_{i=0}^{N-2} x_i^2 \right)^{-1}} \underbrace{\mathbf{A}^T \mathbf{b}}_{\sum_{i=0}^{N-2} x_i x_{i+1}} \\
 &= \left(\sum_{i=0}^{N-2} x_i^2 \right)^{-1} \sum_{i=0}^{N-2} x_i x_{i+1} \\
 &= c_0^{-1} c_1 = r_1
 \end{aligned} \tag{197}$$

onde c_i é o i -ésimo coeficiente de auto covariância e r_i o i -ésimo coeficiente de autocorrelação.

Inversão Direta - $p = 2$

No caso em que $p = 2$, teremos

$$x_t = \varphi_1 x_{t-1} + \varphi_2 x_{t-2} + \mathcal{E}_t \quad (198)$$

$$\begin{bmatrix} x_2 \\ x_3 \\ \vdots \\ x_{N-1} \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} x_1 & x_0 \\ x_2 & x_1 \\ \vdots & \vdots \\ x_{N-2} & x_{N-3} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} \varphi_1 \\ \varphi_2 \end{bmatrix} \quad (199)$$

$$\mathbf{b} = \mathbf{A}\varphi \quad (200)$$

Inversão Direta - $p = 2$

$$\begin{aligned}\mathbf{A}\hat{\varphi} &= \mathbf{b} \\ \mathbf{A}^T \mathbf{A}\hat{\varphi} &= \mathbf{A}^T \mathbf{b} \\ (\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} \mathbf{A}^T \mathbf{A}\hat{\varphi} &= (\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} \mathbf{A}^T \mathbf{b} \\ \hat{\varphi} &= (\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} \mathbf{A}^T \mathbf{b}\end{aligned}\tag{201}$$

Inversão Direta - $p = 2$

$$\hat{\varphi} = (\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} \mathbf{A}^T \mathbf{b}, \quad (202)$$

onde

$$\begin{aligned} (\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} &= \left[\begin{matrix} x_1 & x_2 & \dots & x_{N-2} \\ x_0 & x_1 & \dots & x_{N-3} \end{matrix} \right] \left[\begin{matrix} x_1 & x_0 \\ x_2 & x_1 \\ \vdots & \vdots \\ x_{N-2} & x_{N-3} \end{matrix} \right]_{2 \times 2}^{-1} \\ &= \left[\begin{matrix} \sum_{i=1}^{N-2} x_i^2 & \sum_{i=1}^{N-2} x_i x_{i-1} \\ \sum_{i=1}^{N-2} x_i x_{i-1} & \sum_{i=0}^{N-3} x_i^2 \end{matrix} \right]_{2 \times 2}^{-1} \end{aligned} \quad (203)$$

Se $\det(\mathbf{A}) \neq 0$, então podemos obter \mathbf{A}^{-1} da seguinte forma:

$$\mathbf{A}^{-1} = \frac{1}{\det(\mathbf{A})} \text{adj}(\mathbf{A}) \quad (204)$$

Inversão Direta - $p = 2 \ 4$

onde a matriz adjunta ($\text{adj}(\mathbf{A})$) é a transposta da matriz de cofator \mathbf{C} de \mathbf{A} .

$$C_{ij} = (-1)^{i+j} M_{ij} \quad (205)$$

sendo M_{ij} o menor ij da matriz \mathbf{A} , ou seja, o determinante da submatriz quadrada, obtida a partir de \mathbf{A} pela remoção da sua i -ésima linha e j -éssima coluna.

Teremos assim

$$\begin{aligned} (\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} &= \frac{1}{\det(\mathbf{A}^T \mathbf{A})} \text{adj}(\mathbf{A}^T \mathbf{A}) \\ &= \frac{1}{\sum_{i=1}^{N-2} x_i^2 \sum_{i=0}^{N-3} x_i^2 - \sum_{i=1}^{N-2} x_i x_{i-1} \sum_{i=1}^{N-2} x_i x_{i-1}} \\ &\quad \begin{bmatrix} \sum_{i=0}^{N-3} x_i^2 & -\sum_{i=1}^{N-2} x_i x_{i-1} \\ -\sum_{i=1}^{N-2} x_i x_{i-1} & \sum_{i=1}^{N-2} x_i^2 \end{bmatrix} \end{aligned} \quad (206)$$

Inversão Direta - $p = 2$

Utilizando o fato de que temos uma série temporal estacionária, os elementos de auto-covariância são função apenas do atraso, e não dos limites temporais exatos. Poderemos então escrever

$$\begin{aligned}(\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} &= \frac{1}{c_0^2 - c_1^2} \begin{bmatrix} c_0 & -c_1 \\ -c_1 & c_0 \end{bmatrix} \\&= \frac{1}{c_0^2(1 - r_1^2)} \begin{bmatrix} c_0 & -c_1 \\ -c_1 & c_0 \end{bmatrix} \\&= \frac{1}{c_0(1 - r_1^2)} \begin{bmatrix} r_0 & -r_1 \\ -r_1 & r_0 \end{bmatrix}\end{aligned}$$

onde utilizamos que $r_i = \frac{c_i}{\sigma}$ e $\sigma = c_0$ (variância é o caso especial da covariância quando as duas variáveis são idênticas).

Inversão Direta - $p = 2$

Analisando agora $\mathbf{A}^T \mathbf{b}$.

$$\begin{aligned}
 \mathbf{A}^T \mathbf{b} &= \begin{bmatrix} x_1 & x_2 & \dots & x_{N-2} \\ x_0 & x_1 & \dots & x_{N-3} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_2 \\ x_3 \\ \vdots \\ x_{N-1} \end{bmatrix} \\
 &= \begin{bmatrix} \sum_{i=2}^{N-1} x_i x_{i-1} \\ \sum_{i=2}^{N-1} x_i x_{i-2} \end{bmatrix} \\
 &= \begin{bmatrix} c_1 \\ c_2 \end{bmatrix} \tag{207}
 \end{aligned}$$

onde utilizamos mais uma vez a estacionariedade da série temporal em questão.

Inversão Direta - $p = 2$

Teremos então

$$\begin{aligned}
 (\mathbf{A}^T \mathbf{A})^{-1} \mathbf{A}^T \mathbf{b} &= \frac{1}{c_0(1-r_1^2)} \begin{bmatrix} r_0 & -r_1 \\ -r_1 & r_0 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} c_1 \\ c_2 \end{bmatrix} \\
 &= \frac{1}{1-r_1^2} \begin{bmatrix} r_0 & -r_1 \\ -r_1 & r_0 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} r_1 \\ r_2 \end{bmatrix} \\
 &= \frac{1}{1-r_1^2} \begin{bmatrix} 1 & -r_1 \\ -r_1 & 1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} r_1 \\ r_2 \end{bmatrix} \\
 &= \begin{bmatrix} \frac{r_1(1-r_2)}{1-r_1^2} \\ \frac{r_2-r_1^2}{1-r_1^2} \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} \varphi_1 \\ \varphi_2 \end{bmatrix} = \hat{\varphi}
 \end{aligned} \tag{208}$$

Inversão Direta - p qualquer

O mesmo procedimento pode ser feito para p qualquer, mas ficará cada vez mais complicado.

Uma maneira mais simples é utilizar as Equações de Yule-Walker.

Equações de Yule-Walker

Utilizaremos as equações de Yule-Walker para estimar os parâmetros AR a partir dos dados.

- ▶ Dada uma série temporal $x[n]$, podemos estimar a sequência de covariância $r_{xx}[k]$ para a série temporal $x[n]$ dada.
- ▶ Existe uma relação entre o modelo auto-regressivo e a sequência de covariância. Poderemos então estimar os p parâmetros do modelo AR de ordem p .
- ▶ Para tanto, iremos resolver as equações de Yule-Walker e encontrar estes parâmetros a partir de $r_{xx}[k]$.

Equações de Yule-Walker 2

O método de Yule-Walker não lida com a questão da escolha da ordem do modelo. Isto é usualmente feito através de um balanceamento do erro contra o número de parâmetros no modelo. Os seguintes métodos são usuais:

- 1) Critério de informação de Akaike (*Akaike information criterion*, AIC)
- 2) Critério de informação Bayesiano (*Bayesian information criterion*, BIC)
- 3) validação cruzada (*cross validation*, CV) - utiliza um subconjunto dos dados para estimar o modelo, outro subconjunto para testar os resultados e um terceiro para validar.
- 4) balancear o erro quadrático (do ajuste do modelo aos dados) e a ordem do modelo

Ao aumentar a ordem do modelos, podemos diminuir continuamente o erro, obtendo um modelo cada vez mais complexo, mas isto pode não agregar, pois o modelo obtido pode não representar bem os dados.

Equações de Yule-Walker 3

Considere o modelo AR(p)

$$X_t = \sum_{i=1}^p \varphi_i X_{t-i} + \mathcal{E}_t \quad (209)$$

atraso 1: multiplicando ambos os lados por X_{t-1} teremos

$$X_t X_{t-1} = \sum_{i=1}^p \varphi_i X_{t-i} X_{t-1} + \mathcal{E}_t X_{t-1} \quad (210)$$

tomando o valor esperado teremos

$$\begin{aligned} E[X_t X_{t-1}] &= E\left[\sum_{i=1}^p \varphi_i X_{t-i} X_{t-1} + \mathcal{E}_t X_{t-1}\right] \\ &= \sum_{i=1}^p \varphi_i E[X_{t-i} X_{t-1}] + \cancel{E[\mathcal{E}_t X_{t-1}]}_0 \end{aligned} \quad (211)$$

Equações de Yule-Walker 4

Vamos utilizar $c_l = E[X_t X_{t-l}]$ e $c_l = c_{-l}$. Poderemos reescrever a equação acima como

$$c_1 = \sum_{i=1}^p \varphi_i c_{i-1} \quad (212)$$

dividindo por $c_0 = \sigma$ teremos

$$r_1 = \sum_{i=1}^p \varphi_i r_{i-1} \quad (213)$$

Equações de Yule-Walker 5

modelo AR(p)

$$X_t = \sum_{i=1}^p \varphi_i X_{t-i} + \mathcal{E}_t \quad (214)$$

atraso 2: multiplicando ambos os lados por X_{t-2} teremos

$$X_t X_{t-2} = \sum_{i=1}^p \varphi_i X_{t-i} X_{t-2} + \mathcal{E}_t X_{t-2} \quad (215)$$

tomando o valor esperado teremos

$$\begin{aligned} E[X_t X_{t-2}] &= E\left[\sum_{i=1}^p \varphi_i X_{t-i} X_{t-2} + \mathcal{E}_t X_{t-2}\right] \\ &= \sum_{i=1}^p \varphi_i E[X_{t-i} X_{t-2}] + \cancel{E[\mathcal{E}_t X_{t-2}]}_0 \end{aligned} \quad (216)$$

Equações de Yule-Walker 6

Vamos utilizar $c_l = E[X_t X_{t-l}]$ e $c_l = c_{-l}$. Poderemos reescrever a equação acima como

$$c_2 = \sum_{i=1}^p \varphi_i c_{i-2} \quad (217)$$

dividindo por $c_0 = \sigma$ teremos

$$r_2 = \sum_{i=1}^p \varphi_i r_{i-2} \quad (218)$$

Equações de Yule-Walker 7

modelo AR(p)

$$X_t = \sum_{i=1}^p \varphi_i X_{t-i} + \mathcal{E}_t \quad (219)$$

atraso k: multiplicando ambos os lados por X_{t-k} teremos

$$X_t X_{t-k} = \sum_{i=1}^p \varphi_i X_{t-i} X_{t-k} + \mathcal{E}_t X_{t-k} \quad (220)$$

tomando o valor esperado teremos

$$\begin{aligned} E[X_t X_{t-k}] &= E\left[\sum_{i=1}^p \varphi_i X_{t-i} X_{t-k} + \mathcal{E}_t X_{t-k}\right] \\ &= \sum_{i=1}^p \varphi_i E[X_{t-i} X_{t-k}] + \cancel{E[\mathcal{E}_t X_{t-k}]}_0 \end{aligned} \quad (221)$$

Equações de Yule-Walker 8

Vamos utilizar $c_l = E[X_t X_{t-l}]$ e $c_l = c_{-l}$. Poderemos reescrever a equação acima como

$$c_k = \sum_{i=1}^p \varphi_i c_{i-k} \quad (222)$$

dividindo por $c_0 = \sigma$ teremos

$$r_k = \sum_{i=1}^p \varphi_i r_{i-k} \quad (223)$$

Equações de Yule-Walker 9

O mesmo pode continuar sendo feito até $k = p$.

Desta forma, poderemos montar um sistema com p equações e p incógnitas.

Equações de Yule-Walker 10

$$\begin{cases} r_1 = \varphi_1 r_0 + \varphi_2 r_1 + \varphi_3 r_2 + \dots + \varphi_{p-1} r_{p-2} + \varphi_p r_{p-1} \\ r_2 = \varphi_1 r_1 + \varphi_2 r_0 + \varphi_3 r_1 + \dots + \varphi_{p-1} r_{p-3} + \varphi_p r_{p-2} \\ \vdots \\ r_{p-1} = \varphi_1 r_{p-2} + \varphi_2 r_{p-3} + \varphi_3 r_{p-4} + \dots + \varphi_{p-1} r_0 + \varphi_p r_1 \\ r_p = \varphi_1 r_{p-1} + \varphi_2 r_{p-2} + \varphi_3 r_{p-3} + \dots + \varphi_{p-1} r_1 + \varphi_p r_0 \end{cases} \quad (224)$$

Equações de Yule-Walker 11

Este sistema de equações pode ser escrito na forma matricial.

$$\begin{bmatrix} r_1 \\ r_2 \\ \vdots \\ r_{p-1} \\ r_p \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} r_0 & r_1 & r_2 & \dots & r_{p-2} & r_{p-1} \\ r_1 & r_0 & r_1 & \dots & r_{p-3} & r_{p-2} \\ \vdots & \vdots & \vdots & \ddots & \vdots & \vdots \\ r_{p-2} & r_{p-3} & r_{p-4} & \dots & r_0 & r_1 \\ r_{p-1} & r_{p-2} & r_{p-3} & \dots & r_1 & r_0 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} \varphi_1 \\ \varphi_2 \\ \vdots \\ \varphi_{p-1} \\ \varphi_p \end{bmatrix} \quad (225)$$

$$\mathbf{r} = \mathbf{R}\varphi \quad (226)$$

Temos um problema bem posto, com uma matriz de coeficientes quadrada \mathbf{R} , i.e., o mesmo número de equações e variáveis. \mathbf{R} é de posto cheio e simétrica. Desta forma, a existência de sua inversa é garantida. Assim

$$\varphi = \mathbf{R}^{-1}\mathbf{r}. \quad (227)$$

Este sistema pode ser resolvido de forma eficiente pelo algoritmo de Levinson-Durbin (algoritmo utilizado para resolver sistema de equações com matriz de Toeplitz).

Estabilidade e Localização dos pólos no modelo AR

Um modelo autorregressivo pode ser expresso em termos de uma sequência de inovações \mathcal{E}_t

$$X(z) = z^p \left(\sum_{i=0}^p \varphi_i z^{p-i} \right)^{-1} \mathcal{E}(z) \quad (228)$$

no qual temos p zeros em $z = 0$ e os p pólos são determinados pela equação característica do processo autorregressivo

$$\sum_{i=0}^p \varphi_i z^{p-i} = 0 \quad (229)$$

As raízes da equação característica devem ficar dentro do círculo unitário para garantir que o processo autorregressivo seja estável.

Se as raízes ficarem sobre o círculo unitário, o processo autorregressivo será estacionário, no caso em que $\mathcal{E}_t = 0$. Neste caso, um processo harmônico será resultante, consistindo em uma soma de funções cosseno.

Estabilidade e Localização dos pólos no modelo AR 2

Um processo autorregressivo com pólos próximos ao círculo unitário pode demonstrar um comportamento pseudo-periódico. Neste caso, a função de auto-covariância será descrita como uma soma de funções periódicas levemente amortecidas. Mais adiante, estando o termo de ruído ainda presente, o processo autorregressivo irá apresentar um comportamento quase não-estacionário. Finalmente, os coeficientes de autocorrelação parcial irão ficar próximos de um em valor absoluto. No contexto de filtros lineares, isto significa que a função de transferência relacionando X_t a \mathcal{E}_t estará próxima da instabilidade.

A localização dos pólos também influenciará a confiabilidade de várias técnicas de estimação de parâmetros. Argumenta-se que a técnica de Yule-Walker pode levar a estimativa pobre dos parâmetros, mesmo para amostras moderadamente grandes, se o operador autorregressivo possuir um pólo próximo do círculo unitário.

Notebook - Modelo AR



<https://github.com/leolca/notebooks/blob/master/aev/ar.ipynb>

Predição Linear

Predição Linear

Predição linear é uma operação matemática em que se utiliza valores passados de um sinal discreto no tempo para prever valores futuros deste mesmo sinal. Em processamento digital de sinais, a predição linear é conhecida como *linear predictive coding (LPC)* e pode ser entendida no contexto de filtros digitais.

Aplicações da Predição Linear

- ▶ Análise de sinais da fala;
- ▶ Análise de eletroencefalograma;
- ▶ Análise de sinais sísmicos;
- ▶ Estimação de Formantes da fala;
- ▶ Controle de Ruído;
- ▶ Controle;
- ▶ etc.

Formulação Matemática

O preditor linear de ordem p é descrito pela equação:

$$\hat{x}(n) = \sum_{i=1}^p a_i x(n-i). \quad (230)$$

O erro de predição é dado por

$$e(n) = x(n) - \hat{x}(n). \quad (231)$$

O preditor é determinado pelos coeficientes a_1, \dots, a_p .

Determinação do Preditor

Dado um sinal x queremos encontrar o melhor preditor para este sinal.

Melhor: erro de estimativa mínima (erro médio quadrático)

Objetivo: minimizar o valor esperado do erro médio quadrático, $E [|e(n)|^2]$.

Minimização do Valor Esperado do Erro Médio Quadrático

Para encontrar os parâmetros que minimizam o erro devemos buscar o conjunto de parâmetros que satisfaz:

- 1) derivada primeira nula em relação a cada um dos parâmetros a_k , $k = 1, \dots, p$

$$\frac{\partial E [|e(n)|^2]}{\partial a_k} = 0 \quad (232)$$

- 2) derivada segunda positiva em relação a cada um dos parâmetros a_k , $k = 1, \dots, p$

$$\frac{\partial^2 E [|e(n)|^2]}{\partial a_k^2} > 0 \quad (233)$$

Garantia de que encontraremos um mínimo qualquer, não necessariamente o mínimo global.

Módulo Quadrado do Erro

$$\begin{aligned} |e(n)|^2 &= e(n)e^*(n) \\ &= (x(n) - \hat{x}(n))e^*(n) \\ &= \left(x(n) - \sum_{i=1}^p a_i x(n-i) \right) e^*(n) \\ &= (x(n)e^*(n)) - \left(\sum_{i=1}^p a_i x(n-i)e^*(n) \right) \end{aligned} \tag{234}$$

logo

$$E [|e(n)|^2] = E [x(n)e^*(n)] - \sum_{i=1}^p a_i E [x(n-i)e^*(n)] \tag{235}$$

Derivada

$$E [|e(n)|^2] = E [x(n)e^*(n)] - \sum_{i=1}^p a_i E [x(n-i)e^*(n)]$$

$$\begin{aligned}\frac{\partial E [|e(n)|^2]}{\partial a_k} &= 0 - E [x(n-k)e^*(n)] \\ &= -E [x(n-k)(x(n) - \hat{x}(n))^*] \\ &= -E \left[x(n-k) \left(x(n) - \sum_{i=1}^p a_i x(n-i) \right)^* \right] \\ &= -E \left[x(n-k) \left(x^*(n) - \sum_{i=1}^p a_i^* x^*(n-i) \right) \right]\end{aligned}$$

Derivada

Queremos

$$\begin{aligned}
 \frac{\partial E [|e(n)|^2]}{\partial a_k} &= 0 \\
 -E [x(n-k)x^*(n)] + \\
 \sum_{i=1}^p a_i^* E [x^*(n-i)x(n-k)] &= 0 \\
 \sum_{i=1}^p a_i^* E [x^*(n-i)x(n-k)] &= E [x(n-k)x^*(n)] \\
 \sum_{i=1}^p a_i^* r(k-i) &= r(k)
 \end{aligned} \tag{236}$$

aonde $r(k)$ é a autocorrelação do sinal $x(n)$ avaliada com deslocamento k .

Autocorrelação

A autocorrelação do sinal $x(n)$ avaliada com deslocamento k é dada por

$$r(k) = \lim_{N \rightarrow \infty} \frac{1}{N} \sum_{n=-N/2}^{N/2} x(n)x^*(n-k) \quad (237)$$

A autocorrelação de sequências reais é simétrica e par. Desta forma, sendo $x(n)$ um sinal real, teremos $r(k) = r(-k)$.

Dado que

$$r(k) = \sum_{i=1}^p a_i^* r(k-i), \quad (238)$$

vamos criar um sistema com p equações tomando o deslocamento nulo ($k = 0$) como referência.

$$\begin{cases} r(1) = a_1 r(0) + a_2 r(1) + a_3 r(2) + \dots + a_p r(p-1) \\ r(2) = a_1 r(1) + a_2 r(0) + a_3 r(1) + \dots + a_p r(p-2) \\ \vdots \\ r(p) = a_1 r(p-1) + a_2 r(p-2) + a_3 r(p-3) + \dots + a_p r(0) \end{cases}$$

este sistema pode ser escrito na forma matricial a seguir

Sistemas de Equações - Forma Matricial

As equações são conhecidas como Equações de Yule-Walker e podem ser reescritas na forma matricial.

$$\begin{bmatrix} r(0) & r(1) & r(2) & \dots & r(p-1) \\ r(1) & r(0) & r(1) & \dots & r(p-2) \\ \vdots & \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ r(p-1) & r(p-2) & r(p-3) & \dots & r(0) \end{bmatrix} \begin{bmatrix} a_1 \\ a_2 \\ \vdots \\ a_p \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} r(1) \\ r(2) \\ \vdots \\ r(p) \end{bmatrix} \quad (239)$$

Temos um sistema bem posto, i.e., com o mesmo número de equações e incógnitas. A matriz \mathbf{R} é uma matriz de posto cheio e portanto possui inversa. A matriz \mathbf{R} é uma matriz Toeplitz e desta forma o sistema pode ser resolvido de forma rápida pelo algoritmo de Levinson-Durbin.

Recursão de Levinson

Técnicas tradicionais de resolução de sistema de equações possuem complexidade computacional da ordem de $O(N^3)$. Como no sistemas de equações em questão a matriz é do tipo Toeplitz, podemos aplicar a método de recursão de Levinson, resolvendo o sistema de forma mais eficiente com complexidade computacional da ordem de $O(N^2)$.

A recursão de Levinson baseia-se na observação de que a solução de uma problema de ordem m pode ser utilizada para resolver um problema de ordem $m + 1$. Inicia-se resolvendo o problema de ordem zero e, incrementalmente, resolve-se os problemas de ordem superior até alguma ordem p desejada. Todas as soluções para preditores com ordem $\leq p$ foram geradas.

Matriz Toeplitz

Uma matriz é dita *matriz Toeplitz* quando cada uma de suas diagonais descendentes da esquerda para a direita for constante. A matriz abaixo é um exemplo de matriz Toeplitz:

$$\begin{bmatrix} a & b & c & d & e \\ f & a & b & c & d \\ g & f & a & b & c \\ h & g & f & a & b \\ i & h & g & f & a \end{bmatrix}. \quad (240)$$

Matriz Toeplitz

Qualquer matriz \mathbf{A} , $n \times n$, da forma

$$\begin{bmatrix} a_0 & a_{-1} & a_{-2} & \dots & \dots & a_{-n+1} \\ a_1 & a_0 & a_{-1} & \ddots & & \vdots \\ a_2 & a_1 & \ddots & \ddots & \ddots & \vdots \\ \vdots & \ddots & \ddots & \ddots & a_{-1} & a_{-2} \\ \vdots & & \ddots & a_1 & a_0 & a_{-1} \\ a_{n-1} & \dots & \dots & a_2 & a_1 & a_0 \end{bmatrix} \quad (241)$$

é uma matriz Toeplitz. Teremos que o elemento (i, j) da matriz \mathbf{A} , denotado $A_{i,j}$, é da forma

$$A_{i,j} = A_{i+1,j+1} = a_{i-j}. \quad (242)$$

Matriz Toeplitz

Se $|a_0| \geq \sum_{i \neq 0} |a_i|$, então a matriz é diagonal dominante. Se temos ainda $a_0 \geq 0$, a matriz será positiva (semidefinida). Além disso, se a desigualdade anterior for estrita, então é garantido que a matriz é não-singular (possui inversa).

A matriz Toeplitz criada no problema de predição linear irá satisfazer estas condições pois a autocorrelação do sinal com atraso nulo é máxima. Desta forma, podemos garantir que o problema possui solução.

Processamento de Áudio e Vídeo

Predição Linear

Formulação Matemática

Matriz Toeplitz

Matriz Toeplitz

$\sum_i |a_{ij}| \geq \sum_i a_{ii} |a_{ij}|$, então a matriz é diagonal dominante. Se somos acha que $a_{ii} \geq 0$, a matriz é uma matriz (semi)definida). Além disso, se a única linha anterior for estrita, então a garantida que a matriz é não-singular (semi-definida).

A matriz Toeplitz é um problema de predição linear. É a solução para condições de que a soma da diagonal é máxima. Dessa forma, podemos garantir que o problema é semi-definida.

Uma matriz M é dita **positiva definida** se $z^T M z$ é positivo para qualquer vetor z não nulo. Da mesma forma, definimos como **negativa definida**, **positiva semi-definida** e **negativa semi-definida** as matrizes M que fazem com que a expressão $z^T M z$ ou $z^* M z$ seja sempre negativa, não-negativa ou não-positiva, respectivamente.

Levinson Durbin

O algoritmo de Levinson Durbin é um algoritmo recursivo para resolver sistemas com matrizes Toeplitz.

Complexidade

- ▶ resolução convencional de sistemas: $O(N^3)$
- ▶ resolução de sistema através de Levinson Durbin: $O(N^2)$

Cálculo Rápido da Autocorrelação

É possível estimar os coeficientes de autocorrelação de forma rápida através da FFT. Desta forma, será possível computar os primeiros M coeficientes de autocorrelação para um vetor de comprimento N através de $O(N \log M)$ operações, ao invés de $O(NM)$ operações.

$$r(k) = \text{ifft}(\text{fft}(x)\text{fft}^*(x)) \quad (243)$$

Obs.: Para M pequeno, o custo $O(N \log M)$, associado à obtenção dos coeficiente de autocorrelação, é dominante. Entretanto, para M suficientemente grande, o custo $O(M^2)$ para resolução das equações de Yule-Walker passa a ser dominante.

Filtro - Predictor Linear

O predictor linear dado pela equação

$$\hat{x}(n) = \sum_{i=1}^p a_i x(n-i) \quad (244)$$

pode ser visto como um filtro com resposta ao impulso finita

$$\hat{X}(z) = \sum_{i=1}^p a_i X(z) z^{-i} \quad (245)$$

então

$$H(z) = \frac{\hat{X}(z)}{X(z)} = \sum_{i=1}^p a_i z^{-i}, \quad (246)$$

Filtro - Predictor Linear

Temos então um filtro FIR, apenas zeros (pólos no infinito) no plano z, que é, por definição, estável. Além disso, o filtro é de fase mínima, isto é, todos os seus zeros estão dentro do círculo unitário, desta forma, o filtro inverso é também estável.

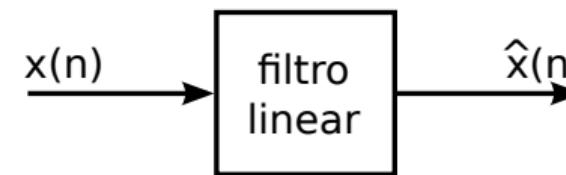


Figura 74: Predictor Linear - filtro digital.

Padrões do ITU-T

G.7xx: Audio (Voz) Protocolos de Compressão (CODEC)

- G.711 - Modulação por código de pulso (*Pulse code modulation*, PCM) de frequências de voz em um canal de 64 kbps.
- G.721 - Codificação por código de pulso adaptativo (ADPCM) a 32 kbit/s.
- G.722 - Codificação de áudio 7 kHz a 64 kbit/s.
- G.722.1 - Codificação a 24 e 32 kbit/s para operação de sistemas com mãos livres com baixa perda de quadros.
- G.722.2 - Codificação de banda larga de voz a aproximadamente 16 kbit/s utilizando codificação de banda larga com múltiplas taxas adaptativa (*adaptive multi-rate wideband*, AMR-WB).
- G.726 - Codificação por código de pulso adaptativa a 40, 32, 24, 16 kbit/s (ADPCM).
- G.727 - Codificação por código de pulso adaptativa a 5-, 4-, 3- e 2-bit/amostra.
- G.728 - Codificação de voz a 16 kbit/s utilizando código de excitação com predição linear com baixo atraso.

G.729 - Codificação de voz a 8 kbit/s utilizando estrutura conjugada codificação com excitação por códio algébrico e predição linear (*conjugate-structure algebraic-code-excited linear-prediction*, CS-ACELP).

Codificação de Voz

O sinal de fala é um sinal de áudio e é amostrado como qualquer outro sinal de áudio, mas devido à sua natureza particular (sinal de fala), ele possui propriedades que podem ser exploradas para obtermos uma compressão mais eficiente para este tipo de sinal.

Sinal de Voz

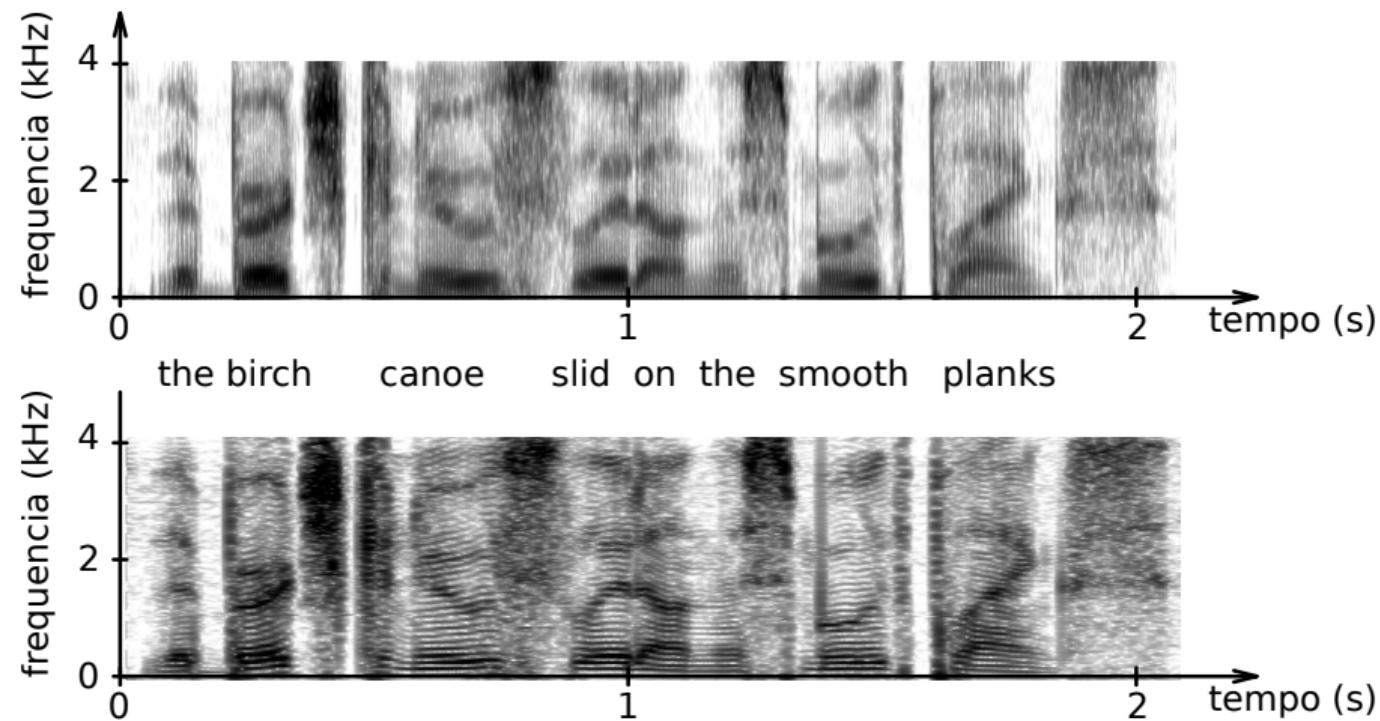


Figura 75: Espectrograma de uma sentença (a) banda-larga (b) banda-estreita.

Trato Vocal

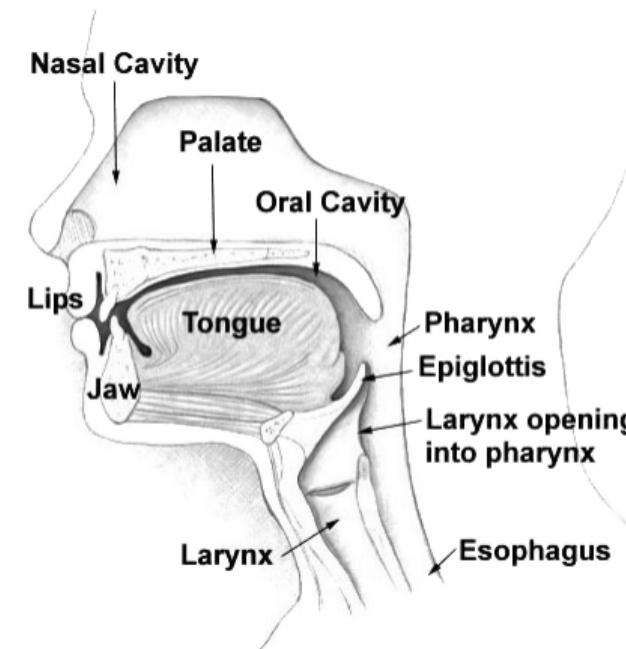


Figura 76: Aparato vocal humano (Wikipedia).

Trato Vocal

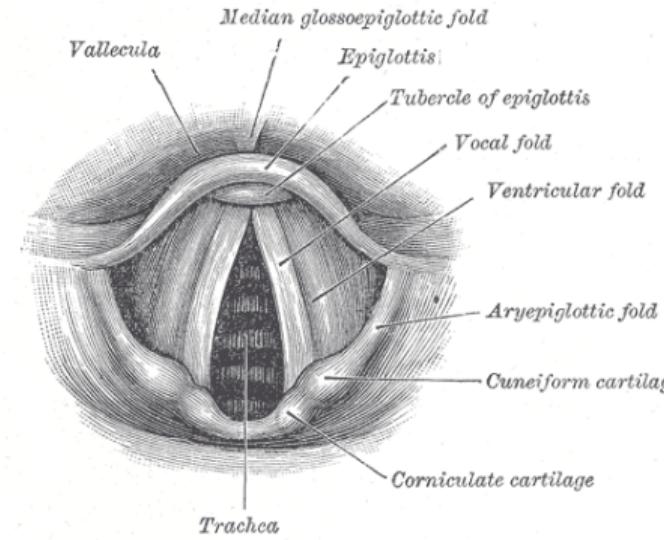


Figura 77: Corte transversal (Gray, 1918).

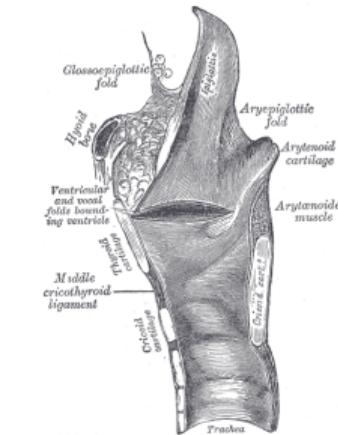


Figura 78: Corte sagital (Gray, 1918).

Sinal de Voz

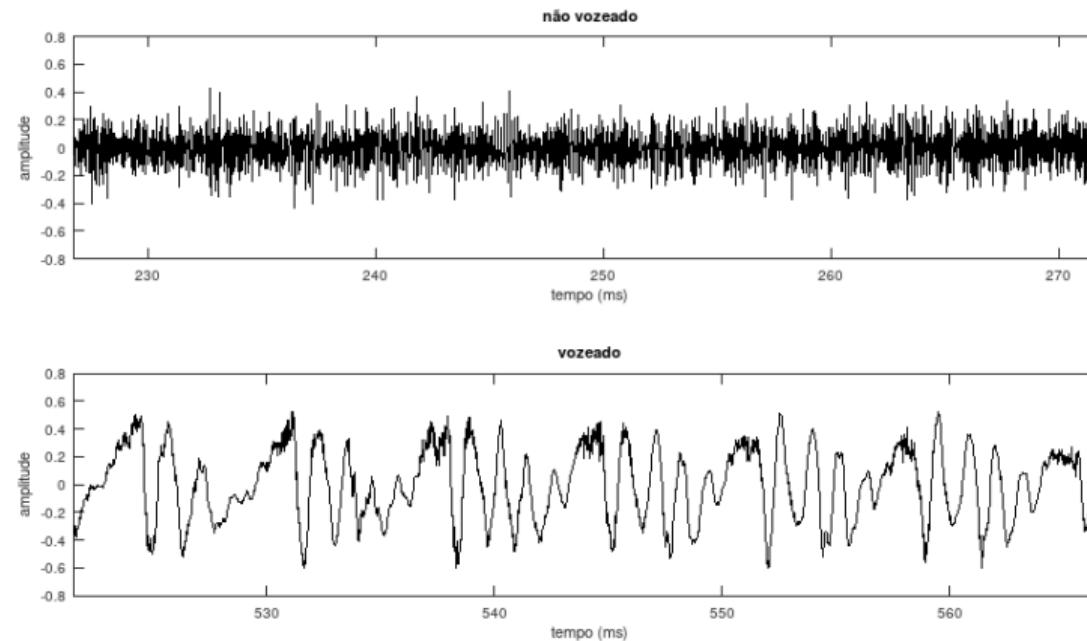


Figura 79: (a) Vozeado e (b) Não-vozeado.

Codificação de Voz

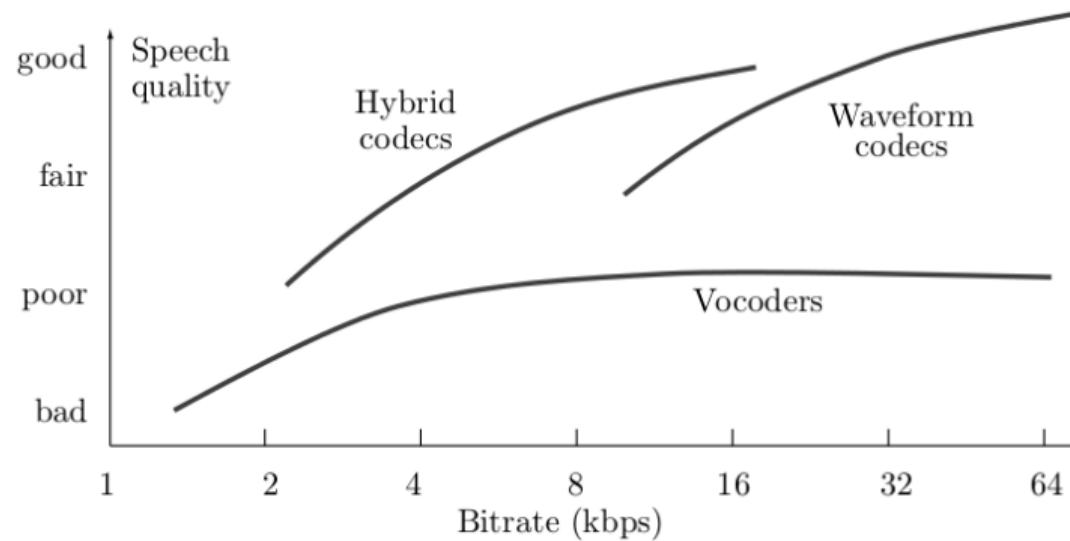


Figura 80: Qualidade da fala versus bitrate para abordagens distintas em codificações de voz.

Codificação de forma de onda

Este tipo de codificação não tenta predizer como o sinal original foi gerado. Apenas busca reproduzir, após a descompressão, as amostras de áudio que são o mais próximas possíveis das amostras originais.

- ▶ PCM
- ▶ ADPCM
- ▶ SBC (*subband coding*) - codificação em sub-banda
- ▶ ATC (*adaptive transform coding*) - codificação por transformação adaptativa

ATC - codificação por transformação adaptativa

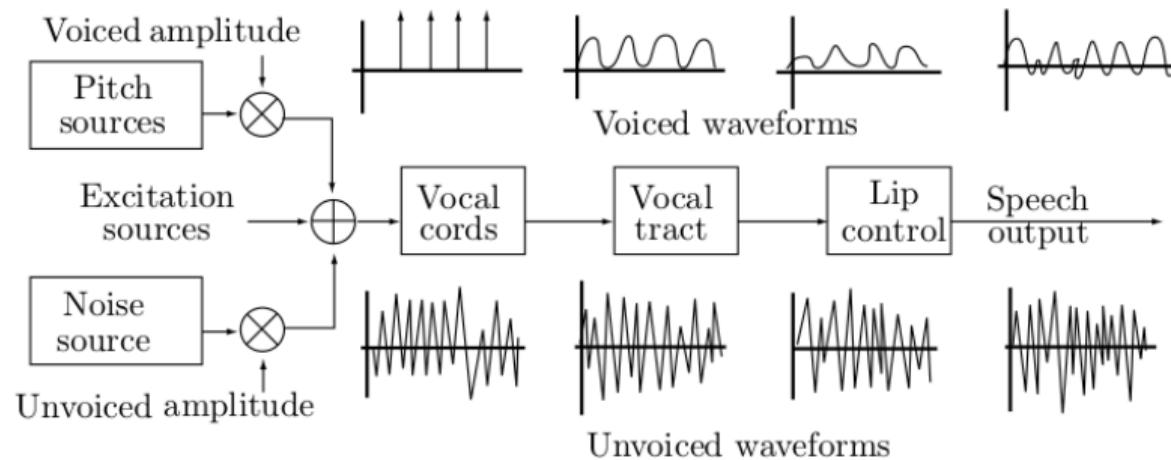
O arquivo de áudio é dividido em blocos de amostras e a DCT é aplicada em cada bloco, resultando em uma certa quantidade de coeficientes de frequências distintas. Cada coeficiente é quantizado de acordo com a sua frequência correspondente. É possível obter um sinal de áudio reconstruído com boa qualidade a taxas tão baixas quanto 16 kbps.

Codificação de Fonte

Um codificador de fonte utiliza um modelo matemático para a fonte produtora dos dados que desejamos codificar/transmitir. Se os dados originais correspondem a um sinal de voz, o codificador de fonte é chamado *vocodes* (*voice coder*). O exemplo mais comum é:

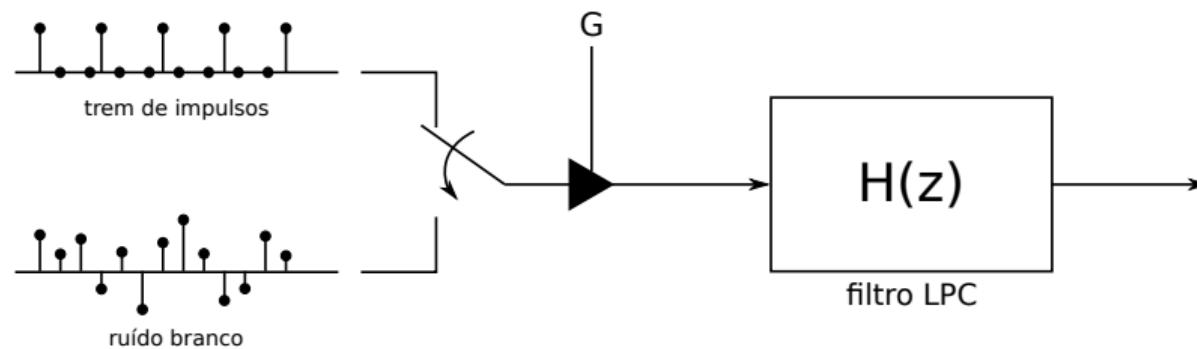
- ▶ LPC (linear predictive coder)

LPC - linear predictive coding



LPC - codificação por predição linear

Utiliza-se um modelo de predição linear para representar o modelo do envelope de espectro de um trecho de um sinal de voz. Desta forma, não é necessário transmitir/armazenar as amostras do sinal de voz, mas apenas os parâmetros de excitação do filtro, o ganho e o filtro de predição linear.



Processamento de Áudio e Vídeo

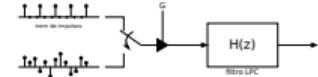
Predição Linear

LPC

LPC - codificação por predição linear

LPC - codificação por predição linear

Utiliza um modelo de predição linear para representar o modelo do envelope do espectro de um trecho de um sinal de voz. Dessa forma, não é necessário armazenar a amostra do sinal de voz, mas apenas os parâmetros de estimativa da filtragem, o ganho e o filtro de predição linear.



O LPC analisa o sinal de voz realizando um estimativa dos formantes, removendo o efeitos destes no sinal de fala, e estimando a intensidade e frequência do zumbido remanescente. O processo de remover o efeito dos formantes é chamado de filtragem inversa, e o sinal remanescente após a subtração do sinal modelado filtrado é chamado de resíduo. Os parâmetros que descrevem a intensidade e frequência do zumbido, os formantes, e o sinal de resíduo, podem ser armazenados ou transmitidos. A síntese LPC do sinal de fala utiliza o processo inverso: utiliza os parâmetros do zumbido e o resíduo para criar sinal da fonte, utiliza os formantes para criar um filtro (que representa a cavidade do trato vocal), e passa o sinal da fonte pelo filtro, resultando no sinal de fala. Como o sinal de fala varia ao longo do tempo, este processo é feito em pequenos trechos de sinal de fala, chamados quadros; usualmente de 30 a 50 quadros por segundo são utilizados para fornecer um sinal com boa compressão e fala inteligível.

Processamento de Áudio e Vídeo

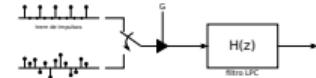
Predição Linear

LPC

LPC - codificação por predição linear

LPC - codificação por predição linear

Utiliza-se um modelo de predição linear para representar o modelo do envelope do sinal de voz. Dessa forma, não é necessário transmitir informações sobre o sinal de voz, mas apenas os parâmetros de excitação do bloco, a ganho e o bloco de predição linear.



- LPC é usualmente utilizado para análise e ressíntese de sinal de voz.
- Compressão de voz, como por exemplo no padrão GSM.
- Transmissão sem fio, segura e encriptada de voz através um canal estreito; por exemplo: Navajo I, governo EUA.
- Vocoders: aonde instrumentos musicais são utilizados como sinal de excitação para um filtro variante no tempo estimado a partir do sinal de voz de um cantor.
- A predição feita pelo LPC é utilizada em codecs de áudio como por exemplo: Shorten, MPEG-4 ALS, FLAC, e outros.

Codificação LPC

O LPC determina os coeficientes de um preditor linear através da minimização do erro de predição no sentido dos mínimos quadrados (uma das abordagens). Ele encontra os coeficientes de um preditor de ordem p (filtro FIR) que prediz o valor atual de uma série temporal real x a partir de amostras passadas.

$$\hat{x}[n] = -a_2x[n-1] - a_3x[n-2] - \cdots - a_{p+1}x[n-p] \quad (247)$$

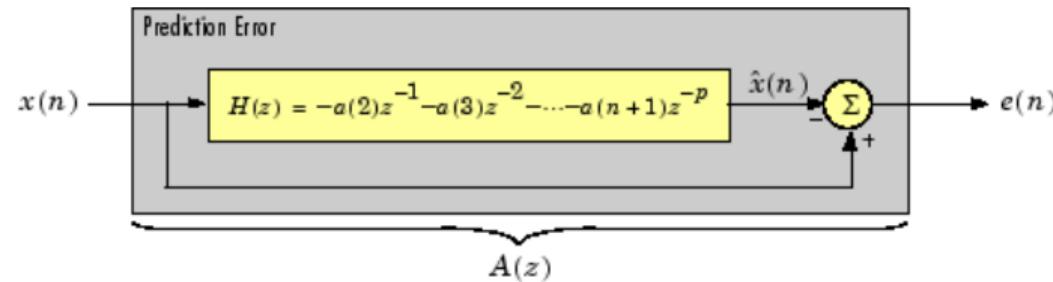
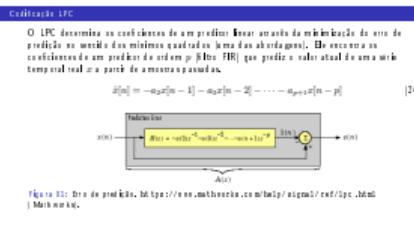
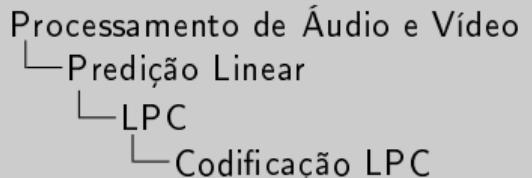


Figura 81: Erro de predição. <https://www.mathworks.com/help/signal/ref/lpc.html> (Mathworks).



O erro de predição, $e[n]$, pode ser visto como a saída do filtro de predição $A(z)$, onde $H(z)$ é o preditor linear ótimo, $x[n]$ é o sinal de entrada, e $\hat{x}[n]$ é o sinal predito.

LPC utiliza o método da autocorrelação da modelagem auto-regressiva (AR) para encontrar os coeficientes de filtro. O filtro gerado pode não modelar o processo exatamente, mesmo que a sequência de dados seja efetivamente proveniente de um modelo AR com ordem correta p adotada. Isto ocorre porque o método de autocorrelação implicitamente janela o sinal, isto é, assume que as amostras do sinal além do comprimento de x sejam nulas.

Otimização baseada nos mínimos quadrados

O erro total é definido

$$\varepsilon = \sum_{n=n_0}^{n_1} e^2[n], \quad (248)$$

aonde n_0 e n_1 compreendem o limite da extensão sobre a qual será realizada a otimização.

Como temos

$$e[n] = x[n] - \hat{x}[n] = x[n] + \sum_{i=1}^p a_i x[n-i] = \sum_{i=0}^p a_i x[n-i], \quad (249)$$

onde consideramos $a_0 = 1$. Substituindo 249 em 248 teremos:

$$\begin{aligned} \varepsilon &= \sum_{n=n_0}^{n_1} \left[\sum_{i=0}^p a_i x[n-i] \right]^2 = \sum_{n=n_0}^{n_1} \sum_{i=0}^p \sum_{j=0}^p a_i x[n-i] x[n-j] a_j \\ &= \sum_{i=0}^p \sum_{j=0}^p a_i c_{ij} a_j, \end{aligned} \quad (250)$$

Otimização baseada nos mínimos quadrados 2

onde

$$c_{ij} = \sum_{n=n_0}^{n_1} x[n-i]x[n-j]. \quad (251)$$

Para minimizar ε em relação aos coeficientes do LPC, a_1, a_2, \dots, a_p , devemos fazer a derivada parcial, em relação a cada coeficiente, igual a zero e resolver o sistema de equações remanescente.

$$\frac{\partial \varepsilon}{\partial a_k} = 2 \sum_{i=0}^p a_i c_{ik} = 0. \quad (252)$$

Como $a_0 = 1$, teremos então o sistema de equações normais:

$$\sum_{i=1}^p a_i c_{ik} = -c_{0k}, \quad k = 1, 2, \dots, p. \quad (253)$$

Obtemos assim um sistema linear $p \times p$ cuja solução é obtida diretamente pela inversão matricial (complexidade $O(p^3)$), mas existe forma mais eficiente para resolver este sistema).

Método da Autocorrelação

O método da autocorrelação escolhe os limites $n_0 = \infty$ e $n_1 = \infty$, e ao mesmo tempo, força $x[n] = 0$ para $n < 0$ e $n \geq N$, i.e., limita o sinal a uma janela de tamanho N . Teremos então c_{ij} dado pela função de autocorrelação $r(\tau)$:

$$\begin{aligned} c_{ij} &= \sum_{n=-\infty}^{\infty} x[n-i]x[n-j] \\ &= \sum_{n=0}^{N-1-|i-j|} x[n]x[n+|i-k|] = r(|i-k|). \end{aligned} \tag{254}$$

Devido ao truncamento para zero de $x[n]$ fora de uma janela de N amostras, teremos o equivalente à minimização do erro no intervalo $0 \leq n \leq N + p - 1$.

O sistema

$$\sum_{i=1}^p a_i c_{ik} = -c_{0k}, \quad k = 1, 2, \dots, p. \tag{255}$$

Método da Autocorrelação 2

será então reescrito como

$$\sum_{i=1}^p a_i r(|i - k|) = -r(k), \quad k = 1, 2, \dots, p. \quad (256)$$

onde

$$r(\tau) = \sum_{n=0}^{N-1-|\tau|} x[n]x[n+\tau], \quad \tau \geq 0. \quad (257)$$

O erro de predição do sinal será

$$e[n] = x[n] + \sum_{i=1}^p a_i x[n-i], \quad n = 0, 1, 2, \dots, N+p-1. \quad (258)$$

Método da Autocorrelação 3

Podemos também fazer a representação matricial do sistema de equações

$$\mathbf{X}\mathbf{a} = \mathbf{b} \quad (259)$$

onde $\mathbf{X} = \begin{bmatrix} x[0] & 0 & \cdots & 0 \\ x[1] & x[0] & \ddots & \vdots \\ \vdots & x[1] & \ddots & 0 \\ x[N-1] & \vdots & \ddots & x[0] \\ 0 & x[N-1] & \ddots & x[1] \\ \vdots & \ddots & \ddots & \vdots \\ 0 & \cdots & 0 & x[N-1] \end{bmatrix}, \quad \mathbf{a} = \begin{bmatrix} 1 \\ a[1] \\ \vdots \\ a[p] \end{bmatrix}, \quad \mathbf{b} = \begin{bmatrix} x[0] \\ 0 \\ \vdots \\ 0 \end{bmatrix}.$

Método da Autocorrelação 4

Fazendo

$$\mathbf{X}^H \mathbf{X} \mathbf{a} = \mathbf{X}^H \mathbf{b} \quad (260)$$

teremos as equações de Yule-Walker

$$\begin{bmatrix} r[0] & r[1]^* & \cdots & r[p-1]^* \\ r[1] & r[0] & \ddots & \vdots \\ \vdots & \ddots & \ddots & r[1]^* \\ r[p-1] & \cdots & r[1] & r[0] \end{bmatrix} \begin{bmatrix} a[1] \\ a[2] \\ \vdots \\ a[p] \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} -r[1] \\ -r[2] \\ \vdots \\ -r[p] \end{bmatrix} \quad (261)$$

que podem ser resolvidas pelo algoritmo de Levinson-Durbin com ordem de complexidade $O(p^2)$.

Codificação Híbrida

Os codecs híbridos combinam características de ambos: codificação de forma de onda e codificação de fonte. O mais popular dos codecs híbridos são os algorismos no domínio do tempo de ‘Análise através da Síntese’, AbS (*Analysis-by-Synthesis*).

Analysis-by-Synthesis (AbS)

Os codificadores AbS começam com um conjunto de amostras de fala (um quadro), codifica-as de forma similar ao LPC, decodifica, e subtrai o resultado da decodificação do sinal original. A diferença sofre um processo de minimização do erro que fornece amostras melhor codificadas. Estas amostras são novamente decodificadas, subtraídas das amostras originais, e novas diferenças são calculadas. Este processo é repetido até que as diferenças satisfaçam uma determinada condição para terminar o processo. O codificado procede então para o próximo quadro.

CELP - Code-excited linear prediction

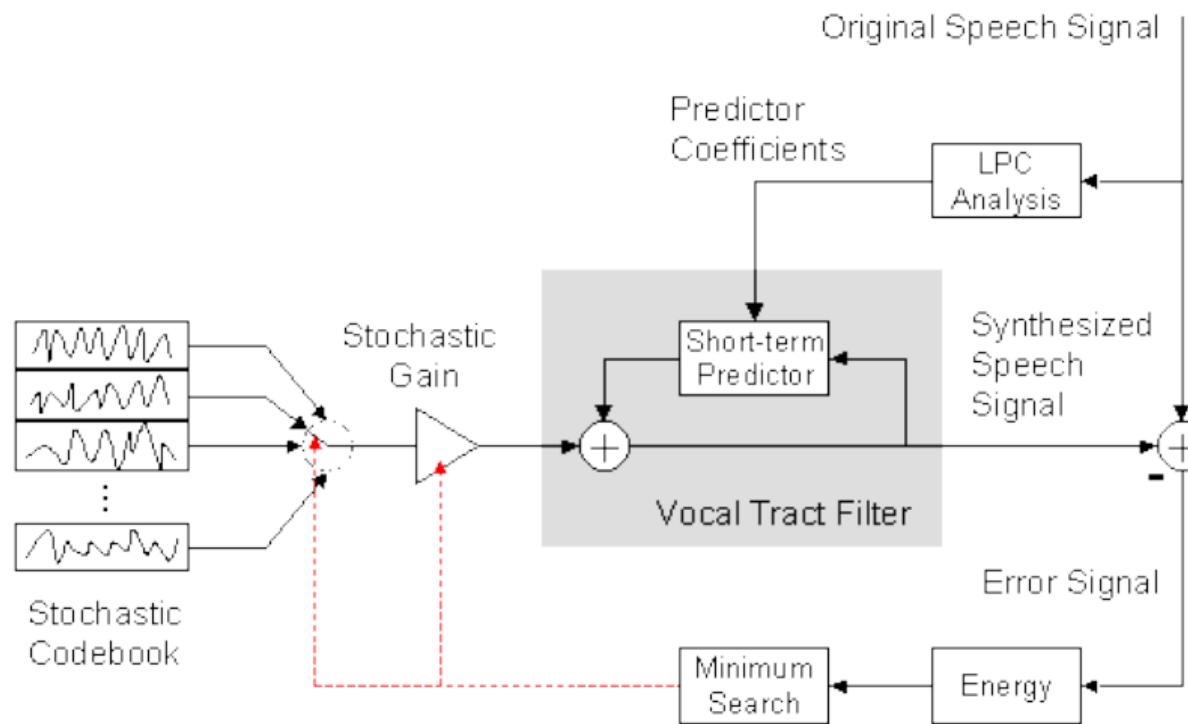
Uma das codificações mais conhecidas do tipo AbS é o CELP, um acronismo que significa predição linear por excitação por código.

- ▶ Proposto em 1985 por M.R. Schroeder e B.S. Atal.
- ▶ É atualmente o algoritmo de codificação de voz mais utilizado.
- ▶ Utilizado no padrão para codificação de voz do MPEG-4 Audio.

CELP - principais ideias

- ▶ Utilizar o modelo fonte-filtro da produção da fala através da predição linear (LP).
- ▶ Utilizar um codebook adaptativo e fixo como entrada (excitação) do modelo LP.
- ▶ Buscar em um loop fechado em um domínio ponderado pelas características perceptivas.
- ▶ Quantização vetorial.

Codificador CELP



Decodificador CELP

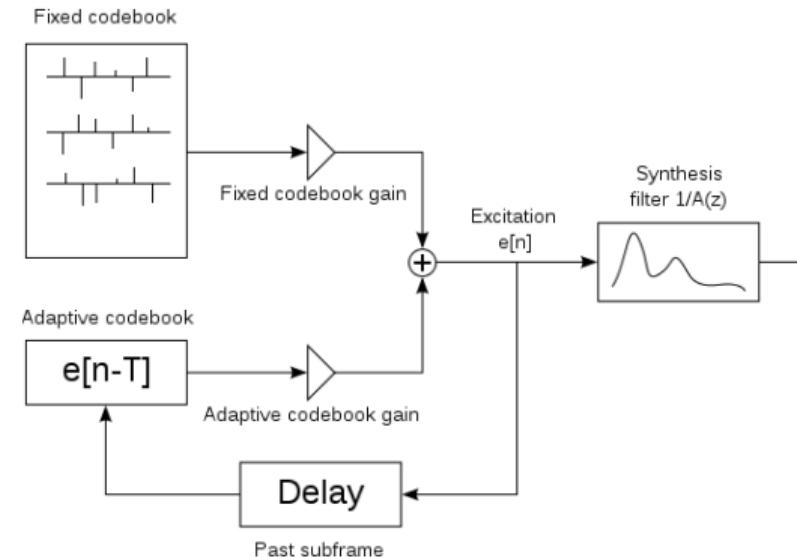


Figura 82: Decodificador CELP (Wikipedia).

- Processamento de Áudio e Vídeo
 - Predição Linear
 - Codecs Híbridos
 - Decodificador CELP

Decodificador CELP

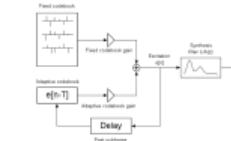
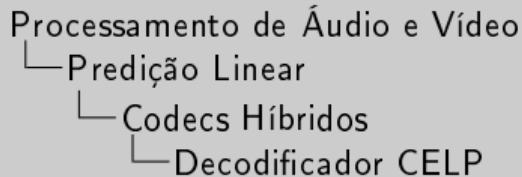


Figura 02: Decodificador CELP (Wikipedia).

A excitação é produzida pela soma das contribuições de um codebook adaptativo (aka pitch) e um codebook estocástico (aka fixo). O codebook fixo é quantizado vetorialmente utilizando um dicionário que é previamente definido no codec. As entradas do codebook adaptativo consistem em versões atrasadas da excitação. Isto torna possível codificar eficientemente sinais periódicos, tais como sinais vozeados. O filtro que molda a excitação é constituído por um modelo com apenas pólos obtido através da predição linear.



Decodificador CELP

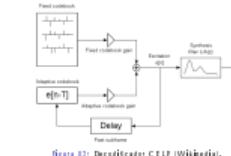


Figura 02: Decodificador CELP (Wikipedia).

A codificação (análise) é realizada através de uma otimização perceptiva do sinal decodificado (síntese) em um loop fechado, utilizando uma função perceptiva simples de ponderação. A codificação é realizada seguindo a seguinte ordem:

1. Os coeficientes LPC são calculados e quantizados.
2. É realizada uma busca no codebook adaptativo (pitch) e sua contribuição é removida.
3. É realizada a busca no codebook fixo.



https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/lpc_vowels_formants.ipynb



[https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/
lpc-synthesis.ipynb](https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/lpc-synthesis.ipynb)

Sugestão de leitura:

- ▶ Makhoul, J. (1975). *Linear prediction: A tutorial review.* *Proceedings of the IEEE*, 63(4):561–580
- ▶ Salomon, D., Bryant, D., and Motta, G. (2010). *Handbook of Data Compression.* Springer London
- ▶ Kondoz, A. M. (2004). *Digital Speech: Coding for Low Bit Rate Communication Systems.* Wiley

DPCM

DPCM

O DPCM (*Differential pulse-code modulation*) foi criado 1950 por Cassius Chapin Cutler. O codificador utiliza um preditor linear para o sinal a ser codificado. O erro de predição é quantizado e transmitido/armazenado. Para a decodificação utiliza-se o mesmo preditor e soma-se o erro de predição recebido na entrada do decodificador.

DPCM - Codificador e Decodificador

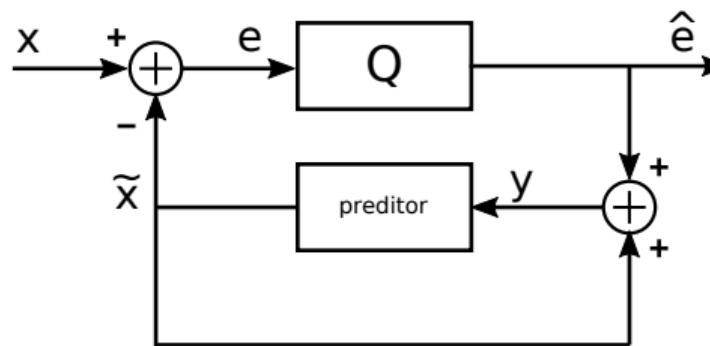


Figura 83: Codificador DPCM.

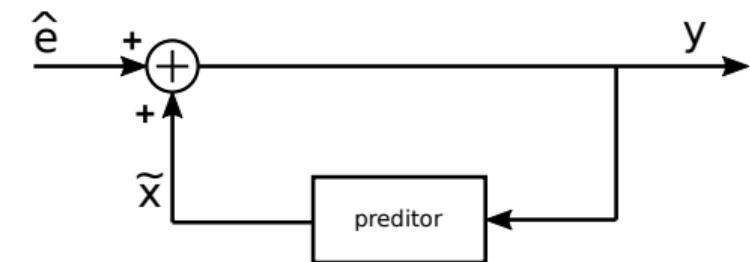


Figura 84: Decodificador DPCM.

DPCM - exemplo



https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/dpcm_example_image.ipynb

Leitura

Sugestão de leitura:

- ▶ Salomon, D., Bryant, D., and Motta, G. (2010). *Handbook of Data Compression*. Springer London
- ▶ Yehia, H. C. (1993). [Análise de funções de erro em sistemas de codificação lpc](#). Master's thesis, ITA

DCT

Transformadas de comprimento finito

Equação de análise:

$$A[k] = \sum_{n=0}^{N-1} x[n]\phi_k^*[n] \quad (262)$$

Equação de síntese:

$$x[n] = \frac{1}{N} \sum_{k=0}^{N-1} A[k]\phi_k[n] \quad (263)$$

As sequências $\phi_k[n]$ são chamadas de **sequências de base** e são ortogonais entre si, i.e.

$$\langle \phi_k, \phi_m \rangle = \frac{1}{N} \sum_{n=0}^{N-1} \phi_k[n]\phi_m^*[n] = \begin{cases} 1, & m = k \\ 0, & m \neq k. \end{cases} = \delta_{m,k}. \quad (264)$$

Discrete Time Fourier Transform (DFT)

Para a DFT temos

$$\phi_k[n] = e^{j \frac{2\pi k n}{N}} \quad (265)$$

Existem N exponencias complexas distintas: $\phi_0, \phi_1, \dots, \phi_{N-1}$.

$\{\phi_k\}_{k \in [0, N-1]}$ forma uma base para o espaço das sequências de tamanho N .

$$x[n] \stackrel{\text{DFT}}{\underset{\text{iDFT}}{\rightleftarrows}} X[k] \quad (266)$$

Se $x[n]$ é real, então $X[k]$ é par e complexo.

Outras Transformadas

Existe uma base $\{\phi_k\}$ tal que sendo $x[n]$ real teremos $X[k]$ também real?

- ▶ Transformada Haar
- ▶ Transformada Hadamard
- ▶ Transformada Hartley
- ▶ Transformada Discreta em Cossenos

Definição da DCT

- ▶ As sequências de base ϕ_k são cossenos.
- ▶ Cossenos são funções periódicas com simetria par.
- ▶ A extensão de $x[n]$ fora do intervalo $0 \leq n \leq (N - 1)$ na equação

$$x[n] = \frac{1}{N} \sum_{k=0}^{N-1} A[k] \phi_k[n] \quad (267)$$

será periódica e com simetria par.

- ▶ sequência finita \rightarrow sequência periódica
- ▶ sequência periódica \rightarrow sequência finita
- ▶ Existem 8 formas diferentes de fazer a extensão periódica de uma sequência.
 - ▶ borda esquerda/direita; simetria par/ímpar; ponto dos dados/ponto intermediário

Simetrias

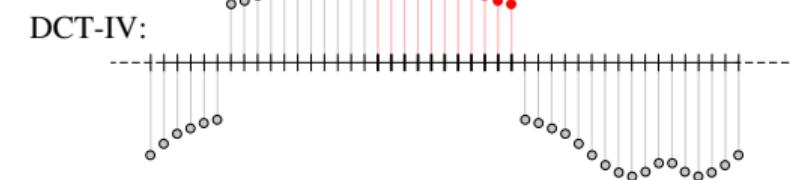
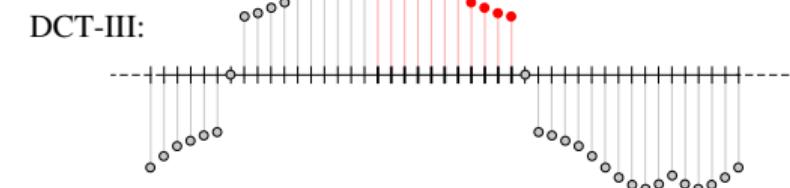
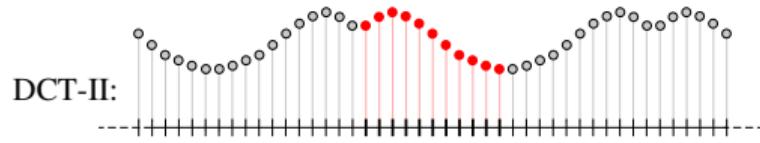
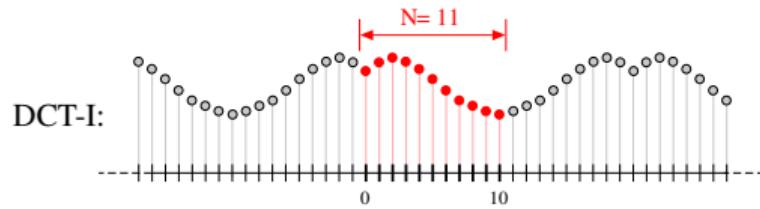
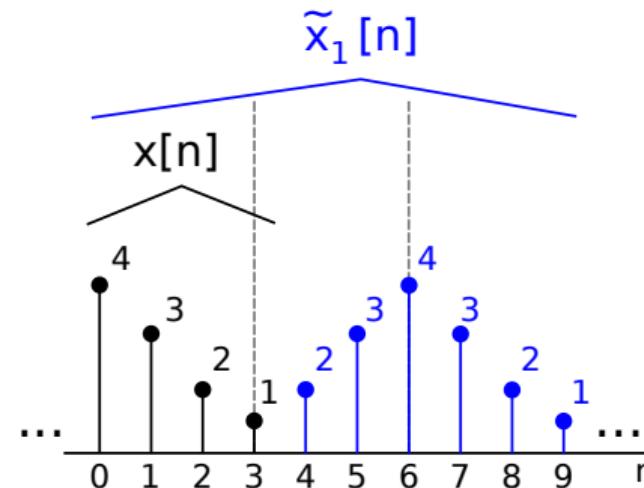
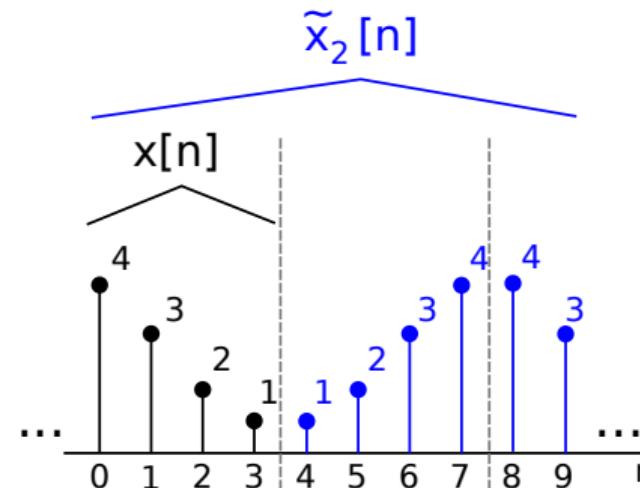


Figura 85: Extensão par e ímpar na definição dos tipos de DCT. (Wikipedia)

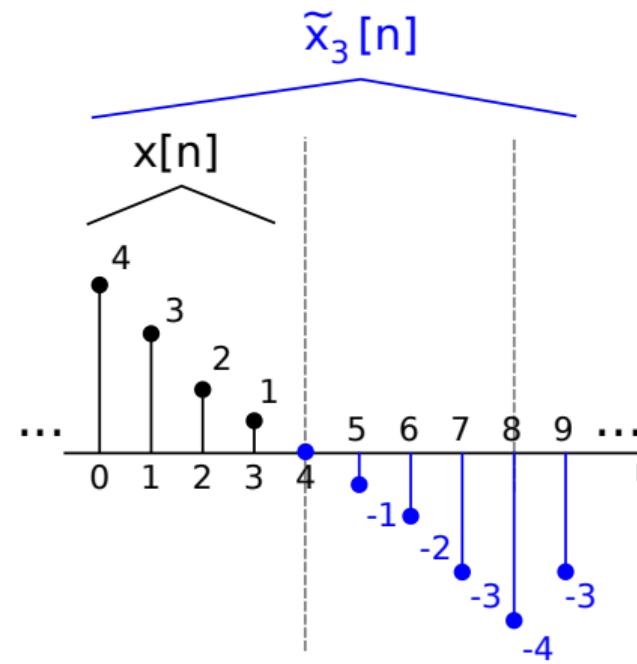


$\tilde{x}_1[n]$ possui período $(2N - 2)$ e possui simetria par em torno de $n = 0$ e $n = (N - 1)$.



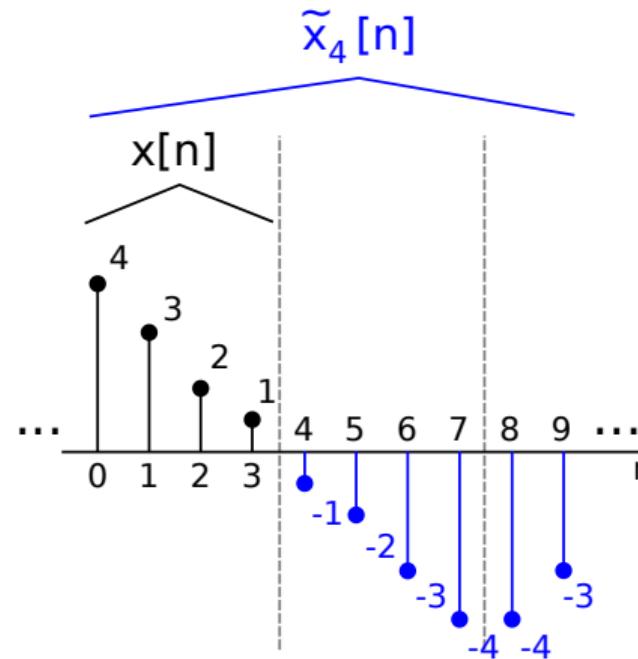
$\tilde{x}_2[n]$ possui período $2N$ e possui simetria par em torno de $n = -1/2$ e $n = N - 1/2$.

DCT-III

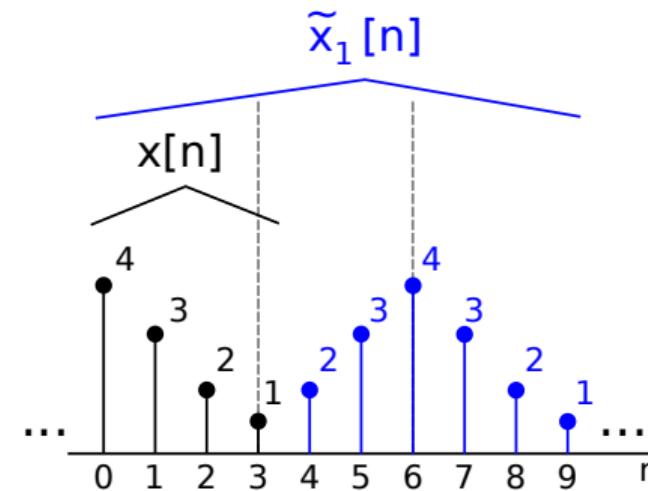


$\tilde{x}_3[n]$ possui período $4N$ e possui simetria par em torno de $n = 0$ e ímpar em torno de $n = N$.

DCT-IV



$\tilde{x}_4[n]$ possui período $4N$ e possui simetria par em torno de $n = -1/2$ e ímpar em torno de $n = N - 1/2$.



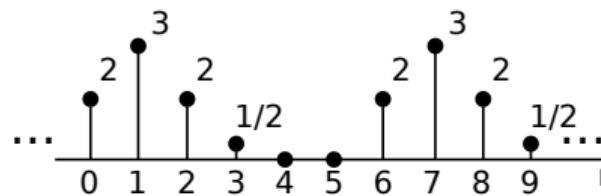
$\tilde{x}_1[n]$ possui período $(2N - 2)$ e possui simetria par em torno de $n = 0$ e $n = (N - 1)$.

$$\tilde{x}_1[n] = x_\alpha[((n))_{2N-2}] + x_\alpha[((-n))_{2N-2}] \quad (268)$$

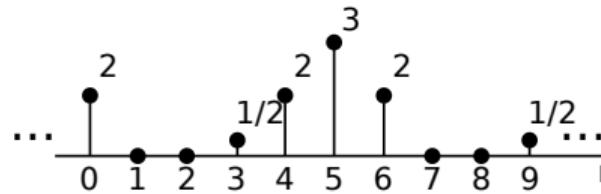
onde $((n))_N$ significa $n \bmod N$, e a sequência modificada é definida por $x_\alpha[n] = \alpha[n]x[n]$, com

$$\alpha[n] = \begin{cases} \frac{1}{2}, & n = 0 \text{ e } N - 1, \\ 1, & 1 \leq n \leq N - 2. \end{cases} \quad (269)$$

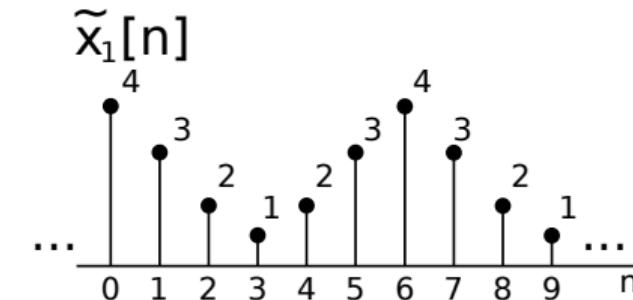
$$x_\alpha[((n))_{2N-2}]$$



$$x_\alpha[((-n))_{2N-2}]$$



$$\tilde{x}_1[n]$$



- ▶ $\tilde{x}_1[n]$ possui período igual a $2N - 2$.
- ▶ base de cossenos harmonicamente relacionados, $\omega_0 = 2\pi/(2N - 2)$, teremos:

$$\cos\left(\frac{2\pi kn}{2N-2}\right) = \cos\left(\frac{\pi kn}{N-1}\right).$$

$$X[k] = \sum_{n=0}^{2N-3} \tilde{x}_1[n] \cos\left(\frac{\pi kn}{N-1}\right) \quad (270)$$

$$= \tilde{x}_1[0] \cos(0) + \sum_{n=1}^{N-2} \tilde{x}_1[n] \cos\left(\frac{\pi kn}{N-1}\right) \quad (271)$$

$$+ \tilde{x}_1[N-1] \cos\left(\frac{\pi k(N-1)}{N-1}\right) + \sum_{n=N}^{2N-3} \tilde{x}_1[n] \cos\left(\frac{\pi kn}{N-1}\right)$$

fazendo $n' = 2N - 2 - n$ no segundo somatório teremos

$$\begin{aligned}
 X[k] &= \dots \\
 &\tilde{x}_1[0] \cos(0) + \sum_{n=1}^{N-2} \tilde{x}_1[n] \cos\left(\frac{\pi k n}{N-1}\right) \\
 &+ \tilde{x}_1[N-1] \cos\left(\frac{\pi k(N-1)}{N-1}\right) \\
 &+ \sum_{n'=N-2}^1 \underbrace{\tilde{x}_1[2N-2-n']}_{\substack{=\tilde{x}_1[n]=\tilde{x}_1[n'] \\ \tilde{x}_1 \text{ é par}}} \cos\left(\frac{\pi k(2N-2-n')}{N-1}\right)
 \end{aligned} \tag{272}$$

Iremos utilizar $\cos(A + B) = \cos A \cos B - \sin A \sin B$

$$\begin{aligned}
 \cos\left(\frac{\pi k(2N - 2 - n')}{N - 1}\right) &= \underbrace{\cos\left(\frac{\pi k(2N - 2)}{N - 1}\right)}_{=1} \cos\left(\frac{-n'k\pi}{N - 1}\right) \\
 &\quad - \underbrace{\sin\left(\frac{\pi k(2N - 2)}{N - 1}\right)}_{=0} \sin\left(\frac{-n'k\pi}{N - 1}\right) \\
 &= \cos\left(\frac{n'k\pi}{N - 1}\right)
 \end{aligned} \tag{273}$$

$$X[k] = \dots$$

$$\tilde{x}_1[0] \cos(0) + \sum_{n=1}^{N-2} \tilde{x}_1[n] \cos\left(\frac{\pi k n}{N-1}\right)$$

$$+ \tilde{x}_1[N-1] \cos\left(\frac{\pi k(N-1)}{N-1}\right) \quad (274)$$

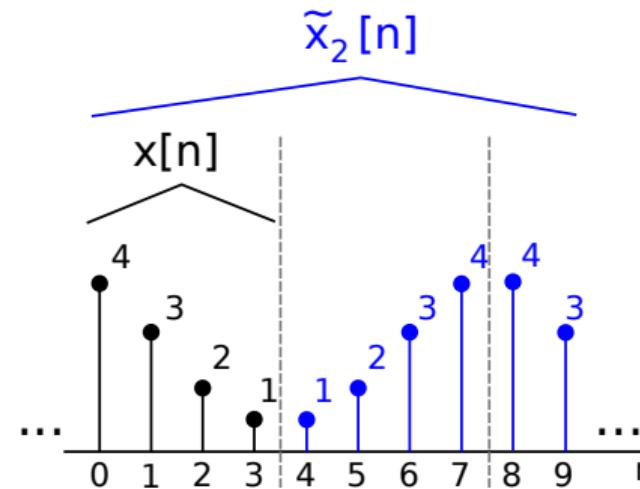
$$\sum_{n'=1}^{N-2} \tilde{x}_1[n'] \cos\left(\frac{n'k\pi}{N-1}\right) \quad (275)$$

$$= 2 \sum_{n=0}^{N-1} \alpha[n] x[n] \cos\left(\frac{\pi k n}{N-1}\right) \quad (276)$$

A DCT-I é definida pelo par de transformada:

$$X^{C1}[k] = 2 \sum_{n=0}^{N-1} \alpha[n] x[n] \cos\left(\frac{\pi k n}{N-1}\right), \quad 0 \leq k \leq N-1, \quad (277)$$

$$x[n] = \frac{1}{N-1} \sum_{k=0}^{N-1} \alpha[k] X^{C1}[k] \cos\left(\frac{\pi k n}{N-1}\right), \quad 0 \leq n \leq N-1. \quad (278)$$



$\tilde{x}_2[n]$ possui período $2N$ e possui simetria par em torno de $n = -1/2$ e $n = N - 1/2$. $x[n]$ é estendido para ter período $2N$, sendo a sequência periódica dada por

$$\tilde{x}_2[n] = x [(n)_{2N}] + x [((-n-1))_{2N}] \quad (279)$$

A DCT-II é definida pelo par de transformada:

$$X^{C2}[k] = 2 \sum_{n=0}^{N-1} x[n] \cos \left(\frac{\pi k(2n+1)}{2N} \right), \quad 0 \leq k \leq N-1. \quad (280)$$

$$x[n] = \frac{1}{N} \sum_{k=0}^{N-1} \beta[k] X^{C2}[k] \cos \left(\frac{\pi k(2n+1)}{2N} \right), \quad 0 \leq n \leq N-1. \quad (281)$$

onde a função de peso $\beta[k]$ é dada por

$$\beta[k] = \begin{cases} \frac{1}{2}, & k = 0 \\ 1, & 1 \leq k \leq N-1. \end{cases} \quad (282)$$

Muitas vezes inclui-se um fator de normalização para tornar a transformada unitária, ou seja, deverá ser ortonormal e terá a propriedade $\sum_{n=0}^{N-1} (x[n])^2 = \sum_{k=0}^{N-1} (\tilde{X}^{C2}[k])^2$.

$$\tilde{X}^{C2}[k] = \sqrt{\frac{2}{N}} \tilde{\beta}[k] \sum_{n=0}^{N-1} x[n] \cos\left(\frac{\pi k(2n+1)}{2N}\right), \quad 0 \leq k \leq N-1. \quad (283)$$

$$x[n] = \sqrt{\frac{2}{N}} \sum_{k=0}^{N-1} \tilde{\beta}[k] \tilde{X}^{C2}[k] \cos\left(\frac{\pi k(2n+1)}{2N}\right), \quad 0 \leq n \leq N-1. \quad (284)$$

onde a função de peso $\tilde{\beta}[k]$ é dada por

$$\tilde{\beta}[k] = \begin{cases} \frac{1}{\sqrt{2}}, & k = 0 \\ 1, & 1 \leq k \leq N-1. \end{cases} \quad (285)$$

Forma Matricial

Para $0 \leq k \leq N - 1$ m temos

$$\tilde{X}^{C2}[k] = \sqrt{\frac{2}{N}} \tilde{\beta}[k] \sum_{n=0}^{N-1} x[n] \cos\left(\frac{\pi k(2n+1)}{2N}\right) \quad (286)$$

$$= \sum_{n=0}^{N-1} x[n] \sqrt{\frac{2}{N}} \tilde{\beta}[k] \cos\left(\frac{\pi k(2n+1)}{2N}\right) \quad (287)$$

$$= \sum_{n=0}^{N-1} x[n] c[k, n] \quad (288)$$

onde definimos

$$c[k, n] \triangleq \sqrt{\frac{2}{N}} \tilde{\beta}[k] \cos\left(\frac{\pi k(2n+1)}{2N}\right) \quad k, n = 0, 1, \dots, N - 1 \quad (289)$$

Forma Matricial 2

Temos então a matriz $N \times N$ da transformada em cossenos

$$\begin{bmatrix} \cdots & \cdots & \cdots \\ \cdots & c[n, m] & \cdots \\ \cdots & \cdots & \cdots \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} \mathbf{c}_0^T \\ \cdots \\ \mathbf{c}_{N-1}^T \end{bmatrix} = \mathbf{C}^T \quad (290)$$

$\mathbf{c}_i^T = [c[i, 0], \dots, c[i, N-1]]$ é a i -ésima linha da matriz de DCT \mathbf{C} . Estes vetores linha são ortonormais:

$$\langle \mathbf{c}_i, \mathbf{c}_j \rangle = \mathbf{c}_i^T \mathbf{c}_j = \delta_{ij} = \begin{cases} 1 & i = j \\ 0 & i \neq j \end{cases} \quad (291)$$

então a matriz \mathbf{C} é ortonormal

$$\mathbf{C}^{-1} = \mathbf{C}^T, \quad \text{i.e.} \quad \mathbf{C}^T \mathbf{C} = \mathbf{I} \quad (292)$$

e real $\mathbf{C} = \mathbf{C}^*$. A DCT sobre $x[n] = \mathbf{x}$ pode ser expressa na forma matricial

$$\mathbf{X} = \mathbf{C}^T \mathbf{x} \quad (293)$$

Considere uma imagem $N \times N$, \mathbf{A} . A 2D-DCT de \mathbf{A} é dada por $\mathbf{Y} = \mathbf{C}\mathbf{X}\mathbf{C}^T$, e a inversa é $\mathbf{X} = \mathbf{C}^T\mathbf{Y}\mathbf{C}$.

DCT 2D 2

```

X =
octave:12> Xdct = dct2(X)
Xdct =

```

9	10	8	8	8	11	8	8	74.625000	0.190507	-0.737346	0.225661	0.125000	-0.787713	-1.453469
8	10	8	10	8	9	10	10	-0.931856	0.050711	0.929243	-0.040246	-1.504944	-0.153404	0.206108
10	9	10	10	10	9	9	10	-1.740481	-1.077303	1.359835	1.247607	-0.321833	-0.162454	0.941942
9	11	9	8	10	8	11	9	-0.314447	1.011484	-1.561226	0.883728	0.166465	-0.602120	0.418059
8	10	11	11	10	10	9	8	-0.875000	0.786481	0.028021	0.535813	-2.375000	0.020869	0.394290
11	9	9	11	11	8	8	9	-0.033977	-0.627973	0.988461	1.519200	-0.490116	-1.633728	-0.696998
8	10	8	9	11	10	10	10	0.044436	2.122833	-0.058058	0.486956	2.162793	0.833284	1.890165
10	8	10	8	10	8	10	9	0.684918	-0.372995	-1.813402	-0.169819	-0.809147	-0.302809	1.534776


```

octave:13> round(Xdct)
ans =
octave:14> idct2(round(Xdct))
ans =

```

75	0	-1	0	0	-1	-1	0	8.7493	10.1235	7.8660	8.2482	8.3112	11.1295	8.0026	7.8454
-1	0	1	-0	-2	-0	0	-2	7.7606	9.9461	8.5292	9.8486	7.8115	8.9943	10.0979	9.9677
-2	-1	1	1	-0	-0	1	-1	9.9991	8.8032	10.5970	9.9802	9.4472	9.3406	9.0625	10.2427
-0	1	-2	1	0	-1	0	-2	9.0575	11.0616	8.4302	7.6851	10.3434	7.9997	11.1072	9.2655
-1	1	0	1	-2	0	0	1	8.2667	10.2259	11.4582	10.9890	10.1718	10.3699	9.0429	7.7518
-0	-1	1	2	-0	-2	-1	0	10.4791	9.2223	9.3069	11.0495	11.0876	8.1074	8.0293	9.4101
0	2	-0	0	2	1	2	1	8.0251	10.0475	7.7589	9.4060	11.2171	10.6002	9.5565	10.2678
1	-0	-2	-0	-1	-0	2	-1	10.0292	7.7224	10.0122	8.4653	9.6339	7.9689	9.4793	9.1868

Figura 86: Exemplo DCT.

Relação entre DCT-I e DFT

$$\tilde{x}_1[n] = x_\alpha [(n)_{2N-2}] + x_\alpha [(-n)_{2N-2}] \quad (294)$$

$\tilde{x}_1[n]$ é construído a partir de $x[n]$ e $\alpha[n]$. Podemos definir uma sequência finita $x_1[n]$ com base na sequência periódica $\tilde{x}_1[n]$:

$$x_1[n] = x_\alpha [(n)_{2N-2}] + x_\alpha [(-n)_{2N-2}] = \tilde{x}_1[n], \quad n = 0, 1, \dots, 2N - 3. \quad (295)$$

Relação entre DCT-I e DFT 2

A DFT da sequência $x_1[n]$ com $(2N - 2)$ pontos é dada por

$$X_1[k] = \text{DFT}\{x_1[n]\} \quad (296)$$

$$= \text{DFT}\{x_\alpha[((n))_{2N-2}]\} + \text{DFT}\{x_\alpha[((-n))_{2N-2}]\} \quad (297)$$

$$= X_\alpha[k] + X_\alpha^*[k] \quad (298)$$

$$= 2\text{Re}\{X_\alpha[k]\}, \quad k = 0, 1, \dots, 2N - 3 \quad (299)$$

$$= 2 \sum_{n=0}^{N-1} \alpha[n]x[n] \cos\left(\frac{2\pi kn}{2N-2}\right) = X^{C1}[k]. \quad (300)$$

$X_\alpha[k]$ é a DFT de $(2N - 2)$ pontos da sequência $\alpha[n]x[n]$ de N pontos, ou seja, devemos preencher $\alpha[n]x[n]$ com $(N - 2)$ zeros.

Então a DCT-I de uma sequência de N pontos é idêntica à DFT de $(2N - 2)$ pontos da sequência estendida $x_1[n]$, e também idêntica à duas vezes a parte real dos primeiros N pontos da DFT de $(2N - 2)$ pontos da sequência $x_\alpha[n]$.

Relação entre DCT-I e DFT 3

A DCT é $O(N^2)$, enquanto a DFT possui um algoritmo rápido (FFT) $O(N \log N)$. Poderemos utilizar a FFT para calcular $X_\alpha[k]$ ou $X_1[k]$ e desta forma teremos uma forma mais conveniente para computar a DCT-I.

Como a DCT-I envolve apenas coeficientes reais, existem também algoritmos eficientes para calcular a DCT-I de sequências reais de forma direta, sem a necessidade de multiplicações e adições de números complexos Ahmed et al. (1974); Chen et al. (1977).

Relação entre DCT-I e DFT 4

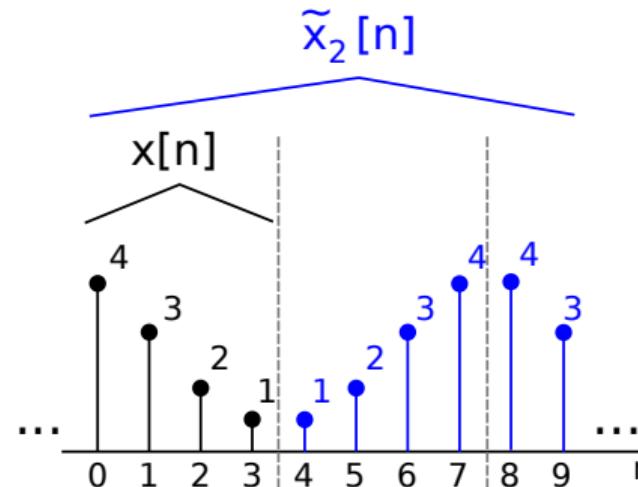
A DCT-I inversa também pode ser calcular através da DFT inversa, para tanto, iremos construir $X_1[k]$ a partir de $X^{C1}[k]$ e então calcular a DFT inversa de $(2N - 2)$ pontos.

$$X_1[k] = \begin{cases} X^{C1}[k], & k = 0, \dots, N-1 \\ X^{C1}[2N-2-k], & k = N, \dots, 2N-3. \end{cases} \quad (301)$$

Utilizando a DFT inversa de $(2N - 2)$ pontos teremos

$$x_1[n] = \frac{1}{2N-2} \sum_{k=0}^{2N-3} X_1[k] e^{j2\pi kn/(2N-2)}, \quad n = 0, 1, \dots, 2N-3. \quad (302)$$

Relação entre DCT-II e DFT



Podemos construir $x_2[n]$ a partir de um período de $\tilde{x}_2[n]$.

$$x_2[n] = x[((n))_{2N}] + x[((-n - 1))_{2N}] = \tilde{x}_2[n], \quad n = 0, 1, 2, \dots, 2N - 1. \quad (303)$$

Relação entre DCT-II e DFT 2

$X_2[k]$ é a DFT de $2N$ pontos de $x_2[n]$,

$$X_2[k] = X[k] + X^*[k]e^{j\frac{2\pi k}{2N}}, \quad k = 0, 1, \dots, 2N - 1, \quad (304)$$

onde $X[k]$ é a DFT de $2N$ pontos da sequência $x[n]$ de N pontos, ou seja, $x[n]$ deve ser estendido com N zeros.

Relação entre DCT-II e DFT 3

$$X_2[k] = X[k] + X^*[k]e^{j\frac{2\pi k}{2N}} \quad (305)$$

$$= e^{j\frac{\pi k}{2N}} \left(X[k]e^{-j\frac{\pi k}{2N}} + X^*[k]e^{j\frac{\pi k}{2N}} \right) \quad (306)$$

$$= e^{j\frac{\pi k}{2N}} 2\Re \left\{ X[k]e^{-j\frac{\pi k}{2N}} \right\} \quad (307)$$

A DFT de $X[k]$ ($2N$ pontos, com N zeros) é dada

$$X[k] = \sum_{n=0}^{2N-1} x[n]e^{-j\frac{2\pi kn}{2N}} \quad (308)$$

como $x[n]$ foi estendido com N zeros (309)

$$= \sum_{n=0}^{N-1} x[n]e^{-j\frac{\pi kn}{N}} \quad (310)$$

Relação entre DCT-II e DFT 4

Substituindo na equação de $X_2[k]$, teremos

$$X_2[k] = e^{j\frac{\pi k}{2N}} 2\Re \left\{ X[k]e^{-j\frac{\pi k}{2N}} \right\} \quad (311)$$

$$= e^{j\frac{\pi k}{2N}} 2\Re \left\{ \sum_{n=0}^{N-1} x[n]e^{-j\frac{\pi kn}{N}} e^{-j\frac{\pi k}{2N}} \right\} \quad (312)$$

$$= e^{j\frac{\pi k}{2N}} 2\Re \left\{ \sum_{n=0}^{N-1} x[n]e^{-j\frac{\pi k(2n+1)}{2N}} \right\} \quad (313)$$

$$= e^{j\frac{\pi k}{2N}} 2 \underbrace{\sum_{n=0}^{N-1} x[n] \cos \left(\frac{\pi k(2n+1)}{2N} \right)}_{X^{C2}[k]} \quad (314)$$

onde utilizamos o fato de que $x[n]$ é real.

Relação entre DCT-II e DFT 5

Concluímos então que

$$X^{C2}[k] = 2\Re \left\{ X[k]e^{-j\frac{\pi k}{2N}} \right\}, \quad k = 0, 1, \dots, N - 1. \quad (315)$$

onde $X[k]$ é a DFT de $2N$ pontos de $x[n]$ estendido com N zeros. Ou então, utilizando que $X_2[k] = e^{j\frac{\pi k}{2N}} 2\Re \left\{ X[k]e^{-j\frac{\pi k}{2N}} \right\}$, poderemos escrever

$$X^{C2}[k] = e^{-j\frac{\pi k}{2N}} X_2[k], \quad k = 0, 1, \dots, N - 1, \quad (316)$$

ou seja, $X^{C2}[k]$ pode ser obtido através da DFT de $2N$ pontos de $x_2[n]$, a extensão simétrica par de $x[n]$.

- ▶ Podemos utilizar a FFT para calcular a DFT, e assim poderemos também calcular a DCT-II através da FFT.
- ▶ Também é possível calcular a inversa da DCT-II utilizando a iFFT (FFT inversa).

Relação entre DCT-II e DFT 6

- ▶ Embora a complexidade da aplicação direta da fórmula da DCT requereria $O(N^2)$ operações, é possível utilizar a transformada rápida de Fourier (FFT), cuja complexidade é $O(N \log N)$, e calcular a DCT através da FFT com um pré- e pós-processamento de $O(N)$ operações.

Compactação de Energia na DCT-II

É preferida a utilização da DCT-II em diversas aplicações de compressão de dados em detrimento da DFT pois aquela possui a propriedade de compactação de energia. A DCT-II de uma sequência finita usualmente possui coeficientes mais concentrados do que a DFT. A importância disso segue do teorema de Parseval que, para a DCT-II é

$$\sum_{n=0}^{N-1} |x[n]|^2 = \frac{1}{N} \sum_{k=0}^{N-1} \beta[k] |X^{c2}[k]|^2 \quad (317)$$

onde

$$\beta[k] = \begin{cases} \frac{1}{2}, & k = 0 \\ 1, & 1 \leq k \leq N - 1 \end{cases} \quad (318)$$

Compactação de Energia na DCT-II 2

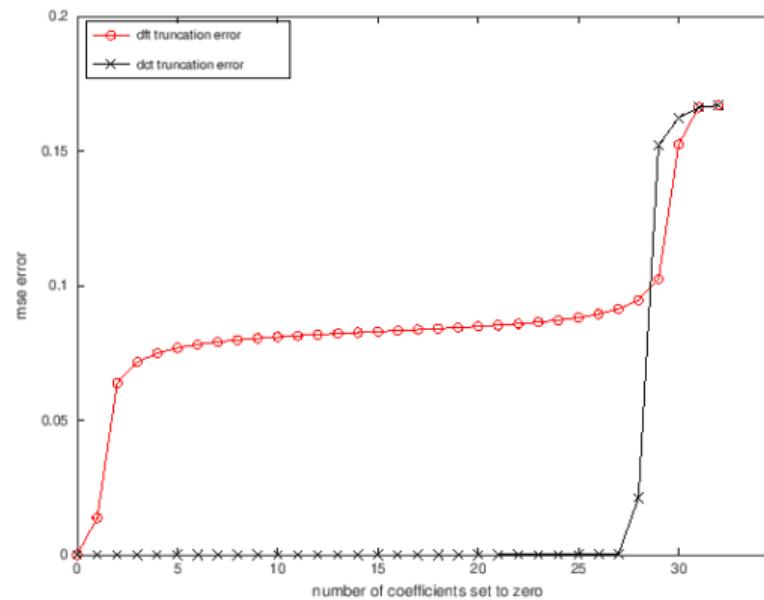


Figura 87: Efeito de compactação de energia da DCT.



[https:](https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/DCT.ipynb)

//nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/DCT.ipynb

JPEG

Compressão JPEG

O padrão JPEG (*Joint Photographers Expert Group*) é amplamente difundido e utilizado em câmeras digitais e na internet.

Esforço conjunto: ISO/IEC JTC 1 + ITU-T

International Organization for Standardization (ISO), International Electrotechnical Commission (IEC), International Telecommunication Union (ITU)

Ele utiliza a transformada discreta em cossenos (DCT).

Compressão JPEG 2

O padrão é dividido em 6 partes:

- 1) Requisitos e diretrizes,
- 2) Teste de conformidade,
- 3) Extensões,
- 4) Métodos para registrar parâmetros usados pelo JPEG estendido,
- 5) Formato de intercâmbio de arquivos JPEG (JFIF),
- 6) Aplicações para sistemas de impressão.

<https://en.wikipedia.org/wiki/JPEG>

Compressão JPEG 3

- ▶ método de compressão com/sem perdas (*lossy/lossless*) para imagens coloridas/tons de cinza
- ▶ não lida bem com imagens de dois níveis (preto e branco)
- ▶ melhor desempenho em imagens de tom contínuo, onde pixels adjacentes possuem cores similares
- ▶ utiliza diversos parâmetros que podem ser ajustados
- ▶ degradação quase imperceptível de qualidade mesmo para fatores de compressão de 10 a 20

Compressão JPEG 4

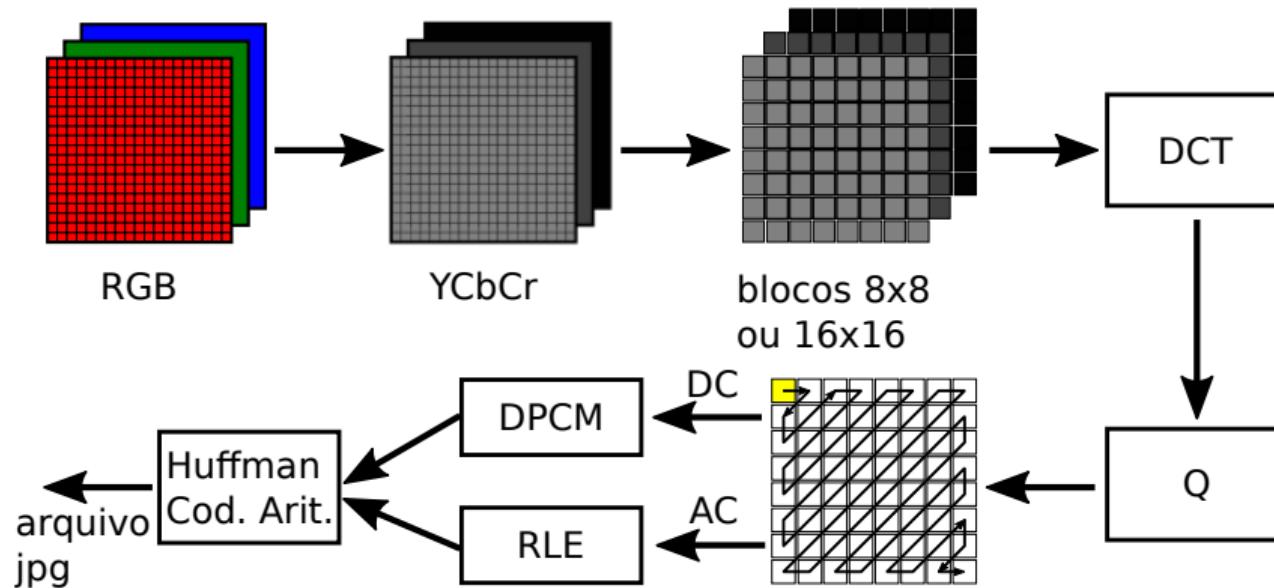


Figura 88: Esquema do padrão de compressão JPEG.

Compressão JPEG 5

A compressão JPEG segue os seguintes passos:

- 1) Separação em intensidade e cor (RGB - YCbCr). Subdivisão em blocos 8×8 -pixels.
- 2) Aplica-se a DCT a cada bloco, armazenados temporariamente com 12 bits (11 bits de precisão e 1 bit de sinal).
- 3) Quantização dos blocos de 64 coeficientes através da divisão por uma matriz fixa com menor precisão nos termos de alta frequência.
- 4) O primeiro coeficiente fornece o brilho médio (DC), sendo codificado pela diferença em relação ao mesmo termo no bloco antecessor.
- 5) Os demais 63 coeficientes são organizados em zigzag de baixas frequências até alta frequência e são codificados por RLE.
- 6) O fluxo de dados final é codificado por código de Huffman ou codificação aritmética.

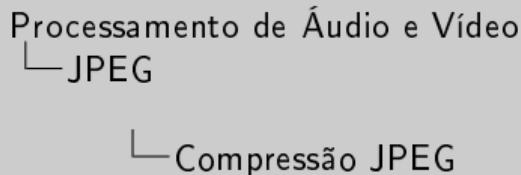
Compressão JPEG 6

- ▶ Compressão e descompressão para DCT são simétricos (mesma complexidade computacional e tempo de execução)
- ▶ Perda de termos de alta frequência acarreta distorções.
- ▶ Em geral, qualquer compressão com perdas não devem ser utilizadas em imagens destinadas a medições e análise.
- ▶ Usualmente a análise de qualidade por humanos é empregada para comparar diferentes métodos.

Compressão JPEG 7



Figura 89: Artefatos criados pela compressão.



Compressão JPEG 7



Figura 3.8: Através da criação de pele com compressão.

Especificação original do JPEG é de 1992.

A compressão de imagens com perdas baseada na DCT foi originalmente proposta por Nasir Ahmed em 1972. (Ahmed, Nasir; Natarajan, T.; Rao, K. R. (January 1974), 'Discrete Cosine Transform', IEEE Transactions on Computers, C-23 (1): 90-93, doi:10.1109/T-C.1974.223784)

Inicialmente o padrão JPEG utilizava apenas a codificação de Huffman, como codificação de entropia. Existe a possibilidade de utilizar alternativamente a codificação aritmética (levando a arquivos de 5 a 7% menores), porém por causa da proteção de patente, a maior parte dos codificadores e decodificadores implementaram apenas a codificação de Huffman.

Subamostragem de Crominância

Notação **J:a:b**.

Cada bloco terá J pixels de largura e 2 de altura.

a : número de amostras de crominância presentes na primeira linha

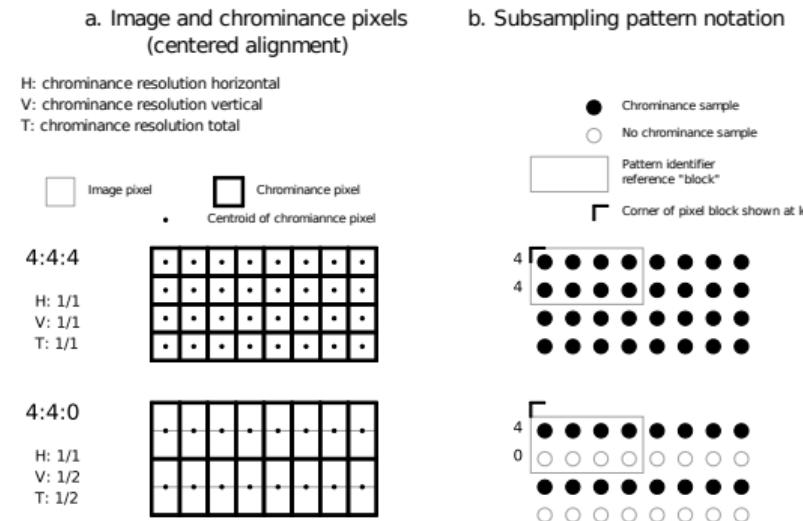
b : número de amostras de crominância presentes na segunda linha

H : resolução relativa na direção horizontal

V : resolução relativa na direção vertical

T : resolução relativa final

Subamostragem de Crominância 2



b. Subsampling pattern notation

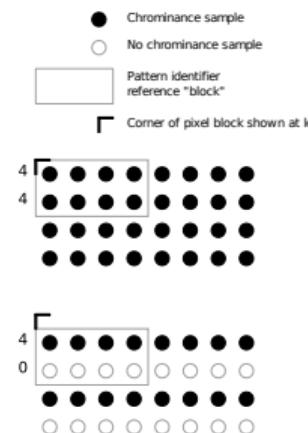


Figura 90: Esquema de subamostragem de crominância (Kerr, 2012).

Subamostragem de Crominância 3

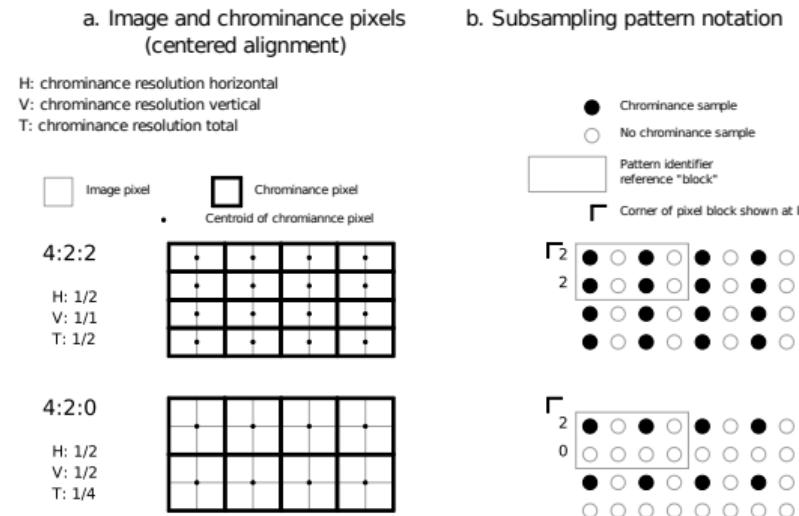


Figura 91: Esquema de subamostragem de crominância (Kerr, 2012).

Subamostragem de Crominância 4

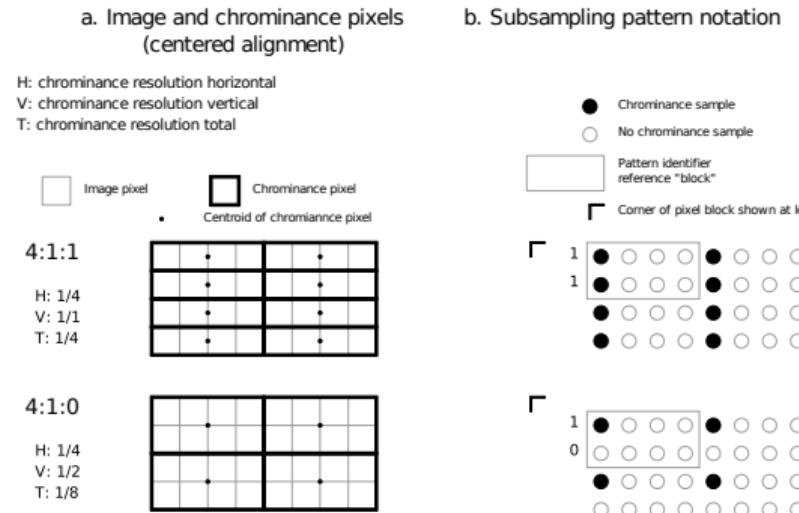


Figura 92: Esquema de subamostragem de crominância (Kerr, 2012).

Quantização dos coeficientes da DCT

Após o cálculo dos 8×8 coeficientes da DCT, eles serão quantizados. Nesta etapa há efetivamente a perda de informação.

Quantização:

- ▶ cada coeficiente da DCT é dividido pelo elemento correspondente na tabela de quantização,
- ▶ o resultado é arredondado para o inteiro mais próximo

Cada componente de cor utiliza uma tabela de quantização diferente. O padrão JPEG permite a utilização de até quatro tabelas e o usuário pode selecionar qualquer uma das quatro para quantizar qualquer componente de cor.

Quantização dos coeficientes da DCT 2

As tabelas padrão de quantização. Estas tabelas para luminância e crominância são resultado de diversos experimentos realizados pelo comitê do JPEG.

16	11	10	16	24	40	51	61
12	12	14	19	26	58	60	55
14	13	16	24	40	57	69	56
14	17	22	29	51	87	80	62
18	22	37	56	68	109	103	77
24	35	55	64	81	104	113	92
49	64	78	87	103	121	120	101
72	92	95	98	112	100	103	99

luminância

17	18	24	47	99	99	99	99
18	21	26	66	99	99	99	99
24	26	56	99	99	99	99	99
47	66	99	99	99	99	99	99
99	99	99	99	99	99	99	99
99	99	99	99	99	99	99	99
99	99	99	99	99	99	99	99
99	99	99	99	99	99	99	99

crominância

Quantização dos coeficientes da DCT 3

Tabela de quantização simples Q calculada com base em um parâmetro, R , definido pelo usuário. Os elementos da matriz são dados por $Q_{ij} = 1 + (i + j) \times R$.

Para $R = 2$ teremos a seguinte matriz:

$$\begin{bmatrix} 1 & 3 & 5 & 7 & 9 & 11 & 13 & 15 \\ 3 & 5 & 7 & 9 & 11 & 13 & 15 & 17 \\ 5 & 7 & 9 & 11 & 13 & 15 & 17 & 19 \\ 7 & 9 & 11 & 13 & 15 & 17 & 19 & 21 \\ 9 & 11 & 13 & 15 & 17 & 19 & 21 & 23 \\ 11 & 13 & 15 & 17 & 19 & 21 & 23 & 25 \\ 13 & 15 & 17 & 19 & 21 & 23 & 25 & 27 \\ 15 & 17 & 19 & 21 & 23 & 25 & 27 & 29 \end{bmatrix}$$

Imagens de Teste

Testar e comparar diferentes método com relação à eficiência e custo computacional.

- ▶ Calgary Corpus
- ▶ Canterbury Corpus
- ▶ conjunto de documentos do ITU-T para compressão de fax

Imagens de Teste 2



Lossless JPEG

- ▶ 1993
- ▶ codificação preditiva - DPCM

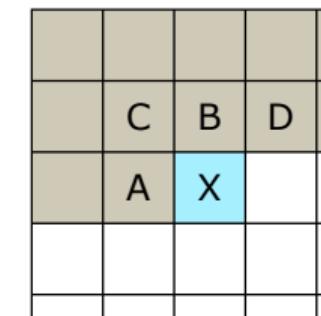


Figura 98: Esquema de predição de pixel no JPEG sem perdas (Wikipedia).

- ▶ codificador de entropia - codificação Huffman coding ou codificação aritmética

JPEG2000

- ▶ utiliza wavelets
- ▶ representação em múltiplas resoluções
- ▶ quantizador escalar com zona morta para codificar os coeficientes
- ▶ codificação aritmética binária adaptativa guiada por contexto (MQ coder)
- ▶ patentes

- ▶ 2003
- ▶ padrão de compressão sem (ou quase sem) perdas
- ▶ algoritmo LOCO-I: predição, modelagem do resíduo e codificação do resíduo baseada em contexto
- ▶ resíduo segue uma distribuição de Laplace
- ▶ códigos Golomb são quase ótimos para este tipo de distribuição
- ▶ mais rápido que o JPEG2000 e melhores resultados que o JPEG original

JPEG XT

JPEG XT (ISO/IEC 18477)

- ▶ 2015
- ▶ Retro compatível com o padrão JPEG (ISO/IEC 10918-1 e ITU Rec. T.81).
- ▶ Suporte a maior extensão dinâmica (imagens HDR).
- ▶ Suporte a camada alfa (transparência).
- ▶ Informações adicionais são salvas como *metadata* do arquivo no padrão JPEG.

- ▶ Projeto do Google (2017)
- ▶ <https://github.com/google/guetzli>
- ▶ Guetzli: Perceptually Guided JPEG Encoder (arXiv:1703.04421v1)
- ▶ utiliza a implementação libjpeg do grupo independente JPE
- ▶ utiliza a medida de qualidade Butteraugli (utiliza modelos de percepção de cor e mascaramento visual)
- ▶ loop no processo de codificação para encontrar a ‘melhor’ matriz de quantização e descartar coeficientes para melhorar o desempenho do RLE
- ▶ imagens de alta qualidade com redução de aprox. 35% no tamanho

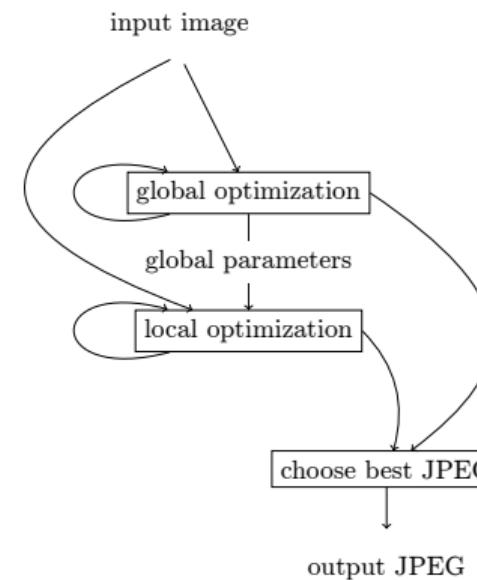


Figura 99: Otimização global: matriz de quantização. Otimização local: descarte de certos coeficientes (Alakuijala et al., 2017).

Otimização global:

- ▶ a tabela de quantização global é uma vetor de tamanho $192 = 3 \times 64$
- ▶ realiza-se uma busca em um subconjunto de tabelas de quantização



[https:](https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/jpeg.ipynb)

//nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/jpeg.ipynb

PCA

Redução de Dimensionalidade

- ▶ Aprendizado de máquina (Machine Learning)
- ▶ reduzir o número de variáveis aleatórias que são consideradas em um problema
- ▶ seleção de características
- ▶ extração de características
- ▶ visualização dos dados
- ▶ evitar a maldição da dimensionalidade

Processamento de Áudio e Vídeo

└ PCA

└ Redução de Dimensionalidade

Redução de Dimensionalidade

- Aprendizado de máquina | Machine Learning
- reduzir o número de variáveis aleatórias que são consideradas em um problema
- seleção de características
- variação de características
- visualização dos dados
- reduzir a multidimensionalidade

Quando o número de dimensões cresce, o volume do espaço onde estão os dados cresce rapidamente, de forma que os dados tornam-se esparsos. Isto torna-se um problema para muitos métodos que requerem uma significância estatística. Para obter um resultado estatisticamente confiável, a quantidade de dados necessária para embasar o resultado geralmente cresce exponencialmente com o número de dimensões do problema. Além disso, organizar e buscar dados usualmente depende da detecção de áreas onde os objetos formam grupos com propriedades similares; quando os dados possuem um grande número de dimensões, todos os objetos parecem esparsos e dissimilares, o que não permite que as estratégias de organização de dados sejam eficientes.

Principal Component Analysis (PCA)

A PCA é uma transformação linear que realiza um mapeamento dos dados para um espaço em que a maior parte da variância dos dados está concentrada em poucas dimensões. Desta forma é possível selecionar apenas algumas dimensões, mantendo a variância dos dados.

PCA - exemplo

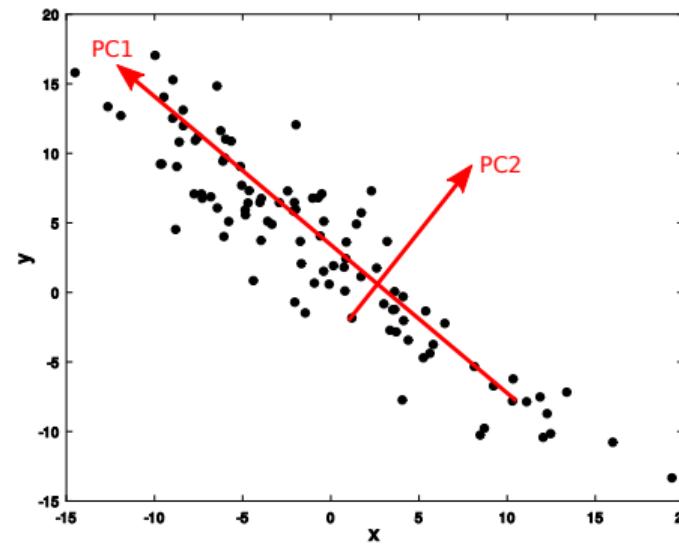


Figura 100: Exemplo PCA.

PCA - exemplo

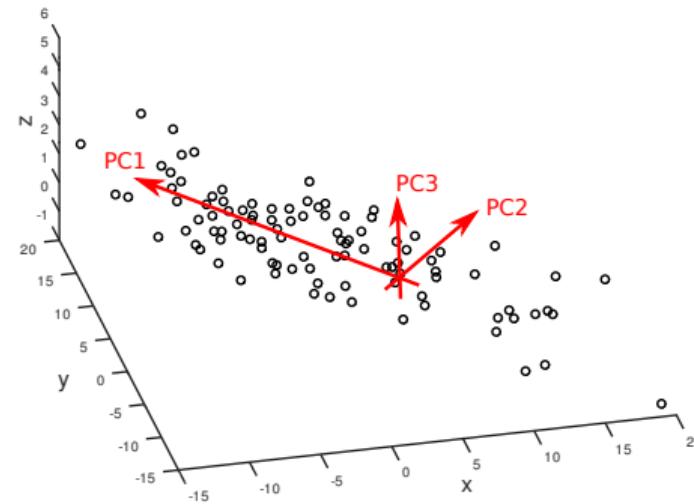


Figura 101: Exemplo PCA.

PCA - exemplo

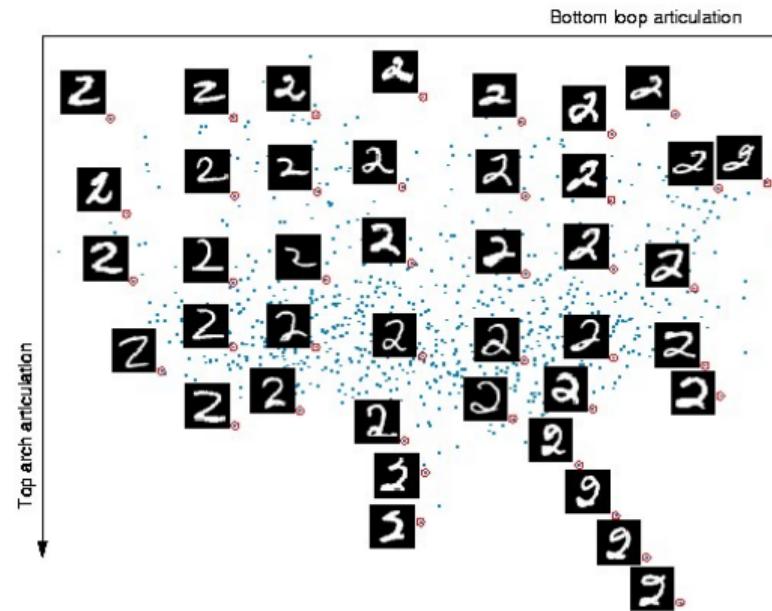


Figura 102: Fonte: <http://web.mit.edu/cocosci/isomap/datasets.html>

PCA - exemplo

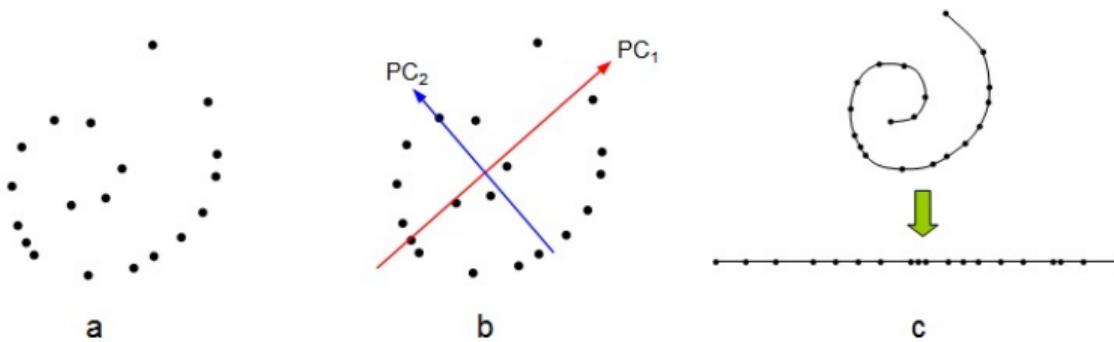


Figura 103: *kernel PCA* - aplicar uma transformação não-linear anterior à PCA.

PCA vs Regressão Linear

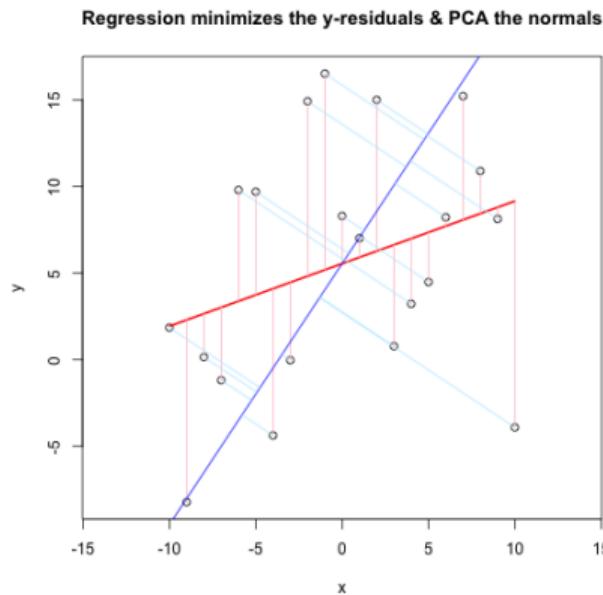


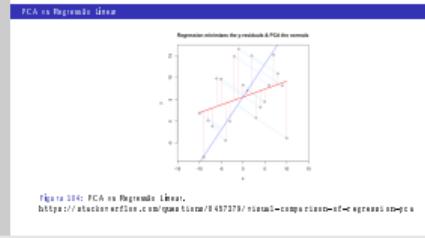
Figura 104: PCA vs Regressão Linear.

<https://stackoverflow.com/questions/8457279/visual-comparison-of-regression-pca>

Processamento de Áudio e Vídeo

└ PCA

└ PCA vs Regressão Linear



Na regressão linear teremos y como uma função de x , e desta forma iremos procurar a reta que fornece a melhor predição (menor erro: $e = y - \hat{y}$).

Na PCA iremos encontrar a dimensão sob a qual teremos o menor erro ao realizar a projeção (erro $e = \|\mathbf{p}_i - \mathbf{p}_i^{\text{PCA}}\|$).

Pré-Processamento

Dados de treinamento: $x^{(1)}, x^{(2)}, \dots, x^{(m)}$.

Pré-processamento (escalonamento de cada característica / normalização da média)

Normalização da média:

- ▶ calcular a média de cada característica

$$\mu_j = \frac{1}{m} \sum_{i=1}^m x_j^{(i)} \quad (319)$$

- ▶ substituir cada $x_j^{(i)}$ por $x_j^{(i)} - \mu_j$.

Pré-Processamento 2

Cada característica (dimensão) possui uma escala diferente. É necessário realizar uma mudança de escala para que os valores apresentem extensões similares e uma característica não domine outra.

- ▶ realizar a seguinte substituição

$$x_j^{(i)} \leftarrow \frac{x_j^{(i)} - \mu_j}{\sigma_j} \quad (320)$$

PCA - algoritmo

- 1) realizar o pré-processamento, se necessário
- 2) calcular a matriz de covariância dos dados
- 3) encontrar os autovetores da matriz de covariância (utilizar a decomposição em valores singulares)

Nosso conjunto de dados possui n amostras.

Cada amostra $\mathbf{x}^{(i)}$ é um vetor em um espaço de m dimensões, $\mathbf{x}^{(i)} \in \mathbb{R}^m$.

$$\mathbf{x}^{(i)} = [x_1^{(i)}, x_2^{(i)}, \dots, x_m^{(i)}]^T \quad (321)$$

Podemos representar os dados por uma matriz $m \times n$, onde cada coluna é uma amostra $\mathbf{x}^{(i)}$.

$$\mathbb{X} = [\mathbf{x}^{(1)} \quad \mathbf{x}^{(2)} \quad \dots \quad \mathbf{x}^{(n)}] = \begin{bmatrix} x_1^{(1)} & x_1^{(2)} & \dots & x_1^{(n)} \\ x_2^{(1)} & x_2^{(2)} & \dots & x_2^{(n)} \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ x_m^{(1)} & x_m^{(2)} & \dots & x_m^{(n)} \end{bmatrix} \quad (322)$$

Dataset 2

$$\mathbb{X} = [\mathbf{x}^{(1)} \quad \mathbf{x}^{(2)} \quad \dots \quad \mathbf{x}^{(n)}] = \begin{bmatrix} x_{1,1} & x_{1,2} & \dots & x_{1,n} \\ x_{2,1} & x_{2,2} & \dots & x_{2,n} \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ x_{m,1} & x_{m,2} & \dots & x_{m,n} \end{bmatrix} \quad (323)$$

Elemento $x_{i,j} = x_i^{(j)}$, i -ésima característica do j -ésima amostra.

Mudança de Base

Desejamos realizar uma mudança de base.

- ▶ Existe uma outra base, que seja uma combinação linear da base original, que melhor represente os nossos dados?

Transformação linear (rotação e estiramento): \mathbf{P} .

Dados originais: \mathbf{X} .

Após a transformação: \mathbf{Y} .

$$\mathbf{Y} = \mathbf{PX} \quad (324)$$

Mudança de Base 2

As linhas de \mathbf{P} são os vetores base para a representação dos dados nas colunas de \mathbf{X} .

$$\mathbf{P}\mathbf{X} = \begin{bmatrix} \mathbf{p}_1 \\ \vdots \\ \mathbf{p}_m \end{bmatrix} \begin{bmatrix} \mathbf{x}_1 & \dots & \mathbf{x}_n \end{bmatrix} \quad (325)$$

$$\mathbf{Y} = \begin{bmatrix} \mathbf{p}_1 \cdot \mathbf{x}_1 & \dots & \mathbf{p}_1 \cdot \mathbf{x}_n \\ \vdots & \ddots & \vdots \\ \mathbf{p}_m \cdot \mathbf{x}_1 & \dots & \mathbf{p}_m \cdot \mathbf{x}_n \end{bmatrix} \quad (326)$$

Mudança de Base 3

Cada coluna de \mathbf{Y} é da forma

$$\mathbf{y}_i = \begin{bmatrix} \mathbf{p}_1 \cdot \mathbf{x}_i \\ \vdots \\ \mathbf{p}_m \cdot \mathbf{x}_i \end{bmatrix} \quad (327)$$

Observamos que cada coeficiente de \mathbf{y}_i é o produto interno entre \mathbf{x}_i e a linha correspondente de \mathbf{P} , ou seja, o j -ésimo coeficiente de \mathbf{y}_i é a projeção de \mathbf{x}_i na j -ésima linha de \mathbf{P} .

Variância e Objetivo

Qual é a melhor base na qual queremos representar nossos dados? Como escolher \mathbf{P} ?

- ▶ ruido deve ser baixo (alta relação sinal-ruido)

$$\text{SNR} = \frac{\sigma_{\text{sinal}}^2}{\sigma_{\text{ruído}}^2} \quad (328)$$

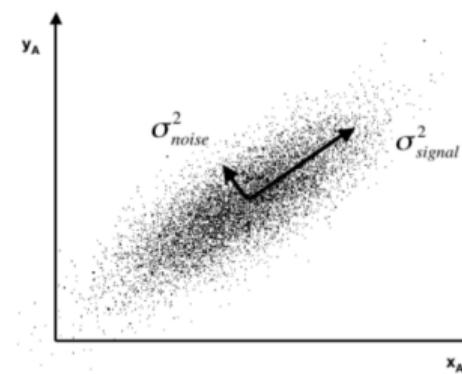


Figura 105: Relação sinal ruído (Shlens, 2014).

Variância e Objetivo 2

► redundância

r_1 e r_2 são duas medições arbitrárias

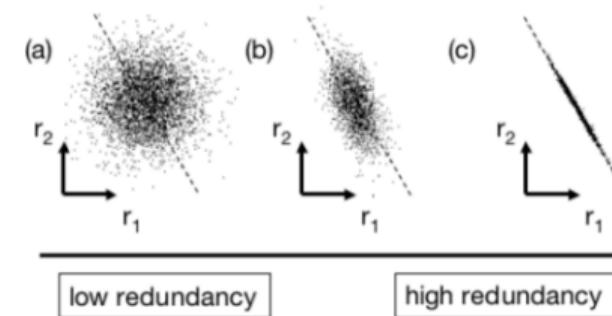


Figura 106: Redundância (Shlens, 2014).

Variância e Objetivo

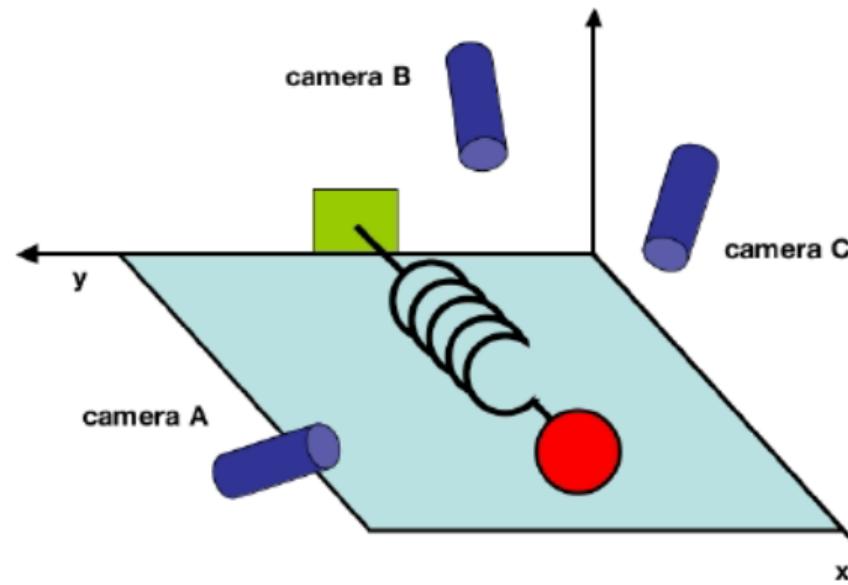


Figura 107: Exemplo hipotético (Shlens, 2014).

Neste exemplo temos medições provenientes de 3 câmeras diferentes, com orientações distintas. Cada uma belas observa a movimentação do objeto através de uma projeção em duas dimensões, Entretanto, sabemos que o objeto movimenta-se ao longo de uma única dimensão.

Matriz de Variância

A SNR é calculada pela variância.

Considere os conjuntos de medição com média nula

$$A = \{a_1, a_2, \dots, a_n\} \text{ e } B = \{b_1, b_2, \dots, b_n\} \quad (329)$$

A variância é dada

$$\sigma_A^2 = \langle a_i a_i \rangle_i \text{ e } \sigma_B^2 = \langle b_i b_i \rangle_i \quad (330)$$

onde o valor esperado é a média sobre n variáveis.

O valor esperado $\langle \cdot \rangle_i$ é denotado pela média sobre valores indexados por i , pois a média é nula.
 $\sigma_X = E[(X - \mu_X)(X - \mu_X)]$

Matriz de Variância 2

A covariância entre A e B é dada por

$$\sigma_{AB}^2 = \langle a_i b_i \rangle_i \quad (331)$$

- ▶ $\sigma_{AB}^2 = 0$ se e somente se A e B são inteiramente descorrelacionados
- ▶ $\sigma_{AB}^2 = \sigma_A^2$ se $A = B$

Representando na forma vetorial.

$$\mathbf{a} = [a_1 \quad a_2 \quad \dots \quad a_n] \quad (332)$$

$$\mathbf{b} = [b_1 \quad b_2 \quad \dots \quad b_n] \quad (333)$$

$$\sigma_{\mathbf{ab}}^2 \equiv \frac{1}{n-1} \mathbf{ab}^T \quad (334)$$

onde o primeiro termo é a constante de normalização³.

³A normalização mais simples é utilizando $\frac{1}{n}$, entretanto, desta forma teríamos um estimador polarizado para a variância, particularmente para n pequeno. Para obter um estimador não polarizado para a variância, devemos utilizar $\frac{1}{n-1}$.

Matriz de Covariância

$$\mathbf{X} = \begin{bmatrix} \mathbf{x}_1 \\ \vdots \\ \mathbf{x}_m \end{bmatrix} \quad (335)$$

Cada linha de \mathbf{X} representa uma amostra (conjuntos de medições/características de um tipo). A matriz de covariância é definida então

$$\mathbf{S}_{\mathbf{X}} \equiv \frac{1}{n-1} \mathbf{X} \mathbf{X}^T \quad (336)$$

- ▶ $\mathbf{S}_{\mathbf{X}}$ é uma matriz quadrada simétrica $m \times m$
- ▶ os valores na diagonal de $\mathbf{S}_{\mathbf{X}}$ são a variância de uma medição (uma amostra)
- ▶ os valores fora da diagonal são valores de covariância entre duas medições (amostras) distintas

Diagonalização da Matriz de Covariância

Queremos reduzir a redundância, ou seja, queremos que cada variável co-varie o mínimo possível uma com as outras.

O objetivo então é encontrar \mathbf{Y} de forma que $\mathbf{S}_{\mathbf{Y}}$ seja uma matriz diagonal.

- ▶ existem diversas formas de diagonalizar $\mathbf{S}_{\mathbf{Y}}$
- ▶ PCA é uma dessas forma. A PCA assume que os vetores de base $\{\mathbf{p}_1, \dots, \mathbf{p}_m\}$ são ortonormais
- ▶ a PCA utilizará uma matriz ortonormal \mathbf{P}

Autovetores da Covariância

- ▶ Desejamos encontrar uma matriz ortonormal \mathbf{P} , onde $\mathbf{Y} = \mathbf{PX}$ esteja sujeito a $\mathbf{S}_\mathbf{Y} \equiv \frac{1}{n-1}\mathbf{YY}^T$ ser uma matriz diagonal. As linhas de \mathbf{P} são as componentes principais de \mathbf{X} .

$$\begin{aligned}
 \mathbf{S}_\mathbf{Y} &= \frac{1}{n-1}\mathbf{YY}^T \\
 &= \frac{1}{n-1}(\mathbf{PX})(\mathbf{PX})^T \\
 &= \frac{1}{n-1}\mathbf{P}(\mathbf{XX}^T)\mathbf{P}^T \\
 &= \frac{1}{n-1}\mathbf{PAP}^T
 \end{aligned} \tag{337}$$

Definimos a matriz simétrica $\mathbf{A} \equiv \mathbf{XX}^T$.

Diagonalização - teorema 1

Serão utilizados dois teoremas.

uma matriz é simétrica se e somente se é ortogonalmente diagonalizável

- 1) Se \mathbf{A} é uma matriz ortogonalmente diagonalizável, então, por hipótese, existe \mathbf{E} tal que $\mathbf{A} = \mathbf{E}\mathbf{D}\mathbf{E}^T$, onde \mathbf{D} é diagonal. Desta forma, teremos

$$\mathbf{A}^T = (\mathbf{E}\mathbf{D}\mathbf{E}^T)^T = \mathbf{E}^{TT}\mathbf{D}^T\mathbf{E}^T = \mathbf{E}\mathbf{D}\mathbf{E}^T = \mathbf{A} \quad (338)$$

e concluímos que a matriz \mathbf{A} é simétrica.

- 2) mostrar que: Se uma matriz \mathbf{A} é simétrica, então ela será ortogonalmente diagonalizável.

Diagonalização - teorema 2

uma matriz simétrica é diagonalizada pela matriz de seus autovetores ortonormais

Seja \mathbf{A} uma matriz simétrica $n \times n$ com autovetores associados $\{\mathbf{e}_1, \mathbf{e}_2, \dots, \mathbf{e}_n\}$. Seja \mathbf{E} tal que cada i -ésima coluna é um autovetor \mathbf{e}_i de \mathbf{A} , então $\mathbf{E} = [\mathbf{e}_1 \ \mathbf{e}_2 \ \dots \ \mathbf{e}_n]$. Então existe uma matriz diagonal \mathbf{D} tal que $\mathbf{A} = \mathbf{E}\mathbf{D}\mathbf{E}^T$.

Demonstração em duas partes:

- 1) qualquer matriz pode ser ortogonalmente diagonalizável se e somente se os autovetores desta matriz forem linearmente independentes
- 2) uma matriz simétrica possui autovetores que são ortogonais

Diagonalização - teorema 2 - parte 1

Seja \mathbf{A} uma matriz qualquer e $\mathbf{E} = [\mathbf{e}_1 \ \mathbf{e}_2 \ \dots \ \mathbf{e}_n]$ a matriz de autovetores de \mathbf{A} . Vamos criar uma matriz \mathbf{D} em que o i -ésimo autovalor de \mathbf{A} seja colocado na posição (i, i) da matriz \mathbf{D} . Pela definição de autovalor e autovetor, temos

$$\mathbf{A}\mathbf{e}_i = \lambda_i \mathbf{e}_i \quad (339)$$

Desta forma, podemos escrever

$$\begin{aligned} [\mathbf{A}\mathbf{e}_1 & \ \mathbf{A}\mathbf{e}_2 & \ \dots & \ \mathbf{A}\mathbf{e}_n] &= [\lambda_1 \mathbf{e}_1 & \ \lambda_2 \mathbf{e}_2 & \ \dots & \ \lambda_n \mathbf{e}_n] \\ \mathbf{AE} &= \mathbf{ED} \end{aligned} \quad (340)$$

e assim teremos

$$\mathbf{A} = \mathbf{E}\mathbf{D}\mathbf{E}^{-1} \quad (341)$$

Diagonalização - teorema 2 - parte 2

Uma matriz simétrica sempre possui autovetores ortogonais.

Sejam λ_1 e λ_2 autovalores distintos de autovetores \mathbf{e}_1 e \mathbf{e}_2 .

$$\begin{aligned}\lambda_1 \mathbf{e}_1 \cdot \mathbf{e}_2 &= (\lambda_1 \mathbf{e}_1)^T \mathbf{e}_2 \\&= (\mathbf{A} \mathbf{e}_1)^T \mathbf{e}_2 \\&= \mathbf{e}_1^T \mathbf{A}^T \mathbf{e}_2 \\&= \mathbf{e}_1^T \mathbf{A} \mathbf{e}_2 \\&= \mathbf{e}_1^T (\lambda_2 \mathbf{e}_2) \\&= \lambda_2 \mathbf{e}_1 \cdot \mathbf{e}_2\end{aligned}\tag{342}$$

Concluímos que $(\lambda_1 - \lambda_2) \mathbf{e}_1 \cdot \mathbf{e}_2 = 0$. Como os autovalores são únicos, deveremos ter $\mathbf{e}_1 \cdot \mathbf{e}_2 = 0$. Desta forma, os autovetores de uma matriz simétrica são ortogonais.

Processamento de Áudio e Vídeo

PCA

Covariância

Diagonalização - teorema 2 - parte 2

Diagonalização - teorema 2 - parte 2

Uma matriz simétrica sempre possui auto vetores ortogonais.
Sejam λ_1 e λ_2 autovalores distintos de auto vetores e_1 e e_2 .

$$\begin{aligned}\lambda_1 e_1 \cdot e_2 &= (\lambda_1 e_1)^T e_2 \\ &= (Ae_1)^T e_2 \\ &= e_1^T A^T e_2 \\ &= e_1^T Ae_2 \\ &= e_1^T (\lambda_2 e_2) \\ &= \lambda_2 e_1 \cdot e_2\end{aligned}$$

Concluímos que $(\lambda_1 - \lambda_2)e_1 \cdot e_2 = 0$. Como os auto vetores são linhas linearmente independentes temos $e_1 \cdot e_2 = 0$. Dessa forma, os auto vetores de uma matriz simétrica são ortogonais.

[34]

Um autovetor multiplicado por um escalar será também autovetor. Logo, por definição iremos escolher autovetores com norma unitária, assim podemos afirmar que os autovetores de uma matriz simétrica são ortonormais.

Diagonalização - teorema 2

Como \mathbf{E} é uma matriz ortogonal, teremos $\mathbf{E}^T = \mathbf{E}^{-1}$ e, desta forma,

$$\mathbf{A} = \mathbf{E}\mathbf{D}\mathbf{E}^T \tag{343}$$

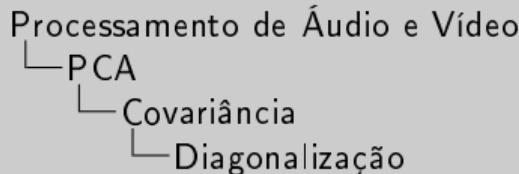
Uma matriz simétrica é diagonalizável por uma matriz de seus autovetores.

A matriz de autocorrelação é simétrica e poderá portanto ser decomposta como

$$\mathbf{A} = \mathbf{E}\mathbf{D}\mathbf{E}^T \quad (344)$$

onde \mathbf{D} é uma matriz diagonal e \mathbf{E} é a matriz de autovetores de \mathbf{A} .

- ▶ a matriz \mathbf{A} possui $r \leq m$ autovetores ortonormais, onde r é o posto da matriz.



O posto de \mathbf{A} é menor do que m quando \mathbf{A} é degenerada, ou quando todos os dados ocupam um subespaço de dimensão $r \leq m$. Para remediar este empecilho, podemos adicionar outros $(m - r)$ vetores ortonormais para preencher a matriz \mathbf{E} . Estes vetores não terão efeito na solução final pois a variância associada a eles será nula.

O posto de uma matriz \mathbf{A} é o número de linhas ou colunas linearmente independentes de \mathbf{A} , ou equivalentemente, é o número de linhas não-nulas quando a mesma está escrita na forma reduzida escalonada por linhas.

Diagonalização

A matriz de autocorrelação é simétrica e poderá portanto ser decomposta como

$$\mathbf{A} = \mathbf{E}\mathbf{D}\mathbf{E}^T$$

[34]

onde \mathbf{D} é uma matriz diagonal e \mathbf{E} é a matriz de autovetores de \mathbf{A} .

► a matriz \mathbf{A} tem posto $r \leq m$ se e só se \mathbf{E} é uma matriz de posto r , onde r é o posto da matriz.

Diagonalização

Vamos selecionar a matriz \mathbf{P} de forma que cada linha \mathbf{p}_i seja um autovetor de \mathbf{XX}^T , ou seja, $\mathbf{P} \equiv \mathbf{E}^T$. Teremos então

$$\begin{aligned}
 \mathbf{S_Y} &= \frac{1}{n-1} \mathbf{P} \mathbf{A} \mathbf{A}^T \mathbf{P}^T \\
 &= \frac{1}{n-1} \mathbf{P} (\mathbf{P}^T \mathbf{D} \mathbf{P}) \mathbf{P}^T \\
 &= \frac{1}{n-1} (\mathbf{P} \mathbf{P}^T) \mathbf{D} (\mathbf{P} \mathbf{P}^T) \\
 &= \frac{1}{n-1} (\mathbf{P} \mathbf{P}^{-1}) \mathbf{D} (\mathbf{P} \mathbf{P}^{-1}) \\
 &= \frac{1}{n-1} \mathbf{D}
 \end{aligned} \tag{345}$$

Fica assim evidente que a escolha feita para \mathbf{P} diagonaliza a matriz $\mathbf{S_Y}$, o que é o objetivo da PCA.

Resultado da PCA

Como resultado da PCA teremos

- ▶ as componentes principais de \mathbf{X} são autovetores de \mathbf{XX}^T ; que serão linhas de \mathbf{P} .
- ▶ o i -ésimo valor na diagonal de $\mathbf{S_Y}$ representa a variância de \mathbf{X} ao longo da direção de \mathbf{p}_i .



<https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/pca.ipynb>

Wavelets

Transformadas

Seja $\{\phi_k\}_{k \in Z}$ uma base para um subespaço, então qualquer função (ou sequência) neste subespaço pode ser escrita como uma combinação linear de elementos desta base:

$$x = \sum_k a_k \phi_k , \quad (346)$$

onde os coeficientes a_k são dados por

$$a_k = \langle x, \phi_k \rangle . \quad (347)$$

Transformadas de Tamanho Finito

As Transformadas de Tamanho Finito são representadas da seguinte forma:

$$A[k] = \sum_{n=0}^{N-1} x[n] \overline{\phi_k[n]} \quad (348)$$

$$x[n] = \frac{1}{N} \sum_{k=0}^{N-1} A[k] \phi_k[n] \quad (349)$$

O exemplo mais comum é a DFT. Para a DFT as sequências de base são exponenciais complexas $e^{j2\pi kn/N}$.

$L^p(\mathbb{R})$ é o espaço das funções f definidas em \mathbb{R} , assumindo valor em \mathbb{R} ou \mathbb{C} , tais que

$$\|f\|_p \equiv \left(\int_{-\infty}^{+\infty} |f(x)|^p dx \right)^{\frac{1}{p}} < \infty . \quad (350)$$

Para $p = 2$, definimos o produto interno entre duas funções como

$$\langle f, g \rangle = \int_{-\infty}^{\infty} f(x) \overline{g(x)} dx . \quad (351)$$

f e g são ortogonais se $\langle f, g \rangle = 0$.

Uma função $\psi(x)$ é uma wavelet se $\psi \in L^1(\mathbb{R}) \cap L^2(\mathbb{R})$ e for tal que a família de funções

$$\psi_{j,k}(x) = 2^{-j/2}\psi(2^{-j}x - k) , \quad (352)$$

onde $j, k \in \mathbb{Z}$, forme uma base para $L^2(\mathbb{R})$.

Wavelet de Haar

A wavelet de Haar é dada por

$$\psi(x) = \begin{cases} 1 & , \text{ se } x \in [0, \frac{1}{2}), \\ -1 & , \text{ se } x \in [\frac{1}{2}, 1), \\ 0 & , \text{ caso contrário.} \end{cases} \quad (353)$$

Wavelet de Haar 2

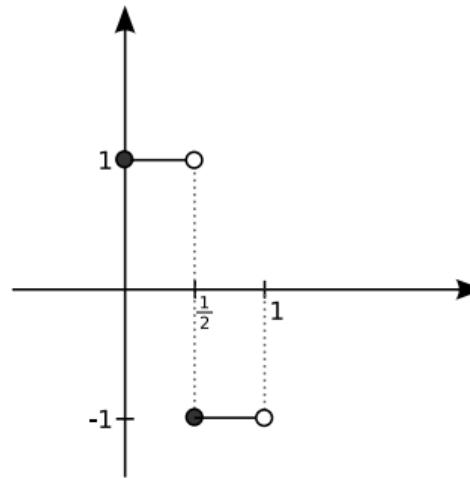


Figura 108: Wavelet de Haar
 $(\phi(x) = \psi_{0,0}(x))$

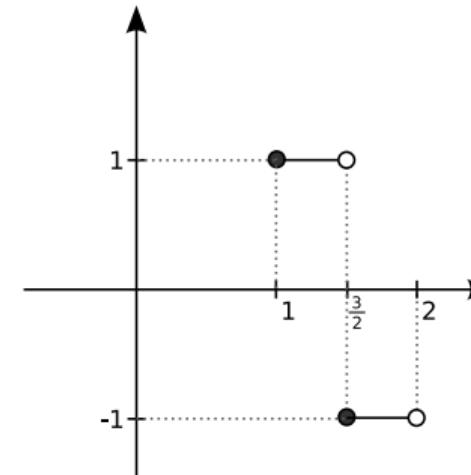


Figura 109: Wavelet de Haar
 $\psi_{0,1}(x)$

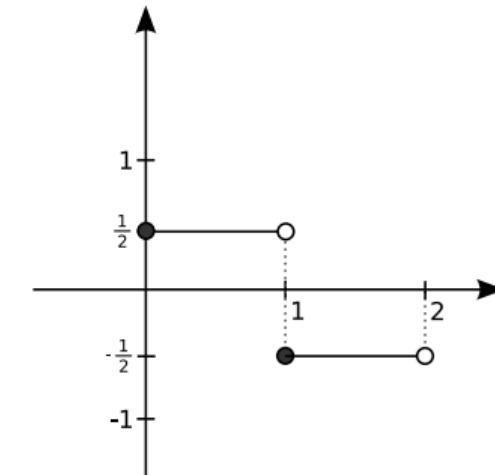


Figura 110: Wavelet de Haar:
 $\psi_{1,0}(x)$

Função Escala

Às funções wavelet ψ existem associadas as funções escala ϕ . Existe a seguinte relação entre elas:

$$\phi(x) = \sqrt{2} \sum_k h_k \phi(2x - k) \quad (354)$$

$$\psi(x) = \sqrt{2} \sum_k g_k \phi(2x - k) \quad (355)$$

Os coeficientes h_k e g_k são os coeficientes de filtro associados à wavelet e à função escala, respectivamente.

No caso das wavelets de suporte compacto, apenas um número finito de valores desses coeficientes serão diferentes de zero (filtro FIR).

Função Escala 2

Para o caso da wavelet de Haar, teremos a seguinte relação:

$$\phi(x) = \phi(2x) + \phi(2x - 1) \quad (356)$$

$$\psi(x) = \phi(2x) - \phi(2x - 1) \quad (357)$$

A função escala associada à wavelet de Haar é dada por

$$\phi(x) = \begin{cases} 1 & , 0 \leq x < 1, \\ 0 & , \text{caso contrário.} \end{cases} \quad (358)$$

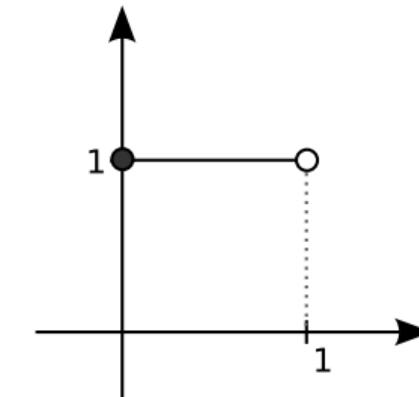


Figura 111: $\phi(x) = \phi_{0,0}(x)$

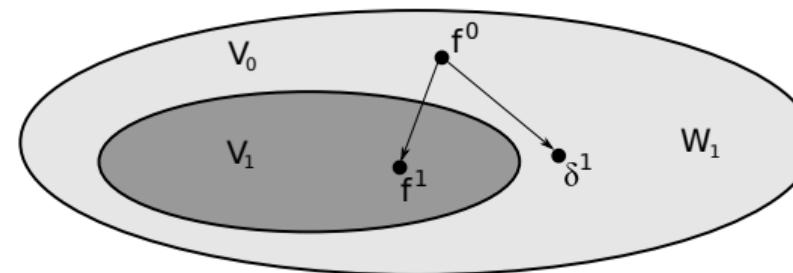


Figura 112: Decomposição de uma função: $f^0 = f^1 + \delta^1$ (Araujo, 2007).

Exemplo 2

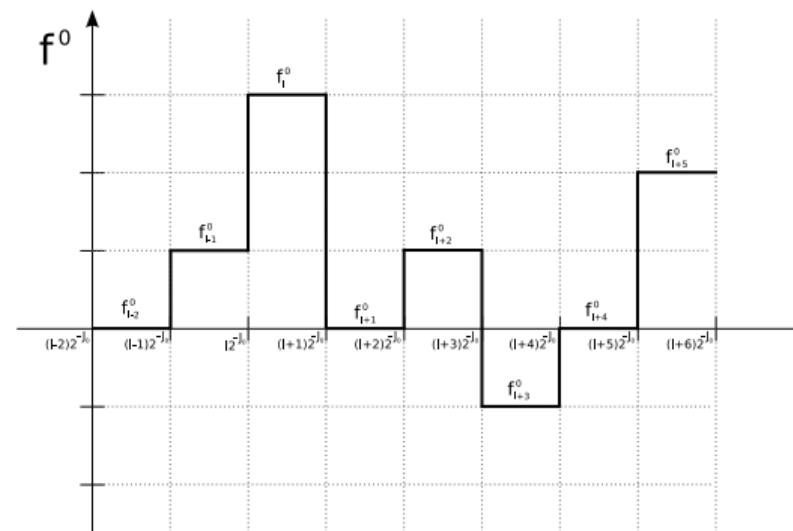


Figura 113: Decomposição de uma função: $f^0 = f^1 + \delta^1$ (Araujo, 2007).

Exemplo 3

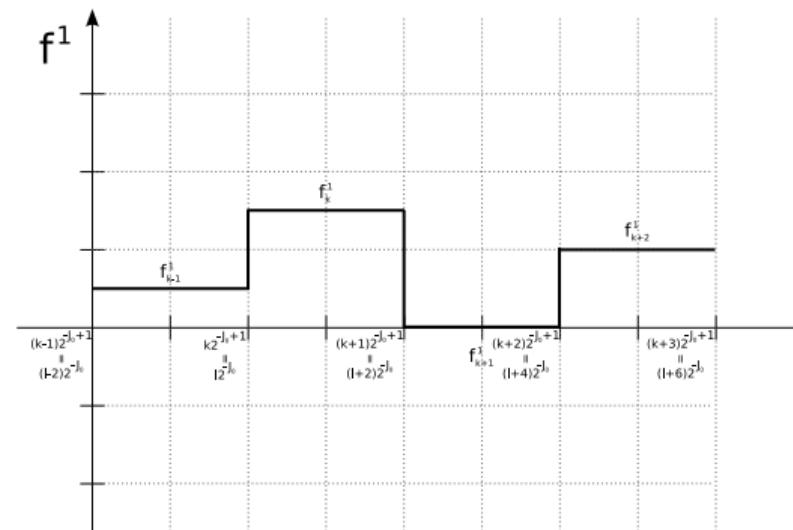


Figura 114: Decomposição de uma função: $f^0 = f^1 + \delta^1$ (Araujo, 2007).

Exemplo 4

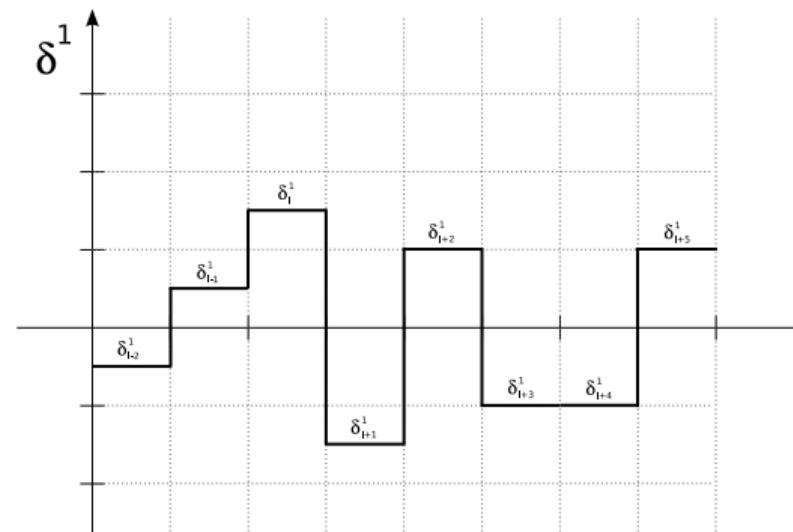


Figura 115: Decomposição de uma função: $f^0 = f^1 + \delta^1$ (Araujo, 2007).

Exemplo 5

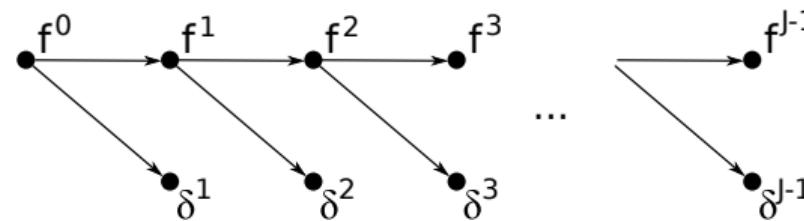


Figura 116: Decomposição de uma função: $f^0 = f^1 + \delta^1 = f^2 + \delta^2 + \delta^1 = \dots f^{J-1} + \sum_{j=1}^{J-1} \delta^j$ (Araújo, 2007).

Algoritmo Rápido de Decomposição

Temos o seguinte algoritmo em cascata para calcular os coeficientes de wavelet $\{d_{j,n}\}$

$$\begin{array}{ccccccc} a_{j_0,.} & \xrightarrow{\quad} & a_{j_0+1,.} & \xrightarrow{\quad} & a_{j_0+2,.} & \cdots & a_{j_0+J-1,.} \xrightarrow{\quad} a_{j_0+J,.} \\ \searrow & & \searrow & & \searrow & & \searrow \\ d_{j_0+1,.} & & d_{j_0+2,.} & & \cdots & & d_{j_0+J,.} \end{array} \quad (359)$$

Os coeficientes são calculados através da seguintes relações:

$$a_{j,n} = \sum_k \overline{h_k} a_{j-1,2n+k} , \text{ e} \quad (360)$$

$$d_{j,n} = \sum_k \overline{g_k} a_{j-1,2n+k} . \quad (361)$$

Algoritmo Rápido de Reconstrução

O algoritmo em cascata para reconstruir um sinal é representado abaixo:

$$\begin{array}{ccccccc} a_{j_0+J,.} & \xrightarrow{\hspace{1cm}} & a_{j_0+J-1,.} & \xrightarrow{\hspace{1cm}} & \dots & a_{j_0+1,.} & \xrightarrow{\hspace{1cm}} a_{j_0,.} \\ d_{j_0+J,.} & \nearrow & d_{j_0+J-1,.} & & \dots & d_{j_0+1,.} & \nearrow \end{array} \quad (362)$$

e descrito pela seguinte relação

$$a_{j-1,n} = \sum_k \overline{h_{n-2k}} a_{j,k} + \sum_k \overline{g_{n-2k}} d_{j,k} . \quad (363)$$

Algoritmo - Equivalência

No algoritmo de decomposição, temos a seguinte relação

$$\langle f, \phi_{j,k} \rangle = \sum_n \overline{h_{n-2k}} \langle f, \phi_{j-1,n} \rangle, \quad (364)$$

$$\langle f, \psi_{j,k} \rangle = \sum_n \overline{g_{n-2k}} \langle f, \psi_{j-1,n} \rangle. \quad (365)$$

Isso equivalente a fazer

$$\langle f, \phi_{j,k} \rangle = (\downarrow 2) (\langle f, \phi_{j-1,n} \rangle * \overline{h_{-n}}) \quad (366)$$

$$\langle f, \psi_{j,k} \rangle = (\downarrow 2) (\langle f, \psi_{j-1,n} \rangle * \overline{g_{-n}}) . \quad (367)$$

Estas equações podem ser reescritas na forma matricial.

Algoritmo - Forma Matricial

- ▶ H e G são as matrizes dos filtros h e g , respectivamente
- ▶ D é a matriz de *downsample*

$$H = \begin{bmatrix} \cdot & & & \\ h_0 & h_1 & & \\ & h_0 & h_1 & \\ & & h_0 & h_1 \\ & & & \cdot & \cdot \end{bmatrix} \quad (368)$$

$$D = \begin{bmatrix} \cdot & & & & \\ 1 & 0 & & & \\ & 1 & 0 & & \\ & & 1 & 0 & \\ & & & \cdot & \cdot \end{bmatrix} \quad (369)$$

Algoritmo - Forma Matricial 2

$$DH = \begin{bmatrix} \cdot & & & & \\ h_0 & h_1 & & & \\ & & h_0 & h_1 & \\ & & & h_0 & h_1 \\ & & & & \ddots & \ddots \end{bmatrix} \quad (370)$$

$$a_j = \begin{bmatrix} \vdots \\ a_{j,-1} \\ a_{j,0} \\ a_{j,1} \\ \vdots \end{bmatrix} \quad (371)$$

Algoritmo - Forma Matricial 3

As operações escritas em (366) e (367) podem ser representadas então por:

$$a_j = D H a_{j-1}, \quad (372)$$

$$d_j = D G a_{j-1}. \quad (373)$$

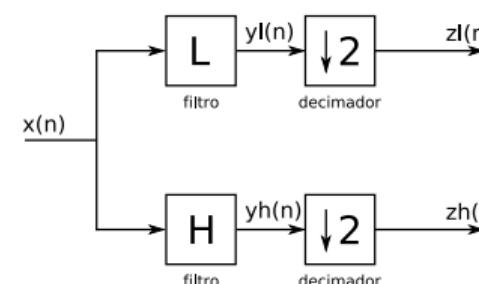


Figura 117: Banco de Filtros.

Banco de Filtros

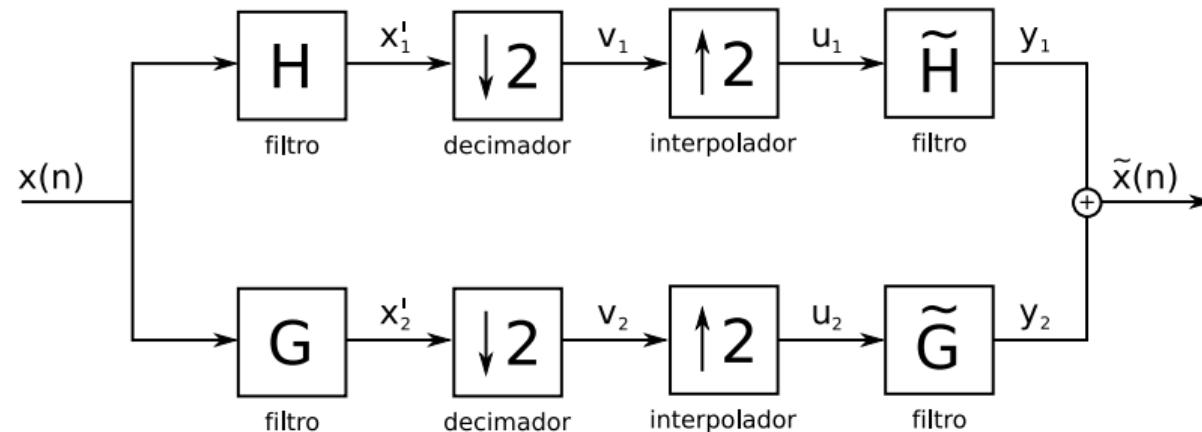


Figura 118: Banco de Filtros (decomposição e síntese).

Banco de Filtros 2

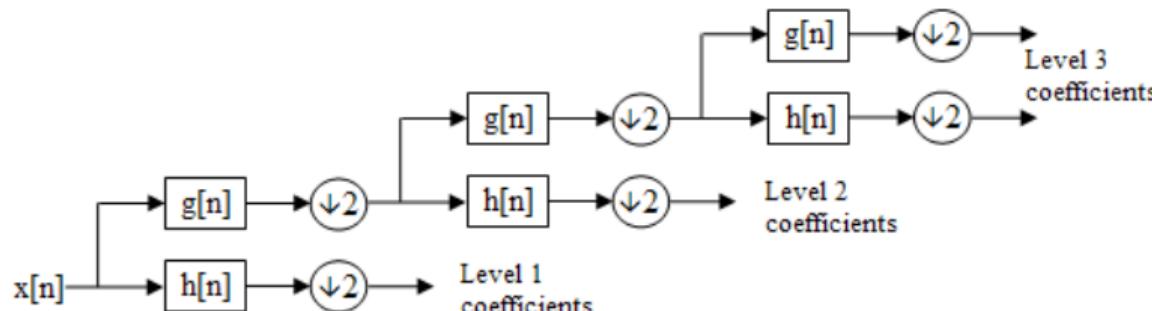


Figura 119: Banco de Filtros: decomposição (Wikipedia).

Banco de Filtros 3

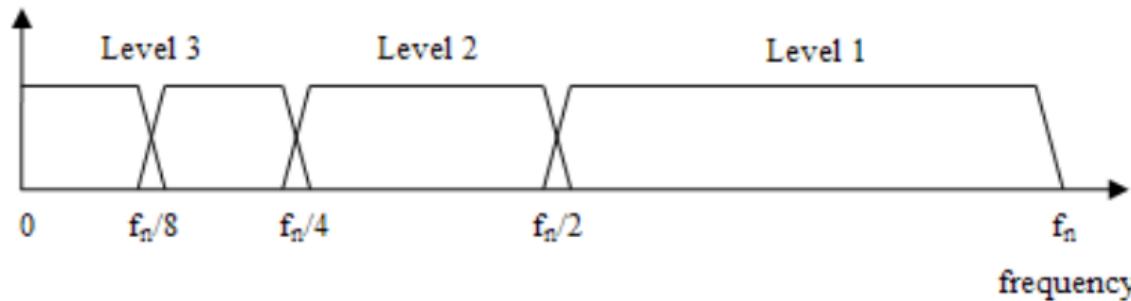
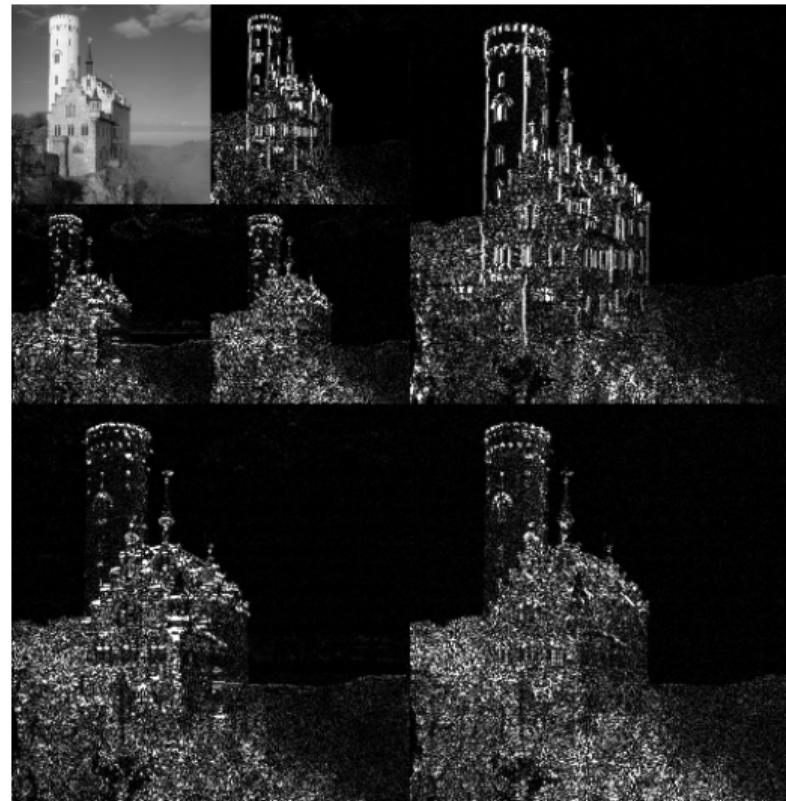


Figura 120: Banco de Filtros Wavelets no Domínio da Frequêcia (Wikipedia).

Banco de Filtros 4



Princípio da Incerteza de Heisenberg

Um par de variáveis observáveis **não** pode ser determinado com qualquer precisão desejada para ambas as variáveis. Existe um limite para o qual aumentar a precisão em uma variável implica em diminuir a precisão na outra. Este limite é estabelecido pela seguinte relação entre as variâncias das variáveis

$$\sigma_t^2 \sigma_\omega^2 \geq \frac{1}{4} . \quad (374)$$

Princípio da Incerteza de Heisenberg 2

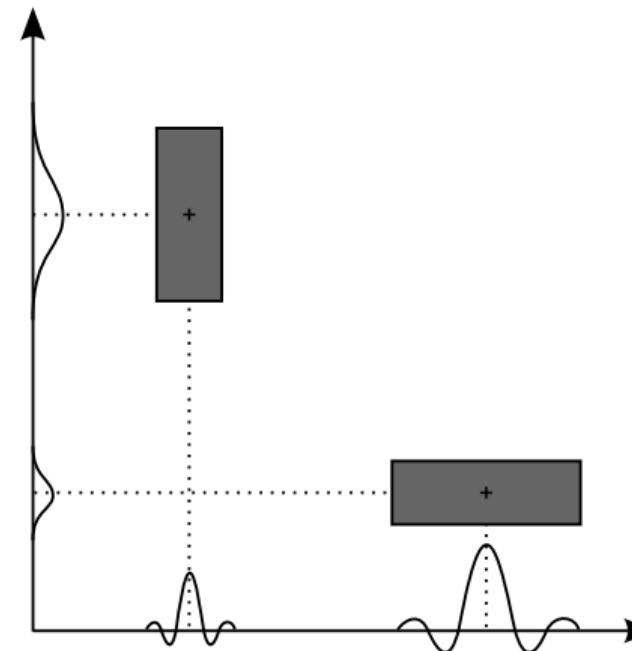


Figura 122: Caixas Tempo-Frequência (Araújo, 2007).

Princípio da Incerteza de Heisenberg 3

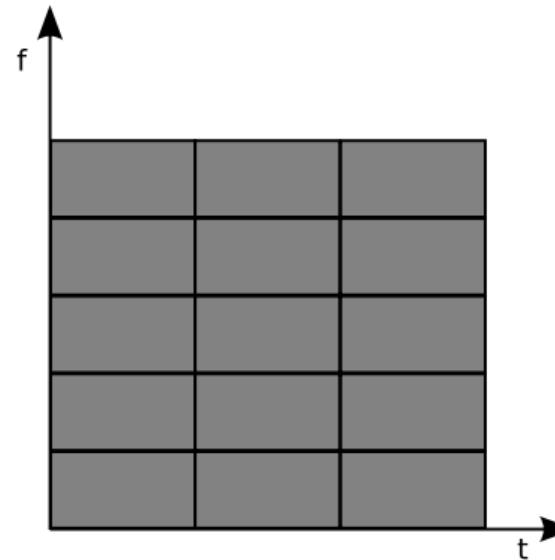


Figura 123: Caixas de Heisenberg para a transformada Fourier com janela.

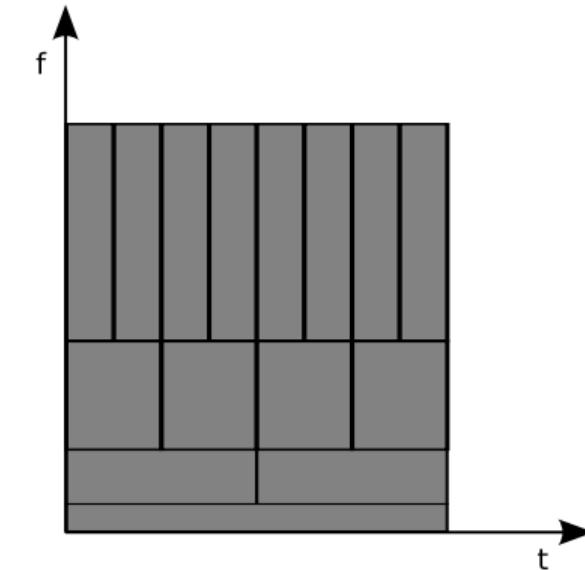


Figura 124: Caixas de Heisenberg para a transformada wavelet.

Análise em Resoluções Múltiplas (ARM)

Diz-se que há uma ARM quando as seguintes propriedades são satisfeitas para uma sequência de subespaços $\{V_j\}_{j \in \mathbb{Z}}$ fechados de $L^2(\mathbb{R})$

$$\forall j \in \mathbb{Z}, \quad V_{j+1} \subset V_j , \quad (375)$$

$$\forall (j, k) \in \mathbb{Z}^2, \quad f \in V_j \Leftrightarrow f(\cdot - 2^j k) \in V_j , \quad (376)$$

$$\forall j \in \mathbb{Z}, \quad f \in V_j \Leftrightarrow f(2^j \cdot) \in V_0 , \quad (377)$$

$$\lim_{j \rightarrow +\infty} V_j = \bigcap_{j \in \mathbb{Z}} V_j = \{0\} , \quad (378)$$

$$\lim_{j \rightarrow -\infty} V_j = \overline{\bigcup_{j \in \mathbb{Z}} V_j} = L^2(\mathbb{R}) , \quad (379)$$

$$\begin{aligned} \exists \phi \in V_0 \text{ tal que } \phi_{0,k}(t) &= \phi(t - k) \text{ constitui} \\ &\text{uma base ortonormal para } V_0. \end{aligned} \quad (380)$$

Análise em Resoluções Múltiplas (ARM) 2

Sequência de Subespaços Encaixantes:

Temos a seguinte relação: $V_j = V_{j+1} \oplus W_{j+1}$ e também a ortogonalidade entre os subespaços W_j ($W_j \perp W_{j'}$ quando $j \neq j'$) e entre W_j e $V_{j'}$ onde $j' \geq j$.

$$V_j = V_{j+1+J} \oplus \bigoplus_{n=j+1}^{j+1+J} W_n. \quad (381)$$

Uma função f^j inicialmente representada em V^j pode ser decomposta como uma versão de baixa resolução f^{j+1+J} somada aos detalhes δ^n correspondentes a cada subespaço W_n :

$$f^j = f^{j+1+J} + \sum_{n=j+1}^{j+1+J} \delta^n. \quad (382)$$

Análise em Resoluções Múltiplas (ARM) 3

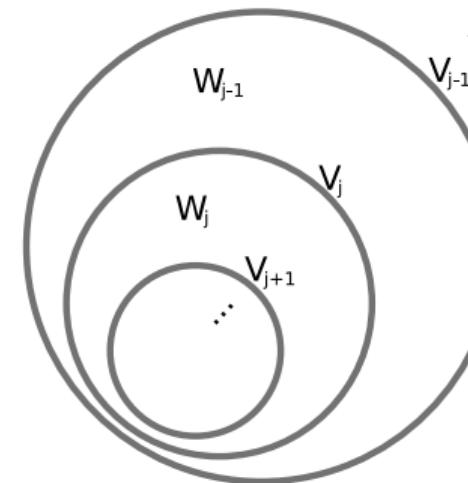


Figura 125: Sequencia de subespaços encaixantes.

Análise em Resoluções Múltiplas (ARM) 4

Suponha que uma função qualquer $f \in L^2(\mathbb{R})$ possa ser escrita na base V_j , então

$$P_{V_j} f = f^j = \sum_k a_{j,k} \phi_{j,k}, \quad (383)$$

onde os coeficientes são dados por $a_{j,k} = \langle f, \phi_{j,k} \rangle$.

$$\begin{aligned} a_{j,k} &= \langle f, \sum_n h_n \phi_{j-1,2k+n} \rangle \\ &= \sum_n \overline{h_n} \langle f, \phi_{j-1,2k+n} \rangle \\ &= \sum_n \overline{h_n} a_{j-1,2k+n} \end{aligned} \quad (384)$$

Análise em Resoluções Múltiplas (ARM) 5

Como $f^{j-1} = f^j + \delta^j$, onde f^j é a projeção sobre o subespaço V_j e δ_j a projeção sobre W_j ($V_{j-1} = V_j \oplus W_j$), temos

$$\delta^j = \sum_k d_{j,k} \psi_{j,k} \quad (385)$$

onde $d_{j,k} = \langle f, \psi_{j,k} \rangle$.

$$\begin{aligned} d_{j,k} &= \langle f, \sum_n g_n \phi_{j-1,2k+n} \rangle \\ &= \sum_n \overline{g_n} \langle f, \phi_{j-1,2k+n} \rangle \\ &= \sum_n \overline{g_n} a_{j-1,2k+n}. \end{aligned} \quad (386)$$

Algumas Famílias de Wavelets

Haar, Daubechies, Symlets, Coiflets, BiorSplines, ReverseBior, Meyer, DMeyer, Gaussian, Mexican hat, Morlet, Complex Gaussian, Shannon, Frequency B-Spline, Complex Morlet, etc.

Algumas Famílias de Wavelets 2

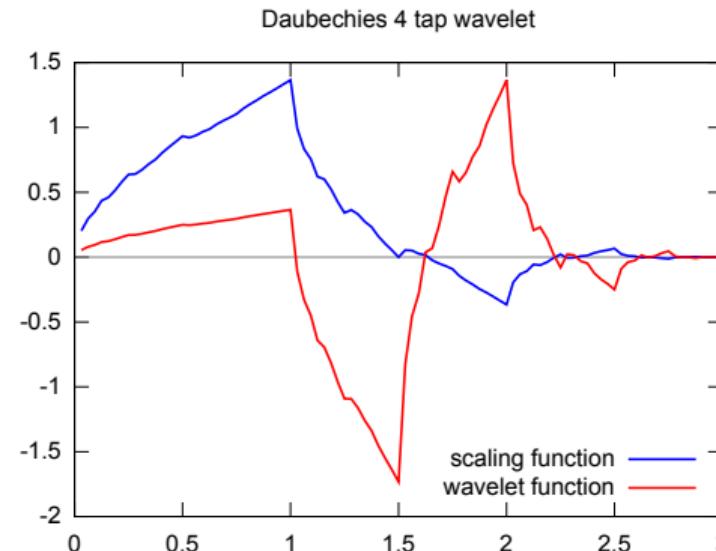


Figura 126: Wavelet de Daubechies 4.

Algumas Famílias de Wavelets 3

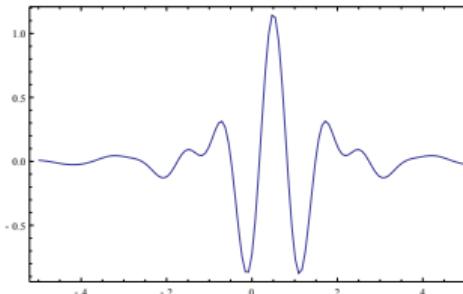


Figura 127: Wavelet de Meyer.

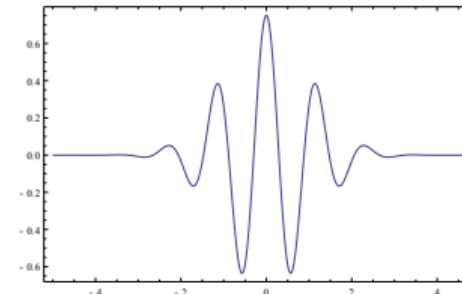


Figura 128: Wavelet de Morlet.

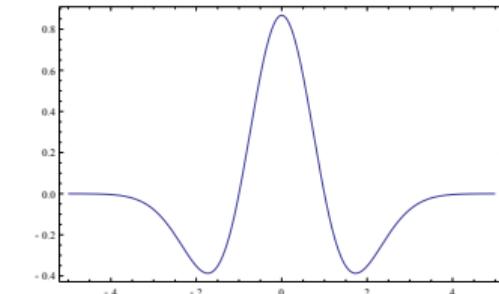


Figura 129: Wavelet Chapéu Mexicano.

Wavelets de Daubechies

As wavelets de Daubechies são wavelets que possuem todos os momentos até ordem $N - 1$ nulos, ou seja,

$$\int_{-\infty}^{\infty} x^l \psi(x) dx = 0, \quad l = 0, \dots, N - 1. \quad (387)$$

Observação: quando $l = 0$ temos a média, quando $l = 1$ a variância, e quando $l = 2$ a obliquidade (*skewness*). As wavelets de Haar podem ser vistas como um caso particular das wavelets de Daubechies quando $N = 1$. Para as wavelets de Daubechies, os valores de h_k não nulos serão apenas $2N$ valores, raízes de equações algébricas, calculadas por métodos numéricos.

Wavelets de Daubechies 2

- ▶ Daub2 (Haar)
 $h_0 = h_1 = \sqrt{2}/2$
- ▶ Daub4
 $h_0 = (1 + \sqrt{3})/4\sqrt{2}$, $h_1 = (3 + \sqrt{3})/4\sqrt{2}$, $h_2 = (3 - \sqrt{3})/4\sqrt{2}$ e $h_3 = (1 - \sqrt{3})/4\sqrt{2}$

Processamento de Áudio e Vídeo

Wavelets

Famílias de Wavelets

Wavelets de Daubechies

► Daub 2 [Haar]

$$h_0 = h_1 = \sqrt{2}/2$$

► Daub 4

$$h_0 = (1 + \sqrt{3})/4\sqrt{2}, h_1 = (3 + \sqrt{3})/4\sqrt{2}, h_2 = (3 - \sqrt{3})/4\sqrt{2}, h_3 = (1 - \sqrt{3})/4\sqrt{2}$$

Obs.: Compressão de Imagens.

A vantagem em se ter uma wavelet com vários momentos nulos é o fato dos coeficientes de wavelets das escalas mais finas serem essencialmente nulos onde a função é suave.



<https://nbviewer.jupyter.org/github/leolca/notebooks/blob/master/aev/wavelets.ipynb>

Aquisição de Imagem

CCD Chip



Figura 130: CCD from a 2.1 megapixel Hewlett-Packard digital camera (Wikipedia).

CCD Chip 2

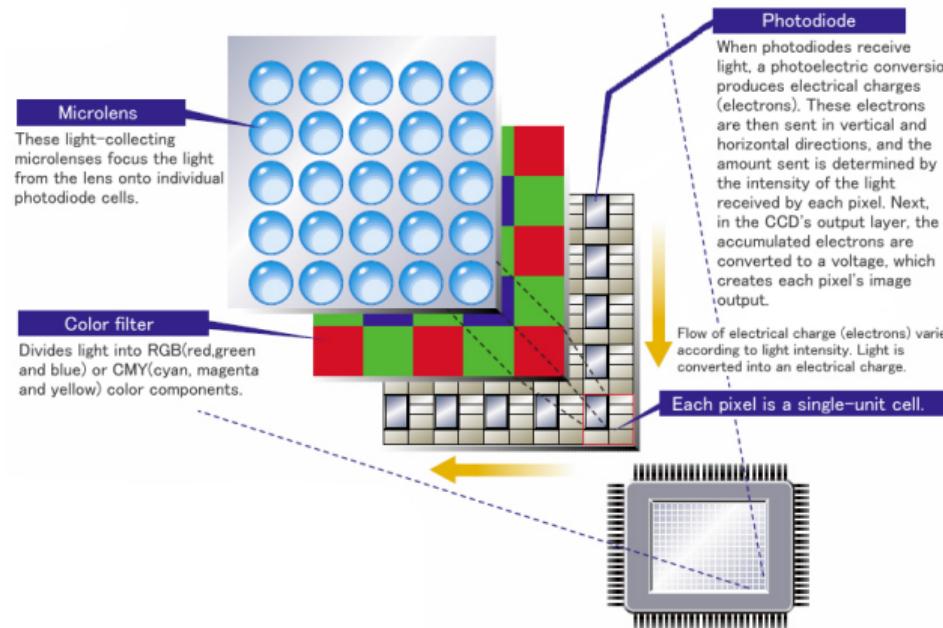


Figura 131: Funcionamento do CCD (Panasonic).

CCD Chip 3

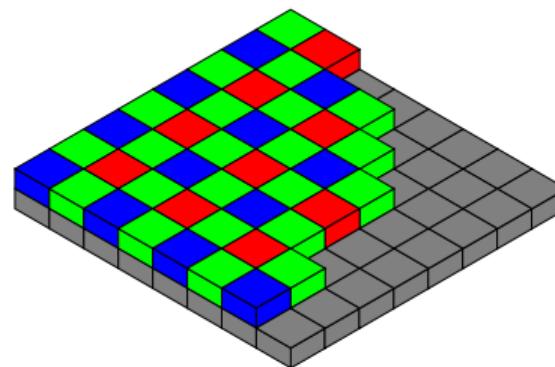


Figura 132: Máscara com Bayer sobre o CCD (Wikipedia).

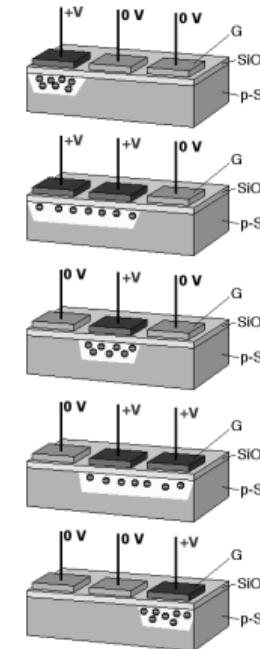


Figura 133: Deslocamento de cargas (Wikipedia).

CCD Chip 4

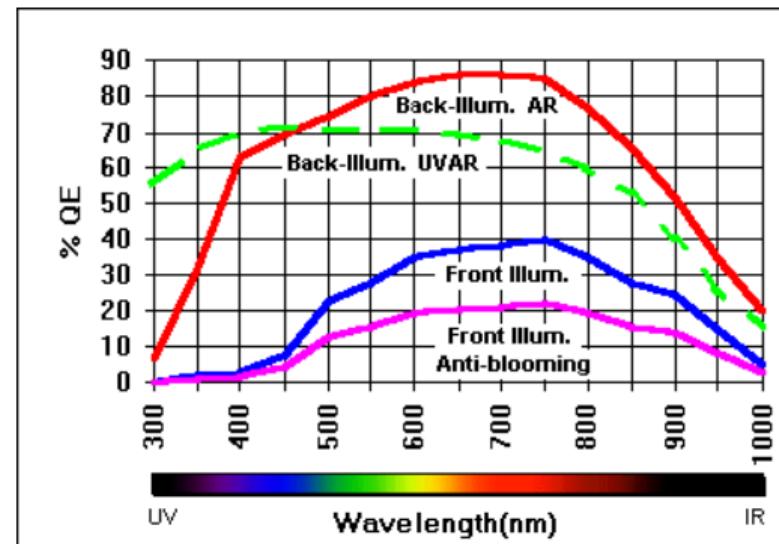


Figura 134: Eficiência quântica típica para CCDs front- e back-illuminated ([astrosurf](#)).

CCD Chip 5

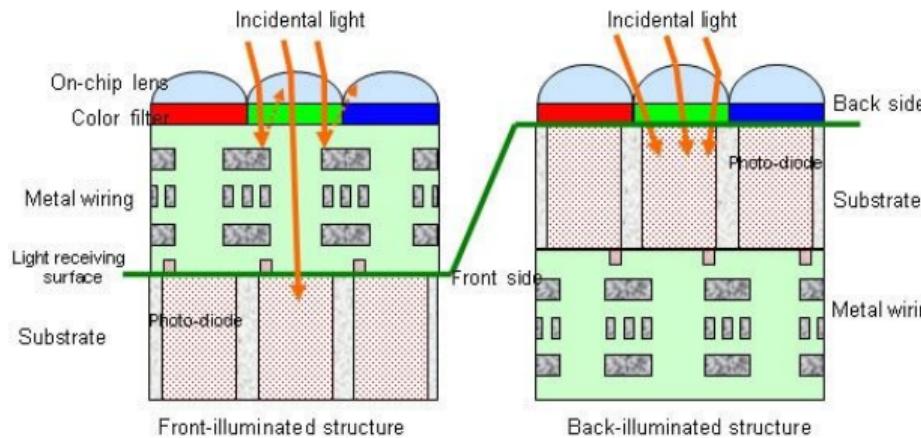


Figura 135: Comparação entre estruturas *front-illuminated* e *back-illuminated* ([Sony](#)).

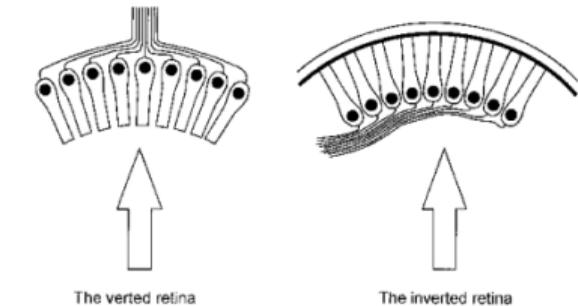


Figura 136: Comparação entre dois arranjos de fotorreceptores na retina ([Gurney, P. W. V.](#)).

CCD Chip 6

Litwiller, D. (2001). CCD vs. CMOS: Facts and fiction.
In *Photonics Spectra*



<https://www2.cs.duke.edu/courses/fall11/cps274/papers/Littwiller01.pdf>

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Aquisição de Imagem

└ CCD Chip

CCD CS II

Lindell, D. (1993). CCD vs. CMOS: factors and choices.
In *Acoustics Spectra*.



<https://www2.cs.duke.edu/courses/fall11/cps274/papers/Lindell93.pdf>

Eficiência quântica de um dispositivo fotossensível é definida como o percentual de fótons incidentes que irão produzir um par elétron-buraco. Como a energia do fóton depende do seu comprimento de onda, a eficiência quântica é medida em diferentes faixas de comprimento para assim caracterizar o dispositivo.

Ruído na aquisição de imagem

Fontes de ruído na aquisição da imagem:

- ▶ limitação na estatística de contagem dos fótons incidentes
- ▶ perdas durante o processo de deslocamento das cargas no chip CCD
- ▶ ruído eletrônico nos amplificadores e cabeamentos (ligações metálicas)
- ▶ interferências de fontes externas

Ruído na aquisição de imagem 2



Figura 137: Ruído (Wikipedia).



Figura 138: Ruído sal e pimenta (*salt and pepper*) (Wikipedia).

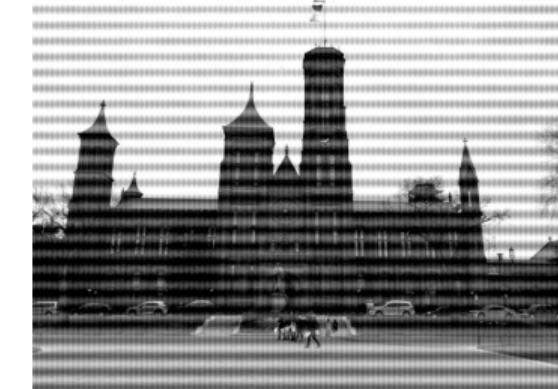


Figura 139: Ruído periódico (Wikipedia).

Ruído na aquisição de imagem 3



Figura 140: ISO 100, f/5.6,
1/350 s (Wikipedia).



Figura 141: ISO 1600, f/5.6,
1/4000 s (Wikipedia).



Figura 142: Comparação
(Wikipedia).

Ruído na aquisição de imagem 4

Diferentes abordagens podem ser utilizadas para reduzir ruídos da imagem:

- ▶ sensores com maior área
- ▶ sensores com maior eficiência quântica
- ▶ menor temperatura
- ▶ projeto da câmera e sensor
- ▶ *pixel binning*
- ▶ empilhamento de fotos (*stacking*)
- ▶ subtração do quadro de obscuridade (*dark-frame subtraction*)
- ▶ filtros digitais

Processamento de Áudio e Vídeo

Aquisição de Imagem

Ruído na aquisição de imagem

https://en.wikipedia.org/wiki/Dark-frame_subtraction
https://en.wikipedia.org/wiki/Focus_stacking

Ruído na aquisição de imagem

Diferentes abordagens podem ser utilizadas para reduzir ruído da imagem:

- menor com maior área
- menor com maior eficiência quântica
- menor tempo para曝光
- progresso da câmera e sensor
- pixel binning
- amplificação de fator [zooming]
- subtração do quadro de obscuridade [dark frame subtraction]
- filhos digitais

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Aquisição de Imagem

└ Ruído na aquisição de imagem

"Signal-to-noise ratio (S/N) is one of the most important parameters to be considered when specifying a CCD camera for scientific applications. Three sources contribute to this ratio: photon, dark, and readout noise. Although many of these noise sources can be reduced by camera design and cooling methods, photon noise or photon shot noise—the inherent natural variation of incident photon flux—cannot be reduced by camera design.

<https://www.vision-systems.com/cameras-accessories/image-sensors/article/16739105/scientificgrade-imagers-boost-ccd-sensitivity>

Ruído na aquisição de imagem

- Diferentes abordagens podem ser utilizadas para reduzir ruídos da imagem:
 - menor consumo de energia
 - menor consumo de energia quando dia
 - menor tempo para captar
 - proximidade da câmera a sensor
 - pixel binning
 - amplificação de fator (overclocking)
 - subtração do quadro de obscuridade (dark frame subtraction)
 - filhos digitais

Processamento de Áudio e Vídeo

Aquisição de Imagem

Ruído na aquisição de imagem

"Unlike photon noise, dark noise within a CCD is produced by electrons thermally generated within the structure of the CCD. Because the largest contribution to this dark current results from the interface between the silicon dioxide (SiO_2) and the epitaxial silicon (Si) layer within the CCD, full-frame CCDs can be operated in multiphase pinned mode (MPP) to reduce this effect. The Si/ SiO_2 interface at the surface of the CCD is pinned at the substrate potential, directing signal charge away from the Si/ SiO_2 interface toward the buried n-channel. This reduces dark noise, increases charge-transfer efficiency, and increases pixel-to-pixel uniformity."

<https://www.vision-systems.com/cameras-accessories/image-sensors/article/16739105/scientificgrade-imagers-boost-ccd-sensitivity>

Ruído na aquisição de imagem

- Diferentes abordagens podem ser utilizadas para reduzir ruídos da imagem:
 - menor consumo de energia
 - menor consumo de energia e menor ruído
 - menor tempo para曝光
 - proxima da câmera e menor
 - pixel binning
 - amplificação de fator [overclock]
 - subtração do quadro de escurecimento [dark frame subtraction]
 - filhos digitais

Processamento de Áudio e Vídeo

Aquisição de Imagem

Ruído na aquisição de imagem

Ruído na aquisição de imagem

Diferentes abordagens podem ser utilizadas para reduzir ruídos da imagem:

- menor consumo de energia
- menor consumo de iluminação e de dia
- menor tempo para exposição
- proximidade da câmera e sensor
- pixel binning
- amplificação de fator (overclocking)
- subtração do quadro de obscuridade (dark frame subtraction)
- filhos digitais

"Due to impurities in a CCD's silicon layer, some pixels suffer from dark current more than others. These so-called "hot pixels" build up thermal electrons at a much faster rate than the majority of pixels in the CCD. To reduce dark current caused by these pixels and others across the device, the CCD can be cooled. To accomplish this, the sensors used in scientific-quality cameras are cooled either by forced-air, thermoelectric (using Peltier coolers), or cryogenic means. For every 6°C reduction of temperature, dark current reduces by a factor of two. "

<https://www.vision-systems.com/cameras-accessories/image-sensors/article/16739105/scientificgrade-imagers-boost-ccd-sensitivity>

Profundidade de Cor

Profundidade de cor (*color depth* ou *bit depth*) é o número de bits utilizado para representar a cor em um único pixel em uma imagem bitmap. Espesso em bit por pixel (bpp). Este valor é limitado pelo quantizador na aquisição da imagem.

A profundidade de cor é apenas um aspecto da representação de cor, expressando o quanto fina é a representação de uma cor (número de níveis). Outro aspecto importante é a extensão (gamut).

Profundidade de Cor 2



Figura 143: 1 bit (2 cores) (Wikipedia).



Figura 144: 2 bit (4 cores) (Wikipedia).



Figura 145: 4 bit (16 cores) (Wikipedia).

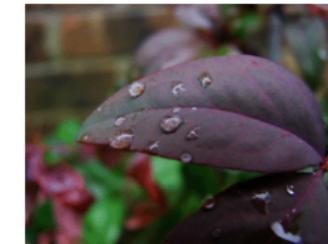


Figura 146: 8 bit (256 cores) (Wikipedia).

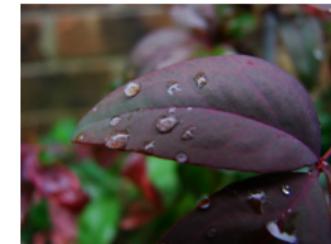


Figura 147: 24 bit (16.777.216 cores) (Wikipedia).

Cor

O CIE define cor como o resultado perceptivo de luz no espectro visível, com comprimento de onda entre 400 e 700nm, incidente na retina.

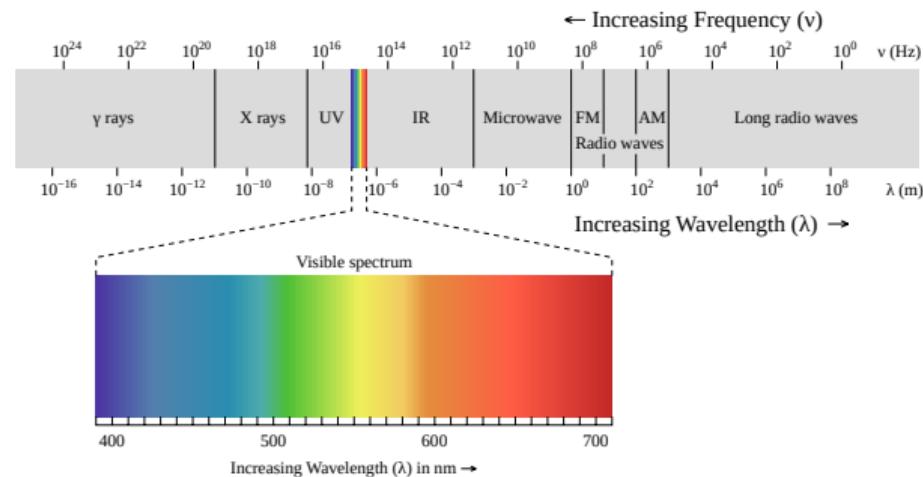


Figura 148: Espectro Eletromagnético (Wikipedia).

Cor 2

Espectro das cores e o metamerismo.

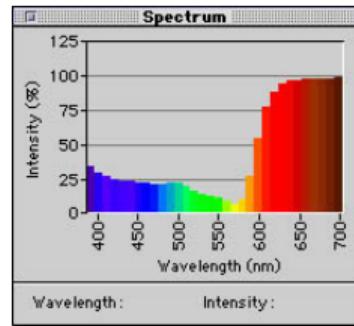


Figura 149: Espectro do vermelho
oxicoco (*cranberry*) (Bruce
Fraser)

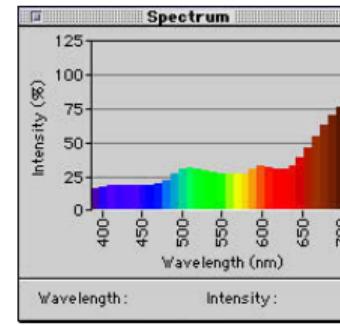


Figura 150: Espectro do verde.
Exemplo de Metamerismo.
(Bruce Fraser)

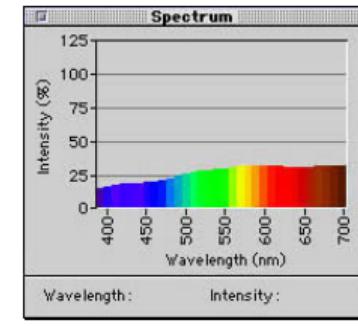


Figura 151: Espectro do verde.
Exemplo de Metamerismo.
(Bruce Fraser)

Cor 3

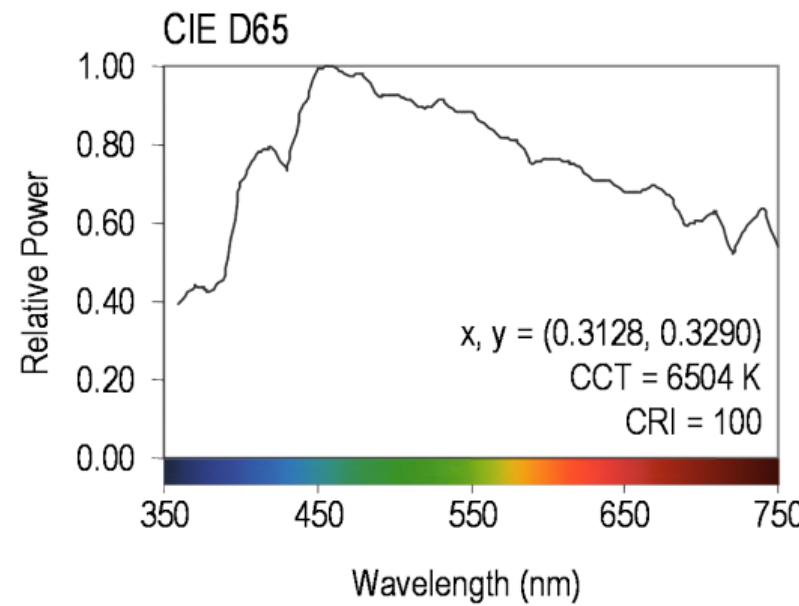


Figura 152: Distribuição espectral de potência do D65 (Wikipedia).

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Cor

└ Cor

Cet 3

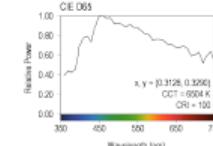


Figura 1.52: Distribuição espectral de potência do D65 | Wikipedia.

Metametismo é quando duas ou mais cores possuem composições espectrais distintas, mas aparecem possuir a mesma cor.

[https://en.wikipedia.org/wiki/Metamerism_\(color\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Metamerism_(color))

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Cor

└ Cor

Cet 3

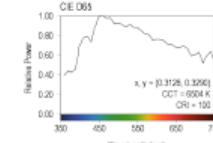


Figura 1.52: Distribuição espectral de potência do D65 | Wikipedia.

A cor percebida de um objeto depende das suas características de absorção-reflexão e também das características da luz incidente.

O padrão D65 do CIE refere-se à característica espectral do iluminante, correspondendo à iluminação solar ao meio-dia na Europa ocidental, composta pela luz direta e difundida em céu limpo.

https://en.wikipedia.org/wiki/Color_temperature

Espaços de Cores

As cores podem ser organizadas em diferentes espaços. O espaço de cor, juntamente com as características do dispositivo definem a extensão de cores que poderão ser representadas.

Alguns espaços de cores:

- ▶ RGB
- ▶ CMYK
- ▶ YUV
- ▶ YCbCr
- ▶ CIELAB

https://en.wikipedia.org/wiki/Color_space

Espaços de Cores 2

YCbCr

Y' é a componente de luma

Cb e Cr são componentes de crominância, diferença de azul e diferença de vermelho, respectivamente

$$Y' = K_R \cdot R' + (1 - K_R - K_B) \cdot G' + K_B \cdot B'$$

$$P_B = \frac{1}{2} \cdot \frac{B' - Y'}{1 - K_B}$$

$$P_R = \frac{1}{2} \cdot \frac{R' - Y'}{1 - K_R}$$

convenção ITU-R BT.601:

$K_B = 0.114$ e $K_R = 0.229$.

Espaços de Cores 3

JPEG

$$Y' = \quad + (0.299 \cdot R'_D) + (0.587 \cdot G'_D) + (0.114 \cdot B'_D)$$

$$C_B = 128 - (0.168736 \cdot R'_D) - (0.331264 \cdot G'_D) + (0.5 \cdot B'_D)$$

$$C_R = 128 + (0.5 \cdot R'_D) - (0.418688 \cdot G'_D) - (0.081312 \cdot B'_D)$$

$$R = Y \quad + 1.402 \cdot (C_R - 128)$$

$$G = Y - 0.34414 \cdot (C_B - 128) - 0.71414 \cdot (C_R - 128)$$

$$B = Y + 1.772 \cdot (C_B - 128)$$

Correção Gamma

A correção gamma é definida pela seguinte expressão:

$$V_{\text{out}} = A V_{\text{in}}^{\gamma}$$

onde A é uma constante e os valores de entrada são valores reais não negativos (tipicamente normalizados entre 0 e 1).



Figura 153: Correção gamma (Wikipedia).

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Cor

└ Correção Gamma

"Gamma encoding of images is used to optimize the usage of bits when encoding an image (...) The human perception of brightness (lightness), under common illumination conditions (neither pitch black nor blindingly bright), follows an approximate power function (note: no relation to the gamma function), with greater sensitivity to relative differences between darker tones than between lighter tones, consistent with the Stevens power law for brightness perception. If images are not gamma-encoded, they allocate too many bits or too much bandwidth to highlights that humans cannot differentiate, and too few bits or too little bandwidth to shadow values that humans are sensitive to and would require more bits/bandwidth to maintain the same visual quality. "

https://en.wikipedia.org/wiki/Gamma_correction

Correção Gamma

A correção gamma é definida pela seguinte expressão:

$$V_{out} = A(V_{in})^\gamma$$

onde A é uma constante e a relação entre a saída valores reais e não negativos (tipicamente entre 0 e 1) e a entrada é entre 0 e 1.



Figura 532: Correção gamma | Wikipedia.

Visão

Diferentes tipos de olhos

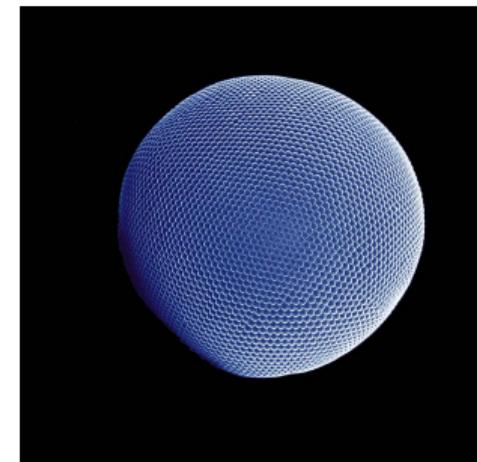


Figura 154: Olho do Krill antártico (*Euphausia superba*), um pequeno crustáceo do oceano Antártico (Wikipedia).

Diferentes tipos de olhos 2

- ▶ Os olhos de insetos consistem em vários sensores e lentes individuais, produzindo baixa resolução, comparativamente.
- ▶ O camaleão pode girar os globos oculares independentemente.
- ▶ O cavalo possui pouca visão stereo, mas um amplo campo de visão.
- ▶ A acuidade e resolução visual da águia é extremamente alta.
- ▶ Os primatas são bem adaptados a uma visão estéreo e possuem maior sensibilidade ao vermelho que os demais animais.
- ▶ Os olhos do polvo evoluíram independentemente e possuem um circuito neural do lado oposto da retina, provendo boa acuidade e sensitividade a cores.

Diferentes tipos de olhos 3

Nem todos animais dependem tanto da visão como nós humanos.

- ▶ Morcegos e golfinhos usam ecolocalização.
- ▶ Enguias geram e sentem campos elétricos.
- ▶ Peixes e crocodilos possuem sensores de pressão.
- ▶ Pássaros e abelhas possuem a capacidade de detectar a polarização da luz.
- ▶ Pássaros e insetos podem detectar infravermelho e ultravioleta.

Anatomia do olho humano

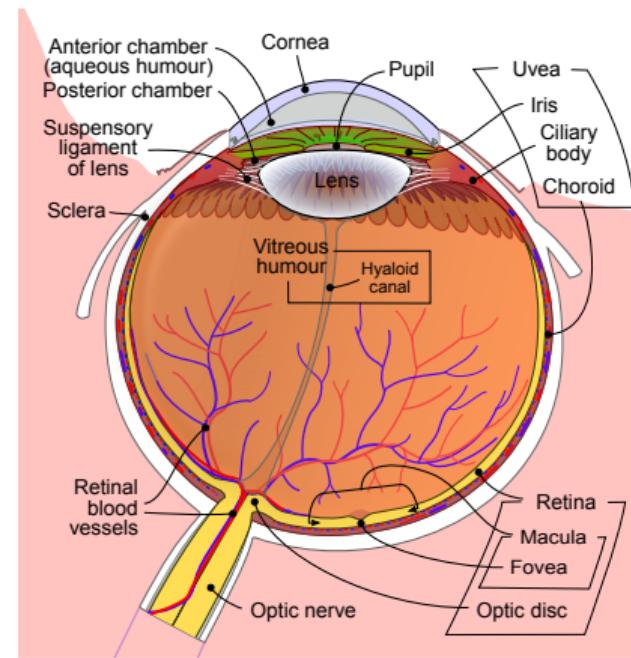


Figura 155: Diagrama esquemático do olho humano (Wikipedia).

Anatomia do olho humano 2

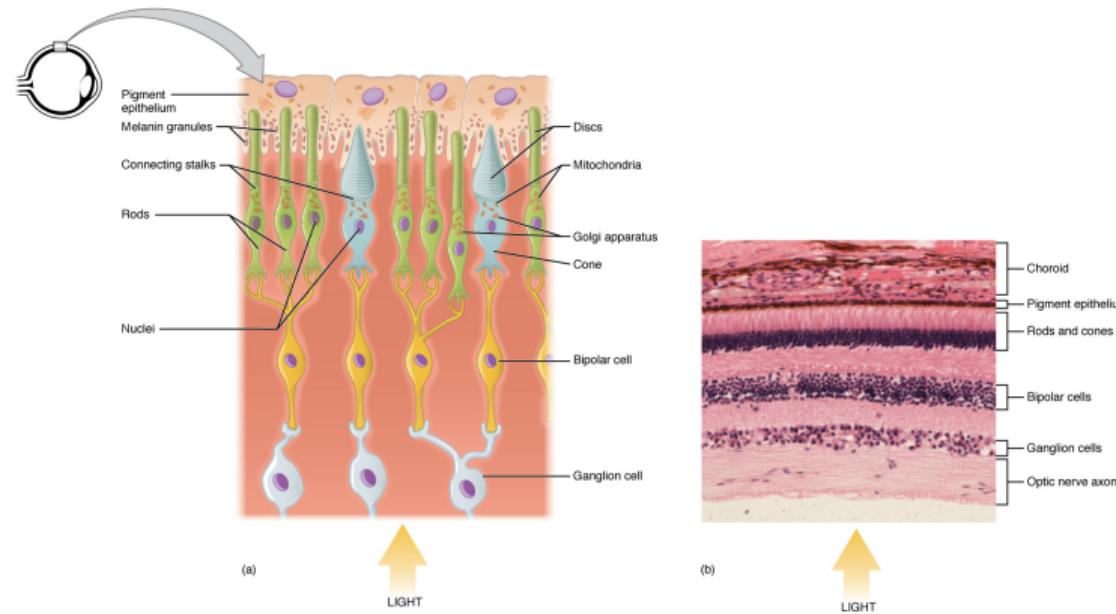


Figura 156: Camadas da retina. Cones e bastonetes (Wikipedia).

Anatomia do olho humano 3

- ▶ tamanho da abertura da lente (5×10^{-3} m)
- ▶ 160 milhões de bastonetes e cones
- ▶ fóvea
- ▶ <https://en.wikipedia.org/wiki/Saccade>
- ▶ ponto cego
- ▶ grande extensão de níveis de luminosidade, cobrindo de 9 a 10 ordem de magnitude
- ▶ adaptação à mudança de iluminação

Anatomia do olho humano 4



Figura 157: Trajetória dos movimentos sacádicos do olho (Wikipedia).

Anatomia do olho humano 5

Ponto cego do olho



Anatomia do olho humano 6

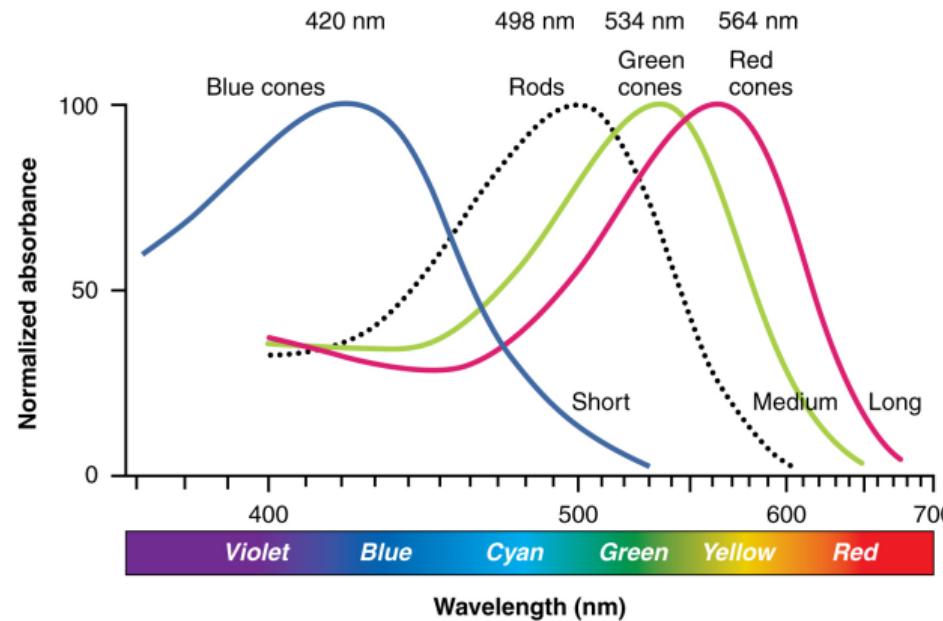


Figura 158: Sensitividade dos cones e bastonetes (Wikipedia).

Anatomia do olho humano 7

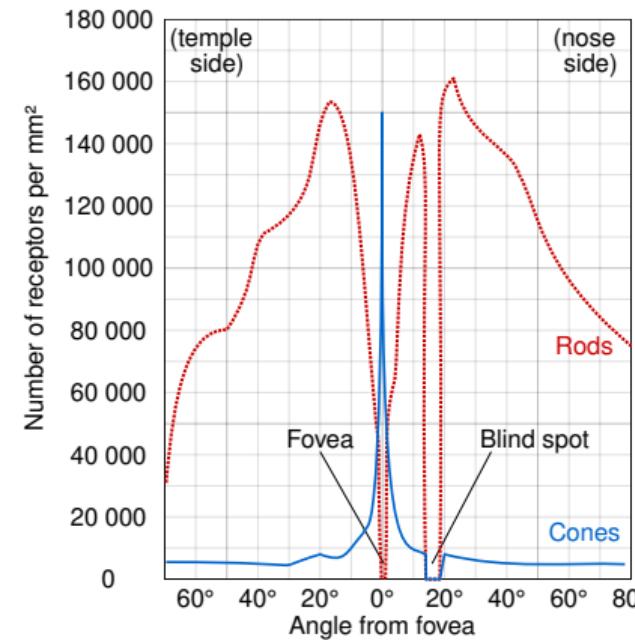
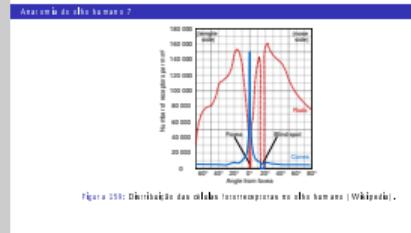


Figura 159: Distribuição das células fotorreceptoras no olho humano (Wikipedia).

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Visão

└ Anatomia do olho humano



"Because of the different densities of red-, green-, and blue-sensitive cones, the overall sensitivity of the eye is greatest for green light and poorest for blue light. But this sensitivity comes at a price: it is within this same range of green wavelengths that our ability to distinguish one color from another is poorest.

Like most of the things that the eye does, the perception of color is determined in a comparative rather than an absolute way. It is only by comparing something to a known color reference that we can really estimate color at all." (Russ, 2006)

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Visão

└ Anatomia do olho humano

Anatomia do olho humano?

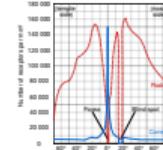


Figura 158: Distribuição das células fotorreceptoras no olho humano | Wikipédia.

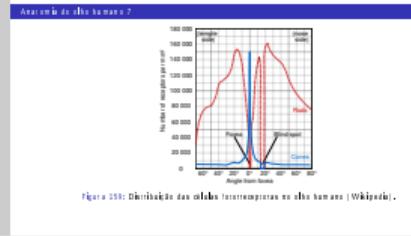
“Being able to detect brightness or color is not the same thing as being able to measure it or detect small variations in either brightness or color. While human vision functions over some nine to ten orders of magnitude, we cannot view a single image that covers such a wide range, nor can we detect variations of one part in 10^9 . A change in brightness of about 2 to 3% over a lateral distance of a few arc minutes is the limit of detectability under typical viewing conditions.

Overall, the eye can detect only about 20 to 30 shades of gray in an image, and in many cases fewer will produce a visually satisfactory result.” (Russ, 2006)

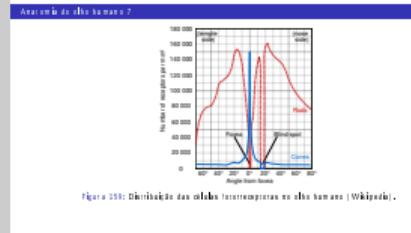
Processamento de Áudio e Vídeo

└ Visão

└ Anatomia do olho humano



"Sensitivity to color changes at the ends of the spectrum is much better than in the middle. Only about a thousand different colors can be distinguished. Since computer displays offer 256 shades of brightness for the R, G, and B phosphors, or $256^3 = 16$ million colors, we might expect that they could produce any color we can see. However, this is not the case." (Russ, 2006)



Adaptation and Inhibition as a Means of Suppressing an Excess of Information - Békéy - Sensory Inhibition

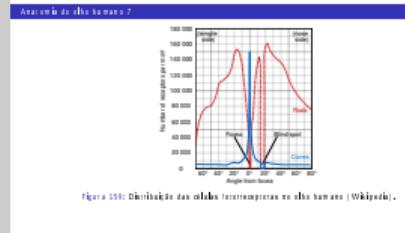
“There are many ways in which a physical activity may be so modified as to cause a human observer’s perception of it to depart widely from the indications of physical apparatus. We are all aware of the existence of sensory threshold, adaptation process, and nonlinearity, all of which represent departures of perception from the regular variations of magnitude in a physical stimulus.”

“A further process is inhibition, whose effects are equally unexpected and often even more profound than these objects.”

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Visão

└ Anatomia do olho humano



"The simplest way to get rid of information is to reduce the sensitivity of the receptors. This method is used effectively in all complex living systems. For example, we know that the organ or Corti of the ear is sensitive to displacement. This sensitivity is so great that one can almost hear the Brownian movements of molecules. (...) the organ of Corti, as living tissue, requires a constant blood supply (...) hence we should expect to hear our own heartbeat with tremendous loudness. We do not so because, for one thing, there is a factor of frequency differentiating between external sound stimuli and the sound of the heartbeat. The circulatory pulsations are of low frequency, and the solution that nature made to the problem was to reduce the sensitivity of the ear to lower frequencies while leaving the sensitivity unimpaired in the range between 1000 and 4000 cycles per second (cps). Thus it is not surprising to find that the threshold sensitivity for frequencies around 20 cps is nearly 10,000 times less than for frequencies around 1000cps."

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Visão

└ Anatomia do olho humano

Anatomia do olho humano?

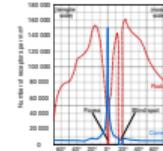


Figura 158: Distribuição das células fotorreceptoras no olho humano | Wikipédia.

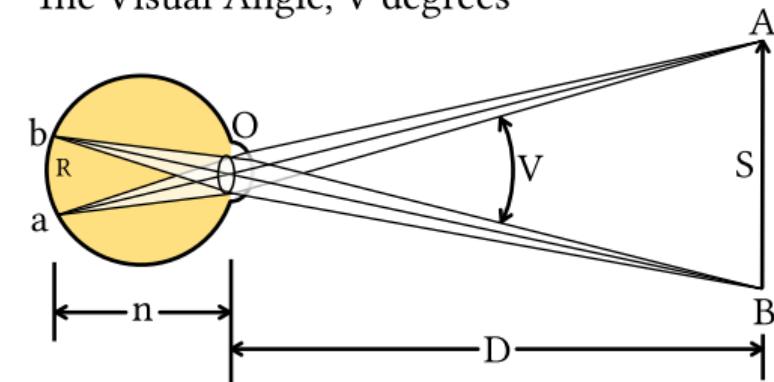
“Adaptation is a common process in living systems for the reduction of the effect of a stimulus. It is seen mainly as a progressive loss of sensitivity during a period of stimulation.” (...)

“The retina seems to lose its ‘pattern recognition ability’ quickly if the pattern is maintained on one portion of its surface. As has been proved by Riggs and others (1953) an image that is made stationary on the retina disappears partly or completely in a few seconds.” (...)

Acuidade

- ▶ acuidade (resolução espacial) é normalmente especificada em unidades de ciclo por grau (ângulo)
- ▶ a uma distância de 50cm, 1mm representa um ângulo de pouco mais que um décimo de grau
- ▶ o limite superior (mais detalhes) visível do olho humano é de aproximadamente 50 ciclos por grau, ou seja, 5 ciclos nos mesmos 1mm descritos acima, quando vistos a 50cm de distância

The Visual Angle, V degrees



$$V = 2 \arctan(S/2D)$$

Figura 160: Acuidade (Wikipedia).

Acuidade 2



What Is The Resolution Of The Eye?

<https://www.youtube.com/watch?v=4I5Q3UXkGd0>

xkcd - Visual Field

<https://xkcd.com/1080/>

Sensitividade de contraste vs. frequência espacial

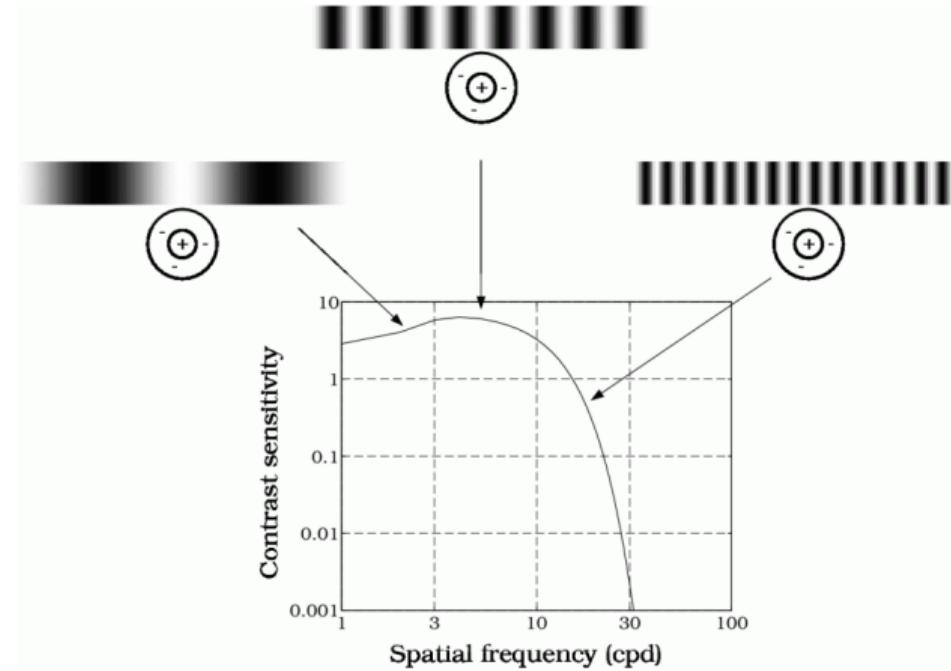
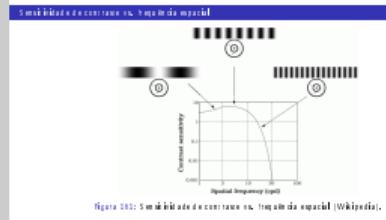


Figura 161: Sensitividade de contraste vs. frequência espacial (Wikipedia).

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Visão

└ Sensibilidade de contraste vs. frequência espacial



"Enlarging images does not improve the ability to distinguish small detail, and in fact degrades it. The common mistake made by microscopists is to work at very high magnification expecting to see the finest details. That may be needed for details that are small in dimension, but it will make it more difficult to see larger features that have less contrast. For the same reason, enlarging the digitized image on the computer display does not improve, and often degrades, the ability to see details." (Russ, 2006)

Diferenças de brilho

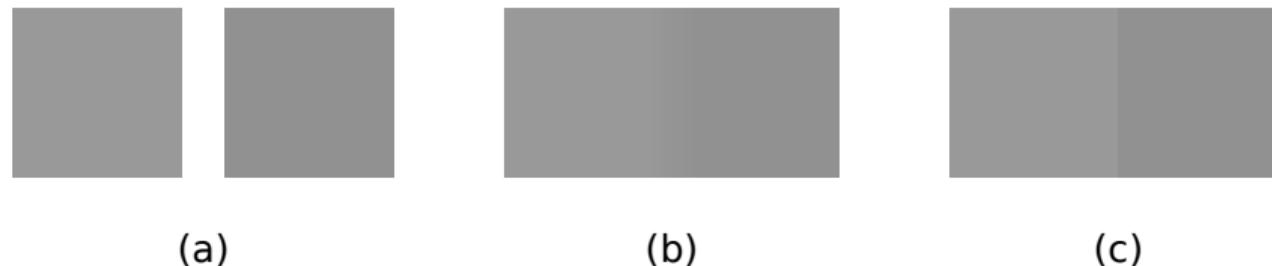


Figura 162: Diferença de brilho.

Bandas de Mach

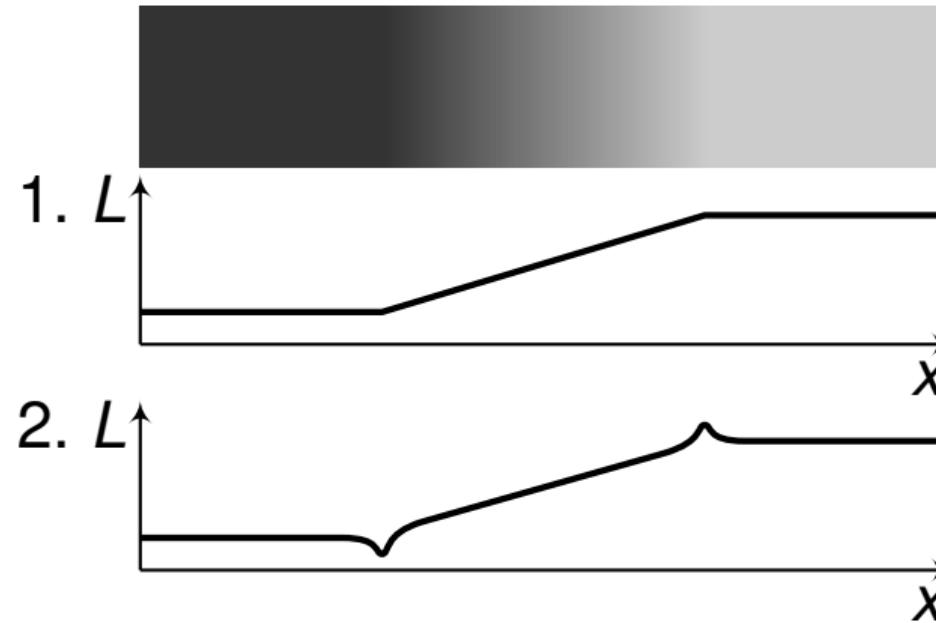


Figura 163: Bandas de Mach.

Espiral de Fraser

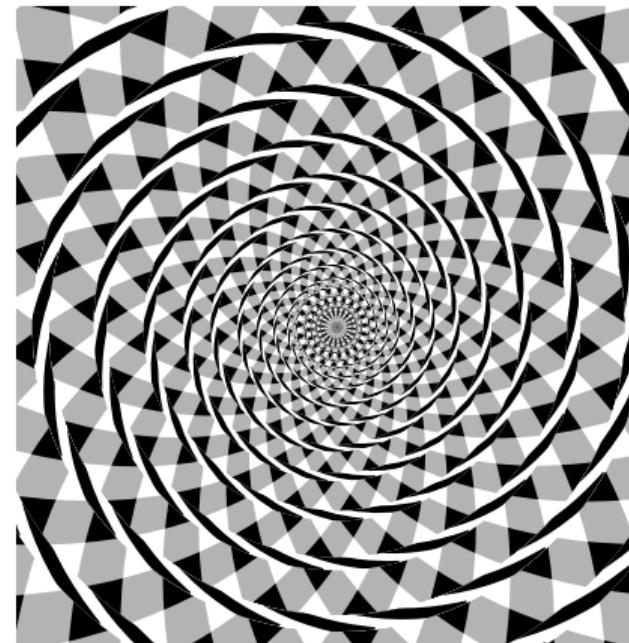
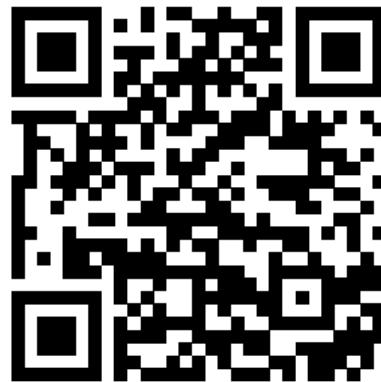


Figura 164: Espiral de Fraser (Wikipedia).

Ilusões ópticas



https://en.wikipedia.org/wiki/Optical_illusion

Leitura

Russ, J. C. (2006). *The Image Processing Handbook.*

CRC Press

Capítulo 2 - *Human Vision*



https://books.google.com.br/books?id=xn_MBQAAQBAJ&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PA83#v=onepage&q&f=false

khanacademy



<https://www.khanacademy.org/science/health-and-medicine/nervous-system-and-sensory-infor/sight-vision/v/vision-structure-of-the-eye>

Audição

Som

Som é uma onda acústica gerada por vibração e que se propaga por um meio de transmissão (líquido, sólido ou gasoso).

A faixa percebida pelos seres humanos é aproximadamente de 20Hz a 20kHz. Fora desta faixa as ondas sonoras são chamadas de infrassom e ultrassom.

Características perceptivas:

- ▶ volume (intensidade percebida, *loudness*)
- ▶ altura (*pitch*)
- ▶ duração
- ▶ timbre

Nível de pressão sonora SPL

O nível de pressão sonora (SPL, *Sound Pressure Level*) é uma medida logarítmica da pressão sonora efetiva de um som em relação a um valor de referência. A medida é em decibéis (dB) acima do nível de referência:

$$L_p = 10 \log_{10} \left(\frac{p_{\text{rms}}^2}{p_{\text{ref}}^2} \right) = 20 \log_{10} \left(\frac{p_{\text{rms}}}{p_{\text{ref}}} \right) \text{ dB}, \quad (388)$$

onde p_{ref} é a referência e p_{rms} é a pressão rms do som que desejamos aferir. Utiliza-se usualmente $p_{\text{ref}} = 20 \mu\text{Pa}$ (rms) que é considerado o limiar da audição.

Nível de pressão sonora SPL 2

Tabela 1: Níveis de pressão sonora comuns em dB SPL.

sons	dB SPL
turbina jato	150
limiar da dor	135
trompete	130
risco de perda auditiva	120
britadeira	100
tráfego intenso	80 a 90
dano com longa exposição	85
televisão	60
conversação	40 a 60
sala em silêncio	20 a 30
respiração calma	10

Nível de audibilidade

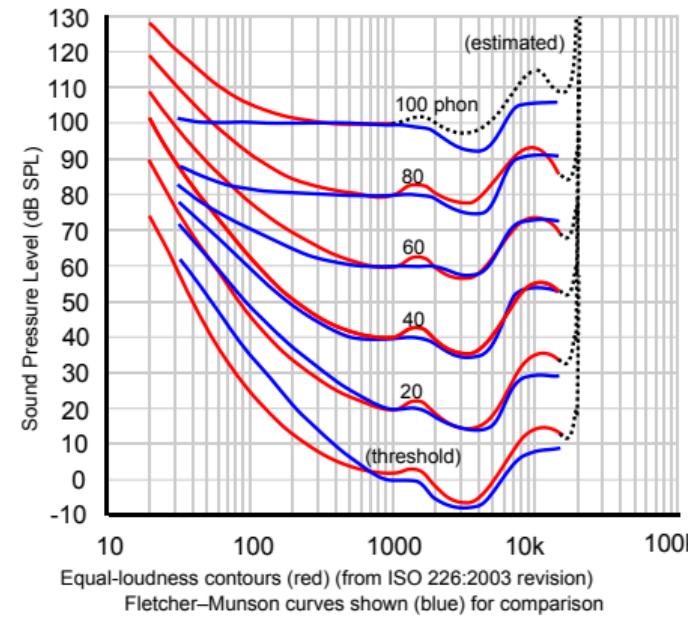


Figura 165: Curvas isofônicas (Wikipedia).

Mascaramento em frequência

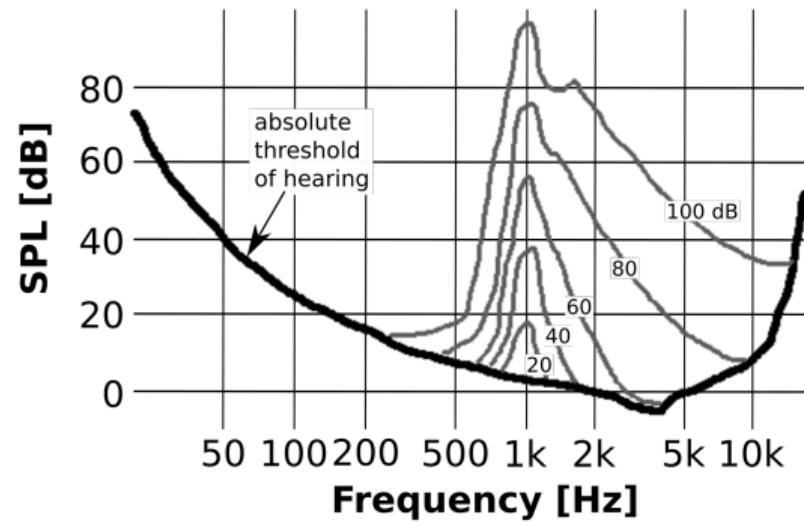


Figura 166: Mascaramento em frequência (Wikipedia).

Mascaramento temporal

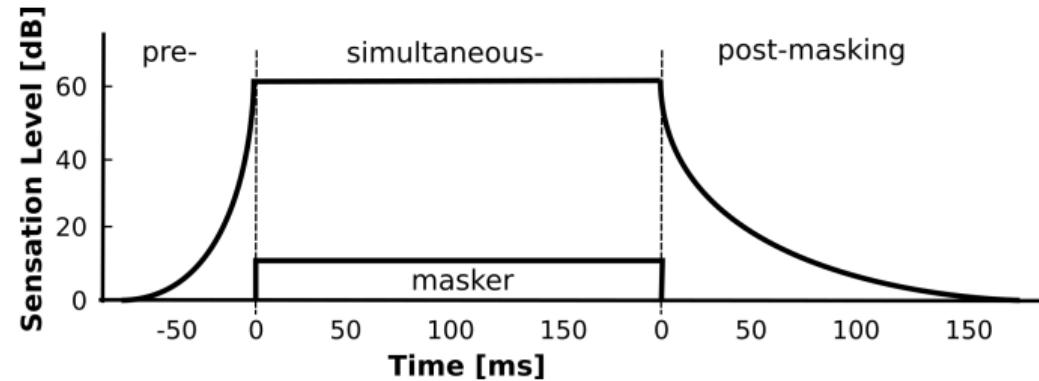


Figura 167: Mascaramento temporal (Wikipedia).

Extensão dos instrumentos musicais

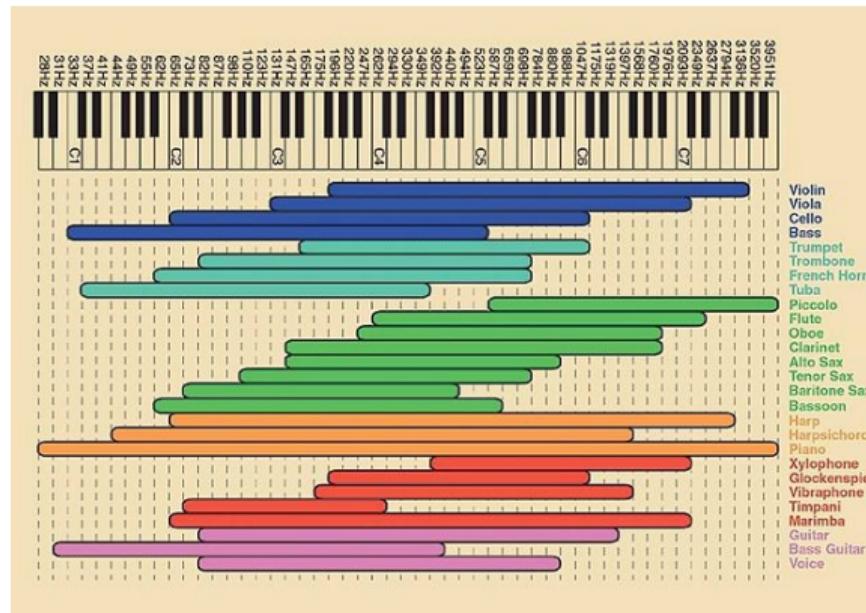


Figura 168: Extensão dos instrumentos musicais.

Escala mel

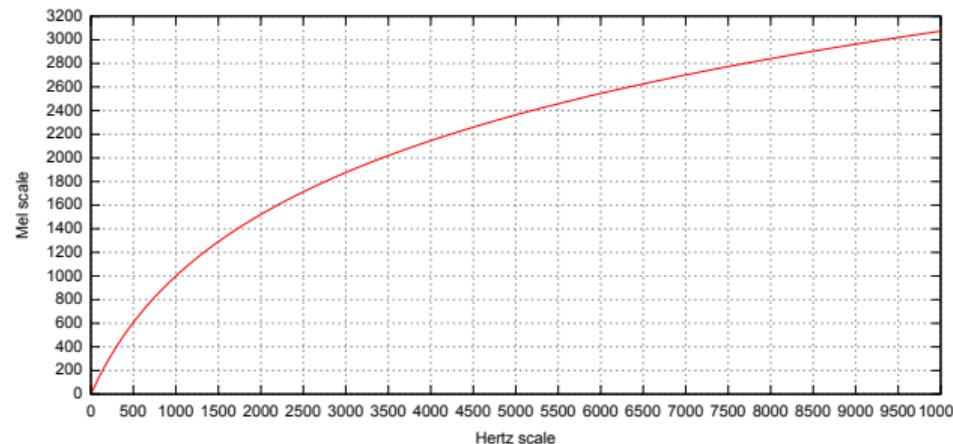


Figura 169: Relação da escala de altura em Mel com a frequência em Hertz (Wikipedia).

$$m = 2595 \log_{10} \left(1 + \frac{f}{700} \right) \quad (389)$$

Banda crítica

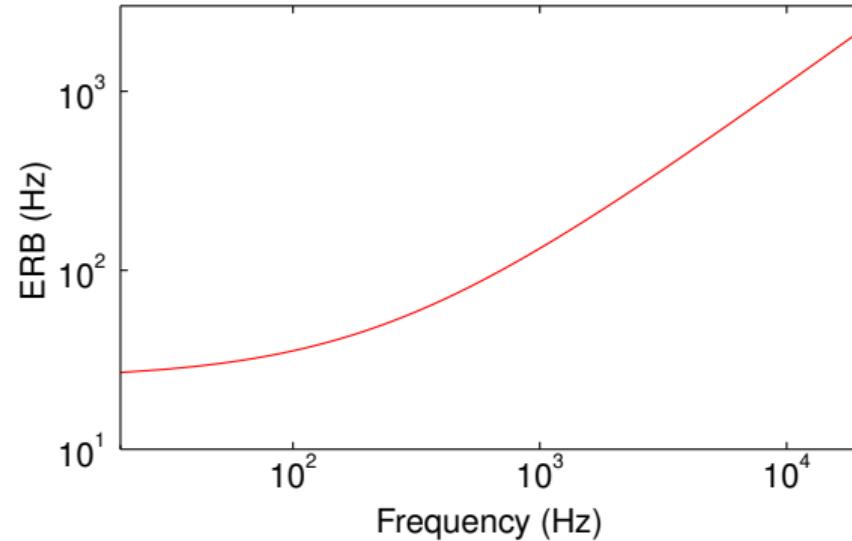


Figura 170: Relação da largura da banca crítica com a frequência (Wikipedia).

Estrutura do ouvido

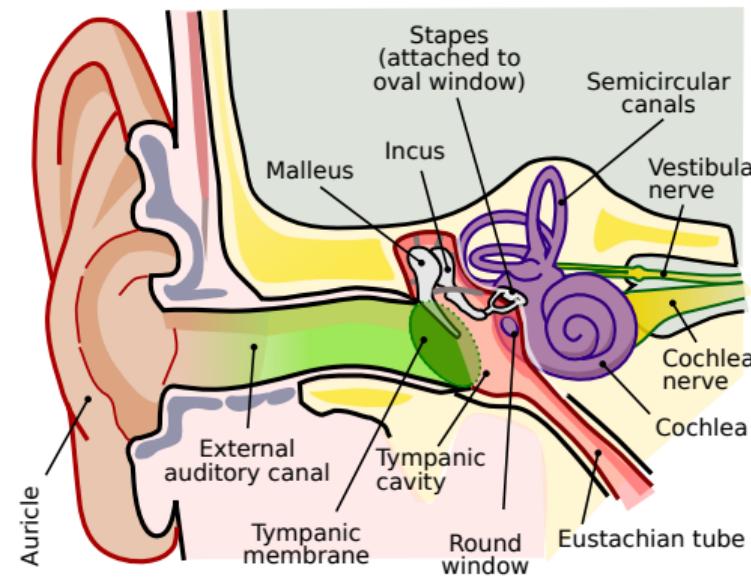


Figura 171: Anatomia do ouvido (Wikipedia).

Estrutura do ouvido 2

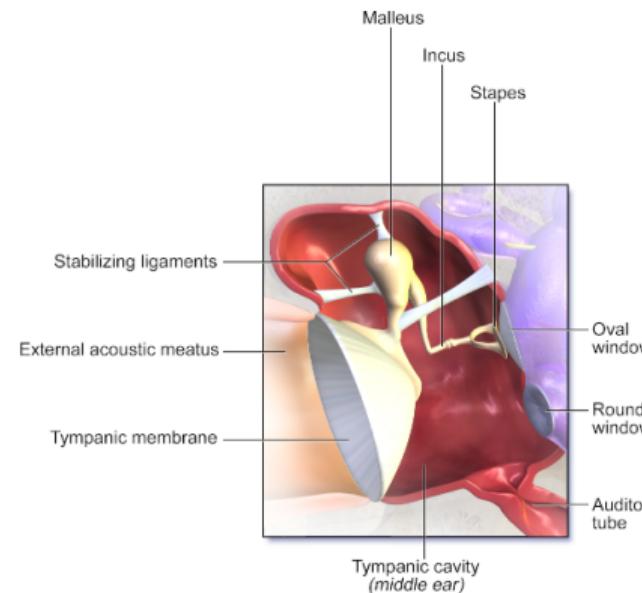


Figura 172: Ouvido médio e ossículos (Wikipedia).

Estrutura do ouvido 3

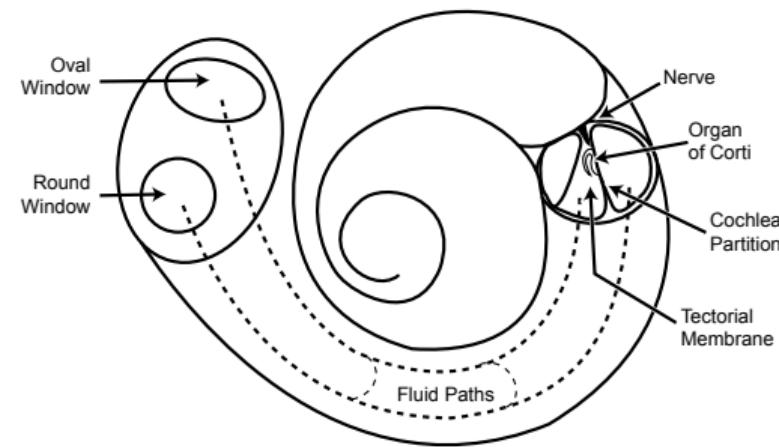


Figura 173: Cóclea (Wikipedia).

Estrutura do ouvido 4

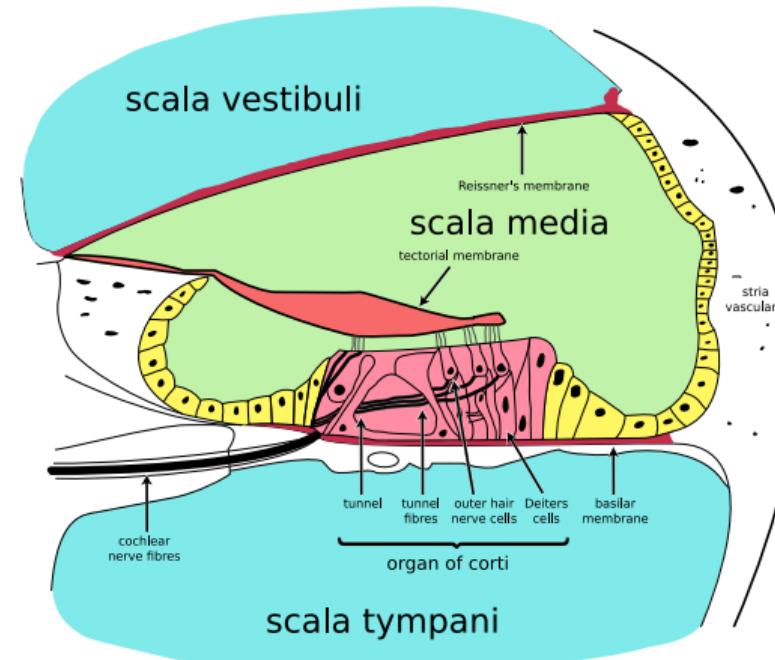


Figura 174: Corte da cóclea (Wikipedia).

Estrutura do ouvido 5

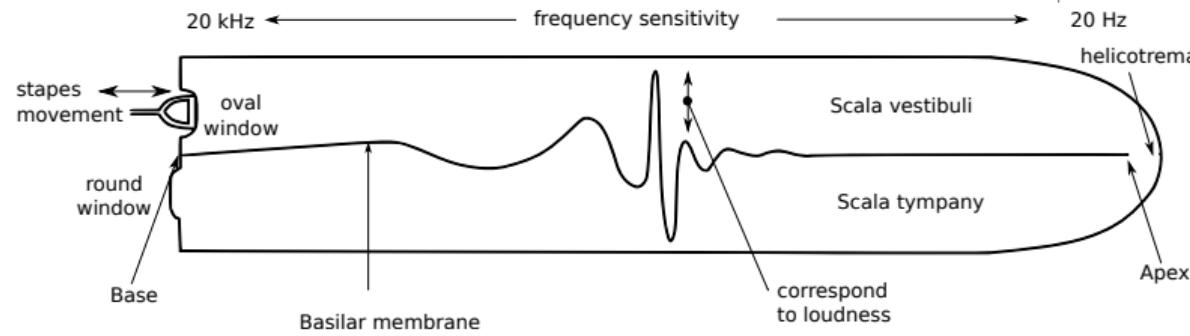


Figura 175: Côclea (Wikipedia).

Estrutura do ouvido 6

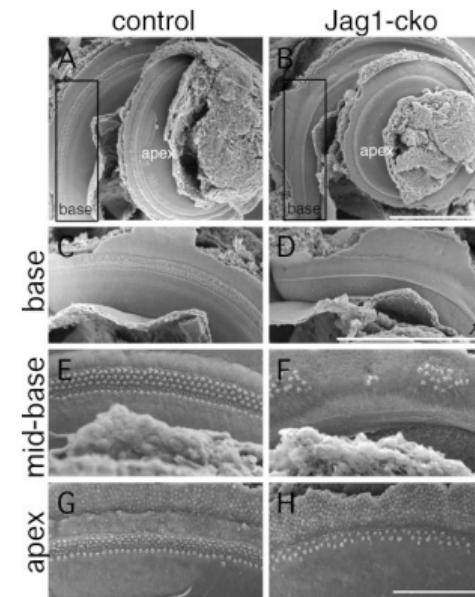


Figura 176: Células ciliadas (Wikipedia).

Estrutura do ouvido 7

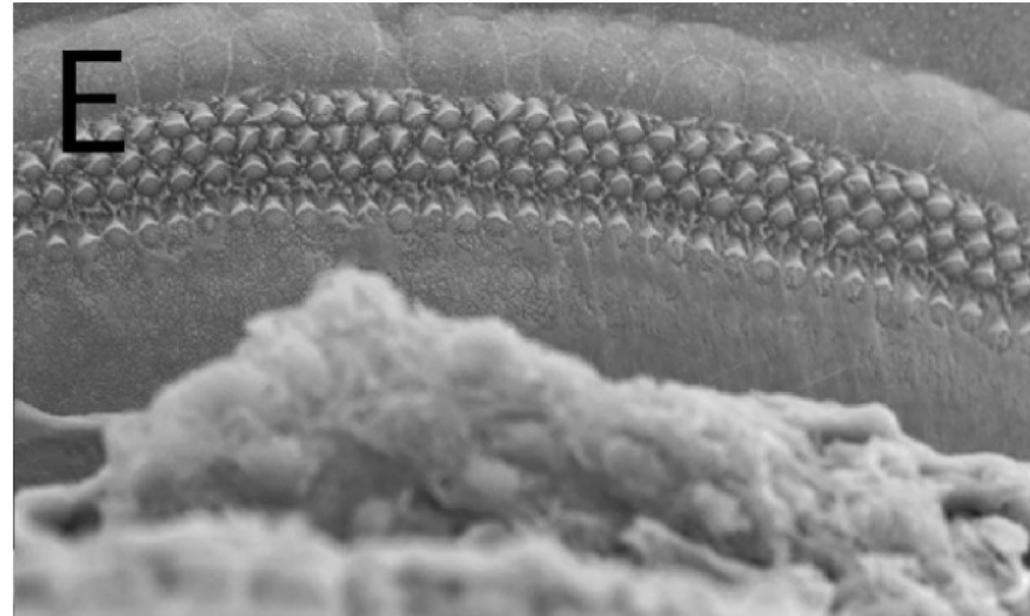


Figura 177: Células ciliadas (Wikipedia).

Estrutura do ouvido 8

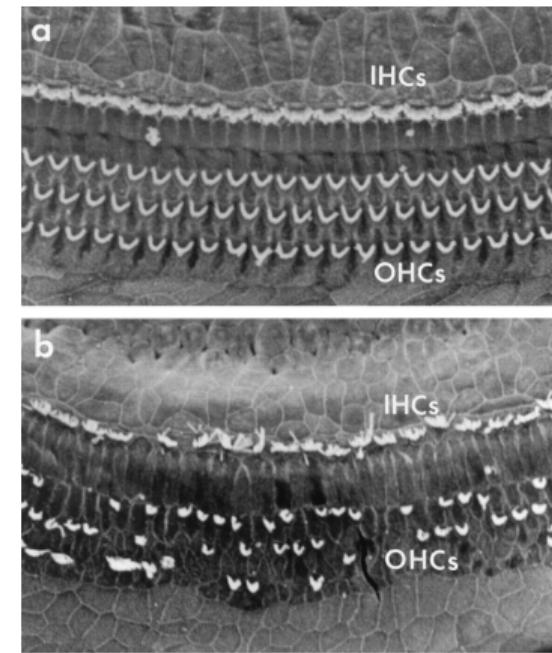


Figura 178: Perda auditiva (Elizabeth M. Keithley, publicado em DOI 10.1073/pnas.97.13.6939).

Vídeos



[https://www.khanacademy.org/science/
health-and-medicine/nervous-system-and-sensory-information/sound-audition-topic/
v/auditory-structure-part-1](https://www.khanacademy.org/science/health-and-medicine/nervous-system-and-sensory-information/sound-audition-topic/v/auditory-structure-part-1)

Vídeos 2

- ▶ <https://www.youtube.com/watch?v=LkG0GzpbrCk>
- ▶ <https://www.youtube.com/watch?v=kzo45hWXRWU>
- ▶ <https://www.youtube.com/watch?v=w40XcUP5KrI>
- ▶ <https://www.youtube.com/watch?v=yDiXQl7grPQ>
- ▶ <https://www.youtube.com/watch?v=G-lN8vWm3m0>
- ▶ <https://www.youtube.com/watch?v=u9VMfdG873E>
- ▶ <https://www.youtube.com/watch?v=LWTQcZbLgY>

Vídeos 3



Kandel, E., Schwartz, J., Jessell, T., Siegelbaum, S., and Hudspeth, A. (2014). *Princípios de Neurociências - 5.ed.*

AMGH Editora

https://books.google.com.br/books?id=cq1_BAAAQBAJ&pg=PA391

Vídeo

Vídeo

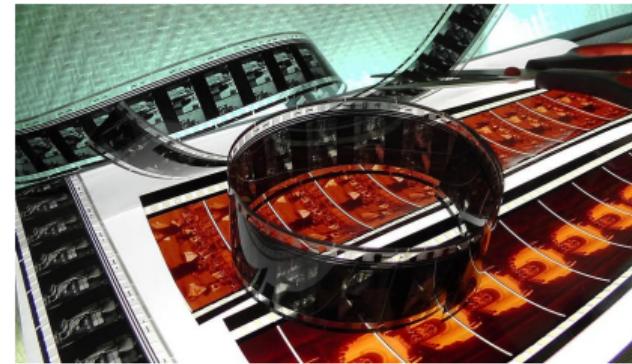


Figura 179: Película de 70mm (pikist.com).



Figura 180: Movimento ([Wikipedia](https://en.wikipedia.org)).

Codificação de vídeo

Zeng, J., Au, O. C., Dai, W., Kong, Y., Jia, L., and Zhu, W. (2013). [A tutorial on image/video coding standards](#).

In *2013 Asia-Pacific Signal and Information Processing Association Annual Summit and Conference*. IEEE

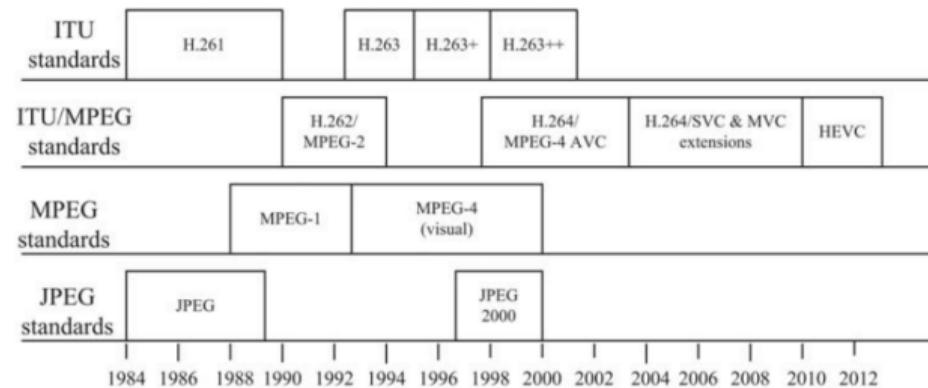


Figura 181: Linha do tempo dos padrões de codificação de imagem e vídeo (Zeng et al., 2013).

Codificação de vídeo 2

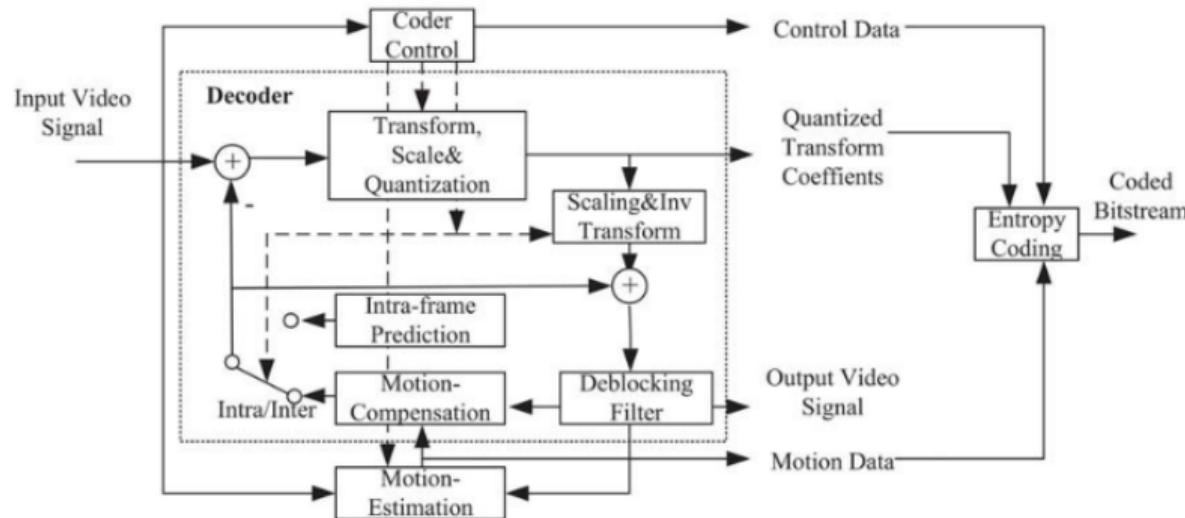


Figura 182: Estrutura genérica de um codificador de vídeo (Zeng et al., 2013).

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Vídeo

└ Codificação de vídeo

Padronização:

- interoperabilidade
- suporte a aplicações existentes e futuras
- diferentes implementações

Codificação de vídeo 3

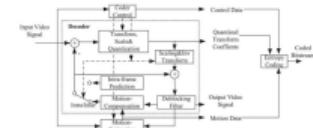
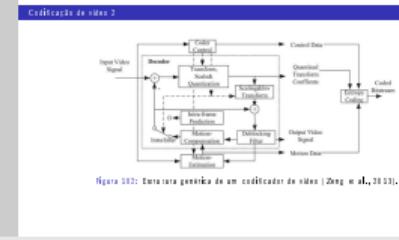


Figura 103: Estrutura genérica de um codificador de vídeo (Zeng et al., 2013).

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Vídeo

└ Codificação de vídeo



Elementos básicos da compressão de vídeo:

- predição temporal: explorar a redundância entre quadros
- transformada - decomposição no domínio da frequência: aplicar a DCT em blocos para explorar as características estatísticas e perceptuais da redundância na informação espacial
- quantização: redução de precisão seletiva para minimizar o *bit rate* sem gerar degradação perceptiva da qualidade
- codificação de entropia: explorar a redundância estatística em uma sequência de símbolos dos dados provenientes da quantização e das informações complementares

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Vídeo

└ Codificação de vídeo

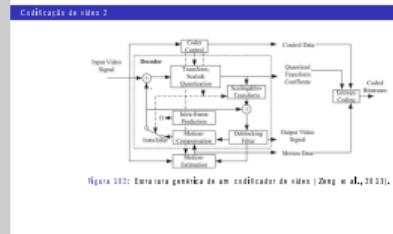


Figura 10.3: Estrutura genérica de um codificador de vídeo (Zeng et al., 2013).

Em um vídeo, temos longas sequências de quadros em que um mesmo objeto (ou fundo) aparece continuamente (parado ou em movimento). A estimativa de movimento é utilizada para examinar o movimento de objetos em uma sequência de imagens, buscando obter vetores que representem o movimento estimado. A compensação de movimento utiliza o conhecimento da movimentação de objetos para obter compressão dos dados. Na codificação inter quadro⁴, a estimativa e compensação de movimento são técnicas importantes para remover a redundância temporal devido à grande correlação existente entre quadros sucessivos, permitindo que uma alta taxa de compressão seja obtida.

⁴O inter quadro (*inter frame*), em uma sequência de quadros de um vídeo, é um quadro expresso em função de outros quadros vizinhos.

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Vídeo

└ Codificação de vídeo

É usual utilizar o espaço de cores YCbCr, separando informação de luminância e crominância. A degradação de informação de crominância é menos perceptível. Por este motivo faz-se uso da subamostragem de crominância.

http://en.wikipedia.org/wiki/Chroma_subsampling

Codificação de vídeo 3

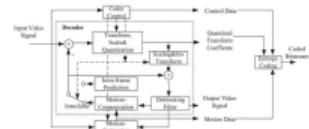


Figura 103: Estrutura genérica de um codificador de vídeo (Zeng et al., 2013).

Processamento de Áudio e Vídeo

└ Vídeo

└ Codificação de vídeo

Um requisito importante na codificação de vídeo é garantir o acesso aleatório, ou seja, permitir a codificação de um vídeo a partir de um instante qualquer (ou próximo).

Codificação de vídeo 3

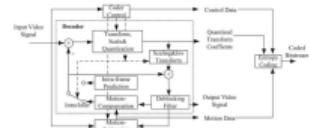
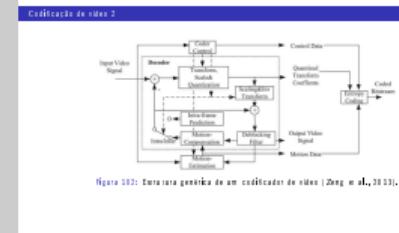


Figura 103: Estrutura genérica de um codificador de vídeo (Zeng et al., 2013).



Quandros em uma sequência são preditos a partir de outros quatro na sequência. Uma consequência negativa é que erros gerados são propagados em todos os quadros interdependentes. Para amenizar este efeito, utiliza-se o *refresh*, enviando periodicamente um quadro completo, sem o uso de predição, permitindo assim que o decodificador resincronize a partir daquele ponto.

Outra técnica utilizada é o *leaky prediction*, uma taxa de ‘esquecimento’ no preditor para que perturbações não se propagem ao longo de vários quadros. Esta piora intencional do preditor fará com que mais informação componha o erro de predição.

Tipos de quadros

Tipos de quadros:

I frame - quadros ‘Intra-codificados’ (quadros chaves, *key frames*)

P frame - quadros preditos

B frame - quadros preditos bidirecionais

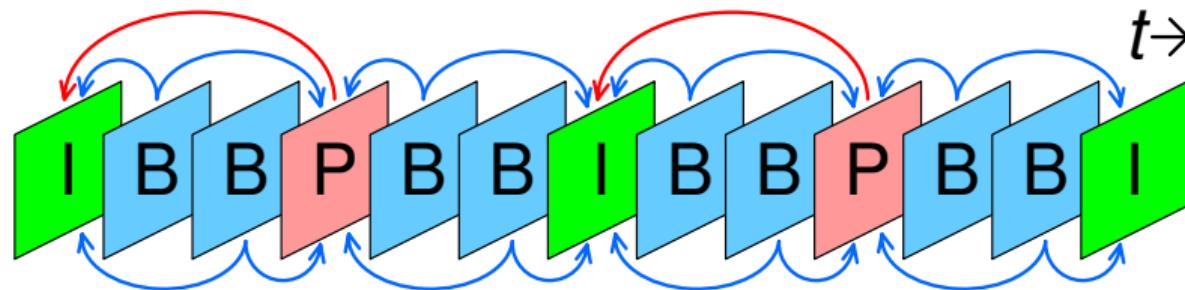


Figura 183: Sequência de quadros (Wikipedia).

Referências

- Ahmed, N., Natarajan, T., and Rao, K. (1974). Discrete cosine transform. *IEEE Transactions on Computers*, C-23(1):90–93.
- Alakuijala, J., Obryk, R., Stoliarchuk, O., Szabadka, Z., Vandevenne, L., and Wassenberg, J. (2017). Guetzli: Perceptually guided jpeg encoder.
- Araújo, L., Sansão, J., and Fasolo, S. (2018). Quantização vetorial de cores em imagens digitais. In *Anais de XXXVI Simpósio Brasileiro de Telecomunicações e Processamento de Sinais*. Sociedade Brasileira de Telecomunicações.
- Araujo, L. C. (2007). Banco de filtros wavelet com fator de escala maior que dois. Master's thesis, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Chen, W.-H., Smith, C., and Fralick, S. (1977). A fast computational algorithm for the discrete cosine transform. *IEEE Transactions on Communications*, 25(9):1004–1009.
- Gallager, R. G. (2008). *Principles of Digital Communication*. Cambridge University Press.
- Gray, H. (1918). *Anatomy of the Human Body*. Lea and Febiger.
- Kandel, E., Schwartz, J., Jessell, T., Siegelbaum, S., and Hudspeth, A. (2014). *Princípios de Neurociências - 5.ed.* AMGH Editora.
- Kerr, D. A. (2012). Chrominance subsampling in digital images. [Online; posted January 19, 2012].

- Kondoz, A. M. (2004). *Digital Speech: Coding for Low Bit Rate Communication Systems*. Wiley.
- Litwiller, D. (2001). CCD vs. CMOS: Facts and fiction. In *Photonics Spectra*.
- Makhoul, J. (1975). Linear prediction: A tutorial review. *Proceedings of the IEEE*, 63(4):561–580.
- Ogundunmi, T. and Narasimha, M. (2010). *Principles of Speech Coding*. CRC Press.
- Oppenheim, A. V. (2009). *Discrete-Time Signal Processing*. Pearson.
- Russ, J. C. (2006). *The Image Processing Handbook*. CRC Press.
- Salomon, D. (2000). *Data Compression: The Complete Reference*. Springer New York.
- Salomon, D., Bryant, D., and Motta, G. (2010). *Handbook of Data Compression*. Springer London.
- Shlens, J. (2014). A tutorial on principal component analysis.
- Yehia, H. C. (1993). Análise de funções de erro em sistemas de codificação lpc. Master's thesis, ITA.
- Zeng, J., Au, O. C., Dai, W., Kong, Y., Jia, L., and Zhu, W. (2013). A tutorial on image/video coding standards. In *2013 Asia-Pacific Signal and Information Processing Association Annual Summit and Conference*. IEEE.